

"*Eu Te Darei o Sol* é literatura. Completamente. Na minha opinião, não é apenas o melhor livro Young Adult do ano, mas sim o MELHOR LIVRO DO ANO."

— Gayle Forman, autora de *Se Eu Ficar*

O amor é apenas a metade da história.

Eu te darei o Sol

JANDY
NELSON

Autora best-seller
do *The New York Times*



[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[O MUSEU INVISÍVEL](#)

[NOAH | 13 ANOS](#)

[A HISTÓRIA DA SORTE](#)

[JUDE | 16 ANOS](#)

[O MUSEU INVISÍVEL](#)

[NOAH | 13 ANOS E MEIO](#)

[A HISTÓRIA DA SORTE](#)

[JUDE | 16 ANOS](#)

[O MUSEU INVISÍVEL](#)

[NOAH | 13 ANOS A 14 ANOS](#)

[A HISTÓRIA DA SORTE](#)

[JUDE | 16 ANOS](#)

[O MUSEU INVISÍVEL](#)

[NOAH | 14 ANOS](#)

[A HISTÓRIA DA SORTE](#)

[JUDE | 16 ANOS](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

Eu te
darei
o
Sol

JANDY
NELSON

Tradução
Paulo Polzonoff Junior



Título original: *I'll give you the sun*

Originalmente publicado por Dial Books For Young Readers, EUA

Publicado sob a permissão de Pippin Properties, Inc. por intermédio de Rights People, Londres

© 2014 Jandy Nelson

© 2015 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Ilustração da capa: Sophie Heywood

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nelson, Jandy

Eu te darei o sol / Jandy Nelson ; tradução Paulo Polzonoff Junior. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: *I'll give you the sun*.

ISBN 978-85-8163-694-8

1. Ficção inglesa I. Título.

14-11172 | CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823



Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: www.fundabrinq.org.br



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para o papai e Carol.

Para além de nossas ideias de erros e acertos há um campo. Eu o encontrarei lá.

— RUMI

Não acredito em nada além da santidade dos sentimentos e da verdade da imaginação.

— JOHN KEATS

Onde há um grande amor há sempre milagres.

— WILLA CATHER

É necessário ter coragem para crescer e se tornar quem você realmente é.

— E. E. CUMMINGS

É assim que tudo começa.

Com Zephyr e Fry — sociopatas que reinam na vizinhança — me torpedeando e fazendo com que o chão do bosque todo trema sob meus pés enquanto corro em meio ao ar e às árvores, este pânico me percorrendo o corpo.

— Você vai morrer, covarde! — grita Fry.

Então Zephyr se joga sobre mim, prende meus braços nas minhas costas, e Fry pega meu bloco de desenho. Tento lutar, mas não tenho braços, estou impotente. Tento me livrar das garras de Zephyr. Não consigo. Tento fechar os olhos e transformá-los em mariposas. Nada. Eles ainda são o que são: babacas com quatro metros e meio de altura da décima série que vivem a esmo, jogando meninos de treze anos como eu de penhascos só por diversão.

Zephyr me prendeu com uma chave de braço e o peito dele pesa sobre minhas costas, minhas costas contra o peito dele. Estamos ensopados de suor. Fry começa a folhear o bloco.

— O que você estava desenhando, Bolha?

Eu o imagino sendo atropelado por um caminhão. Ele segura uma página de desenhos no ar.

— Zeph, olhe só todos estes caras nus.

O sangue deixa de correr pelas minhas veias.

— Não são caras nus. São o *Davi* — eu me livro, rezando para não parecer um ratinho e para ele não ver os desenhos mais recentes do bloco, feitos hoje, quando eu estava espiando, desenhando *eles mesmos* saindo da água com suas pranchas de surfê sob os braços, sem traje de banho nem nada, brilhando totalmente ao sol e, ahn, de mãos dadas. Posso ter usado alguma licença poética. Então eles vão pensar... Eles vão me matar antes mesmo de me matar, é isso o que eles vão fazer. O mundo começa a girar. Dirijo algumas palavras a Fry:

— Sabe? Michelangelo? Já ouviu falar dele? — Não vou agir como sou. *Finja-se de durão e você será durão*, como o papai disse repetidas vezes; como se eu fosse uma espécie de guarda-chuva quebrado.

— É. Ouvi falar dele — diz Fry, com sua bocarra que combina com o restante de seus traços enormes sob a maior testa do mundo, o que torna muito fácil confundi-lo com um hipopótamo. Ele arranca a folha do bloco. — Ouvi dizer que ele era gay.

Ele *era* — minha mãe escreveu todo um livro sobre isso —, não que Fry saiba. Ele diz que todo mundo é gay e, quando não, os chama de veadinhos ou bichinhas. E eu: veadinho, bichinha e Bolha.

Zephyr solta sua risada demoníaca. Ela vibra no meu corpo.

Fry segura o desenho seguinte no ar. Mais *Davi*. A parte de baixo dele. Um estudo em detalhes. Fico todo gelado.

Os dois estão rindo agora. A risada ecoa pelo bosque. Ela parece vir dos pássaros.

Novamente tento me livrar da chave de braço de Zephyr para tirar meu bloco de desenho das mãos de Fry, mas isso só o faz me prender com mais força. Zephyr, o Thor maluco. Um dos braços dele me prende pelo pescoço, o outro pelo peito como um cinto de segurança. Ele está sem camisa, recém-saído da praia, e o calor dele permeia minha camiseta. O protetor solar de coco que ele usa enche meu nariz, toda a minha cabeça — o cheiro forte do oceano também, como se ele tivesse o mar sobre os ombros... Zephyr traz a maré consigo como se fosse um cobertor atrás de si... Isso seria legal, isso seria incrível (Retrato: *O Menino que Trazia Consigo o Mar*), mas não agora, Noah, agora não é hora de imaginar uma pintura desse cretino. Livro-me da ideia, sinto o sal nos meus lábios, lembro que estou prestes a morrer...

Os cabelos compridos de algas marinhas de Zephyr estão molhados e pingando no meu pescoço e nos meus ombros. Noto que estamos respirando fundo e em sincronia. Tento não respirar em sincronia com ele. Tento me livrar da Lei da Gravidade e flutuar. Não consigo nenhuma das duas coisas. Não consigo nada. O vento está tirando desenhos meus — na maioria retratos de família — das mãos de Fry, que os rasga um a um. Ele rasga um retrato de Jude e eu bem no meio, me corta da imagem.

Observo minha imagem levada pelo vento.

Observo-o se aproximar cada vez mais dos desenhos que vão provocar minha morte.

Minha pulsação retumba nos meus ouvidos.

Então Zephyr diz:

— Não rasgue tudo, Fry. A irmã dele diz que ele é bom. — Será que ele gosta da Jude? A maioria deles gosta dela agora porque ela consegue surfar melhor do que todos, gosta de saltar dos penhascos e não tem medo de nada, nem mesmo dos grandes tubarões-brancos e do papai. E, por causa dos cabelos dela, uso todos os meus lápis amarelos desenhando-os. Eles têm centenas de quilômetros de comprimento e todos no norte da Califórnia temem se enrolar neles, principalmente criancinhas e poodles e agora surfistas babacas.

Tem também os seios, que surgiram do dia para a noite, juro.

Inacreditável, Fry ouve o que Zephyr diz e solta o bloco.

Jude me olha do desenho, ensolarada, sábia. *Obrigado*, eu lhe digo em minha mente. Ela está sempre me resgatando, o que geralmente é constrangedor, mas não agora. Aquilo foi moralmente certo. (Retrato, Autorretrato: *Gêmeos: Noah Olhando num Espelho, Jude Afastando Seu Olhar do Dele*).

— Você sabe o que vamos fazer com você, não? — diz Zephyr no meu ouvido, de volta à sua programação homicida regularmente agendada. Há muito dele no seu hálito. Há muito dele em mim.

— Por favor, caras — imploro.

— “Por favor, caras” — imita Fry, com uma vozinha fina de menina.

Meu estômago revira. A Queda do Diabo, o segundo maior salto na colina, que eles pretendem usar para me jogar, tem esse nome por um motivo. Lá embaixo há um punhado de rochas afiadas e um rodaminho que puxa seu corpo todo quebrado para o mundo subterrâneo.

Tento me livrar de Zephyr novamente. E mais uma vez.

— Pegue-o pelas pernas, Fry!

Todos os três mil quilos de hipopótamo de Fry se jogam sobre meus calcanhares. Desculpe, isso não está acontecendo. Simplesmente não está. Odeio a água, já que sou dado a me afogar e boiar até a Ásia. Preciso do meu crânio inteiro. Esmagá-lo seria como levar uma bola de demolição a algum museu secreto sem que ninguém tivesse a oportunidade de ver o que estava em exposição.

Então eu cresço. E cresço e cresço até dar uma cabeçada no céu. Conto até três e *enlouqueço*, agradecendo silenciosamente ao papai por todas as aulas de luta que fui obrigado a fazer na varanda, disputas até a morte, nas quais o papai só podia usar um dos braços, enquanto eu podia usar tudo e ainda assim ele me vencia porque ele tem nove metros de altura e é feito de peças de caminhão.

Mas sou o filho dele, seu filho *monstruoso*. Sou um Golias ágil e vencedor, um tufão envolto em pele, e então estou girando e empurrando e tentando me liberar, e eles me derrubam, rindo e dizendo coisas como “que louquinho da mamãe”. E acho que até percebo algum respeito na voz de Zephyr quando ele diz “não consigo segurá-lo, ele parece uma enguia louca”, e isso me faz lutar com mais vontade — adoro enguias, elas são *elétricas* —, me imaginando um fio vivo agora, completamente carregado com minha própria voltagem, enquanto abro caminho feito um chicote, sentindo os corpos deles revirando ao redor do meu, quentes e lisos, os dois me derrubando seguidas vezes, e eu me livrando deles, nossos membros entrelaçados, e agora a cabeça de Zephyr está pressionada contra meu peito, e Fry está atrás de mim com cem mãos, e parece que tudo é movimento e confusão, e estou perdido, perdido, perdido quando começo a suspeitar de que... quando percebo... tenho uma ereção, uma ereção dura, sobrenatural, pressionada contra a barriga de Zephyr. Um medo de alta octanagem percorre meu corpo. Invoco o massacre do machado mais sangrento e nojento — minha arma mais eficiente contra ereções —, mas é tarde demais. Zephyr fica momentaneamente imóvel e depois se afasta de mim.

— O que foi isso?!

Fry rola e se ajoelha.

— O que foi que aconteceu? — pergunta ele, gritando na direção de Zephyr.

Eu me afastei rolando, e fiquei sentado, os joelhos encostados no meu peito. Não consigo me levantar ainda, com medo de mostrar a barraca armada, então me esforço ao máximo para tentar não chorar. Uma sensação de furão perdido se esconde em todos os cantos do meu corpo, enquanto respiro ofegante. E, mesmo que eles não me matem aqui e agora, à noite todo mundo na colina ficará

sabendo o que aconteceu. Posso muito bem engolir uma banana de dinamite e me jogar da Queda do Diabo. Isso é pior, muito pior, do que eles verem alguns desenhos estúpidos.

(Autorretrato: *Funeral no Bosque.*)

Mas Zephyr não diz nada, ele só fica ali de pé, parecendo uma versão viking de si mesmo, mas todo esquisito e calado. Por quê?

Será que eu o atingi com a força da minha mente?

Não. Ele aponta na direção do oceano e diz para Fry:

— Que se dane tudo isso. Vamos pegar as pranchas e curtir.

O alívio me envolve todo. Será possível que ele não sentiu nada? Não, não é — era uma ereção de aço, e ele se afastou com um pulo, totalmente apavorado. Ele ainda está apavorado. Então por que ele não está me chamando de Bolhahomobichinha? Será que é porque... ele gosta da Jude?

Fry gira o dedo ao redor da orelha, num sinal de loucura, enquanto diz para Zephyr:

— Alguém parece que perdeu completamente o juízo, cara.

Depois para mim:

— Quando você menos esperar, Bolha. — Com a mão, ele imita minha queda livre da Queda do Diabo.

Está tudo acabado. Eles voltam para a praia.

Antes que os neandertais mudem de ideia, corro até meu bloco de desenho, coloco-o sob o braço e depois, sem olhar para trás, saio em disparada para dentro do bosque como alguém cujo coração não está abalado, os olhos não estão marejados, alguém que não se sente tão renovado como um ser humano.

Na clareira, saio em disparada como uma chita — elas vão de zero a 120 quilômetros por hora em três segundos cravados, e eu praticamente consigo fazer o mesmo. Sou o quarto mais rápido da sétima série. Sou capaz de abrir uma passagem no ar e desaparecer dentro dela, e é isso o que faço até estar longe o bastante deles e do que aconteceu. Pelo menos não sou uma mosca. Moscas machos têm dois pênis com os quais se preocupar. Já passei metade da minha vida no banho por causa de um só, pensando em coisas em que não consigo deixar de pensar, por mais que eu tente, porque eu gosto muito, muito *mesmo*, de pensar nelas. Cara, como eu gosto.

No riacho, salto as rochas até encontrar uma boa caverna onde possa assistir ao sol nadando na água corrente pelos próximos cem anos. Deve haver uma trombeta, gongo ou algo assim para acordar Deus. Porque eu gostaria de ter uma conversinha com ele. Duas palavrinhas, na verdade:

COMO ASSIM?!

Depois de um tempo sem obter respostas, como sempre, pego um punhado de carvão do bolso traseiro da minha calça. De alguma forma ele sobreviveu intacto à briga. Sento-me e abro meu bloco de desenho. Pinto de preto toda uma página em branco, depois outra e outra. Pressiono tanto o carvão contra a folha que os quebro um depois do outro, usando o último até o talo, e é como se a cor preta

tivesse vindo do meu dedo, de mim mesmo, para a folha. Preencho o restante do bloco. Leva horas.

(Uma Série: *Menino Dentro de uma Caixa Escura.*)



Na noite seguinte, durante o jantar, a mamãe anuncia que a vovó Sweetwine pegou uma carona com ela naquela tarde, com uma mensagem para mim e Jude.

Só que a vovó está morta.

— Finalmente! — grita Jude, desabando em sua cadeira. — Ela me prometeu!

O que a vovó prometeu a Jude, pouco antes de morrer dormindo há três meses, foi que, se Jude realmente precisasse dela, ela apareceria imediatamente. Jude era a neta preferida dela.

A mamãe sorri para Jude e põe as mãos sobre a mesa. Coloco minhas mãos na mesa também, depois percebo que estou imitando a mamãe e escondo as mãos no colo. A mamãe é contagiosa.

E sempre uma surpresa — algumas pessoas simplesmente não são deste mundo, e ela é uma dessas pessoas. Ando acumulando provas disso há anos. Mais sobre isso mais tarde.

Mas agora: o rosto de mamãe se ilumina todo enquanto ela monta o cenário, contando-nos como primeiro o carro se encheu com o perfume da vovó.

— Vocês sabem que o cheiro costumava entrar no ambiente antes da chegada dela. — Mamãe respira fundo dramaticamente, como se a cozinha estivesse sendo inundada pelo perfume floral da vovó. Eu respiro fundo dramaticamente. Jude respira fundo dramaticamente. Todo mundo na Califórnia, nos Estados Unidos, na Terra respira fundo dramaticamente.

Exceto papai. Ele pigarreia.

Ele não está aceitando aquilo. Porque é um perdido. Isso de acordo com a própria mãe dele, a vovó Sweetwine, que nunca entendeu como deu à luz e criou alguém tão desinteressado de tudo. Nem eu.

Um desinteressado que estuda *parasitas* — sem comentários.

Olho para ele, com seus músculos e bronzeado de salva-vidas, com seus dentes que brilham no escuro, com todo o seu brilho normal, e sinto um peso no estômago — o que aconteceria se ele soubesse?

Até agora Zephyr não disse nenhuma palavra. Você provavelmente não sabe, porque sou a única pessoa no mundo a saber, mas dorque é o nome oficial do pênis da baleia. E o dorque de uma baleia-azul? Cinco metros e meio. Repetindo: CINCO METROS E MEEEEEEEEIO! É assim que me sinto desde que tudo aconteceu ontem:

(Autorretrato: *O Pênis de Concreto.*)

É isso aí.

Mas às vezes acho que o papai suspeita. Às vezes acho que a torradeira suspeita.

Jude chuta minha perna sob a mesa para atrair meu olhar do saleiro, que percebo que estou encarando há muito tempo. Ela meneia a cabeça para a mamãe, cujos olhos estão agora fechados e cujas mãos estão cruzadas sobre o coração. Depois para o papai, que olha para a mamãe como se as sobrancelhas dela tivessem se arrastado até o queixo. Arregalamos nossos olhos para um e para o outro. Eu me seguro para não rir. Jude também — ela e eu compartilhamos alguma coisa que nos faz rir ao mesmo tempo. Nossos pés se tocam sob a mesa.

(Retrato de Família: *Mamãe Conversa com os Mortos no Jantar.*)

— E então? — insiste Jude. — A mensagem?

A mamãe abre os olhos, pisca para nós e depois os fecha novamente e continua com sua voz de sessão espírita:

— Então respirei fundo o ar perfumado de flores e houve uma espécie de tremor... — Ela cruza os braços como se fossem cachecóis, aproveitando o momento. Por isso é que ela ganha tantos prêmios de professora do ano: todos querem participar do filme dela. Nós nos inclinamos para ouvir as palavras seguintes, a Mensagem do Andar de Cima, mas então o papai a interrompe, jogando uma carga inteira de tédio sobre o momento.

Ele nunca ganha o prêmio de professor do ano. Nunca. Sem comentários.

— É importante que as crianças saibam que você está usando uma grande metáfora, querida — diz ele, ajeitando-se de modo que sua cabeça atravessasse o teto. Na maior parte dos meus desenhos ele é tão grande que não consigo retratá-lo numa folha, então eu excluo a cabeça.

A mamãe abre os olhos e a diversão desapareceu de seu rosto.

— Mas não estou falando metaforicamente, Benjamin. — O papai costumava fazer os olhos da mamãe brilharem; agora ele a faz ranger os dentes. Não sei por quê. — O que eu quis dizer quase literalmente — diz ela, entre os dentes — é que a inimitável vovó Sweetwine, já morta, estava no carro, sentada ao meu lado, tão real quanto o dia. — Ela sorri para Jude. — Na verdade, ela estava usando um daqueles seus Vestidos Flutuantes, totalmente *espetacular*. — O Vestido Flutuante era o código de vestimenta da vovó.

— Ah! Qual? O azul? — Jude pergunta, de um jeito que me dá uma dor no peito por ela.

— Não, aquele com as florezinhas alaranjadas.

— Claro — responde Jude. — A roupa de fantasma perfeita. Nós discutimos qual seria a roupa de vida após a morte dela. — Ocorre-me que a mamãe está inventando tudo isso porque Jude ainda sente a falta da vovó. Ela mal saiu do leito de morte da vovó nos últimos dias. Quando a mamãe as encontrou na última manhã, uma dormindo e a outra morta, elas estavam de mãos dadas. Achei isso incrivelmente assustador, mas fiquei quieto. — Então... — Jude arqueia a sobrancelha. — A mensagem?

— Sabe o que eu adoraria? — pergunta o papai, intrometendo-se apressadamente na conversa para que jamais descobramos qual era a maldita mensagem. — Eu adoraria que finalmente pudéssemos declarar o fim do Reino do Ridículo. — Isso novamente. O Reino ao qual ele se refere teve início quando a vovó veio morar com a gente. Papai, “um homem da ciência”, disse-nos que absorvia cada

gota de superstição porca que saía da boca da própria mãe com um grão de sal. A vovó nos dizia para não darmos ouvido ao seu filho chato e para pegarmos aqueles grãos de sal e os jogarmos por sobre o nosso ombro esquerdo para cegar o demônio.

Daí ela pegava sua “bíblia” — um enorme livro com encadernação de couro cheio de ideias bobas (isto é, superstição porca) — e começava a pregar o Evangelho. Principalmente para Jude.

O papai pega uma fatia de pizza do prato. O queijo derretido escorre pelas laterais. Ele me olha.

— E quanto a isso, hein, Noah? Quem está aliviado por não estarmos comendo um daqueles ensopados da sorte da vovó?

Fico em silêncio. Desculpe, Charlie. *Adoro* pizza, quero dizer. Até mesmo quando estou no meio de uma pizza, penso que queria comer mais pizza, mas não pegaria carona no trem do papai nem mesmo se Michelangelo estivesse nele. O papai e eu não avançamos, se bem que ele tende a esquecer. Eu nunca esqueço. Quando ouço a voz de trovão dele me procurando para assistir aos 49ers ou a algum filme no qual tudo explode ou para ouvir jazz que faz com que meu corpo pareça do avesso, abro a janela do meu quarto e saio por ela em direção às árvores.

Às vezes, quando não há ninguém em casa, entro no escritório dele e quebro seus lápis. Certa vez, depois de uma sessão especialmente ruim daquele discurso de Noah, o Guarda-Chuva Quebrado, quando ele riu e disse que, se Jude não fosse minha irmã gêmea, teria certeza que eu nasci de partenogênese (isso mesmo: concepção sem pai), entrei na garagem quando todos estavam dormindo e risquei o carro dele com uma chave.

Como sou capaz de ver as almas das pessoas às vezes, ao desenhá-las, sei o seguinte: a mamãe tem uma enorme alma de girassol, tão grande que mal sobra lugar para os órgãos. Jude e eu temos uma alma em comum que compartilhamos: uma árvore com as folhas em chamas. E o papai tem um prato de larvas como alma.

Jude diz para ele:

— Você acha que a vovó não o ouviu insultando a comida dela?

— A resposta para isso é um retumbante não — diz o papai, voltando-se para o pedaço de pizza. A gordura faz com que a boca inteira dele brilhe.

Jude se levanta. Seus cabelos pendem da cabeça como uma aura. Ela olha para cima e declara:

— Eu *sempre* adorei sua comida, vovó.

A mamãe estende a mão e aperta a mão dela, dizendo depois para o teto:

— Eu também, Cassandra.

Jude sorri por dentro.

O dedo do papai atira na própria cabeça.

A mamãe faz uma cara feia — isso a faz parecer ter cem anos de idade.

— Aceite o mistério, Professor — diz ela. Ela está sempre dizendo isso ao papai, mas costumava dizer de um jeito diferente. A mamãe costumava dizer isso como se estivesse abrindo uma porta para

ele, não como se fechasse a porta na cara dele.

— Eu me casei com o mistério, Professora — responde ele, como sempre, mas isso geralmente soava como um elogio.

Todos comemos pizza. Não é nada divertido. Os pensamentos da mamãe e do papai tornam o ar pesado. Ouço-me mastigar quando o pé de Jude encontra o meu sob a mesa mais uma vez. Eu a chuto de volta.

— E a mensagem da vovó? — pergunta ela em meio ao clima tenso, sorrindo com esperança.

O papai olha para ela e seus olhos se tornam mais amenos. Ela é a preferida dele também. A mamãe não tem um filho preferido, o que significa que o cargo está vago.

— Como estava dizendo. — Desta vez a mamãe usa sua voz normal, áspera, como se uma caverna falasse com você. — Eu estava passando pela CSA, a escola secundária de belas-artes, nesta tarde e foi quando a vovó apareceu para dizer que a escola seria perfeita para vocês dois. — Ela balança a cabeça, iluminando-se e voltando a aparentar sua idade normal. — E é mesmo. Nem acredito que nunca pensei nisso antes. Fico pensando naquela frase do Picasso: “Toda criança é um artista. O problema é como continuar sendo artista quando se cresce”. — Ela tem aquele olhar enlouquecido que aparece em museus, como se fosse roubar uma obra de arte. — Mas então. É uma chance de toda uma vida, caras. Não quero que seus espíritos sejam repreendidos como... — Ela não conclui a frase; passa a mão pelo cabelo (preto e encaracolado como o meu) e se vira para o papai. — Quero muito isso para eles, Benjamin. Sei que vai ser caro, mas é uma oport...

— É? — interrompe Jude. — Foi só isso o que a vovó disse? Essa foi a mensagem dela *da outra vida*? Uma mensagem sobre uma *escola*? — Parece que ela vai começar a chorar.

Eu não. Escola de arte? Nunca imaginei uma coisa assim, nunca imaginei que não teria de ir para a Roosevelt, ou Escola dos Babacas, com todos os outros. Tenho certeza de que o sangue começou a ferver dentro do meu corpo.

(Autorretrato: *Uma Janela Se Abre no Meu Peito.*)

A mamãe está com aquele olhar estranho novamente.

— Não é uma escola qualquer, Jude. É uma escola que vai permitir que vocês gritem do alto dos prédios todos os dias, durante quatro anos. Você não quer gritar do alto dos prédios?

— Gritar o quê? — pergunta Jude.

Isso faz com que o papai engasgue baixinho, provocativo.

— Não sei, Di — diz ele. — É focado demais. Você esquece que, para o restante de nós, arte é apenas arte, não uma religião. — A mamãe pega uma faca e enfia nas entranhas dele, revira. O papai se anima, claro. — De qualquer modo, eles estão ainda na sétima série. O ensino médio ainda está longe.

— Eu quero ir! — digo, explodindo. — Não quero um espírito refreado! — Percebo que essas são as primeiras palavras que mencionei durante toda a refeição. A mamãe sorri para mim. O papai não pode demovê-la disso. Não há cabeças de parafina lá, sei disso. Provavelmente apenas meninos e

meninas cujo sangue brilha. Somente revolucionários.

A mamãe diz para o papai:

— Eles vão precisar de um ano para se preparar. É uma das melhores escolas de belas-artes do país, com um currículo acadêmico de primeira também, sem problemas quanto a isso. E fica bem no nosso quintal! — A empolgação dela me anima ainda mais. Acho que vou começar a bater asas. — É muito difícil de entrar. Mas vocês dois conseguem. Habilidade natural, e vocês já sabem tanta coisa. — Ela sorri para nós com tanto orgulho que é como se o sol nascesse na mesa. É verdade. Outras crianças têm livros infantis, nós temos livros de arte. — Vamos começar a fazer visitas a museus e galerias neste fim de semana. Vai ser ótimo. Vocês dois podem fazer concursos de desenhos.

Jude bufá uma bufada azul fluorescente sobre a mesa, mas sou o único a perceber. Ela sabe desenhar bem, mas é diferente. Para mim, a escola só deixou de ser uma cirurgia de estômago diária de oito horas quando percebi que todos queriam que eu os desenhasse mais do que queriam conversar comigo ou me socar. Ninguém nunca quis socar a cara de Jude. Ela é reluzente, divertida e normal — não uma revolucionária — e conversa com todo mundo. Eu converso comigo mesmo. E com Jude, claro, ainda que geralmente em silêncio, porque é assim que conversamos. E com a mamãe, porque ela é animada. (Rapidamente, a prova: até agora ela não atravessou uma parede nem levantou a casa com a mente nem parou o tempo ou coisa assim, mas há sinais. Certa manhã, recentemente, ela estava na varanda tomando seu chá, como sempre, e, quando me aproximei, vi que ela estava flutuando. Pelo menos foi o que me pareceu. E o argumento contundente: ela não tem pais. Ela foi uma criança abandonada! Foi deixada numa igreja qualquer em Reno, Nevada. Oi? Abandonada por *eles*. Ah, e também converso com Rascal, na casa ao lado, o Rascal, que, em todo o caso, é um cavalo, mas tudo bem.)

Daí por que me chamam de Bolha.

Sério, na maior parte do tempo eu me sinto como um refém.

O papai põe os cotovelos na mesa.

— Dianna, espere um pouco. Realmente acho que você está projetando. Velhos sonhos são...

A mamãe não o deixa dizer mais nada. Seus dentes rangem enlouquecidamente. Parece que ela está represando um dicionário de xingamentos ou uma guerra nuclear.

— Noah e Jude, peguem seus pratos e vão para a sala. Preciso conversar com seu pai.

Nós não nos mexemos.

— Noah e Jude, agora!

— Jude, Noah — diz o papai.

Pego meu prato e saio dali colado nos calcanhares de Jude. Ela estende a mão para mim e eu a recebo. Noto, então, que o vestido dela é colorido como um peixe-palhaço. A vovó a ensinou a fazer as próprias roupas. Ah! Ouço o novo papagaio do nosso vizinho, Profeta, pela janela aberta. “Onde está o Ralph?”, grita ele. “Onde está a porra do Ralph?” É a única coisa que ele diz, e diz isso vinte e quatro horas por dia. Ninguém sabe quem é o Ralph, muito menos onde ele está.

— Maldito papagaio burro! — grita o papai, com tanta força que eriça os pelos da nossa nuca.

— Ele não está falando sério — digo para o Profeta mentalmente, só para perceber que disse isso em voz alta. Às vezes palavras saem da minha boca como sapos cheios de verrugas. Começo a explicar para o papai que estava falando com o pássaro, mas paro porque não quero me alongar; em vez disso, da minha boca sai um som frouxo estranho que faz com que todos, exceto Jude, me olhem com curiosidade. Saímos correndo pela porta.

Pouco depois, estamos sentados no sofá. Não ligamos a televisão para podermos ouvir o que nossos pais estão conversando, mas eles falam sussurrando e é impossível decifrar. Depois de dividir minha fatia de pizza mordida a mordida porque Jude se esqueceu do prato dela, ela diz:

— Eu achava que a vovó ia nos dizer algo de incrível em sua mensagem. Tipo, no Paraíso tem um oceano, entende?

Recosto-me no sofá, aliviado por estar sozinho com Jude. Nunca me sinto refém quando estamos apenas nós dois.

— Ah, é, tem, com certeza tem um oceano, só que ele é roxo e a areia é azul e o céu é verde.

Ela sorri, pensa por um instante e diz:

— E, quando você está cansado, você entra na sua flor e dorme. Durante o dia, todo mundo conversa usando cores em vez de sons. É tão silencioso. — Ela fecha os olhos e diz lentamente: — Quando as pessoas se apaixonam, elas pegam fogo. — Jude adora isso, um dos jogos preferidos da vovó. Costumávamos brincar disso com ela quando éramos pequenos. “Leve-me daqui!”, dizia ela, ou, às vezes, “Tirem-me rápido daqui, meninos!”.

Quando Jude abre os olhos, toda a mágica se dissipou de seu rosto. Ela suspira.

— O quê? — pergunto.

— Não vou para aquela escola. Só gente estranha estuda lá.

— Estranha?

— É, malucos. Escola Californiana de Alienígenas, é assim que as pessoas a chamam.

Ah, droga, droga, obrigado, vovó. O papai tem que se dobrar às exigências da mamãe. Eu tenho que entrar naquela escola. Alienígenas que fazem arte! Estou tão feliz que sinto que estou pulando numa cama elástica, dando cambalhotas dentro de mim mesmo.

Não a Jude. Ela está toda de mau humor agora. Para fazê-la se sentir melhor, digo:

— Talvez a vovó tenha visto suas mulheres voadoras e é por isso que quer que entremos para aquela escola.

Três praias abaixo, Jude as esculpiu com areia molhada. As mesmas mulheres que ela fazia com purê de batata ou o creme de barbear do papai ou qualquer outra coisa, quando ela achava que ninguém estava vendo. Do penhasco, eu a via criar essas enormes versões de areia e sabia que ela estava tentando conversar com a vovó. Sempre sei o que se passa na mente de Jude. Não é tão fácil para ela saber o que se passa na minha mente, porque eu tenho persianas mentais e as fecho sempre

que acho necessário. Como ultimamente.

(Autorretrato: *O Menino Escondido Dentro do Menino Escondido Dentro do Menino.*)

— Não acho que aquilo seja arte. Era... — Ela não termina a frase. — É por sua causa, Noah. E pare de me seguir pela praia. E se eu estivesse beijando alguém?

— Quem? — Sou apenas duas horas, trinta e sete minutos e treze segundos mais novo do que Jude, mas ela sempre faz com que eu me sinta seu irmãozinho caçula. Odeio isso. — Quem você estaria beijando? Você já beijou alguém?

— Eu conto se você me contar o que aconteceu ontem. Sei que alguma coisa aconteceu, e é por isso que você não caminhou até a escola normalmente esta manhã. — Eu não queria encontrar Zephyr ou Fry. A escola deles fica ao lado da nossa. Não quero vê-los de novo. Jude toca meu braço. — Se alguém fez ou disse alguma coisa para você, me conte.

Ela está tentando entrar na minha mente, então fecho as persianas. Rapidamente as fecho comigo de um lado e ela do outro. Isso não é como os outros shows de terror. Quando ela deu um soco na cara do encorpado Michael Stein, no ano passado, durante um jogo de futebol, por ele me chamar de retardado só porque me distraí com um formigueiro incrivelmente legal. Ou quando fiquei preso num buraco e ela e o papai tiveram de me tirar do mar diante de um grupo de surfistas. Isso é diferente. Este segredo é como ter carvão em brasa sob meus pés o tempo todo. Levanto-me do sofá para me afastar de qualquer possível telepatia — é quando os gritos chegam até nós.

São altos, como se a casa estivesse se quebrando em duas. Tão altos quanto das outras vezes ultimamente.

Eu volto a me sentar. Jude me olha. Ela tem olhos de um azul glacial muito claro; uso principalmente lápis branco ao desenhá-los. Normalmente eles me fazem sentir flutuando e pensando em nuvens fofas, ouvindo harpas, mas neste momento eles parecem simplesmente apavorados. Tudo o mais foi esquecido.

(Retrato: *Mamãe e Papai com Cabeças de Chaleiras Fumegantes.*)

Quando Jude fala, parece que ela é uma criancinha, sua voz é só um enfeite:

— Você realmente acha que é por isso que a vovó quer que a gente vá para aquela escola? Só porque ela viu minhas mulheres voadoras de areia?

— Acho — digo, mentindo. Acho que ela tinha razão antes. Acho que é por minha causa.

Ela se recosta de modo que tocamos nossos ombros. Assim somos nós. Esta é a nossa pose. Um amálgama. Era assim que estávamos na foto de ultrassom que tiraram da gente dentro da mamãe e no retrato que Fry rasgou ontem. Ao contrário de quase qualquer outra pessoa no planeta, desde as nossas primeiras células estávamos juntos, viemos para este mundo juntos. Por isso é que quase ninguém nota que Jude fala por nós dois, por isso é que conseguimos tocar piano somente a quatro mãos, nunca sozinhos, por isso é que nunca brincamos de joquempô, porque nunca, em treze anos, escolhemos coisas diferentes. É sempre assim: duas pedras, dois papéis, duas tesouras. Quando não nos desenho assim, eu nos desenho como pessoas pela metade.

A calma do amálgama me inunda. Ela respira fundo e eu a imito. Talvez estejamos velhos demais

para ainda agirmos assim, mas que se dane. Posso ver o sorriso dela mesmo olhando para a frente. Soltamos o ar ao mesmo tempo, depois inalamos juntos, exalamos, inalamos, para dentro e para fora, para fora e para dentro, até que nem mesmo as árvores se lembrem do que aconteceu no bosque ontem, até que a voz da mamãe e a do papai se transformem em música, até não apenas termos a mesma idade, mas sermos uma única pessoa.



Uma semana mais tarde, tudo muda.

É sábado e a mamãe, Jude e eu estamos no centro da cidade, no café na laje do museu, porque a mamãe ganhou a discussão e nós dois vamos nos matricular na CSA daqui a um ano.

Do outro lado da mesa, Jude está conversando com a mamãe e ao mesmo tempo me enviando ameaças de morte silenciosas porque ela acha que meus desenhos são melhores do que os dela, e estamos tendo uma disputa. A mamãe é a juíza. E tudo bem, talvez eu não devesse ter consertado o desenho de Jude para ela. Claro que ela está tentando arruinar seus desenhos. Sem comentários.

Ela revira os olhos para mim às escondidas. É um tremor de 6,3 graus na escala Richter. Penso em lhe dar um chute na perna sob a mesa, mas resisto. Em vez disso, bebo um pouco do chocolate quente e secretamente espio um grupo de meninos mais velhos à minha esquerda. No que diz respeito ao meu pênis de concreto de dois metros e meio, nenhuma consequência na minha mente. (Autorretrato: *Menino É Dado Pedaco por Pedaco para que uma Colônia Furiosa de Formigas o Coma.*) Mas talvez Zephyr não vá mesmo contar a ninguém.

Todos os caras da mesa ao lado têm alargadores nas orelhas e brincos nas sobrancelhas e estão brincando uns com os outros como lontras. Eles provavelmente vão para a CSA, acho, e essa ideia faz meu corpo todo estremecer. Um deles tem uma cara de lua com olhos azuis e uma boca vermelha saliente, como nas pinturas de Renoir. *Adoro* esse tipo de boca. Estou fazendo um rascunho rápido do rosto dele com meu dedo sobre minhas calças quando ele me percebe encarando-o e, em vez de olhar irritado para mim, ele pisca na minha direção, lentamente, para que não haja nenhum equívoco quanto a isso, depois volta sua atenção para os amigos, enquanto eu passo do estado sólido para o líquido.

Ele piscou para mim. Como se *soubesse*. Mas não é ruim. De jeito nenhum. Na verdade, eu queria poder parar de sorrir e agora, uau — ele está olhando na nossa direção novamente e sorrindo também. Meu rosto começa a ferver.

Tento prestar atenção na mamãe e em Jude. Elas estão falando sobre a bíblia de bobagens da vovó. De novo. Que é uma enciclopédia de antigas crenças, diz a mamãe. Que a vovó coletava ideias de todos os lugares, de todo mundo, e que até deixava a bíblia aberta na bancada ao lado da caixa registradora na loja de roupas dela, para que todos os clientes pudessem escrever suas porcarias também.

— Na última página — diz a mamãe para Jude — está escrito que, no caso da morte dela, a bíblia é sua.

— Minha? — Ela me lança seu olhar mais arrogante. — *Só* minha? — Ela está toda feliz agora. Que se dane. Como se eu quisesse alguma bíblia.

A mamãe diz:

— Estou citando: “Este livro é herança para minha neta Jude Sweetwine, a última detentora do Dom dos Sweetwine.

Eu dou uma bufada verde brilhante por sobre a mesa.

A vovó Sweetwine concluiu que Jude tinha o Dom da Intuição dos Sweetwine quando descobriu que Jude conseguia falar a língua das flores. Tínhamos quatro anos. Depois, Jude passou dias comigo diante de um espelho, apertando minha língua com o dedo várias vezes, tentando me ensinar para que eu tivesse o Dom dos Sweetwine também. Mas foi inútil. Minha língua se dobrava e enrolava, mas não florescia.

Volto a olhar para a mesa das lontras. Eles estão se arrumando para ir embora. O Cara de Lua coloca uma mochila sobre o ombro e me dá um tchau mudo.

Engulo em seco, abaixo a cabeça e pego fogo.

Depois começo a desenhá-lo na mente.

Quando volto à realidade, minutos mais tarde, mamãe está dizendo para Jude que, ao contrário da vovó Sweetwine, ela nos assombraria com persistência e exageradamente, nada de visitas rápidas no carro para ela.

— Eu seria aquele tipo de espírito que interfere em tudo. — Ela ri sua risada ruidosa e agita as mãos no ar. — Sou tão controladora. Vocês jamais se livrariam de mim. Nunca! — Ela imita a risada de um fantasma para a gente.

O estranho é que de repente ela parece estar em meio a um furacão. Ela tem os cabelos esvoaçantes e seu vestido está ligeiramente ondulado. Olho por baixo da mesa para ver se há uma passagem de ar ou coisa assim, mas não encontro nada. Entende? Outras mães não têm clima próprio. Ela sorri para nós com tanto amor, é como se fôssemos filhotinhos, e algo pressiona meu peito.

Fecho-me por dentro enquanto elas conversam mais especificamente sobre que tipo de fantasma a mamãe seria. Se a mamãe morresse, o sol se apagaria. Ponto-final.

Em vez disso, penso no hoje.

Como passei de obra a obra pedindo a cada uma que me engolissem e elas me consumiram.

Como me senti bem o tempo todo, sem nenhuma vez me atrapalhar ou ter a mente girando.

O tamborilar da mamãe na mesa me traz de volta à realidade.

— Então vamos ver estes desenhos — diz ela, empolgada. Eu fiz quatro desenhos com pastel baseados na coleção permanente do museu: um Chagall, um Franz Marc e dois Picassos. Escolhi estes porque as pinturas estavam me encarando tanto quanto eu as encarava. A mamãe disse que não precisávamos copiá-las com exatidão. Eu não as copiei. Eu baguncei os originais na minha mente e os deixei sair todos cobertos por mim.

— Eu primeiro — digo, colocando meu caderno nas mãos da mamãe. O olhar de Jude é um tremor de 7,2 na escala Richter desta vez, balançando o prédio todo. Não me importo, mal posso esperar.

Alguma coisa aconteceu quando eu estava desenhando hoje. Acho que meus olhos foram substituídos por olhos melhores. Quero que a mamãe perceba.

Eu a observo virar as páginas lentamente e depois colocar seus óculos de vovó, que pendem do pescoço, e rever os desenhos várias vezes. Em determinado momento ela me olha como se eu tivesse me transformado numa toupeira de nariz estrelado e depois volta ao caderno.

Todos os sons do café. As vozes, o barulho da máquina de café expresso, o tilintar dos copos e xícaras silenciam enquanto eu observo o dedo indicador dela pairar sobre cada parte da página. Eu estou vendo através dos olhos dela, e o que vejo é isto: eles são bons. Começo a sentir que vou ser lançado ao espaço. Claro que vou entrar na CSA! E ainda tenho todo um ano para me certificar disso. Já pedi ao Sr. Grady, o professor de arte, para me ensinar a misturar tintas a óleo depois da escola, e ele aceitou. Quando acho que a mamãe finalmente terminou, ela volta ao início e recomeça a ver os desenhos. Ela não consegue parar! A expressão dela está sendo tomada pela felicidade. Ah, estou enlouquecendo aqui.

Até que me vejo cercado. Um ataque aéreo telepático detonado por Jude. (Retrato: *Verde de Inveja.*) Pele: verde-limão. Cabelos: verde-amarelados. Olhos: verde-escuros. Ela inteira: verde, verde, verde. Eu a vejo abrir um pacotinho de açúcar, espalhar um pouco pela mesa e depois pressionar uma impressão digital de cristais de açúcar contra a capa do seu caderno. Uma bobagem para dar sorte tirada da bíblia da vovó. Sinto um embrulho no estômago. Já deveria tirar meu caderno das mãos da mamãe, mas não faço isso. Não posso.

Sempre que a vovó S. lia as minhas mãos e as da Jude, ela nos dizia que tínhamos inveja o bastante em nossas linhas para arruinar nossa vida dez vezes. Sei que ela tem razão quanto a isso. Quando desenho Jude e eu com peles transparentes, sempre há serpentes em nossa barriga. Eu tenho poucas. Jude tinha dezessete da última vez que contei.

Finalmente a mamãe fecha meu caderno e me devolve. Ela nos diz:

— Disputas são bobagens. Vamos passar nossos sábados durante o próximo ano apreciando arte e aprendendo técnicas. Parece bom, não é?

Antes mesmo de abrir o caderno de Jude ela diz isso.

A mamãe pega sua xícara de chocolate quente, mas não bebe.

— Inacreditável — diz ela, balançando a cabeça lentamente. Será que ela se esqueceu do caderno de Jude? — Vejo uma sensibilidade de Chagall com uma paleta de Gauguin, mas o ponto de vista parece todo seu ao mesmo tempo. E você é tão novo. É extraordinário, Noah. Simplesmente extraordinário.

(Autorretrato: *Menino Mergulha num Lago de Luz.*)

— Mesmo? — pergunto, sussurrando.

— Mesmo — diz ela, muito séria. — Estou impressionada. — Algo no rosto dela está diferente, é como se uma cortina estivesse se abrindo ao meio. Dou uma olhada rápida em Jude. Vejo que ela está toda encolhida num canto de si mesma, como eu faço em situações de emergência. Tem um lugar onde me escondo dentro de mim, um lugar aonde ninguém consegue chegar, por mais que tente. Não

sabia que ela tinha um lugar assim também.

A mamãe não nota. Geralmente ela nota tudo. Mas ela está aqui sentada sem perceber nada, como se estivesse sonhando diante de nós.

Finalmente ela se dá conta, mas é tarde demais.

— Jude, querida, vamos ver seu caderno, mal posso esperar para ver o que você fez.

— Deixa para lá — diz Jude, com uma vozinha fina, o caderno dela já guardado no fundo da bolsa.

Jude e eu brincamos de várias coisas. A brincadeira preferida dela é Como Você Prefere Morrer? (Jude: congelada; eu: queimado) e o Jogo do Afogamento. O Jogo do Afogamento funciona assim: se a mamãe e o papai estivessem se afogando, quem salvaríamos primeiro? (Eu: a mamãe, claro; Jude: depende de seu humor). E há outra variação: se nós estivéssemos nos afogando, quem o papai salvaria primeiro? (Jude). Durante treze anos, a mamãe nos deixou desconcertados. Não tínhamos a menor ideia de quem ela tiraria da água primeiro.

Até agora.

E, sem trocarmos olhares, nós dois sabemos.

Três anos mais tarde

Aqui estou eu.

De pé ao lado da minha escultura na CSA com um trevo-de-quatro-folhas no meu bolso. Passei a manhã toda de quatro num trecho de trevos do lado de fora, tudo para nada — os arbustos estavam limpos. Até que, eureka! Colei uma quarta folha num trevo de três folhas normal, embalei-o em celofane e o guardei no bolso da minha blusa, bem ao lado da cebola. [\[1\]](#)

Sou uma entusiasta da bíblia. Outras pessoas têm as lições de Gideão; eu tenho as da vovó Sweetwine. Algumas passagens:

Uma pessoa detentora de um trevo-de-quatro-folhas é capaz de repelir quaisquer influências sinistras

(A escola de arte é cheia de influências sinistras. Principalmente hoje — não apenas é meu dia decisivo como também vou me encontrar com meu orientador e posso ser expulsa.)

Para evitar uma doença séria, tenha sempre uma cebola no seu bolso.

(Feito. Nunca é demais se precaver.)

Se um menino dá uma laranja para uma menina, o amor dela por ele se multiplicará.

(O veredito está dado. Ninguém nunca me deu uma laranja.)

Os pés dos espíritos nunca tocam o chão.

(Vamos chegar lá. Em breve.)

O sino toca.

E aqui estão eles. Os outros alunos do segundo ano de argila. Todos eles dispostos a me sufocar com um travesseiro. Ops, quero dizer, olhando embasbacados para minha escultura. O dever era fazer outro autorretrato. Recorri ao abstrato: bolha. Degas tinha bailarinas, eu tenho bolhas. Bolhas quebradas e coladas juntas. Esta é minha oitava.

— O que temos aqui? — pergunta Sandy Ellis, mestre ceramista, instrutor de argila e meu orientador. Ele começa sendo muito crítico.

Ninguém diz nada. A reação da Escola Californiana de Alienígenas começa e termina com elogios — no meio disso, as pessoas dizem as coisas horríveis que realmente pensam.

Vasculho o ambiente sem mover a cabeça. A turma de argila do segundo ano é um bom exemplo do corpo de alunos da CSA: um enxame de malucos de todos os tipos, barulhentos e orgulhosos. Pessoas simples e normais como eu — exceto por alguns tiques discretos, claro, quem não os tem? — são exceção.

Sei o que você está pensando. É Noah quem pertence a esta escola, não eu.

Sandy olha para a turma por sobre seus óculos redondos e coloridos.

Geralmente todos começam a falar ao mesmo tempo, mas o único som no estúdio é o zumbido elétrico das luzes fluorescentes. Consulto a hora no velho relógio da mamãe — ela o estava usando quando caiu do penhasco há dois anos, morrendo com o impacto —, que faz tique-taque no meu pulso.

Chuva em dezembro traz consigo um funeral imprevisto.

(Choveu durante quase todo o mês de dezembro antes de ela morrer.)

— Vamos lá, pessoal, impressões positivas de *Eu-Bolha Quebrada Nº 8*? — Sandy lentamente coça a barba despenteada. Se todos nós nos transformássemos nos animais que aparentamos ser (um jogo que Noah me forçava a jogar constantemente quando éramos menores), Sandy se transformaria num bode. — Falávamos sobre pontos de vista — diz ele. — Vamos discutir o ponto de vista da CJ, sim?

CJ, abreviatura de Calamidade Jane/Jude, é como todos na escola me chamam por causa da minha “má sorte”. Não são só as quebras na fornalha. No ano passado, no estúdio de cerâmica, alguns dos meus vasos supostamente saltaram das prateleiras à noite, quando não havia ninguém por perto, com as janelas todas fechadas e com o terremoto mais próximo acontecendo na Indonésia. O faxineiro da noite ficou todo perturbado.

Todos ficaram, menos eu.

Caleb Cartwright ergue as duas mãos, num gesto que se apega ainda mais aos seus trejeitos: gola rulê preta, calça justa preta, delineador preto, chapéu-coco preto. Ele na verdade é até atraente, num sentido artístico-cabaré, não que eu tenha notado. O boicote aos meninos está ativo. Venho totalmente equipada com escudos antimeninos e um uniforme de invisibilidade à prova de falhas:

Para desaparecer do nada: corte um metro de madeixas loiras e coloque o cabelo restante numa touca preta. Mantenha as tatuagens onde ninguém possa vê-las. Use apenas blusas com capuzes enormes, calças jeans largas e tênis. Fique quieta.

(Às vezes eu escrevo uma passagem de cunho próprio na bíblia.)

Caleb estuda o ambiente.

— Só vou dizer o que todos estão pensando, ok? — Ele faz uma pausa, tomando todo o cuidado

para encontrar as palavras certas a fim de me atirar do navio. — É impossível criticar a obra da CJ porque ela é *sempre* algo amalgamado, colado como esta escultura. Quero dizer, estamos diante de um Humpty Dumpty todas as vezes.

Eu me imagino num campo florido. Foi isso o que o psicólogo da escola me disse para fazer quando sentir que estou enlouquecendo ou, como a vovó costumava dizer, quando me faltam alguns parafusos.

E, se é que há alguém se perguntando, trevos-de-quatro-folhas artificiais não servem para nada.

— Bem, o que isso diz de si mesmo? — pergunta Sandy para a turma.

Randall “Não Quero Ofender, Mas” Brown começa a falar atropeladamente. Ele é o tipo de estrela babaca que acredita ser capaz de dizer as coisas mais ofensivas inimagináveis como crítica, desde que comece a frase com “Não quero ofender, mas”. Eu queria atingi-lo com um dardo tranquilizante.

— Ela expressaria muito mais, Sandy, se fosse algo intencional. — Ele me olha. Lá vem. — Estou dizendo, CJ, e *não quero ofender, mas* parece que você é fundamentalmente negligente. A única explicação *racional* para haver tanta quebra na fôrnalha é que você não trabalha a argila o bastante, nem deixa seu trabalho esfriar por igual.

No alvo. Bingo. Na mosca!

Às vezes as explicações *não são* racionais.

Coisas estranhas acontecem. E, se pudéssemos falar durante a crítica ao nosso trabalho, e se eu pudesse obter a garantia de alguém lá de cima, como Deus, por exemplo, de que não ficaria de castigo pelo resto da vida, neste caso eu diria: “Alguém por aí tem a mãe morta com tanta raiva que se levanta da tumba para quebrar suas obras de arte?”.

Daí eles entenderiam contra o quê eu tenho de lutar.

— O Randall levanta um ponto importante — diz Sandy. — A intencionalidade tem relevância em nossa experiência e apreciação da arte? Se a escultura final de CJ está quebrada, a concepção original que ela teve do todo importa? É uma questão da jornada ou o destino final, por assim dizer?

A turma toda zombe como um enxame feliz, e Sandy os envolve numa discussão teórica sobre se o artista tem alguma importância depois que a obra foi criada.

Eu preferiria falar sobre picles.

— Eu também... conservas *kosher*, com pepinos bem gordos e suculentos. Mmm. Mmm. Mmm — sussurra a vovó Sweetwine na minha cabeça. Ela está morta, como a mamãe, mas, ao contrário da mamãe, que só quebra as coisas, a vovó fala bastante e é bem visível. Ela é o “tira bonzinho” do mundo espiritual; a mamãe é o “tira mau”. Tento não expressar nada enquanto ela continua: — Ah, querida, que confusão. Sério, você fez uma coisa nada atraente. Mas por que tanta discussão? Por que eles não lhe desejam boa sorte da próxima vez e passam para a próxima vítima, como aquele cara ali com as bananas saindo pela cabeça?

— Aquilo são dreadlocks loiros, vovó — digo a ela mentalmente, tomando cuidado para não

mover a boca.

— Eu diria para você fugir disso, querida.

— Concordo.

Aqueles tiques discretos? Confesso que talvez não sejam tão discretos.

Mas que fique claro. Vinte e dois por cento da população mundial vê espíritos — isso significa mais de um bilhão e meio de pessoas no mundo todo. (Tanto professores quanto pais. Cientistas malucos.)

Enquanto a discussão teórica continua, eu me divirto jogando Como Você Preferiria Morrer? Sou a maior campeã desse jogo. Não é tão simples quanto parece, porque tornar as mortes dos dois lados da equação igualmente assustadoras requer muita habilidade. Por exemplo: comer punhados e mais punhados de vidro moído *ou...*

Sou interrompida porque, para minha surpresa e de todos os outros, a Peixe (não é o sobrenome) levantou a mão. A Peixe é muda como eu, então isso é incrível.

— A CJ tem uma boa técnica — diz ela, o piercing na língua brilhando como uma estrela dentro da boca. — Eu diria que um espírito é que está quebrando as obras dela. — Todo mundo ri ao ouvir isso, inclusive Sandy. Estou pasma. Ela não estava brincando, dá para ver. A Peixe me encara e depois ergue o punho, balançando-o sutilmente. No pulso está um bracelete punk que combina perfeitamente com o restante dela: cabelos roxos, tatuagens no braço todo, comportamento ácido. Eis que então reconheço os enfeites do bracelete: três peças de vidro marinho vermelho, dois trevos-de-quatro-folhas de plástico e um punhado de passarinhos feitos com bolacha-do-mar, tudo unido com couro preto. Uau. Eu não tinha percebido quanta sorte enfiei na bolsa e nos bolsos dela. É que ela sempre parece tão triste sob toda aquela maquiagem. Mas como ela soube que fui eu? Os outros sabem também? Até aquele menino novo e inquieto? Definitivamente, parafusos a menos. Tenho lhedado vários passarinhos de bolacha-do-mar.

Mas o pronunciamento da Peixe e seu bracelete foram os únicos fogos de artifício. Durante uma hora, os outros alunos atacaram *Eu-Bolha Quebrada N° 8*, e eu me tornei mais e mais consciente das minhas mãos, presas com força diante do meu corpo. Elas coçavam. Coçavam muito. Por fim, soltei as mãos e tentei examiná-las. Nenhum sinal de mordida ou brotoejas. Procuo o pontinho vermelho que pode ser um indício de fascite necrosante, comumente conhecida como “bactéria comedora de carne”, sobre a qual li tudo num dos periódicos médicos do papai...

Certo, entendi. Como Você Preferiria Morrer? Comendo punhados e mais punhados de vidro moído ou com um caso aterrorizante de fascite necrosante?

A voz de Felicity Stiles — o que significa o fim da noite! — me tira dessa batalha mental bem quando estou tendendo a optar pelo vidro moído.

— Posso concluir, Sandy? — pergunta ela, como sempre. Ela tem esse lindo sotaque do sul da Califórnia que usa para fazer um sermão ao fim de todas as sessões de crítica. Ela é como uma flor que fala, um puro narciso. A Peixe, por outro lado, parece uma adaga no peito. Sorrio para ela e cruzo os braços. — Só acho que é triste — diz ela, parando até que a sala toda preste atenção, o que não demora mais do que um segundo, porque ela não só soa como um narciso como também parece e

age como uma flor, e todos nós nos transformamos em suspiros humanos ao redor dela. Ela estende a mão para minha bolha. — Sinto a dor do *mundo inteiro* nesta obra. — Leva um dia inteiro para ela pronunciar aquelas vogais. — Porque todos nós estamos quebrados. Quero dizer, não estamos? Eu estou. O *mundo inteiro* está. Tentamos fazer o nosso melhor e é isso o que acontece, repetidamente. É isso o que a obra da CJ diz para mim, e isso me deixa muito, muito triste. — Ela me encara. — Entendo que você seja muito infeliz, CJ. *De verdade*. — Os olhos dela são enormes e parecem me engolir. Ah, como eu odeio a escola de arte. Ela ergue o pulso e o bate no peito três vezes, dizendo: — Eu Entendo Você.

Não consigo evitar. Estou meneando afirmativamente a cabeça para ela como se também fosse uma flor, quando a mesa sob *Eu-Bolha Quebrada N° 8* cede e meu autorretrato cai no chão e se quebra em pedacinhos. De novo.

— Isso foi covardia — digo mentalmente para minha mãe.

— Vejam só — declara a Peixe. — Um espírito.

Desta vez ninguém ri. Caleb balança a cabeça.

— De jeito nenhum.

Randall:

— Como assim?

Você é quem me diz, caipirão. Ao contrário do Gasparzinho e da vovó S., a mamãe não é um espírito amigável.

Sandy está debaixo da mesa.

— Um parafuso se soltou — diz ele, descrente.

Pego a vassoura que mantenho na minha estação para essas ocasiões e varro a quebrada *Eu-Bolha Quebrada N° 8*, enquanto os outros murmuram, comentando como sou azarada. Jogo os pedaços na lata de lixo. Juntamente com os cacos do meu autorretrato, jogo no lixo o inútil trevo artificial.

Acho que talvez Sandy vá ficar com pena de mim e adiar nossa reunião para depois das férias de inverno, que começam amanhã, mas ele diz silenciosamente “minha sala” e aponta para a porta. Eu atravesso o estúdio.

Sempre dê o primeiro passo com a perna direita para evitar as calamidades que sempre se aproximam de você pela esquerda.



Estou afundada numa gigantesca cadeira de couro diante de Sandy. Ele acabou de pedir desculpas pelo parafuso solto e brincou: “Talvez a Peixe estivesse certa quanto ao espírito, hein, CJ?”.

Rindo educadamente neste ponto, diante da ideia absurda.

Seus dedos de pianista estão sobre a mesa. Nenhum de nós fala. Estou bem assim.

À esquerda dele há uma imagem em tamanho natural do *Davi* de Michelangelo, tão vívida na frágil luz da tarde que espero que o peito da escultura arqueie e ele respire. Sandy segue meu olhar para trás de si, até o magnífico homem de pedra.

— Uma biografia e tanto a que a sua mãe escreveu — diz ele, quebrando o silêncio. — Destemida no estudo da sexualidade dele. Mereceu todos os elogios que recebeu. — Ele tira os óculos e os pousa na mesa. — Converse comigo, CJ.

Olho pela janela para a praia escondida pela neblina.

— Vamos ficar escondidos pela neblina, certeza — digo. Uma das coisas que dão fama à cidade de Lost Cove é o fato de ela desaparecer frequentemente. — Sabia que alguns povos nativos acreditavam que a neblina é habitada pelos espíritos incansáveis dos mortos? — Tirado da bíblia da vovó.

— Mesmo? — Ele afaga a barba, contaminando-a com pedacinhos de argila das suas mãos. — Isto é muito interessante, mas neste momento precisamos conversar sobre você. Esta situação é muito séria.

Acho que eu estava falando sobre mim mesma.

O silêncio prevalece novamente... e eu decido comer o vidro moído. Resposta final.

Sandy suspira. É porque o incomodo? Eu incomodo as pessoas, já percebi. Não me acostumei.

— Olha, sei que tem sido um período extremamente difícil para você, CJ. — Ele estuda minha expressão com seus olhos gentis de bode. É insuportável. — E nós praticamente lhe demos passe livre no ano passado por causa das circunstâncias trágicas. — Ele tem aquele olhar de Coitada da Menina sem Mãe; todos os adultos recorrem a ele quando falam comigo, como se eu fosse amaldiçoada, jogada de um avião sem paraquedas, porque mães *são* paraquedas. Abaixo os olhos, noto o melanoma fatal no braço dele, vejo a vida dele passar diante dos meus olhos e percebo, com alívio, que é só um pouco de argila. — Mas a CSA é muito rígida — diz ele, mais sério. — Não passar numa disciplina é motivo para expulsão, mas decidimos apenas deixá-la de sobreaviso. — Ele se inclina para a frente. — Não se trata de todas as quebras na fornalha. Isso acontece. Se bem que parece sempre acontecer com você, o que chama a atenção para a sua técnica e seu foco. Mas é a forma como você se isolou e sua evidente falta de entusiasmo que nos preocupam profundamente. Você deve saber que há jovens artistas do país inteiro batendo na nossa porta e implorando por uma vaga, pela *sua* vaga.

Penso no quanto Noah merece minha vaga. Não é isso o que o espírito da mamãe está querendo me dizer quebrando todas as coisas que faço?

Sei que é.

Respiro fundo e então digo tudo:

— Deixe que eles fiquem com a minha vaga. Sério, eles merecem. — Ergo a cabeça e olho dentro dos olhos pasmados dele. — Não pertencço a este lugar, Sandy.

— Entendo — diz ele. — Bem, talvez você sinta isso, mas a CSA na verdade pensa o contrário. *Eu* penso o contrário. — Ele pega os óculos e começa a limpá-los com a camisa suja de argila,

sujando-os ainda mais. — Há algo de tão único naquelas mulheres de areia que você fez, aquelas que faziam parte do seu portfólio de admissão.

Hein?

Ele fecha os olhos por um instante, como se estivesse ouvindo uma música distante.

— Elas eram tão cheias de vida, tão extravagantes. Tinham tanto movimento, tanta emoção.

Do que é que ele está falando?

— Sandy, o que eu submeti foram aquelas estampas de tecido e os vestidos que fiz. Falei sobre as esculturas de areia na minha redação.

— Sim, eu me lembro da redação. E me lembro dos vestidos. Lindos. Pena não sermos voltados para a moda. Mas você está sentada nesta cadeira por causa das fotografias daquelas maravilhosas esculturas.

Não há fotografias daquelas esculturas.

Certo, agora estou me sentindo um pouco tonta aqui neste episódio de *Além da Imaginação*.

Ninguém viu as esculturas. Eu me certifiquei disso, sempre fugindo para um lugar isolado da praia, a maré destruindo-as... Só que Noah me disse uma vez, na verdade duas, que me seguiu e ficou me olhando esculpi-las. Será que ele tirou fotografias? E as enviou à CSA? Nada parece mais improvável.

Quando ele descobriu que eu havia sido aceita e ele não, Noah destruiu tudo o que havia feito. Nem mesmo um rabisco sobreviveu. Desde então, ele jamais chegou perto de um lápis, um giz de cera, um pedaço de carvão ou pincel.

Olho para Sandy, que está esfregando os nós dos dedos na mesa. Espere aí, ele acabou mesmo de dizer que minhas esculturas de areia eram maravilhosas? Acho que sim. Ao perceber que o estou ouvindo novamente, ele para de esfregar a mão na mesa e continua:

— Sei que a inundamos com muita teoria nos seus primeiros dois anos aqui, mas vamos nos ater ao básico. Uma simples pergunta, CJ. Existe alguma coisa que você ainda queira fazer? Você é tão nova e passou por tanta coisa. Há alguma coisa que você queira dizer? Alguma coisa que você *precise* dizer? — Ele ficou bastante sério e intenso. — Porque é disso que estou falando. Nada mais. Nós desejamos com nossas mãos, é isso o que fazemos como artistas.

As palavras dele estão despertando alguma coisa dentro de mim. Não gosto disso.

— Pense no assunto — diz ele, mais calmo. — Vou perguntar novamente. Há alguma coisa de que você precise neste mundo e que só suas duas mãos são capazes de criar?

Sinto uma dor crescente no peito.

— Há, CJ? — insiste ele.

Sim. Mas é algo que está além do meu alcance. Imagino aquele campo florido agora.

— Não — digo.

Ele ri.

— Não acredito em você.

— Não há mais nada — digo, cruzando as mãos com toda a força sobre meu copo. — Nada. Zero.

Ele balança negativamente a cabeça, decepcionado.

— Então, tudo bem.

Olho para o *Davi*...

— CJ, onde você está?

— Aqui, estou bem aqui. Desculpe. — Volto minha atenção para ele.

Ele está claramente irritado. Por quê? Por que ele se importa tanto? Como ele mesmo disse, há artistas jovens do país todo loucos para ocupar minha vaga.

— Precisamos conversar com seu pai — diz ele. — Você está desperdiçando a oportunidade da sua vida. É isso o que você realmente quer?

Meus olhos voltam para o *Davi*. É como se ele fosse feito de luz. O que eu quero? Só quero uma coisa...

Então é como se o *Davi* saltasse da parede e me pegasse no colo com seus enormes braços de pedra e sussurrasse em meu ouvido.

Ele me lembra de que Michelangelo o fez há mais de *quinhentos anos*.

— Você quer mesmo ser transferida?

— Não! — A veemência da minha voz nos surpreende. — Preciso trabalhar com pedra. — Aponto para o *Davi*. Uma ideia está explodindo dentro de mim. — Existe *algo* que preciso criar — eu lhe digo. Sinto-me ofegante, como se estivesse com dificuldade para respirar. — Muito. — Quero fazer isso desde que cheguei aqui, mas não suportava a ideia da mamãe quebrando também esta obra. Simplesmente não suportava.

— Isso me deixa extremamente feliz — diz Sandy, juntando as mãos.

— Mas não posso criar com argila. Nada de cerâmica — digo. — Tem que ser com pedra.

— Muito mais resistente — diz ele. Sandy entende. Quero dizer, ele entende ao menos uma parte.

— Exatamente — digo. Ela não vai conseguir quebrar isso com tanta facilidade! E, o que é mais importante: ela não vai quebrar. *Vou* deixá-la impressionada. *Vou me comunicar* com ela. Desse jeito. “Sinto muito, Jude”, ela vai sussurrar no meu ouvido. “Não sabia que você tinha tanto talento.”

E então talvez ela me perdoe.

Não percebo que Sandy está falando, ignorando completamente a música que se intensifica, a reconciliação entre mãe e filha que está ocorrendo em minha mente. Tento manter o foco.

— O problema é que, com o Ivan na Itália por um ano, não há ninguém no departamento para ajudá-la. Se você quiser trabalhar com argila e fundir em bronze, posso...

— Não, tem que ser com pedra. Quanto mais dura, melhor. Talvez até granito. — Isso é genial.

Ele ri de volta com seu olhar de bode pastando no campo florido.

— Talvez, humm, talvez... se você concordar em ser orientada por alguém de fora da escola.

— Claro. — Está falando sério? Isso é um bônus!

Sandy está cofiando a barba, pensando.

E pensando.

— O que é? — pergunto.

— Bem, tem alguém. — Sandy arqueia as sobrancelhas. — Um mestre escultor. Um dos últimos vivos, talvez. Mas não, não acho que seja possível. — Ele despreza a ideia com uma das mãos. — Ele não ensina ninguém. Não faz exposições. Algo aconteceu com ele. Ninguém sabe o que foi, e, mesmo antes disso, ele não era o mais... humm, como posso dizer? — Ele olha para o teto e lá encontra a palavra certa. — Humano. — Sandy ri alto e começa a procurar alguma coisa numa pilha de revistas sobre a mesa. — Um escultor extraordinário e um baita palestrante. Eu o ouvi na faculdade, incrível, ele...

— Se não é humano, é o quê? — interrompo-o, intrigada.

— Na verdade... — Ele sorri para mim. — Acho que sua mãe o definiu melhor.

— Minha mãe? — Nem mesmo preciso do Dom Sweetwine para saber que isso é um sinal.

— Sim, sua mãe escreveu a respeito dele no *Art Tomorrow*. Engraçado. Estava lendo a entrevista outro dia mesmo. — Sandy folheia alguns exemplares da revista para a qual a mamãe costumava escrever, mas não encontra o que procura. — Ah, que seja — diz ele, desistindo. Ele se recosta na cadeira. — Deixe-me pensar... Quais foram as palavras dela? Ah, sim, ela disse: “Ele era o tipo de homem que entra numa sala e todas as paredes desabam”.

Um homem que entra numa sala e as paredes desabam?

— Qual o nome dele? — pergunto, sentindo-me um pouco ofegante demais.

Ele fica sério por um tempo, me estudando, e depois parece tomar uma decisão.

— Vou ligar para ele antes. Se der certo, você vai poder lhe fazer uma visita depois das férias de inverno. — Sandy escreve um nome e um endereço num pedaço de papel e o passa para mim. Sorrindo, ele diz: — Não diga que não foi advertida.



A vovó Sweetwine e eu estamos perdidas em pensamentos, incapazes de vermos qualquer coisa em meio à neblina, enquanto avançamos pelo nevoeiro até a Day Street, nas planícies interiores de Lost Cove, onde fica o estúdio de Guillermo Garcia. Esse é o nome do escultor que estava naquele papelzinho que Sandy me deu. Não quero esperar um sinal verde, quero apenas avançar.

Antes de deixar a escola, consultei o Grande Oráculo: o Google. Pesquisas pela internet são

melhores do que folhas de chá ou cartas de tarô. Você questiona: *Sou uma pessoa má? Esta dor de cabeça é sintoma de um tumor cerebral incurável? Por que o espírito da minha mãe não fala comigo? O que devo fazer quanto ao Noah?* Então você separa os resultados e encontra suas respostas.

Quando questiono *Devo pedir que Guillermo Garcia seja meu mentor?*, aparece um link para a capa da revista *Interview*. Eu clico. Encontro a fotografia de um homem sombrio e imponente, com olhos verdes radioativos e usando um boné de beisebol, diante da linda escultura romântica *O Beijo*, de Rodin. Na legenda, lê-se: *Guillermo Garcia: o astro* ^[2] *do mundo das esculturas*. Na capa da *Interview!* Parei ali mesmo porque meu coração disparou.

— Você parece um rufião vestida assim — diz a vovó Sweetwine, deslizando para ficar ao meu lado, a uns bons trinta centímetros do chão, empunhando uma sombrinha vermelha, sem se importar com o clima soturno. Ela está muito bem-vestida, como sempre, usando um Vestido Flutuante colorido que a faz se parecer com um pôr do sol, e enormes óculos escuros com armação de casco de tartaruga. Ela está descalça. Não se precisa muito de sapatos quando se plana no ar. Ela teve sorte nesse departamento.

Alguns visitantes do Além retornam com os pés virados para trás.

(Perturbador. Por sorte, os pés dela apontam para a direção certa.)

Ela continua:

— Você parece aquele cara, sabe, como ele se chama, meu docinho?

— Eminem? — pergunto, sorrindo. A neblina é tão espessa que tenho de caminhar com os braços esticados para não colidir com nenhuma caixa de correio, telefone público ou árvore.

— Sim! — Ela bate na calçada com a sombrinha. — Eu sabia que era alguém com um nome estranho. Ele mesmo. — A sombrinha está apontando para mim agora. — Todos aqueles vestidos que você guarda no seu quarto. É um absurdo. — Ela solta um daqueles seus longuíssimos suspiros. — E quanto aos pretendentes, Jude?

— Não tenho pretendentes, vovó.

— É exatamente o que eu quero dizer, querida — diz ela, depois gargalhando da própria piada.

Uma mulher passa por nós com suas crianças usando arreios de neblina, também conhecidos como coleiras, algo comum em Lost Cove durante os períodos de nevoeiro intenso.

Olho para meu uniforme da invisibilidade. A vovó não entende. Eu digo:

— Ficar com meninos é muito mais perigoso do que matar um grilo ou ter um pássaro voando dentro de casa. — Outros sérios prenúncios de morte. — Você sabe disso.

— Besteira. O que eu sei é que você tem uma invejável linha do amor na palma da sua mão, assim como seu irmão, mas até mesmo o destino precisa de um impulso às vezes. Pare de se vestir como um repolho gigante. E volte a usar cabelos longos, pelo amor de Deus.

— Você é muito superficial, vovó.

Ela bufã para mim.

Eu bufo para ela e depois viro a mesa.

— Não quero assustá-la, mas acho que seus pés estão começando a virar para trás. Você sabe o que eles dizem. Nada pior para a aparência do que pés virados para trás.

Ela engasga, olhando para baixo.

— Quer que uma mulher velha e morta sofra um infarto?!

Quando chegamos à Day Street, estou toda ensopada e tremendo. Noto uma igrejinha no fim do quarteirão, um lugar perfeito para me secar, me aquecer e pensar em como vou convencer Guillermo Garcia a me orientar.

— Vou esperar do lado de fora — diz a vovó. — Mas, por favor, não tenha pressa. Não se preocupe comigo aqui sozinha na neblina fria e úmida. — Ela me mostra os dedos nus dos dois pés. — Sem sapatos, sem dinheiro, morta.

— Sutil — digo, pegando o caminho que leva à igreja.

— Mande um abraço para Clark Gable — diz ela, enquanto eu abro a porta. Clark Gable é como ela carinhosamente chama Deus. Uma lufada de vento quente e de luz me envolve assim que entro na igreja. A mamãe adorava visitar igrejas, sempre levando a mim e Noah com ela, mas nunca quando havia missa ou culto. Ela dizia que só gostava de se sentar nos lugares sagrados. Eu também, agora.

Se você precisar de uma ajuda divina, abra um jarro num lugar de oração e o feche ao ir embora.

(A mamãe nos dizia que, às vezes, costumava se esconder de suas famílias temporárias em igrejas próximas. Suspeito de que ela precisasse de mais de um jarro de ajuda, apesar de ser quase impossível conseguir que ela falasse muito sobre aquela época de sua vida.)

Esta igreja tem uma bela nave de madeira escura e lindos vitrais com imagens de, parece, e é mesmo, Noé construindo a Arca, Noé recebendo os animais, Noé, Noé, Noé^[3]. Suspiro.

Sempre que há gêmeos, um deles é um anjo e o outro é um demônio.

Sento-me na segunda fileira. Enquanto esfrego meus braços com força para me aquecer, penso no que vou dizer a Guillermo Garcia. O que uma *Eu-Bolha Quebrada* diz para o *Astro do Mundo da Escultura*? Um homem que entra num ambiente e todas as paredes desabam? Como vou convencê-lo de que é absolutamente urgente que ele seja meu mentor? Que fazer essa escultura vai...

Um barulho parece explodir meus pensamentos, meu banco e minha pele, tudo ao mesmo tempo.

— Ah, que inferno, você me assustou! — A voz com um pronunciado sotaque britânico vem de um cara agachado no altar, pegando o castiçal que acabou de derrubar. — Ah, Cristo! Não acredito que disse “inferno” dentro da igreja. E, Cristo, acabei de dizer Cristo! Jesus! — Ele se levanta, coloca o castiçal sobre a mesa e depois sorri o sorriso mais torto que já vi, como se Picasso o tivesse feito. — Acho que estou condenado. — Há uma cicatriz zigzagueando do lado esquerdo do seu rosto e

outra entre a base do nariz e o lábio. — Bem, não importa — continua ele, sussurrando alto. — Sempre pensei que o Paraíso seria estranho mesmo. Todas aquelas insuportáveis nuvens fofas. E aquele branco todo. Todas aquelas pessoas boazinhas, certas de si e moralmente corretas. — O sorriso torto toma conta de todo o rosto dele. É um sorriso impaciente, meio diabólico e entredentes, num rosto assimétrico e desequilibrado. Ele tem uma aparência completamente maluca, atraente, de um jeito meio fora da lei, não que eu tenha notado.

Qualquer marca peculiar no rosto indica uma peculiaridade semelhante de comportamento.

(Humm.)

E de onde ele surgiu? Da Inglaterra, parece, mas ele simplesmente se teletransportou para cá no meio de um monólogo?

— Desculpe — sussurra ele, chamando minha atenção novamente. Percebo que ainda estou paralisada, com uma das mãos presa ao meu peito, e a boca aberta, surpresa. Rapidamente me arrumo toda. — Não quis assustar você — diz ele. — Achava que não houvesse mais ninguém aqui. Ninguém vem aqui. — Será que ele vem a esta igreja com frequência? Para se arrepender, provavelmente. Parece que ele tem muitos pecados, daqueles bem cabeludos. Ele aponta para uma porta atrás do altar. — Estava me esgueirando por aqui, tirando fotos. — Faz uma pausa, vira a cabeça e me estuda, curioso. Noto uma tatuagem azul saindo pelo colarinho dele. — Sabe de uma coisa? Você deve mesmo ficar quieta. Não para de falar e eu não consigo dizer nenhuma palavra.

Sinto um sorriso se insinuando no meu rosto, mas resisto, de acordo com os preceitos do boicote. Ele é charmoso, não que eu tenha notado isso também. Charmoso significa má sorte. Também não noto que a personalidade pecadora dele parece inteligente, nem que ele é alto, nem como seus cabelos castanhos desgrenhados caem sobre um dos olhos, nem a jaqueta preta de motociclista, perfeitamente gasta e muito legal. Ele carrega uma mochila toda gasta sobre um dos ombros, uma mochila cheia de livros — livros da faculdade? Talvez, com certeza no último ano, se ainda estiver no ensino médio. E ele tem uma câmera pendurada no pescoço que agora aponta para mim.

— Não — grito alto o bastante para destelhar a igreja, enquanto me escondo atrás do banco à minha frente. Devo estar parecendo um furão molhado. Não quero que esse cara tire uma foto minha parecendo um furão molhado. E, deixando a vaidade de lado:

Todas as fotos que tiram de você reduzem seu espírito e encurtam sua vida.

— Humm, tudo bem — sussurra ele. — Você é uma dessas pessoas que têm medo de que a câmera roube sua alma ou coisa assim. — Eu o encaro. Será que ele é versado nessas coisas? — De qualquer forma, por favor, fale baixo. Afinal, estamos numa igreja. — Ele sorri daquele seu jeito caótico, depois aponta a câmera para o teto de madeira e clica. Há ainda outra coisa que não estou notando: ele me parece familiar, como se tivéssemos nos conhecido antes, mas não faço ideia de onde ou quando.

Tiro meu chapéu e começo a passar os dedos pelos cabelos teimosos e negligenciados... como se eu não fosse uma menina com roupas de menino! No que estou pensando? Lembro-me de que ele está se decompondo como todos os outros seres vivos. Lembro-me de que sou uma *Eu-Bolha Quebrada*

seguidora da bíblia da vovó com tendências hipocondríacas e cujo único amigo é possivelmente uma invenção da minha imaginação. Desculpe, vovó. Lembro-me de que ele provavelmente significa mais azar do que todos os gatos pretos e espelhos quebrados combinados. Lembro-me de que algumas meninas merecem ficar sozinhas.

Antes de colocar meu chapéu na cabeça novamente, ele diz com uma voz normal, grossa e aveludada, não que eu tenha notado:

— Mudou de ideia? Por favor, mude. Vou ter de insistir nisso. — Ele está apontando a câmera para mim novamente.

Balanço a cabeça para indicar que não mudei de ideia de jeito nenhum. Coloco o chapéu na cabeça e o ajeito para baixo, praticamente sobre meus olhos, mas depois levo o dedo indicador aos lábios num sinal de *shhh*, que pode parecer um gesto de flerte para quem vê, mas por sorte não há outras pessoas para ver. Não consigo evitar. Não que eu vá vê-lo novamente.

— Certo, esqueci de onde estávamos por um momento — diz ele, sorrindo e voltando a sussurrar. Ele me estuda demoradamente, me deixando nervosa. É como estar sob um holofote. Na verdade, não tenho certeza se é permitido que ele me olhe desse jeito. Meu peito começa a zunir. — Que pena não poder tirar aquela foto — diz ele. — Espero que você não se importe com o que vou dizer, mas você parece um anjo sentada aí. — Ele fica sério, como se refletisse sobre o que disse. — Mas disfarçada, como se tivesse caído do Céu e pegado emprestadas as roupas de alguém.

O que se diz de uma coisa assim? Principalmente agora, quando o zunido no meu peito se transformou numa britadeira.

— De qualquer forma, não a culpo por ter abandonado os outros anjos. — Ele está sorrindo novamente e eu estou girando. — Provavelmente é mais interessante estar entre nós, pobres mortais, como eu disse antes. — Ele com certeza tem o dom da fala. Eu tinha também, antes, mas ele nunca saberá disso. Ele deve pensar que minha boca foi costurada.

Ah, droga. Ele está me olhando novamente daquele jeito, como se estivesse tentando ver o que há sob minha pele.

— Deixe — diz ele, a mão circundando as lentes. É mais uma ordem do que um pedido. — Só uma. — Há alguma coisa na voz dele, no olhar dele, em todo o seu ser, algo faminto e insistente, algo que está me deixando mais solta.

Faço que sim com a cabeça. Não acredito, mas estou concordando. Que se danem minha vaidade, meu espírito e minha idade.

— Tudo bem — digo, minha voz rouca e estranha. — Só uma. — É possível que ele tenha me encantado. Acontece. Há pessoas que são encantadoras. Está na bíblia.

Ele se agacha atrás de um banco da primeira fileira, gira as lentes algumas vezes, olhando pela câmera.

— Ah, meu Deus — diz ele. — Sim. Perfeito. Perfeito pra caralho.

Sei que ele está tirando centenas de fotografias, mas não me importo mais. Uma série de tremores quentes percorre meu corpo enquanto ele continua a clicar e a dizer: *Sim, obrigado, isto é totalmente*

incrível, perfeito, sim, sim, pare com isso, Deus, olhe só para você. É como se estivéssemos nos beijando. Nem imagino minha cara.

— Você é ela — diz ele finalmente, colocando a tampa sobre a lente. — Tenho certeza.

— Quem? — pergunto.

Mas ele não responde, só caminha pela nave até mim, uma caminhada preguiçosa e magra que me faz pensar no verão. Ele está completamente desenvolvido agora, tendo passado da marcha mais alta para o ponto morto assim que cobriu a lente. Ao se aproximar, vejo que tem um olho verde e o outro castanho, como se fossem duas pessoas numa só, duas pessoas muito intensas numa só.

— Bem — diz ele, ao meu lado. Ele para ali como se fosse dizer algo mais, tipo, eu esperava que ele explicasse o que quis dizer com “você é ela”, mas em vez disso ele simplesmente acrescenta:

— Vou deixá-la em paz — e aponta para Clark Gable.

Olhando para ele tão de perto, fico impressionada ao notar com toda a certeza que esta não é a primeira vez que pousei os olhos nesse cara completamente inacreditável.

Certo, eu notei mesmo.

Acho que ele vai estender a mão e me cumprimentar ou tocar meu ombro ou coisa assim, mas ele simplesmente segue pela nave. Viro-me e o observo caminhar como se tivesse pedaços de capim na boca. Ele pega um tripé que não notei ao entrar na igreja e o pendura no ombro. Ao sair pela porta, não se vira, mas ergue a mão livre no ar e acena como se soubesse que eu o estou observando.

E eu estou.



Saio da igreja alguns minutos mais tarde, sentindo-me mais quente, seca e como se eu tivesse escapado por pouco de alguma coisa. A vovó Sweetwine não está por perto.

Sigo pela rua, procurando pelo endereço do estúdio de escultura.

Para ser clara, no meu caso, caras como aquele são kriptonita, não que eu tenha conhecido um cara como aquele antes, um cara que me faça sentir como se estivesse sendo beijada, ou melhor, *consumida* do outro lado do ambiente. Ele nem pareceu notar que eu também estava desesperançada. Bem, estou e provavelmente permanecerei assim. Não posso baixar a guarda. Afinal, minha mãe tinha razão. Não quero ser *esse tipo de menina*. Não posso.

O que alguém lhe diz pouco antes de morrer se tornará realidade.

(Eu estava a caminho de uma festa e ela me disse: “Você quer mesmo ser *esse tipo de menina*?”, e apontou para meu reflexo no espelho. Foi na noite anterior à morte dela.)

Não foi a primeira vez que ela disse isso. *Você quer mesmo ser esse tipo de menina, Jude?*

Bem, é mesmo, eu queria, porque *esse tipo de menina* chamava a atenção dela. *Esse tipo de menina* chamava a atenção de todo mundo.

Principalmente a atenção de caras mais velhos, como Michael Ravens, conhecido como Zephyr, que me fazia desmaiar sempre que conversava comigo, sempre que me deixava pegar uma onda, sempre que me enviava uma mensagem de texto à noite, sempre que casualmente nos tocávamos durante uma conversa — acima de tudo, aquela vez em que ele colocou o dedo no anel de plástico da parte de baixo do meu biquíni e me puxou para poder sussurrar no meu ouvido: *Venha comigo*.

Eu fui.

Você pode dizer não, disse ele.

O hálito dele é quente, suas mãos gigantes sobre meu corpo, seus dedos em mim, a areia queimando nas minhas costas, minha tatuagem novíssima de querubim pegando fogo na barriga. O sol incendiando o céu. *Você pode dizer não, Jude*. Foi o que ele disse, mas parecia que estava dizendo o oposto. Parecia que ele pesava tanto quanto o oceano, como se a parte de baixo do meu biquíni já estivesse toda amassada na mão dele, como se eu estivesse sendo puxada por aquela onda que você espera que nunca vá atingi-lo, aquela onda que a afunda, rouba seu fôlego, deixa descontrolado, o desorienta totalmente e nunca o deixa voltar à superfície. *Você pode dizer não*. As palavras retumbam entre nós. Por que eu não disse não? Parecia que minha boca estava cheia de areia. Então o mundo todo se preencheu. Eu não disse nada. Pelo menos não em voz alta.

Tudo aconteceu rápido demais. Estávamos a algumas praias dos outros, escondidos das pessoas pelos rochedos. Minutos antes, conversávamos sobre surfe, sobre o amigo dele que fez minha tatuagem, sobre a festa à qual ele fora na noite anterior, onde eu me sentei no colo dele e bebi a primeira cerveja da minha vida. Eu tinha acabado de completar quatorze anos. Ele era quase quatro anos mais velho.

Então ele parou de falar e me beijou. Nosso primeiro beijo.

Eu o beijei também. Os lábios dele eram salgados. Ele cheirava a protetor solar de coco. Entre beijos, ele começou a mencionar meu nome como se fosse algo escaldante na boca. Então ele afastou os bojos da parte de cima do meu biquíni e engoliu em seco ao me encarar. Arrumei o tecido, não porque não queria que ele me olhasse daquele jeito, e sim porque queria, e aquilo me deixava envergonhada. Era a primeira vez que um cara me via sem sutiã ou coisa assim, e meu rosto pegou fogo. Ele sorriu. Suas pupilas se dilataram e seus olhos escureceram enquanto ele me deitava de costas na areia e lentamente afastava novamente a parte de cima do meu biquíni. Desta vez eu deixei. Deixei-o olhar para mim. Deixei que meu rosto pegasse fogo. Eu conseguia ouvir a respiração dele sobre o meu corpo. Ele começou a beijar meus seios. Eu não sabia direito se estava gostando. Então ele me beijou na boca com tanta força que mal consegui respirar. Foi quando os olhos dele deixaram de enxergar e suas mãos e mais mãos e mais mãos estavam por todos os lugares ao mesmo tempo. Foi quando ele começou a me dizer que eu podia dizer não, mas eu não disse. Então o corpo dele me apertava contra a areia quente, me soterrando. Eu continuava pensando que estava tudo bem. Eu consigo lidar com isso. Tudo bem, bem, bem. Mas não estava tudo bem, e eu não conseguia lidar com aquilo.

Eu não sabia que era possível ficar soterrada em meu próprio silêncio.

E foi quando aquilo terminou.

E foi quanto tudo terminou.

Tem mais, mas não vou entrar no assunto agora. Simplesmente saiba disso: cortei um metro de cabelos loiros e afastei os meninos para sempre porque depois do que aconteceu com Zephyr minha mãe morreu. *Logo depois*. Fui eu. Eu atraí esse azar.

Esse boicote não era um capricho. Para mim, meninos não cheiravam a sabonete ou xampu ou grama recém-cortada ou suor do treino de futebol ou protetor solar ou o oceano depois de passar horas em meio às ondas; eles tinham o cheiro da morte.

Eu bufo e jogo tudo isso pela porta dos fundos da minha mente com um chute bem dado, respiro fundo o ar úmido e começo a procurar o estúdio de Guillermo Garcia. É na mamãe que preciso pensar, e em fazer essa escultura. Vou desejar com minhas mãos. Vou desejar com força.

Pouco depois estou diante de um enorme armazém de tijolos à vista: Day Street, número 225.

A neblina mal se dissipou e o volume do mundo diminuiu — só eu é que estou com pressa.

Não há campainha na porta, ou melhor, havia uma campainha, mas ela foi desmontada ou carcomida por um animal selvagem, somente um punhado de fios desencapados. Quanta acolhida! Sandy não estava brincando. Cruzo os dedos da mão esquerda e bato na porta com a mão direita.

Nada.

Procuro pela vovó — queria que ela imprimisse e me entregasse sua agenda diária — e tento novamente.

Então bato uma terceira vez, mais hesitante, porque talvez não seja uma boa ideia. Sandy disse que esse escultor não é humano. Humm... Mas o que ele quis dizer com isso? E o que minha mãe disse sobre as paredes? Aquilo não soa, digamos, seguro, não é? Na verdade, no que é que estou pensando ao aparecer assim sem avisar? Antes mesmo de Sandy conversar com o escultor para ver se ele está disposto. E em meio a esta neblina, que é totalmente assustadora e fria e um mau presságio. Fico por ali, dou um pulinho no degrau, pronta para entrar no nevoeiro e desaparecer, quando ouço a porta se abrir um pouquinho.

Com aquele rangido de filme de terror.

Ali está um homem grande que esteve adormecido por vários séculos, emoldurado pela porta. Igor, acho, se ele/isto tivesse um nome, seria Igor. Os cabelos pendem em cachos de sua cabeça e culminam numa barba preta que se estende por todas as direções ao mesmo tempo.

A abundância de pelos faciais indica um homem de caráter ingovernável.

(Sem dúvida.)

As palmas das mãos dele são praticamente azuis, com calos grossos, como se ele tivesse passado a vida toda andando de cabeça para baixo. Não pode ser o mesmo cara da fotografia. Não pode ser Guillermo Garcia: *O Astro do Mundo da Escultura*.

— Desculpe — digo, rapidamente. — Não queria incomodá-lo. — Tenho de sair daqui. Quem quer que seja essa pessoa, *não quero ofender, mas* ele deve se alimentar de filhotinhos de cachorro.

Ele tira os cabelos dos olhos e a cor salta deles — um verde-claro que é quase fluorescente, como na fotografia. É ele. Todas as coisas me dizem para me virar e fugir, mas parece que não consigo desviar o olhar dele e, como o cara inglês, acho que ninguém ensinou a Igor que não é educado ficar encarando, porque estamos com os olhos fixos um no outro — nossos olhares estão grudados —, até que ele tropeça em coisa nenhuma e quase cai, segurando-se na porta para se manter de pé. Será que ele está bêbado? Respiro fundo e sinto um leve cheiro azedo de álcool.

Algo aconteceu com ele, dissera Sandy. *Ninguém sabe o que houve.*

— Tudo bem com o senhor? — pergunto, com uma voz quase inaudível. É como se ele tivesse perdido o prazo de validade.

— Não — responde ele, firmemente. — Não estou bem. — Um sotaque hispânico transparece nas palavras.

Fico surpresa com a resposta dele e me pego pensando: *Ah, nem eu, também não estou nada bem, não estou bem há muito tempo*, e tenho vontade de dizer isso em voz alta por algum motivo para esse cara louco. Talvez eu tenha perdido o prazo de validade, como ele.

Ele me olha como se estivesse estudando todo o meu ser. Sandy e a mamãe estavam certos. Esse cara não é normal. O olhar dele pousa novamente nos meus olhos — é como um eletrochoque, uma sacudidela no meu âmago.

— Vá embora — diz ele, vigorosamente, sua voz envolvendo todo o quarto. — Quem quer que você seja, o que quer que você queira, não volte aqui. — Então ele se vira trôpego, segura-se na maçaneta para se equilibrar e fecha a porta.

Fico ali por algum tempo, deixando que a neblina me apague pouco a pouco.

Então bato na porta novamente. Com força. Não vou embora. Não posso. Preciso fazer aquela escultura.

— É isso mesmo. — É a vovó na minha mente. — Essa é a minha menina.

Mas não é Igor quem abre a porta desta vez; é o menino inglês da igreja.

Caramba!

A surpresa faísca em seus olhos de cores diferentes quando ele me reconhece. Ouço o barulho de coisas caindo, se batendo e quebrando dentro do estúdio, como se alguns super-humanos estivessem disputando um concurso de lançamento de móveis.

— Não é uma boa hora — diz ele. Então ouço a voz de Igor em espanhol, enquanto ele parece lançar um carro pela sala, tamanho o barulho. O cara inglês olha para trás e depois novamente para mim, sua expressão selvagem agora preocupada. Toda aquela confiança quase arrogante dele, sua animação e seus flertes desapareceram. — Desculpe mesmo — diz ele, educadamente, como um mordomo inglês num filme, e depois fecha a porta na minha cara sem dizer mais nada.



Meia hora mais tarde, a vovó e eu estamos escondidas nos arbustos na praia, esperando para, se necessário, salvar a vida de Noah. A caminho de casa, depois de visitar o bêbado Igor, enquanto já planejava meu retorno, recebi uma mensagem de emergência de Heather, minha informante. Noah estará na Queda do Diabo em quinze minutos.

Não corro riscos quando se trata de Noah e o oceano.

A última vez que entrei no mar foi para tirá-lo de lá. Há dois anos, poucas semanas depois da morte da mamãe, ele se jogou da mesma Queda do Diabo, foi pego por um redemoinho e quase se afogou. Quando finalmente levei o corpo dele — duas vezes maior do que o meu, o peito imóvel como pedra e os olhos vazios — para a praia, a fim de ressuscitá-lo, estava tão furiosa com ele que quase o joguei de volta nas ondas.

Quando gêmeos se separam, seus espíritos fogem para encontrar o outro.

A neblina praticamente se dissipou aqui. Cercada pela água em três lados e por uma floresta, Lost Cove é o ponto extremo, o lugar mais a oeste que se pode alcançar antes de cair para fora do mundo. Procuo nossa casa vermelha em meio ao nevoeiro, uma das muitas casas decrepitas naquela direção, pendendo na beirada do continente. Antes eu amava morar em meio aos penhascos — surfava e nadava tanto que, mesmo quando estava fora da água, sentia o chão balançando sob meus pés como se estivesse num barco.

Verifico a saliência novamente. Nenhum sinal de Noah.

A vovó está me olhando por sobre seus óculos de sol.

— Uma dupla e tanto aqueles dois estrangeiros. O mais velho não tem nenhum parafuso no lugar certo.

— Nem me fale — digo, enfiando meus dedos na areia gelada. Como vou convencer aquele assustador, cabeludo e bêbado Igor a me orientar? E, se o convencer, como vou me afastar daquele inglês simplório e sem graça que transformou todo o meu autoboicote numa massa confusa em questão de minutos? E dentro de uma igreja?!

Um bando de gaivotas mergulha nas ondas, as asas abertas, gritando.

E, por algum motivo, eu queria não ter dito ao Igor que também não estava muito bem.

A vovó lança a sombrinha no ar. Olho para cima e vejo o disco rosa girando no céu azul. É como algo que Noah teria desenhado, quando ele desenhava.

— Você tem de fazer algo a respeito dele — diz ela. — Você sabe. Ele deveria ser o próximo Chagall, não um capacho. Você é responsável por seu irmão, querida.

É um dos refrãos dela. A vovó é como minha consciência, ou coisa parecida. Foi o que a psicóloga da escola disse sobre os espíritos da vovó e da mamãe, o que foi bastante astuto, considerando que não lhe contei muita coisa.

Certa vez ela me mandou fazer essa meditação guiada, na qual eu tinha de me imaginar caminhando pelo bosque, dizendo-lhe o que eu via. Eu via árvores. Mas então uma casa apareceu, só que não

havia como entrar nela. Não havia portas ou janelas. Tenso. Ela me disse que a casa era eu. A culpa é uma prisão, disse ela. Parei de me consultar com ela.

Só percebo que estou procurando lesões nas palmas das minhas mãos, bolhas chamadas dermatite serpigínea, quando a vovó me lança seu Olhar de Desprezo. É estonteante. Tenho quase certeza de que aprendi esse olhar com ela.

— Tênia — digo, inocentemente.

— Faça-nos um favor, sua mórbida — reprova ela. — Fique longe dos jornais médicos do seu pai. — Apesar de estar morta há três anos, a vovó só começou a me visitar há uns dois anos. Dias depois da morte da mamãe, tirei a velha máquina Singer do armário e, assim que a liguei e o zumbido da máquina de costura preencheu meu quarto, ali estava ela na poltrona ao meu lado, cheia de alfinetes na boca, como sempre, dizendo: *O ponto em zigue-zague é o melhor. Faz bainhas tão lindas. Espere só até você ver.*

Éramos parceiras de costura. E parceiras na procura pela sorte: trevos-de-quatro-folhas, passarinhos de bolacha-do-mar, vidro marinho vermelho, nuvens com forma de coração, os primeiros narcisos da primavera, joaninhas, senhoras com chapéus enormes. É melhor apostar em todos os cavalos, querida, dizia ela. *Rápido, faça um desejo.* Apostei. Desejei. Eu era a discípula dela. Ainda sou.

— Aqui estão eles — eu lhe digo, e meu coração começa a disparar no meu peito, ansioso pelo salto.

Noah e Heather estão na beira do penhasco, olhando a espuma branca das ondas. Ele está usando traje de banho e ela, um casaco azul comprido. Heather é uma ótima informante porque nunca se afasta do meu irmão. Ela é como o animalzinho de estimação dele, um ser gentil, estranho e animado que certamente tem uma unidade de armazenamento por aí, cheia de pó de fada. Já faz algum tempo que assinamos esse Acordo para Impedir que Noah Se Afogue. O problema é que ela não é nenhuma salva-vidas. Heather nunca entra na água.

Pouco depois, Noah está voando, com os braços abertos como se estivesse numa cruz. Sinto o efeito da adrenalina.

E então acontece o de sempre: *ele vai mais devagar.* Não sei explicar, mas meu irmão demora muito para alcançar a superfície da água. Pisco os olhos algumas vezes ao vê-lo suspenso no ar como se estivesse preso a uma corda. Acho que ou ele sabe lidar com a gravidade ou me faltam muitos parafusos. Li certa vez que a ansiedade pode alterar significativamente a percepção espaço-tempo.

Geralmente, ao saltar, Noah se volta para o horizonte, e não para a praia, por isso nunca tive uma visão frontal do meu irmão caindo no ar. O pescoço dele está arqueado, o peito, estufado para a frente, e eu sei, mesmo distante, que ele tem a expressão toda aberta, do jeito que era antes, e agora ele levanta os braços como se estivesse tentando segurar todo o céu com a ponta dos dedos.

— Olhe só para isso — diz a vovó, a voz dela marcada pelo espanto. — Aí está ele. Nosso menino voltou. Ele está no céu.

— Ele se parece com um de seus desenhos — sussurro.

Será por isso que ele insiste em saltar? Para se transformar, por um instante, no que costumava ser? Porque a pior coisa que podia ter acontecido a Noah aconteceu. Ele se tornou uma pessoa normal. Ele tem todos os parafusos no lugar.

Exceto por isso. Sua fixação em se lançar da Queda do Diabo.

Finalmente Noah atinge a água sem respingos, como se não tivesse ganhado velocidade na descida, como se tivesse sido cuidadosamente colocado na superfície da água por um gigante. E então ele mergulha. Eu lhe digo: *chega*, mas nossa telepatia de gêmeos há muito desapareceu. Quando a mamãe morreu, ele se desligou de mim. E agora, por causa de tudo o que aconteceu, nós nos evitamos — pior, nós nos repelimos.

Vejo seus braços se debatendo. Ele está em apuros? A água deve estar muito gelada. Ele não está usando a sunga na qual costurei ervas de proteção. Certo, ele está nadando agora em meio ao caos das correntes que cercam o penhasco... E então ele está fora de perigo. Bufo alto, só então percebendo que eu estava prendendo a respiração.

Eu o observo sair para a praia e o nevoeiro com a cabeça baixa, os ombros encolhidos, pensando só Clark Gable sabe em quê. Não resta nenhum sinal do que acabei de ver na expressão dele, no seu ser. A alma de Noah voltou para a trincheira.

É isso o que eu quero: quero pegar meu irmão pela mão e voltar no tempo, descartando os anos como se fossem casacos que caem de nossos ombros.

As coisas não acontecem como você imagina.

Para reverter o destino, fique de pé num descampado, com uma faca apontada na direção do Vento.

NOAH | 13 ANOS E MEIO

O Nível de Ameaça de Terror na Vizinhança cai enquanto, com o binóculo do papai, vasculho do bosque à rua da nossa casa o nevoeiro e o oceano ao fundo. Estou no telhado, o melhor local de vigilância, e Fry e Zephyr estão nadando em meio às ondas sobre suas pranchas. Sei que são eles por causa do sinal que brilha no alto da cabeça deles, no qual se lê: *Babacas Sociopatas de Cérebros Fervidos e Olhos de Cebola*. Que bom. Tenho de descer até a CSA dentro de uma hora, e agora posso ir pelas ruas em vez de cortar caminho pelos bosques, tentando desviar de Fry. Zephyr, por algum motivo (a fim de Jude? O pênis de concreto?), me deixa em paz agora, mas aonde quer que eu vá lá está Fry, como um cachorro louco diante de um monte de carne. Jogar-me pela Queda do Diabo é a obsessão dele neste verão.

Mentalmente envio um cardume de tubarões-brancos famintos na direção deles, depois encontro Jude na praia e aproximo a imagem. Ela está cercada pelo mesmo grupo de meninas com as quais passou a primavera toda e até agora no verão, em vez de ficar comigo. Meninas-vespas lindas com biquínis coloridos e bronzeados que brilham a quilômetros. Sei tudo sobre vespas. Se uma delas envia um sinal de perturbação, isso pode dar início a um ataque do enxame todo. Isso pode ser mortal para pessoas como eu.

A mamãe diz que a Jude age assim por causa dos hormônios, mas sei que é porque ela me odeia. Ela deixou de ir aos museus com a gente há muito tempo, o que talvez até seja bom, uma vez que, quando ela nos acompanhava, sua sombra insistia em tentar estrangular a minha. Vi isso acontecendo nas paredes e no chão. Às vezes, surpreendo a sombra dela rondando minha cama à noite, tentando tirar os sonhos da minha mente. Sei muito bem o que ela faz em vez de ir aos museus. Por três vezes, encontrei chupões no pescoço dela. *Picadas de insetos*, disse ela. Claro. Espiando, ouvi dizer que ela e Courtney Barrett têm ido de bicicleta até o calçadão nos fins de semana, e lá elas disputam quem beija mais meninos.

(Retrato: *Jude Trançando Meninos e Mais Meninos em Seus Cabelos*.)

A verdade é que Jude não precisa mandar a sombra dela me perseguir. Ela pode muito bem levar a mamãe até a praia e lhe mostrar as mulheres voadoras de areia antes que a maré as destrua. Isso mudaria tudo. Não que eu queira.

Nem um pouco.

Outro dia, eu a estava vendo criar outra escultura em meio à neblina. Ela estava no lugar dela, a três prainhas de distância. Desta vez era uma mulher gorda em baixo-relevo, como sempre, só que metade dela era um pássaro — tão inacreditável que fez minha mente vibrar. Fiz uma imagem com a

câmera do papai, mas algo realmente terrível e larval subiu no meu corpo e, enquanto a Jude se afastava, saindo do meu campo de visão e audição, eu desci o penhasco e saí correndo pela areia. Gritando como um bugio — o grito dos bugios é épico —, bati na linda mulher-pássaro com todo o meu corpo, tropeçando e chutando o vácuo. Não pude nem mesmo esperar que a maré destruísse a escultura desta vez. Tinha areia em todos os lugares, nos meus olhos e ouvidos e na minha garganta. Ainda encontrei areia nos dias seguintes na minha cama, nas roupas, sob minhas unhas. Mas eu tinha de fazer aquilo. Foi bom demais.

E se a mamãe saiu para caminhar e a viu?

Porque e se for Jude quem tem talento? E por que não? Ela surfa em ondas tão grandes como casas e passa por cima de tudo. Ela é popular e tem amigos, e o papai e o Dom dos Sweetwine e guelras e barbatanas, além de pulmões e pés.

Ela transpira luz. Eu transpiro escuridão.

(Retrato, autorretrato: *Gêmeos: O Raio de Luz e o Raio de Escuridão.*)

Ah, meu corpo fica tenso como uma toalha torcida só de pensar nisso.

E em todas as cores irradiando de tudo.

(Autorretrato: *O Noah Cinza Comendo Maçãs Cinza no Gramado Cinza.*)

Subo novamente a colina agora sem cor, até a van agora sem cor, estacionada diante da casa agora sem cor...

— Onde está o Ralph? Onde é que está o Ralph? — grita o papagaio Profeta, na casa vizinha.

— Não sei, cara. Parece que ninguém sabe — digo baixinho, enquanto presto atenção aos funcionários da empresa de mudança, os mesmos dois caras de ontem (*não* sem cor, ah, cara, de jeito nenhum), cavalos, já decidi, um castanho e o outro palomino. Eles estão carregando um piano preto para dentro da casa. Aproximo a imagem até conseguir ver o suor na testa deles, escorrendo pelo pescoço, criando áreas transparentes em suas camisetas molhadas que se grudam às peles deles... Esse binóculo é incrível. Uma porção bronzeada do estômago lisinho do cavalo castanho aparece sempre que ele ergue os braços. Ele é mais escultural do que o próprio *Davi*. Sento-me, apoio os cotovelos nos joelhos dobrados e observo e observo, a sensação sedenta tomando conta de mim. Agora eles estão levando um sofá escada acima...

Mas então deixo o binóculo de lado porque, no telhado da casa que estou espiando, há um menino apontando um telescópio na *minha* direção. Há quanto tempo ele está ali? Eu o espio em meio aos cabelos que caem sobre meus olhos. Ele está usando um chapéu esquisito, um daqueles chapéus de velhos filmes de gângster, e cabelos claros de surfista saem por baixo do chapéu. Maravilha, outro surfista. Mesmo sem o binóculo, vejo que ele está rindo. Rindo de mim? Já? Será que ele sabe que estou observando os funcionários da mudança? Será que ele acha...? Ele deve, ele deve. Ajeito-me, o medo entalando na garganta. Mas talvez não. Talvez ele estivesse apenas rindo no sentido de oi-sou-o-cara-novo. Talvez ele ache que eu estava admirando o piano. E surfistas babacas geralmente não usam telescópio, não é? E aquele chapéu?

Levanto-me, olhando enquanto ele tira algo do bolso, joga o braço para trás e depois lança sabe-se

lá o quê por sobre a casa que nos separa. Uau. Abro a mão e, ao fazer isso, alguma coisa cai com força na palma. Acho que abriu um buraco na minha mão e quebrou meu pulso, mas não recuo.

— Bela pegada — grita ele.

Ah! É a primeira vez que alguém diz essas palavras para mim nesta vida. Queria que o papai tivesse ouvido. Queria que um repórter do *Lost Cove Gazette* tivesse ouvido. Tenho alergia a pegar coisas no ar, lançar, chutar e driblar. *Noah não joga em equipe*. Bem, dã. Revolucionários não jogam em equipe.

Estudo a rocha preta e lisa na minha mão. Ela tem o tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos e fissuras por toda a superfície. O que devo fazer com ela? Olho para o menino. Ele está redirecionando o telescópio para cima. Não sei dizer que animal ele é. Talvez um tigre-de-bengala branco, com aqueles cabelos? E o que ele está olhando? Nunca me ocorreu que as estrelas estão lá no alto, brilhando até mesmo durante o dia, mesmo que não possamos vê-las. Ele não se vira para mim novamente. Guardo a pedra no meu bolso.

— Onde está o Ralph? — ouço ao descer rapidamente a escada ao lado da casa. Talvez *ele* seja Ralph, acho. Finalmente. *Tem* de ser isso.

Corro pela rua para entrar no bosque até a CSA finalmente, porque estou envergonhado demais para passar pelo menino novo. Além disso, agora que a cor voltou a tomar conta de tudo, é sobrenaturalmente maravilhoso estar entre as árvores.

As pessoas acham que elas é que mandam, mas estão enganadas: são as árvores.

Começo a correr, a me transformar em ar, o azul tomando conta do céu, adernando na minha direção enquanto eu afundo no verde, tons e mais tons de verde, se misturando e se transformando em amarelo, um amarelo-vivo, depois batendo de cabeça nos pelos roxos punk dos tremoceiros: em todos os lugares. Eu absorvo tudo, tudo mesmo, tudo, tudo (Autorretrato: *Menino Detona Granada de Maravilhamento*), ficando feliz agora, o menino ofegante que faz com que você sinta que tem mil vidas espremidas dentro da vida miserável e, antes que eu perceba, estou na CSA.

Quando a escola fechou, há duas semanas, comecei a fazer o reconhecimento daqui, espiando pelas janelas sem que houvesse ninguém por perto. Tinha de ver as obras dos alunos, tinha de descobrir se eram melhores do que as minhas, tinha de saber se tinha mesmo chance. Nos últimos seis meses, permaneci na escola quase todos os dias, praticando pintura a óleo com o Sr. Grady. Acho que ele quer que eu entre na CSA tanto quanto a mamãe e eu mesmo queremos.

Mas as obras de arte devem estar guardadas, porque durante todas as minhas espionagens não vejo nenhuma pintura. Deparei-me, contudo, com uma aula de desenho com modelo vivo sendo ministrada num dos estúdios do campus principal — um prédio com um dos lados envolto por árvores grossas e antigas. Um milagre! Afinal, o que me impediria de fazer esse curso? De outra forma, sabe, do outro lado da janela aberta?

Então, aqui estou eu. Até agora, nas duas aulas havia uma moça nua com seios pontudos posando numa plataforma. Praticamos desenho rápido dela a cada três minutos. Muito legal, mesmo que eu tenha de ficar na ponta dos pés para vê-la e depois me agachar para desenhá-la, mas que se dane. O mais importante é que consigo ouvir o professor, e já aprendi uma forma completamente nova de

segurar o carvão, então é como desenhar com um motorzinho.

Hoje sou o primeiro a chegar, então espero o início da aula, minhas costas contra o prédio quente, o sol me aquecendo através de um buraco nas árvores. Tiro a pedra preta do bolso. Por que o menino do telhado me deu isso? Por que ele estava sorrindo para mim daquele jeito? Não pareceu maldade, não mesmo; pareceu... Um barulho interrompe meus pensamentos, um barulho muito humano de galhos se partindo: passos.

Estou prestes a voltar para o bosque quando, em minha visão periférica, percebo uma espécie de movimento do outro lado do prédio e depois ouço os mesmos sons de galhos se partindo enquanto os passos recuam. Onde não havia nada, agora há um saco no chão. Estranho. Espero um pouco, depois vou até o outro lado do prédio e espio pelo canto: ninguém. Volto ao saco, desejando ter visão de raio X, me abaixo e, com uma das mãos, abro-o. Há uma garrafa dentro dele. Eu a tiro. Gin Sapphire, pela metade. A bebida de alguém. Rapidamente a guardo no saco, coloco-o no chão e volto para meu lugar na lateral do prédio. Oi? Não vou ser pego com aquilo e impedido de entrar na CSA.

Espiando pela janela, vejo que todos estão ali agora. O professor, que tem uma barba branca e segura a barriga inchada ao falar, está perto da porta com um aluno. O restante da turma está sentado com seus blocos em cavaletes. Eu também estava preparado. Eles nem mesmo precisavam acender as luzes da escola. Todos os alunos têm aquele sangue que brilha. Todos revolucionários. Uma sala cheia de Bolhas. Nenhum babaca ou cabeça de vaselina ou vespa entre eles.

A cortina em volta da área do modelo nu se abre e um cara alto usando um roupão azul aparece. Um *cara*. Ele abre o roupão, pendura-o num cabide, caminha nu até a plataforma, sobe o degrau, quase cai e depois parece fazer uma piada, porque todo mundo ri. Não ouço a piada por causa da tempestade que retumba no meu corpo. Ele está *tão* nu, muito mais nu do que a modelo das aulas anteriores. E, ao contrário da moça, que se sentava e cobria partes do corpo com os braços magros, este cara está de pé na plataforma, as mãos na cintura, como numa pose de desafio. Meu Deus. Não consigo respirar. Então alguém diz alguma coisa que não ouço, mas que faz o modelo sorrir, e, quando ele sorri, é como se todos os traços dele mudassem e se misturassem no rosto mais desordenado que já vi. Um rosto num espelho quebrado. Uau.

Apoio meu bloco contra a parede, segurando-o no lugar com o joelho e a mão direita. Quando minha mão esquerda finalmente para de tremer, começo a desenhar. Mantenho os olhos grudados nele, sem olhar o que estou fazendo. Trabalho em seu corpo, sentindo as linhas e curvas, os músculos e ossos, sentindo cada partezinha dele viajar dos meus olhos para meus dedos. A voz do professor soa como ondas na praia. Não ouço nada... até que o modelo fala. Não sei se são dez minutos ou meia hora mais tarde.

— Que tal um intervalo? — pergunta ele.

Percebo um sotaque britânico. Ele alonga os braços e as pernas. Faço o mesmo, percebendo como estava travado, como meu braço direito estava amortecido, como estive me equilibrando numa perna só, como meu joelho está doendo e adormecido por ter ficado apoiado contra a parede. Eu o observo ir até o vestiário um tanto cambaleante, e só então me ocorre que aquele saco com a garrafa pertence a ele.

Um minuto mais tarde, ele atravessa a sala de roupão, rumo à porta — ele escorre feito cola. Fico

imaginando se ele estuda numa faculdade aqui por perto, como o professor disse que a moça estudava. Ele parece mais novo do que ela. Tenho certeza de que ele vem pegar o saco antes mesmo de sentir o cheiro do cigarro e de ouvir os passos dele. Penso em recuar até o bosque, mas estou paralisado.

Ele aparece e imediatamente se abaixa, as costas deslizando pelo prédio, sem me notar ali de pé a poucos metros. O roupão azul dele brilha sob o sol como se fosse de um rei. Ele joga o cigarro no chão e depois abaixa a cabeça e a segura com as mãos — espere aí, o que é isso? E então eu vejo. Essa é a pose verdadeira, cabeça nas mãos com a tristeza saltando dele e vindo na minha direção.

(Retrato: *Menino Sopra a Poeira.*)

Ele pega o saco, tira a garrafa de dentro e a abre, depois começa a beber com os olhos fechados. Não é possível que se beba álcool desse jeito, como se fosse suco de laranja. Sei que não deveria ficar olhando, sei que estou invadindo. Não movo um só músculo, com medo de que ele perceba minha presença e note que o estou observando. Vários segundos se passam com ele segurando a garrafa contra a cara, como uma compressa, os olhos ainda fechados, o sol iluminando-o como se ele fosse o Escolhido. Ele bebe mais um gole, abre os olhos e vira a cabeça na minha direção.

Ergo os braços para me proteger do olhar dele, que recua, assustado:

— Jesus! — diz ele. — De onde é que você veio?

Não encontro palavras.

Ele se recompõe rapidamente.

— Você quase me mata de medo, cara — diz ele. Depois ri e soluça ao mesmo tempo. Ele vê meu bloco de desenho apoiado contra a parede, o desenho dele exposto. Ele tampa a garrafa.

— O gato mordeu sua língua? Ah, espere um pouco... Norte-americanos dizem isso?

Faço que sim.

— Certo. Bom saber. Estou aqui há poucos meses. — Ele se levanta, usando a parede como apoio. — Então, vamos dar uma olhada — diz ele, caminhando trôpego na minha direção. Ele pega um cigarro do maço que está no bolso do seu roupão. A tristeza parece ter evaporado dele. Noto algo incrível.

— Seus olhos são de cores diferentes — digo. Como os de um husky siberiano!

— Maravilha! Ele fala! — diz ele, sorrindo de um jeito que aquela confusão toma conta de seu rosto novamente. Acende o cigarro, traga profundamente e solta a fumaça pelo nariz, como um dragão. Ele aponta para os próprios olhos e diz: — Heterocromia ocular; eu teria sido queimado vivo com aquelas bruxas, acho. — Quero dizer que isso é incrivelmente legal, mas claro que não digo nada. Só consigo pensar que o vi nu, *ele*. Rezo para que meu rosto não esteja tão vermelho quanto está quente. Ele meneia a cabeça na direção do meu bloco. — Posso?

Hesito, com medo de ele ver o desenho.

— Vá pegá-lo, então — diz ele, gesticulando para que eu pegue o bloco. Ele fala como se cantasse. Pego o bloco e o entrego para o homem, querendo explicar a posição de polvo que tive de

usar por não ter um cavalete, que mal olhei para baixo ao desenhar, que sou uma porcaria. Que meu sangue não tem brilho algum. Engulo em seco e não digo nada. — Muito bom — diz ele, com entusiasmo. — Muito, muito bom. — Parece estar sendo sincero. — Não pode pagar pelas aulas de verão? — pergunta ele.

— Não estudo aqui.

— Pois deveria — diz ele, o que deixa meu rosto ainda mais quente. Ele apaga o cigarro contra a parede do prédio, provocando uma chuva de faíscas vermelhas. Com certeza ele não é daqui. Estamos na estação de incêndios florestais. Tudo está prestes a pegar fogo. — Vou ver se consigo um cavalete para você no meu próximo intervalo. — Ele guarda o saco perto de uma pedra. Depois, estende a mão e aponta o dedo indicador para mim. — Se você não disser nada, eu não digo nada — propõe, como se agora fôssemos aliados. Faço que sim, sorrindo. Os ingleses não são nada babacas. Vou ter de me mudar para lá. William Blake era inglês. O maluco-e-melhor-pintor-do-mundo Francis Bacon também. Eu o observo se afastar, o que demora muito por causa do seu passo bêbado, e quero dizer mais alguma coisa para ele, mas não sei o quê. Antes que ele dê a volta no prédio, penso em alguma coisa:

— Você é artista?

— Sou uma confusão, é isso o que sou — diz ele, segurando-se no prédio a fim de encontrar apoio. — Uma confusão insuportável. Você é o artista, cara. — E então desaparece.

Pego o bloco e olho o desenho que fiz dele, seus ombros largos, sua cintura fina, pernas longas e os pelinhos em seu umbigo que descem, descem, descem.

— Sou uma confusão insuportável — digo em voz alta com o sotaque dele, sentindo vertigem. — Sou um maldito artista, cara. Uma confusão. — Digo isso mais algumas vezes, mais alto e com muito mais vontade, depois percebo que estou falando com sotaque britânico para um monte de árvores, e volto ao meu lugar.

Durante a sessão seguinte, ele olha algumas vezes para mim e pisca, porque somos conspiradores agora! E, no intervalo, me traz um cavalete e um banquinho para que eu o veja melhor. Monto tudo — é perfeito — e depois me apoio contra a parede ao lado dele, que bebe da garrafa e fuma. Sinto-me muito bem, como se estivesse usando óculos de sol. Somos camaradas, somos *amigos*, apesar de ele não me dizer nada desta vez, absolutamente nada, e os olhos dele ficarem nublados e turvos. É como se ele estivesse derretendo numa poça de si mesmo.

— Você está bem? — pergunto.

— Não — responde ele. — Nada bem. — Depois joga o cigarro aceso num pedaço de grama seca antes de se levantar e se afastar sem se virar nem se despedir. Apago o fogo com o pé, sentindo-me tão triste quanto havia me sentido tonto antes.

Com o novo banquinho, posso ver igualmente os pés de todo mundo, então testemunho com detalhes o que acontece em seguida. O professor recebe o modelo na porta e gesticula para ele sair para o corredor. Quando o inglês volta, está de cabeça baixa. Atravessa a sala até a área que serve como vestiário e, ao sair de lá todo vestido, parece ainda mais perdido e triste do que no intervalo anterior. Ele não olha nenhuma vez para os estudantes ou para mim ao sair da sala.

O professor explica que o modelo estava bêbado e que ele não será mais modelo na CSA, que a CSA tem uma política de tolerância zero, blá-blá-blá. Ele nos manda terminar nossos desenhos de memória. Espero um pouco para ver se o inglês vai voltar, pelo menos para pegar a garrafa. Mas ele não volta, e eu escondo o cavalete e o banquinho em meio a alguns arbustos para a semana que vem, e volto para casa pelo bosque.



Depois de alguns passos, vejo o menino do telhado apoiado contra uma árvore, o mesmo risinho, o mesmo chapéu verde-escuro agora girando em sua mão. Os cabelos dele são uma fogueira de luz branca.

Fecho e abro os olhos porque às vezes vejo coisas demais.

Pisco imóvel. Depois, para confirmar mesmo a existência dele, ele fala.

— Como foi a aula? — pergunta, como se não houvesse nada de estranho na sua presença ali, nada de estranho no fato de eu desenhar do lado de fora da sala de aula, nada de estranho no fato de não nos conhecermos e mesmo assim ele estar sorrindo para mim, nada de estranho que ele tenha me seguido, porque não há outra explicação para o fato de ele estar ali diante de mim. Como se ouvisse meus pensamentos, ele diz:

— É, cara, eu segui você, queria conhecer o bosque, mas estava ocupado com as minhas coisas. — Ele aponta para uma mala aberta cheia de pedras. Ele coleciona pedras? E as carrega por aí numa mala? — Minha mala de meteoritos ainda está cheia — diz ele, e eu faço que sim como se isso explicasse alguma coisa. Meteoros estão no céu, e não na Terra? Olho para ele com mais atenção. É um pouco mais velho do que eu, mais alto e maior. Percebo que não tem a menor ideia de que cor eu usaria para retratar seus olhos. Absolutamente nenhuma. Hoje com certeza é o dia das pessoas com olhos incríveis. Os olhos dele são de um castanho-claro, quase amarelo, ou talvez cor de cobre, e todo salpicado de verde. Mas só se podem ver sinais de cor porque ele semicerra os olhos, o que combina com seu rosto. Talvez não seja um tigre-de-bengala branco...

— Você sempre encara os outros assim? — pergunta ele.

Abaixo a cabeça, envergonhado, um absurdo idiota-pênis-de-baleia, meu pescoço pinicando e quente. Começo a criar uma pirâmide de folhas de pinheiro com o pé.

— Bem, você provavelmente se acostumou a encarar as pessoas assim ao ficar olhando aquele bêbado durante tanto tempo hoje. — Levanto a cabeça. Ele esteve me espiando o tempo todo? Ele está olhando meu bloco de desenhos com curiosidade. — Ele estava nu? — O menino respira fundo ao dizer isso, o que faz meu estômago cair no chão. Tento parecer calmo. Penso nele me vendo observando os funcionários da empresa de mudanças, nele me seguindo até aqui. Ele olha meu bloco mais uma vez. Será que ele quer que eu lhe mostre os desenhos nus do inglês? Acho que sim. E eu quero mostrar. Muito. Uma tempestade de calor, muito mais intensa do que a anterior, está tomando conta de mim. Tenho quase certeza de que fui abduzido e que meu cérebro não me controla mais. São aqueles estranhos olhos cor de cobre semicerrados dele. Eles estão me hipnotizando. Então o menino sorri, mas com apenas metade da boca, e noto um espacinho entre seus dentes da frente, algo também

muito legal num rosto. Ele diz com uma risada na voz: — Olhe só, cara, não sei como voltar para casa. Tentei e acabei aqui. Estou esperando que você me mostre o caminho. — Ele coloca o chapéu.

Aponto na direção que precisamos seguir e obrigo meu corpo abduzido a começar a andar. Ele pega a mala cheia de pedras (como é?), segura-a pela alça e me segue. Tento não olhar para ele enquanto caminhamos. Quero me livrar dele. Penso. Mantenho os olhos nas árvores. Árvores são seguras.

E silenciosas.

E não querem que eu lhes mostre imagens de nus no meu bloco!

É um caminho longo, na maior parte uma subida, e a cada minuto menos luz penetra pelo bosque. Ao meu lado, mesmo com sua mala cheia de pedras, que deve ser pesada, porque ele a troca de um braço para o outro, o cara me acompanha sob a aba do chapéu, como se suas pernas fossem de mola.

Depois de um tempo, as árvores me deixam mais à vontade.

Ou talvez tenha sido ele.

Porque na verdade não é horrível nem nada caminhar com ele.

Ele pode até mesmo ter uma espécie de Reino da Calma ao redor de si — talvez ele emita essa energia com o dedo —, porque, sim, sinto-me relaxado agora, quero dizer, sobrenaturalmente relaxado, como manteiga derretida. Isto é extremamente estranho.

Ele insiste em recolher pedras, examinando-as e, depois, jogando-as fora ou guardando-as no bolso do moletom, que começa a ficar inchado com o peso. Fico esperando enquanto ele recolhe as pedras, querendo perguntar o que está procurando. Querendo perguntar por que ele me seguiu. Querendo perguntar sobre o telescópio e se é possível ver estrelas durante o dia. Querendo perguntar de onde ele veio, qual o seu nome, se ele surfa, qual a idade dele e em que escola estudará no outono. Algumas vezes tento formular uma pergunta de modo que ela soe casual e normal, mas sempre as palavras ficam entaladas na minha garganta e não saem. Por fim, desisto e pego meus pincéis invisíveis e simplesmente começo a pintar em minha mente. É quando me ocorre que talvez as pedras sejam pesadas demais e por isso ele não levita...

Caminhamos e caminhamos sob o pôr do sol cinzento, e o bosque começa a adormecer. As árvores estão dispostas lado a lado, o riacho hesita, as plantas mergulham novamente na terra, os animais trocam de lugar nas sombras, assim como nós.

Quando saímos do bosque e alcançamos a rua, ele se vira repentinamente.

— Caralho! Nunca caminhei tanto assim sem falar. Na vida! Estava prendendo a respiração! Estava disputando comigo mesmo. Você é sempre assim?

— Assim como? — pergunto, a voz arrastada.

— Cara! — grita ele. — Sabia que estas são as primeiras palavras que você disse? — Não sabia. — Cara. Você é tipo o Buda ou coisa assim. Minha mãe é budista. Ela frequenta aqueles retiros de silêncio. Ela deveria ficar com você. Ah, sem contar, claro, aquela coisa de “sou um artista, uma confusão insuportável, cara”. — Ele diz a última parte com um pesado sotaque inglês e depois cai na

gargalhada.

Ele me ouviu conversando com as árvores! Tanto sangue está sendo bombeado para a minha cabeça que talvez ela exploda. Todo o silêncio da nossa caminhada sai borbulhando enlouquecidamente dele agora, e dá para ver que ele é alguém que ri muito, pelo jeito como a gargalhada toma conta dele com tanta facilidade, iluminando-o todo, e, apesar de ele estar rindo de mim, estou me sentindo bem, aceito e um pouco zozzo à medida que a risada começa a me contaminar também. Quero dizer, foi incrivelmente engraçado, eu ali falando sozinho com sotaque britânico daquele jeito, e depois ele repete com um sotaque ainda mais marcante:

— Sou um artista.

— Sou uma confusão insuportável — eu digo, e algo cede, e estou dando gargalhadas, e ele repete, e eu digo, e estamos nós dois rindo, nos contorcendo, e leva muito tempo para nos acalmarmos porque, sempre que um de nós se acalma, o outro diz: “Sou uma confusão insuportável, cara”, e a coisa toda recomeça.

Quando finalmente nos recompomos, percebo que não tenho a menor ideia do que acabou de me acontecer. Nada disso jamais me aconteceu. Sinto que acabei de voar ou coisa assim.

Ele aponta para meu bloco de desenho.

— Então acho que você só conversa com seus desenhos, não é?

— Praticamente — digo. Estamos sob um poste de iluminação e tento não ficar encarando-o, mas é difícil. Queria que o mundo parasse como um relógio para que eu pudesse olhar para ele quanto quisesse. Alguma coisa está acontecendo no rosto dele agora, algo muito brilhante tentando transparecer, uma represa contendo toda uma parede de luz. A alma dele deve ser um sol. Nunca conheci ninguém que tivesse alma de sol.

Quero falar mais para que ele não vá embora. Sinto-me *tão* bem, uma sensação boa daquele tipo verde.

— Eu pinto na minha cabeça — digo. — Estava pintando assim o tempo todo. — Nunca contei a ninguém que faço isso, nem mesmo para a Jude, e não sei por que estou lhe contando isso. Nunca deixei ninguém entrar no museu invisível antes.

— O que você estava pintando?

— Você.

A surpresa o deixa de olhos arregalados. Eu não deveria ter dito isso. Não pretendia dizer, simplesmente saiu. O ar parece frágil agora, e o sorriso dele desapareceu. A poucos metros, minha casa é um farol. Antes que eu mesmo perceba, saio correndo pela rua, uma sensação incômoda no meu estômago, como se tivesse arruinado tudo — a última pincelada que *sempre* destrói a pintura. Ele provavelmente vai tentar me jogar da Queda do Diabo amanhã com Fry. Ele provavelmente vai pegar aquelas pedras e...

Quando alcanço a porta, ouço:

— Como me saí? — Há curiosidade na voz dele, nenhum sinal de babaquice.

Dou meia-volta. Ele saiu da luz. Só consigo ver uma sombra na rua. Foi assim que ele se saiu: flutuava no ar sobre o bosque adormecido, o chapéu verde girando a alguns centímetros da cabeça. Na mão dele havia uma mala aberta e dela vertia todo um céu de estrelas.

Mas não posso lhe dizer isso — como poderia? —, então me viro, subo os degraus, abro a porta e entro sem olhar para trás.



Na manhã seguinte, Jude me chama do corredor, o que significa que ela está prestes a invadir meu quarto. Viro a página do meu bloco de desenho, não querendo que ela veja no que estou trabalhando: a terceira versão do menino de olhos de cobre, colecionador de pedras, observador de estrelas e de risada descontrolada flutuando no céu com seu chapéu verde e sua mala cheia de estrelas. Finalmente consegui as cores perfeitas, o olhar certo, aquela expressão nos olhos que faz com que eu me sinta tão abduzido quanto pelos olhos reais. Fiquei tão empolgado ao terminá-lo que tive de dar a volta na minha cadeira umas cinquenta vezes antes de conseguir me acalmar.

Pego um giz de cera e finjo trabalhar num retrato do inglês que concluí na noite passada. Fiz um retrato ao estilo cubista, de modo que o rosto dele se parecesse ainda mais com um espelho quebrado. Jude entra usando salto alto e um vestidinho azul. A mamãe e ela não param de brigar por causa das coisas que ela quer vestir agora, o que não é muita coisa. Os cabelos dela serpenteiam e balançam. Molhados daquele jeito, geralmente tiram aquela coisa fofa de contos de fadas dela, tornando-a alguém mais comum, como todos nós, mas não hoje. Ela tem o rosto todo maquiado. Elas brigam por causa disso também. E por causa dos horários dela, suas respostas, portas batidas, mensagens para meninos de fora da escola, surfar com outros cabeças de vaselina, saltar da Queda do Homem Morto — o salto mais alto e assustador da colina —, querer dormir na casa de uma das vespas praticamente todas as noites, gastar a mesada com um batom chamado Ponto de Ebulição, escapar pela janela do quarto. Basicamente tudo. Ninguém me pergunta, mas acho que ela se transformou numa espécie de Belzejude e quer que todos os meninos de Lost Cove a beijem agora só porque a mamãe se esqueceu de ver o bloco de desenho dela naquele primeiro dia no museu.

E porque nós a abandonamos. Era a exposição de Jackson Pollock. A mamãe e eu ficamos uma eternidade diante da obra *Um: Número 31* — porque, caramba! — e, quando saímos do museu, o incrível estilo aracnídeo de Pollock ainda causava impacto na gente, em todas as pessoas na calçada, nos prédios, em nossas intermináveis conversas no carro sobre a técnica dele, e só percebemos que Jude não estava com a gente no meio da ponte.

A mamãe ficou dizendo “ahmeuDeus, ahmeuDeus” durante todo o caminho de volta. Todos os meus órgãos estavam fora do corpo. Assim que paramos cantando pneu diante do museu, Jude estava sentada na calçada, a cabeça entre os joelhos. Ela parecia uma folha amassada de papel.

A verdade é que acho que a mamãe e eu nos acostumamos a não notá-la quando estamos os três juntos.

Ela está carregando uma caixa que coloca sobre a cama, depois se aproxima por trás de mim, que estou sentando à minha mesa, e espia sobre meus ombros. Uma madeixa úmida de cabelo pousa em

meu pescoço. Abro o bloco rapidamente.

O rosto do inglês nu nos encara da folha de papel. Eu quis captar a aparência esquizofrênica dele antes que ela fosse superada pela tristeza, então fui muito mais abstrato do que o normal. Ele provavelmente não se reconheceria, mas ficou muito bom.

— Quem é? — pergunta Jude.

— Ninguém.

— Sério, quem é ele? — insiste ela.

— Alguém que inventei — digo, tirando outro cacho molhado de cabelo do meu pescoço.

— Que nada. Ele é real. Sei que você está mentindo.

— Não estou, Jude. Juro. — Não quero contar a ela. Não quero que ela fique com ideias. E se ela começar a fazer aulas às escondidas na CSA também?

Ela fica ao meu lado e se abaixa para estudar melhor o desenho.

— Queria que ele fosse real — diz ela. — Ele tem uma aparência *tão* legal. Ele é tão... Não sei... Tem alguma coisa... — Que estranho. Ela nunca reage assim ao ver minhas coisas. Geralmente Jude age como se tivesse comido bosta. Ela cruza os braços sobre o peito cheio de seios agora, como se fosse uma batalha de titãs. — Posso ficar com ele?

Isso me surpreende. Ela nunca me pediu um desenho antes. Sou péssimo em me desfazer deles.

— Em troca do sol, estrelas, oceanos e todas as árvores, prometo que vou pensar no assunto — digo, sabendo que ela jamais concordará. Jude sabe muito bem como prezo o sol e as árvores. Nós dividimos o mundo desde os cinco anos. Estou vencendo no momento; a dominação do Universo está ao meu alcance pela primeira vez.

— Está falando sério? — pergunta ela, endireitando-se. Irrita-me perceber como ela está ficando alta. É como se ela estivesse sendo esticada à noite. — Assim só me restam as flores, Noah.

Certo, penso. Ela nunca vai conseguir. Está acertado, mas não está. Ela estende a mão e pega o bloco, olhando o retrato como se esperasse que o inglês conversasse com ela.

— Certo — diz ela. — Árvores, estrelas, oceanos. Tudo bem.

— E o sol, Jude.

— Ah, claro — diz ela, surpreendendo-me completamente. — Eu te darei o sol.

— Tenho praticamente tudo agora! — digo. — Você é louca!

— Mas eu tenho *ele*. — Ela cuidadosamente arranca a folha com o inglês nu do meu bloco, sem notar o desenho por baixo, e a leva até a cama e se senta.

— Você viu o menino novo? Ele é *tão* esquisito — diz ela. Olho para meu bloco, onde o esquisito está explodindo em cores. — Ele usa um chapéu verde com uma pena. *Tão* brega. — Ela ri de um jeito novo, zumbindo. — É. Ele é mais esquisito do que você. — Jude faz uma pausa. Aguardo, esperando que ela volte a ser minha irmã como costumava ser, não esta nova versão de vespa. —

Bem, provavelmente não mais esquisito do que você. — Viro-me. As antenas estão balançando para a frente e para trás em sua testa. Ela está aqui para me aferroar até a morte. — *Ninguém* é mais esquisito do que você.

Assisti a um programa sobre umas formigas malaias que entravam em combustão quando ameaçadas. Elas esperam até que os inimigos (como vespas) cheguem bem perto e depois explodem como bombas de veneno.

— Não sei, Noah. *Zzzz. Zzzz. Zzzz.*

Ela não para. Começo a fazer a contagem regressiva até a detonação. Dez, nove, oito, sete...

— Você tem de ser tão, *zzzz, zzzz, zzzz*, tão *you* o tempo todo? É... — Ela não termina a frase.

— O quê? — pergunto, quebrando meu giz de cera em dois como se fosse um pescoço.

Ela joga as mãos para cima.

— É *vergonhoso*, tudo bem?

— Pelo menos ainda sou eu mesmo.

— O que você quer dizer com isso? — Então, ainda mais defensiva, ela diz: — Não há nada de errado comigo. Não há nada de errado em ter outros amigos. Amigos que não são você.

— Tenho outros amigos também — digo, olhando para o bloco de desenho.

— É mesmo? Quem? Quem é seu amigo? Amigos imaginários não contam. Nem os que você desenha.

Seis, cinco, quatro... só não sei se as formigas malaias se matam no processo de aniquilar os inimigos.

— Bem, tem o menino novo, por exemplo — eu digo. Enfio a mão no bolso e seguro a pedra que ele me deu. — E ele não é nada esquisito. — Mas é, sim! Ele tem uma mala cheia de pedras!

— Ele é seu amigo? Claro que é — diz ela. — Qual o nome dele, se vocês são tão amigos assim?

Bem, isso é um problema.

— Foi o que pensei — ataca ela. Não a suporto. Sou *alérgico* a ela. Olho o pôster de Chagall na parede à minha frente e tento mergulhar no sonho retratado. A vida real é uma droga. Sou alérgico a ela também. Rir com o menino novo não parecia ser a vida real. Nem um pouco. Estar com Jude também não parecia ser a vida real. Agora parece o pior tipo de vida, uma vida estrangulada que lambe privadas. Quando Jude se manifesta novamente, logo depois, a voz dela é ríspida: — E o que você esperava? Tive de fazer outros amigos. Você só fica escondido com seus desenhos bregas e sua obsessão por aquela escola idiota junto com a mamãe.

Desenhos *bregas*?

Aqui vou eu. Três, dois, um: detono com a única coisa que tenho.

— Você tem inveja, Jude — digo. — O tempo todo você só tem inveja.

Viro o bloco até encontrar uma folha em branco, pego um lápis e começo a desenhar (Retrato:

Minha Irmã Vespa), não: (Retrato: *Minha Irmã Aranha*), assim é melhor, cheia de veneno e esgueirando-se no escuro com suas oito pernas peludas.

Quando o silêncio entre nós está prestes a romper meus ouvidos, viro-me para encará-la. Seus enormes olhos azuis brilham sobre mim. Todo o zumbido do vespeiro desapareceu. E não há nenhuma aranha.

Deixo o lápis de lado.

Então, bem baixinho, tanto que quase consigo compreender as palavras, ela diz:

— Ela é minha mãe também. Por que você não consegue dividi-la?

O golpe da culpa me atinge no estômago. Viro-me para o Chagall, implorando para ser sugado para dentro do quadro, por favor, quando papai aparece à porta. Ele tem uma toalha no pescoço, o peito bronzeado nu. Seus cabelos estão molhados também — ele e Jude devem ter nadado juntos. Eles fazem tudo juntos agora.

Papai dobra a cabeça inquisidoramente, como se fosse capaz de ver as partes dos corpos espalhadas pelo quarto.

— Está tudo bem por aqui, pessoal?

Ambos fazemos que sim. O papai coloca uma das mãos no pórtico, ocupando todo o espaço livre, ocupando toda a área continental dos Estados Unidos. Como posso odiá-lo e ao mesmo tempo querer ser mais parecido com ele?

Eu nem sempre quis que um prédio desabasse sobre ele. Quando éramos menores, Jude e eu costumávamos nos sentar na praia como dois filhotinhos de pato, os filhotinhos de pato *dele*, desejando que ele terminasse de nadar e surgisse em meio às ondas como Poseidon. Ele ficava em pé diante de nós, tão colossal que eclipsava o sol, balançando a cabeça de modo que as gotas nos molhavam como uma chuva de água salgada. Ele me pegava primeiro, me colocava sobre um dos ombros, e depois pegava Jude e a colocava sobre o outro ombro. O papai caminhava com a gente pela praia daquele jeito, provocando uma inveja enlouquecedora em todas as outras crianças e seus pais preguiçosos na praia.

Mas isso foi antes de ele perceber que eu era eu. Isso aconteceu no dia em que ele mudou as coisas na praia e, em vez de passear pela praia, ele nos pegou, nos colocou sobre os ombros e voltou para o oceano. O mar estava agitado e as ondas nos atingiam de todos os lados à medida que avançávamos para o fundo. Eu me segurava no braço dele, que me envolvia com segurança, e me sentia seguro porque o papai estava no controle e porque era a mão dele que acordava o sol todas as manhãs e o punha para dormir à noite.

Então ele nos disse para saltarmos.

Achei que tinha me enganado, até que, com um grito empolgado, Jude se lançou no ar sorrindo enlouquecidamente na queda, até que o oceano a engolisse, ainda sorrindo como louca ao aparecer na superfície da água, onde boiava feito uma maçã feliz, batendo as pernas, lembrando-se de tudo o que aprendemos em nossa escola de natação, enquanto eu, sentindo o braço do papai me soltando, segurei-me na cabeça dele, seus cabelos, orelhas, as costas lisas, mas não consegui agarrar nada

nele.

— É um mundo cruel, Noah. Nade ou afunde — disse ele, sério, e então a segurança de seu braço se transformou num estilingue que me lançou na água.

Afundi.

To

Tal

Men

Te

(Autorretrato: *Noah e os Pepinos-do-Mar.*)

A primeira Conversa do Guarda-Chuva Quebrado aconteceu naquela noite. Você precisa ter coragem mesmo quando está com medo, isso é o que significa ser homem. Mais conversas se seguiram: você precisa ser durão, sentar-se ereto, ficar de pé, lutar, jogar bola, me olhar nos olhos, pensar antes de falar. Se Jude não fosse sua irmã gêmea, eu diria que você nasceu por partenoqualquercoisa. Se não fosse por Jude, você seria uma presa fácil no campo de futebol. Se não fosse por Jude. Se não fosse por Jude. Você não se importa em ter uma menina travando suas batalhas? Não o incomoda ser o último escolhido do time? Não o incomoda estar sozinho o tempo todo? Não o incomoda, Noah? Não? Não?

Então, tudo bem. Cale-se! Incomoda, sim.

Você tem de ser tão você mesmo o tempo todo, Noah?

Eles são um time agora, não Jude e eu. Uma pena. Por que, então, eu deveria dividir a mamãe?

— Esta tarde, claro — Jude está dizendo para o papai. Ele sorri para a filha como se ela fosse um arco-íris e depois sai assobiando pelo quarto, batendo carinhosamente na minha cabeça e me dando uma concussão.

Lá fora, o Profeta berra:

— Onde é que está o Ralph? Onde é que está o Ralph?

O papai gesticula como se estivesse estrangulando o Profeta com as próprias mãos e depois diz para mim:

— O que é esse seu corte de cabelo? Parece bem pré-rafaelita com essas mechas longas e escuras. — Como a mamãe é contagiosa; até mesmo o papai, apesar de toda a babaquice, sabe bastante sobre arte, o suficiente para me insultar.

— Adoro pinturas pré-rafaelitas — murmuro.

— Adorá-las e ficar parecido com um modelo de uma pintura daquelas são duas coisas diferentes, não, cara? — Outro tapa na minha cabeça, outra concussão.

Depois que ele vai embora, Jude diz:

— Gosto do seu cabelo comprido. — E isso de alguma forma extermina todo o mal-estar entre a

gente e todos os meus pensamentos maldosos também. Com uma voz hesitantemente animada, ela diz:
— Quer brincar?

Viro-me, lembrando novamente que fomos feitos juntos, célula a célula. Somos a companhia um do outro desde quando não tínhamos ainda olhos ou mãos. Antes mesmo de termos alma.

Ela está tirando uma espécie de tabuleiro da caixa que trouxe consigo.

— O que é isso?

— Onde é que está o Ralph? Onde é que está o Ralph? — pergunta o Profeta novamente, ainda tenso. Jude se inclina para fora da janela perto da cama e grita:

— Desculpe, Profeta, ninguém sabe! — Eu não sabia que ela falava com o Profeta também. Sorrio.
— Um Tabuleiro Ouija — diz ela. — Encontrado no quarto da vovó. Ela e eu brincamos uma vez. Podemos fazer perguntas e obter respostas.

— De quem? — pergunto, mas acho que já vi um desses antes, num filme.

— Você sabe. Os espíritos. — Ela sorri e ergue e abaixa as sobrancelhas de um jeito exagerado. Sinto meus lábios se curvando numa risadinha nervosa. Quero tanto fazer parte de um time com Jude novamente! Quero que as coisas sejam como costumavam ser com a gente.

— Certo — digo. — Claro.

A expressão dela se ilumina.

— Vamos lá! — E é como se toda aquela conversa estúpida não tivesse acontecido, como se nós dois não estivéssemos despedaçados. Como as coisas podem mudar tão rápido?

Ela me ensina a usar o tabuleiro, a encostar de leve no indicador de modo que as mãos dos espíritos possam empurrá-lo com as minhas mãos até as letras ou o “sim” e o “não” escritos no tabuleiro.

— Vou fazer uma pergunta agora — diz ela, fechando os olhos e estendendo os braços como se estivesse sendo crucificada.

Começo a rir.

— E eu é que sou estranho? Mesmo?

Ela abre um olho.

— É assim que se faz, juro. A vovó me ensinou. — Ela fecha o olho. — Certo, espíritos. Eis minha pergunta para vocês: M. me ama?

— Quem é M.? — pergunto.

— Uma pessoa.

— Michael Stein?

— Eca, de jeito nenhum!

— Não me diga que é Max Fracker!

— Meu Deus, não!

— Então quem?

— Noah, os espíritos não virão se você continuar interrompendo. Não vou dizer quem é.

— Certo — digo.

Ela abre os braços e pergunta aos espíritos novamente, depois põe as mãos no indicador.

Coloco minhas mãos também. Ele se inclina para “não”. Tenho certeza de que eu o empurrei para lá.

— Você está trapaceando — queixa-se ela.

Da outra vez não trapaceio e mesmo assim o indicador vai para o “não”.

Jude está extremamente perturbada.

— Vamos tentar novamente.

Desta vez vejo que ela está empurrando o indicador para o “sim”.

— Agora você é quem está trapaceando! — digo.

— Certo, mais uma vez.

Ele vai para o “não”.

— Última tentativa — diz ela.

Ele vai para o “não”.

Ela suspira.

— Certo, agora você faz a pergunta.

Fecho meus olhos e pergunto em silêncio: vou entrar na CSA no ano que vem?

— Em voz alta — diz ela, exasperada.

— Por quê?

— Porque os espíritos não conseguem ouvir o que você diz dentro da cabeça.

— Como você sabe?

— Simplesmente sei. Agora diga. E não se esqueça dos braços.

— Certo. — Abro os braços como se estivesse sendo crucificado e pergunto: — Vou entrar na CSA no ano que vem?

— É uma pergunta desperdiçada. Claro que você vai entrar.

— Preciso ter certeza.

Eu a faço repetir a pergunta dez vezes. O indicador sempre aponta “não”. Por fim, ela fecha o tabuleiro.

— Isso é uma bobagem — diz ela, mas sei que não acredita no que está dizendo. M. não a ama e eu não vou entrar na CSA.

— Vamos perguntar se você vai entrar — digo.

— Que besteira. Claro que não vou entrar. Não sei nem se vou me inscrever. Quero ir para a Roosevelt como todos os outros. Eles têm uma equipe de natação.

— Vamos — digo.

O indicador aponta “sim”.

De novo.

E de novo.

E de novo.



Não consigo ficar deitado na cama nem mais um minuto, então visto alguma coisa e subo no telhado para ver se o menino novo também está no telhado da sua casa. Não está, o que não é exatamente surpreendente, já que não são nem seis horas da manhã e o dia mal acabou de nascer. Mas eu pensava, ao me revirar na cama feito um peixe fora d’água, que ele também estivesse acordado, que estivesse no telhado da sua casa soltando raios pelos dedos que atravessavam o telhado e me atingiam, e era por isso que eu não conseguia dormir. Mas eu estava enganado. Apenas eu estou aqui com a lua desaparecendo e com todas as gaiotas se aproximando de Lost Cove de todos os lados para um concerto matinal. Nunca saí de casa tão cedo, não percebia que as manhãs eram tão barulhentas. E tão amedrontadoras, acho, vendo todos os velhos homens grisalhos disfarçados de árvores.

Sento-me, abro meu bloco de desenho numa folha em branco e tento desenhar, mas não consigo me concentrar, não consigo nem fazer uma linha decente. É o Tabuleiro Ouija. E se ele estiver certo e Jude entrar na CSA e eu não? E se eu tiver de ir para a Roosevelt com outros três mil clones de Franklyn Fry? E se eu for um mau pintor? E se a mamãe e o Sr. Grady simplesmente tiverem pena de mim? Porque sou *vergonhoso*, como a Jude diz. E o papai pensa. Deixo minha cabeça cair nas mãos, sinto o calor do meu rosto nas palmas das mãos, revivendo o que aconteceu no bosque com Fry e Zephyr no inverno passado.

(Autorretrato, série: *Guarda-Chuva Quebrado N° 88*.)

Ergo a cabeça e olho para o telhado do menino novo mais uma vez. E se ele perceber que eu sou eu? Uma lufada de vento gelado me atravessa como se eu fosse um quarto vazio, e de repente sei que tudo vai dar errado e que estou condenado; não sou eu, mas também todo o mundo triste e cinzento.

Deito-me de costas e estendo os braços ao máximo, suspirando:

— Socorro.

Pouco depois, acordo ao ouvir uma garagem se abrindo. Levanto-me e me apoio nos cotovelos. O

céu está azul: azul-celeste, o azul mais marinho, as árvores são tons de todos os verdes possíveis e um ovo amarelo espesso paira sobre tudo. Incrível. O Dia do Juízo Final com certeza foi cancelado.

(Paisagem: *Quando Deus Pinta Fora das Linhas.*)

Sento-me, notando qual garagem se abriu: a *dele*.

Depois de alguns segundos que pareceram anos, ele sai pela calçada. Sobre seu peito há uma mochila preta. O saco de meteoritos? Ele tem um saco próprio para *meteoritos*? Ele carrega pedaços da galáxia num saco. Cara. Tento recolher o balão que está me levantando no ar, dizendo a mim mesmo que não deveria me empolgar assim ao ver um cara que conheço há apenas um dia. Mesmo que esse cara leve consigo a galáxia dentro de um saco!

(Autorretrato: *Última Visão de Menino e Balão Rumo ao Oeste pelo Pacífico.*)

Ele atravessa a rua até o início da trilha e para no lugar onde tivemos nosso ataque de risadas, hesitando por um instante antes de dar meia-volta e olhar na minha direção, como se soubesse que eu estava ali o tempo todo, como se soubesse que eu estava esperando por ele desde o nascer do sol. Nossos olhos se encontram e um choque percorre toda a minha espinha. Tenho certeza de que ele está telepaticamente me dizendo para segui-lo. Depois de um minuto de telepatia, algo que só tive com Jude, ele se vira e ruma para o bosque.

Gostaria de segui-lo. Muito, demais, só que não posso, porque meus pés estão cimentados no telhado. Por quê? Qual é o problema? Ele me seguiu até a CSA ontem! Pessoas fazem amigos. Todo mundo faz. Eu posso fazer também. Quero dizer, já somos... Nós rimos juntos ontem feito hienas. Certo. Vou. Guardo meu bloco dentro da mochila, desço a escada e saio para a trilha.

Mas ele não está em nenhum lugar. Tento ouvir passos, mas não ouço nada além da minha pulsação martelando nos ouvidos. Sigo adiante, fazendo a primeira curva para encontrá-lo de joelhos, agachado no chão. Ele está examinando alguma coisa que tem nas mãos com uma lupa. Que ideia horrível. Não vou saber o que dizer a ele. Não vou saber o que fazer com minhas mãos. Preciso voltar para casa. Imediatamente. Estou recuando quando ele vira a cabeça e me vê.

— Ah, oi — diz ele normalmente, levantando-se e deixando cair o que quer que estivesse em suas mãos. Na maioria das vezes as pessoas não se parecem em nada com a lembrança que você tem delas quando as reencontra. Não ele. Ele está cintilando no ar exatamente como na minha mente. É um show de luzes. Começa a vir na minha direção. — Não conheço o bosque. Estava esperando... — Ele não termina a frase e dá um meio sorriso. Esse cara não é nada babaca. — Qual é o seu nome, aliás? — Ele está perto o suficiente para que eu possa tocá-lo, perto o suficiente para que eu possa contar suas sardas. Estou com um problema com as mãos. Como é possível que todas as pessoas pareçam saber exatamente o que fazer com elas? Bolsos, lembro, aliviado, bolsos, amo bolsos! Guardo as mãos em segurança nos bolsos, evitando os olhos dele. Os olhos dele têm aquela coisa. Vou olhar a boca do menino se tiver de olhar para algum lugar.

Os olhos dele se detêm em mim. Noto isso mesmo prestando atenção apenas à boca. Ele me perguntou alguma coisa? Acho que sim. O QI despenca.

— Acho que consigo adivinhar — diz ele. — Diria Van, não, Miles, sim, você com certeza parece um Miles.

— Noah — digo, como se a consciência disso tivesse acabado de me ocorrer. — Sou Noah. Noah Sweetwine. — Deus. Senhor. Que idiota.

— Certeza?

— Sim, com certeza — digo, animado e estranho. Minhas mãos estão completamente presas agora. Bolsos são prisões para as mãos. Eu as liberto e bato palmas como se as mãos fossem címbalos. Meu Deus! — Ah, e qual é o seu nome? — pergunto, lembrando, apesar de meu QI estar próximo do QI de um vegetal, que ele também deve ter um nome.

— Brian — diz ele, e isso é tudo o que ele diz, porque está atento.

Olhar para a boca dele também é má ideia, principalmente quando ele fala. Várias e várias vezes a língua dele retorna para o espaço entre os dentes da frente. Vou olhar para esta árvore.

— Quantos anos você tem? — pergunto para a árvore.

— Quatorze. E você?

— Também — digo. Oh, não.

Ele meneia a cabeça acreditando em mim, claro, afinal, por que mentiria? Não faço ideia!

— Estudo num colégio interno no leste — diz ele. — Vou para o segundo ano. — Ele deve ter percebido meu olhar confuso para a árvore, porque acrescenta: — Pulei o jardim de infância.

— Eu vou para a Escola Californiana de Artes. — As palavras saem da minha boca sem meu consentimento.

Dou uma olhada para ele. Sua testa está se franzindo e então eu me lembro: está escrito em praticamente todas as paredes do lugar: Escola Californiana de Artes. Ele me viu do lado de fora do prédio, não do lado de dentro. Ele provavelmente me ouviu dizer ao inglês nu que não estudava lá.

Tenho duas opções. Correr para casa e ficar trancado lá pelos próximos dois meses até que ele vá para o internato, ou...

— Na verdade, ainda não estudo lá — digo para a árvore, com medo de olhá-lo agora. — Não ainda. Mas quero. Tipo, muito. Só consigo pensar nisso e ainda tenho treze anos. Quase quatorze. Bem, daqui a cinco meses. Vinte e um de novembro. É o aniversário do pintor Magritte também. Ele fez aquele quadro com a maçã verde diante do rosto do cara. Você provavelmente já viu. E aquele outro no qual o cara tem uma gaiola no lugar do corpo. Muito legal e maluco. Ah, e tem um com um pássaro voando, mas as nuvens estão dentro do pássaro, não fora dele. Realmente incrível... — Paro porque, uau, e eu poderia continuar também, não há uma só pintura que eu não queira mencionar para essa árvore em detalhes.

Lentamente me viro para Brian, que está me encarando com os olhos semicerrados, sem dizer nada. Por que ele não diz nada? Talvez eu tenha esgotado todas as palavras. Talvez ele esteja com medo por eu ter mentido, depois desmentido, e ter começado a lhe dar uma psicótica aula de história da arte. Por que não fiquei no telhado de casa? Preciso me sentar. Fazer amigos é incrivelmente estressante. Engulo em seco umas cem vezes.

Por fim, ele simplesmente dá de ombros.

— Legal. — Seus lábios se curvam num meio sorriso. — Você é *muito confuso*, cara — diz ele, com sotaque britânico.

— Não me diga.

Então nos encaramos e caímos na gargalhada como se fôssemos feitos da mesma substância.

Depois disso, o bosque, que estava de fora, junta-se a nós. Respiro fundo o ar carregado de pinheiro e eucalipto, ouço pássaros-das-cem-línguas, gaivotas e as ondas ao longe. Vejo três cervos andando sobre as folhas secas a poucos metros de onde Brian agora remexe na sacola de meteoritos com as duas mãos.

— Há leões da montanha por aqui — digo. — Eles dormem nas árvores.

— Maravilha — diz ele, ainda procurando alguma coisa. — Você já viu um?

— Não, só um gato selvagem. Duas vezes.

— Já vi um urso — murmura ele para o saco. O que está procurando?

— Um urso? Uau! Adoro ursos. Pardo ou negro?

— Negro — responde ele. — Uma mãe com dois filhotinhos. Em Yosemite.

Quero saber tudo sobre isso, e estou prestes a dar início a uma série de perguntas, imaginando se ele gosta de programas sobre animais também, quando parece que ele encontra o que estava procurando. Ele pega uma pedra comum. A expressão em seu rosto é como se estivesse me mostrando um lagarto de franjas ou um dragão marinho, e não um pedaço velho de nada.

— Aqui está — diz ele, colocando a pedra na minha mão. Ela é tão pesada que dobra meu pulso. Ajudo com a outra mão para não deixá-la cair. — Com certeza esta. Níquel magnetizado, uma estrela que explodiu. — Ele aponta para a minha mochila com o bloco de desenho. — Você pode desenhá-la. — Olho a pedra preta na minha mão (isso é uma estrela?) e acho que não há nada menos interessante no mundo, mas digo:

— Certo. Claro.

— Excelente — diz ele, virando-se. Fico ali com a estrela na mão, sem saber direito o que fazer até que ele dê meia-volta e diga: — Você vem ou não? Trouxe uma lupa extra para você.

Com isso, o chão todo treme. Ele sabia que eu viria antes mesmo de sair de casa. Ele sabia. E eu sabia. Nós dois *sabíamos*.

(Autorretrato: *Estou Sentado na Minha Própria Cabeça!*)

Ele pega a lupa extra no bolso de trás da calça e me entrega.

— Legal — digo, aproximando-me dele e pegando a lupa pelo cabo.

— Você também pode classificar tudo no seu bloco — diz ele. — Ou desenhar o que encontrarmos. Na verdade, isso vai ser fantástico.

— O que estamos procurando? — pergunto.

— Lixo espacial — responde ele, como se fosse algo óbvio. — O céu está sempre despencando.

Sempre. Você vai ver. As pessoas não têm ideia.

Não, não têm, porque as pessoas não são revolucionárias como nós.

Horas mais tarde, contudo, não encontramos nenhum meteorito, nenhum pedaço de lixo espacial, mas não me importo. Em vez de classificar, o que quer que isso signifique, passamos a maior parte da manhã deitados de barriga para baixo, usando a lupa para estudar lesmas e besouros, o tempo todo ouvindo o jargão intergaláctico de Brian, que vagava ao meu redor vasculhando o chão com seu detector de metais— sim, um detector de metais feito por ele mesmo. Ele é a pessoa mais legal do mundo.

Ele é maluco também, sem dúvida. Não de outro Universo como a mamãe, mas provavelmente de algum exoplaneta (acabei de aprender essa palavra) com seis sóis. Isso explica tudo: o telescópio, essa busca enlouquecida por pedaços da sua terra natal, todo aquele discurso einsteiniano sobre gigantes vermelhas e anãs brancas e amarelas (!!!!) que imediatamente comecei a desenhar, sem mencionar seus olhos hipnotizantes e como ele me anima como se eu fosse alguém com milhares de amigos e que sabe a hora exata em cada frase de falar *cara e mano*. Além disso, o Reino da Calma existe mesmo. Beija-flores voam ao redor dele. Frutas caem das árvores em suas mãos abertas. Sem mencionar as sequoias tombadas, acho, olhando para cima. E eu. Nunca me senti tão relaxado na vida. Insisto em esquecer meu corpo e tenho de voltar para pegá-lo.

(Retrato, autorretrato: *O Menino que Via o Menino Hipnotizar o Mundo.*)

Contei essa teoria implosiva a ele enquanto estávamos sentados numa pedra lisa ao lado do riacho, a água correndo lentamente perto de nós, como se estivéssemos num bote.

— Eles fizeram um belo trabalho ao preparar você para se passar por um terráqueo — digo.

Ele dá um meio sorriso. Noto uma covinha que não tinha visto antes, no alto da bochecha.

— Sem dúvida — diz ele. — Eles me prepararam bem. Até joguei beisebol. — Ele joga uma pedrinha na água. Eu a observo afundar. Ele arqueia a sobrancelha para mim. — Você, por outro lado...

Pego uma pedra e a jogo no mesmo lugar onde a pedra dele desapareceu.

— Sim, nenhuma preparação. Eles simplesmente me jogaram aqui. Por isso é que sou tão perdido. — Eu pretendia fazer uma piada, mas saiu como uma coisa séria. Saiu como verdade. Porque é mesmo. Perdi completamente a aula no dia em que todas as informações necessárias foram transmitidas. Brian lambe o lábio inferior e não responde nada.

A atmosfera mudou e eu não sei por quê.

Por sob meus cabelos, eu o observo. Por causa dos retratos, sei que você tem de olhar para alguém por bastante tempo a fim de ver o que a pessoa está encobrindo, para ver a expressão interior, e, quando você enxerga isso e a desmascara, é isso que faz com que as pessoas fiquem loucas ao notar quanto o desenho se parece com elas.

A expressão interior de Brian é de preocupação.

— Então, aquele desenho... — diz ele, hesitante. Para e lambe o lábio inferior novamente. Ele está

nervoso? Parece que repentinamente sim, apesar de até este momento eu achar que fosse impossível. Fico nervoso ao pensar que ele está nervoso. Ele faz aquilo novamente, a língua passa sobre o lábio inferior. É isso o que ele faz quando fica nervoso? Eu engulo em seco. Agora estou esperando que ele faça isso novamente, ansioso. Ele está olhando minha boca também? Não consigo evitar. Passo minha língua pelo lábio inferior.

Ele se vira, dispara algumas pedrinhas com uma espécie de movimento de pulso biônico que faz com que as pedrinhas saltem facilmente pela superfície da água. Vejo a veia no pescoço dele pulsar. Observo-o converter oxigênio em dióxido de carbono. Observo-o existir, existir e existir. Ele vai concluir a frase? Será? Séculos de silêncio se passam e a atmosfera fica mais e mais nervosa e viva, como se todas as moléculas que ele pôs para dormir acordassem. E então me ocorre que ele estava se referindo aos nus de ontem. Foi isso o que ele quis dizer? O pensamento é um raio.

— Do inglês? — pergunto, baixinho. Argh, pareço um menininho falando. Queria que minha voz deixasse de falhar e já estivesse mudada.

Ele engole em seco e se vira para mim.

— Não, estava me perguntando se você na verdade faz os desenhos na sua mente.

— Às vezes — respondo.

— Bem, você fez? — Os olhos dele me surpreendem desprevenido, capturando-me totalmente numa espécie de rede. Tenho vontade de dizer o nome dele.

— Fiz o quê? — pergunto, esquivando-me. Meu coração soca o peito. Agora sei de que desenho ele está falando.

— Aquele... — Ele lambe o lábio. — ... meu?

Sinto-me como um possesso ao correr para o bloco de desenho e virar as páginas até encontrá-lo, aquela versão final. Coloco o desenho nas mãos dele, observo seus olhos correrem para cima e para baixo, para baixo e para cima. Estou louco tentando adivinhar se ele gosta ou não. Não sei dizer. Então, tento ver o desenho através dos olhos dele e uma sensação de ah-não-me-mate-agora toma conta de mim. O Brian que desenhei é ele colidindo à velocidade máxima contra uma parede de mágica. Não é nada parecido com os desenhos das pessoas que faço na escola. Percebo horrorizado que não é o desenho de um amigo. Estou ficando tonto. Todas as linhas e ângulos e cores denunciam como gosto dele. Sinto-me envolto e preso com um plástico. E ele não diz nada. Absolutamente nada!

Queria ser um cavalo.

— Você não precisa gostar nem nada — finalmente digo, tentando recuperar meu bloco. Minha mente vai explodir. — Não é tão importante assim. Eu desenho todo mundo. — Não consigo parar de falar. — Desenho tudo. Até mesmo besouros rola-bosta e batatas e pedaços de madeira na água e montes de sujeira e sequoias e...

— Está brincando comigo — interrompe-me ele, sem me deixar pegar o bloco. É a vez de ele ficar todo vermelho. — Adorei. — Ele faz uma pausa. Eu o observo respirar. Brian está respirando rápido. — Eu pareço uma aurora boreal! — Não sei o que é isso, mas dá para ver pela voz dele que é uma coisa bem legal.

Um circuito é acionado no meu peito. Um circuito que eu nem sabia que tinha.

— Estou tão feliz por não ser um cavalo! — Percebo que disse isso em voz alta somente depois que Brian diz:

— O quê?

— Nada — digo. — Nada. — Tento me acalmar, tento parar de sorrir. O céu tem sempre esse tom de magenta?

Brian está rindo de verdade, como ontem.

— Cara, você é a pessoa mais estranha do mundo. Você acabou de dizer que está feliz por não ser um cavalo?

— Não — digo, tentando não rir e cair. — Eu disse...

Mas, antes de conseguir dizer qualquer coisa, uma voz se intromete nessa perfeição toda.

— Ah, que romântico! — Eu fico paralisado, sabendo imediatamente de que cabeça-de-hipopótamo essas maliciosas palavras babacas estão saindo. Juro que o cara instalou um rastreador em mim — é a única explicação.

Junto dele está um enorme macaco: o Pé Grande. Pelo menos nada de Zephyr.

— Que tal um mergulho, Bolha? — pergunta Fry.

É minha dica para fugir correndo para o outro lado do mundo.

PRECISAMOS CORRER, digo telepaticamente para Brian.

Só que, quando olho para ele, vejo que sua expressão ficou séria e percebo que fugir não faz parte de seu *modus operandi*. O que *realmente* é uma droga. Engulo em seco.

Então, um grito:

— Vão se foder, seus sociopatas lambedores de privadas! — Mas ele sai na forma de um silêncio profundo. Então ergo uma cordilheira diante deles. Eles não se movem.

Meu ser se foca num único desejo: *Por favor, não me deixe ser humilhado diante do Brian.*

Fry me ignora e presta atenção em Brian. Ele está rindo zombeteiramente.

— Belo chapéu.

— Obrigado — responde Brian tranquilamente, como se fosse dono do ar no Hemisfério Norte. Ele não é um guarda-chuva quebrado, isto está claro. Ele não parece nada amedrontado com esses idiotas-de-cabeça-de-lixo.

Fry arqueia a sobrancelha, o que transforma sua gigantesca testa oleosa num mapa de relevo. Brian atraiu o interesse psicótico dele. Ótimo. Eu estudo o Pé Grande. Ele é uma laje de concreto num boné de beisebol dos Giants. Suas mãos estão escondidas nos fundos dos bolsos do casaco. Elas parecem granadas por trás do tecido. Noto a largura do seu pulso direito, noto que o pulso é provavelmente do tamanho da minha cara. Na verdade, nunca levei um soco antes, só fui empurrado. Imagino o soco e todas as pinturas se esvaindo do meu crânio com o impacto.

(Autorretrato: *Pow.*)

— Então vocês, veadinhos, estão fazendo piquenique? — pergunta Fry para Brian. Meus músculos ficam tensos.

Brian se levanta lentamente.

— Vou te dar uma chance de pedir desculpas — diz ele para Fry, a voz gélida e calma, os olhos o oposto. A plataforma de pedra lhe dá uns centímetros a mais, então ele nos vê a todos de cima para baixo. Sua sacola de meteoritos pende pesadamente ao lado do corpo. Preciso me levantar, mas não tenho pernas.

— Pedir desculpas por quê? — diz Fry. — Por chamar os veadinhos de veadinhos?

O Pé Grande ri. O chão treme. Em Taipé.

Percebo que Fry foi provocado — ninguém o desafia por aqui, principalmente nenhum de nós, jovens perdedores, que ele chama de veadinhos e maricas e tudo o mais desde que aprendemos a ouvir.

— Você acha isso engraçado? — pergunta Brian. — Porque eu não acho. — Ele recua um passo e está ainda mais alto na pedra agora. Ele está se transformando em outra pessoa. Darth Vader, acho. O Reino da Calma foi todo sugado por seu dedo indicador e agora parece que ele come humanos vivos. Fritinhos com globos oculares e a ponta dos dedos do pé.

O ódio se irradia dele em ondas.

Quero fugir com o circo todo, mas respiro fundo e me levanto, cruzando os braços, que se tornaram ainda mais magros nos últimos instantes, contra meu peito recém-encolhido. Faço isso o mais ameaçadoramente possível, pensando em crocodilos, tubarões e piranhas a fim de ganhar coragem. Nada funciona. Então me lembro da abelha — considerando tudo, é a criatura mais forte da Terra! E uma improvável assassina. Estreito os olhos e fecho a boca, sério.

Então a pior coisa do mundo acontece. Fry e o Pé Grande começam a rir de mim.

— Ooooo, tão assustador, Bolha — zomba Fry. O Pé Grande cruza os braços, me imitando, o que Fry acha tão hilário que faz também.

Prendo a respiração para não cair desmaiado.

— Realmente acho que já é hora de vocês dois pedirem desculpas e irem embora daqui — ouço uma voz dizendo atrás de mim. — Se não, não posso me responsabilizar pelo que vai acontecer.

Dou meia-volta. Ele está louco? Ele não percebe que tem metade do tamanho de Fry e um terço do tamanho do Pé Grande? E que eu sou eu? Será que ele trouxe consigo uma Uzi?

Mas, acima de nós, postado sobre a pedra, ele parece despreocupado. Brian está jogando uma pedrinha de uma mão para a outra, uma pedrinha como aquela que ainda está no meu bolso. Todos ficamos olhando enquanto a pedrinha salta de uma mão para a outra, as mãos dele mal se movendo, como se ele as estivesse fazendo saltar com a mente.

— Quer dizer que vocês não vão embora? — diz ele para as próprias mãos e depois olha para Fry

e para o Pé Grande, de alguma forma sem quebrar o ritmo da pedrinha. É incrível. — Só quero saber uma coisa, então. — Brian sorri um sorriso calculado, mas a veia em seu pescoço pulsa furiosamente e é bem provável que o que quer que ele diga em seguida vá fazer com que sejamos mortos.

Fry olha para o Pé Grande e os dois parecem ter chegado a um entendimento rápido e silencioso sobre o que fazer com nossos restos mortais.

Prendo a respiração novamente. Todos estamos esperando Brian falar, observando a pedrinha dançante, hipnotizados por ela, enquanto o ar fervilha com a antecipação da violência. E a violência é real também. Tipo alguém deitado numa cama de hospital com apenas um canudinho saindo da cabeça toda enfaixada. Aquele tipo de violência doentia que tenho de silenciar na televisão para conseguir assistir, a não ser que o papai esteja por perto, neste caso tenho de aguentar. Espero que o Sr. Grady dê as pinturas que deixei na sala de arte para a mamãe. Eles podem mostrar minhas coisas no velório — minha primeira e última exposição de arte.

(Retrato, autorretrato: *Brian e Noah Enterrados Lado a Lado.*)

Fecho meu punho, mas não me lembro se você tem de deixar o dedão para dentro ou para fora ao dar um soco. Por que o papai me ensinou luta greco-romana? Quem no mundo luta isso? Ele deveria ter me ensinado a dar um belo soco. E quanto aos meus dedos? Será que conseguirei desenhar depois que isso tudo terminar? Picasso deve ter se envolvido em brigas. Van Gogh e Gauguin brigaram entre si. Vai ficar tudo bem. Claro que vai. E olhos roxos são legais, coloridos.

Então, de repente, Brian esconde a pedrinha dançante num de seus punhos, fazendo o tempo parar.

— O que eu quero saber — diz ele, pronunciando palavra por palavra — é quem foi que deixou vocês dois fugirem da jaula.

— Você acredita no que esse cara está dizendo? — pergunta Fry para o Pé Grande, que resmunga algo incompreensível em pegrandense. Eles se lançam à frente...

Estou dizendo à vovó Sweetwine que vou me juntar a ela em breve quando percebo o movimento de chicote do braço de Brian enquanto Fry grita, os dedos correndo para os ouvidos. O que está acontecendo? Então o Pé Grande grita e protege a cabeça. Viro-me e vejo a mão de Brian dentro do saco. Agora Fry está se agachando, assim como o Pé Grande, porque meteoritos chovem sobre eles, despencam sobre eles, passando perto da cabeça deles à velocidade do som, mais rápido, à velocidade da luz, passando perto a ponto de raspar a cabeça deles, a milímetros de encerrar suas atividades cerebrais permanentemente.

— Pare! — grita o Pé Grande. Os dois estão se revirando e saltando e tentando proteger a cabeça com os braços enquanto mais e mais peças espaciais atravessam o ar como arpões. Brian é uma máquina, uma metralhadora, duas de cada vez, três, quatro, por baixo, por cima, com as duas mãos. Seu braço é um borrão, ele é um borrão — toda pedra, roda *estrela* — passando perto, poupando a vida de Fry e do Pé Grande até que os dois estejam amontoados no chão, as mãos sobre a cabeça, dizendo: — Por favor, cara, pare com isso.

— Sinto muito, não ouvi as desculpas — diz Brian, jogando uma pedra tão perto da cabeça de Fry que me dá medo. Então outra pedra o atinge, só por garantia. — Dois pedidos de desculpas, na verdade. Um para Noah. E outro para mim. E falando sério.

— Desculpe — diz Fry, completamente paralisado. Talvez uma pedra o tenha atingido mesmo na cabeça. — Agora pare!

— Não foi bom o bastante.

Mais uma série de meteoritos chove sobre a cabeça deles a bilhões de quilômetros por hora. Fry grita:

— Desculpe, Noah. Desculpe, não sei seu nome.

— Brian.

— Desculpe, Brian!

— Você aceita as desculpas dele, Noah?

Faço que sim. Deus e Seu filho foram rebaixados.

— Agora caiam fora daqui — diz Brian para eles. — Da próxima vez, não vou errar suas cabeçorras de propósito.

E então eles fogem sob uma segunda chuva de meteoritos, os braços protegendo a cabeça enquanto eles *fogem* de nós.

— Você é arremessador? — pergunto para ele ao pegar meu bloco de desenho.

Ele faz que sim. Percebo um meio sorriso aparecendo na muralha do rosto dele. Brian desce da rocha e começa a recolher os meteoritos, colocando-os de volta no saco. Pego o detetor de metais, ali caído como uma espada. Esse cara é muito mais mágico do que qualquer um, até mesmo Picasso, Pollock e a mamãe. Saltamos o riacho e depois atravessamos juntos o bosque na direção oposta à das nossas casas. Ele é tão rápido quanto eu, como se pudéssemos vencer aviões jumbo, cometas.

— Você sabe que estamos mortos, não é? — grito, pensando na revanche.

— Não conte com isso — grita Brian.

É mesmo, penso, somos *invencíveis*.

Estamos correndo à velocidade da luz quando o chão cede e nós saltamos no ar como se corrêssemos escada acima.



Desisto do desenho, fecho os olhos e me recosto na cadeira. Na minha mente, posso desenhar Brian com relâmpagos.

— O quê? — ouço. — Você está meditando agora? O nome Swami Sweetwine tem mesmo certa sonoridade.

Mantenho os olhos fechados.

— Vá embora, Jude.

— Onde você esteve a semana toda?

— Em nenhum lugar.

— O que você andou fazendo?

— Nada.

Todas as manhãs, desde que lançamos aqueles meteoritos contra Fry e o Pé Grande, há cinco semanas, para ser mais preciso, esperei no telhado, totalmente desconcertado, minha cabeça a bons centímetros do pescoço, até que a garagem dele se abrisse e pudéssemos mergulhar no bosque de novo e nos tornarmos seres imaginários — só assim é que consigo descrever.

(Retrato, autorretrato: *Dois Meninos Saltam e Permanecem no Ar.*)

— Então o Brian é legal? — Abro os olhos. Ela sabe o nome dele. Ele não é mais *um maluco*? Jude está encostada na moldura da porta usando uma calça de pijama verde-limão e um top fúcsia, parecendo um daqueles pirulitos coloridos que se compram no calçadão ao longo da praia. Se você semicerrar os olhos, muitas meninas se parecem com aqueles pirulitos.

Jude estende a mão diante de si e examina cinco unhas roxas brilhantes.

— Todo mundo está falando como se ele fosse uma espécie de deus do beisebol, como se fosse entrar para as grandes ligas. O irmãozinho do primo do Fry — ele está passando o verão aqui, frequenta a mesma escola dele no leste. Eles o chamam de O Machado, ou coisa assim.

Caio na gargalhada. O Machado. Brian é chamado de O Machado! Viro a página e começo a desenhar isso.

Será por isso que não houve retaliação? Foi por isso que Fry passou por mim outro dia, enquanto eu estava discutindo com Rascal, o cavalo, e, antes mesmo que pudesse pensar em fugir para o Oregon, ele apontou para mim e disse:

— Cara.

E foi só isso.

— Então, ele é mesmo? — pergunta Jude. Seus cabelos estão particularmente sanguinolentos esta noite, serpenteando por todo o ambiente, esvoaçando pelos móveis, subindo pelas pernas das cadeiras, se prolongando pelas paredes. Sou o próximo.

— Ele é o quê?

— Legal, Bolha. O Brian, seu novo melhor amigo, é legal?

— Ele é legal — digo, mas ignorando o “Bolha”, que se dane. — Como todo mundo.

— Mas você não gosta *de todo mundo*. — Ouço a inveja dela agora. — Que animal ele é, então? — Ela enrola uma mecha de cabelo no dedo indicador com tanta força que a ponta do dedo está vermelha e inchada como se pudesse explodir.

— Um hamster — digo.

Ela ri.

— Ah, claro. O Machado é um hamster.

Tenho de afastá-la de Brian. Esqueça as persianas; se eu pudesse colocar a Grande Muralha da China ao redor dele e de mim, eu a colocaria.

— Quem é M.? — pergunto, lembrando-me do Tabuleiro Ouija.

— Não é ninguém.

Certo. Volto para o desenho de *O Machado*...

— Como você prefere morrer? — ouço. — Tomando gasolina e depois acendendo um fósforo na boca ou enterrado vivo?

— A explosão — digo, tentando esconder meu sorriso, porque depois de todos esses meses me ignorando ela está se reaproximando. — Dã. Obviamente.

— É, é. Só aquecendo. Faz algum tempo. Que tal...?

Alguém bate na janela.

— É ele? Na janela? — Odeio a empolgação na voz dela.

Mas será ele? À noite? Casualmente eu disse qual quarto era o meu — o que dá para a rua, de acesso fácil — uma dezena de vezes porque, bem, tenho meus motivos. Levanto-me da escrivaninha, vou até a janela e abro a persiana. É ele. De verdade e tudo. Às vezes me pergunto se estou inventando coisas e imagino que, se alguém estiver me olhando lá de cima, deve me ver sozinho o dia todo, conversando e rindo sozinho no meio do bosque.

Ele está emoldurado pela luz do quarto, como se tivesse colocado o dedo na tomada. Brian não está usando aquele chapéu e seus cabelos estão despenteados. Os olhos estão iluminados também. Abro a janela.

— Quero muito conhecê-lo — ouço Jude dizendo atrás de mim.

Não quero isso. Não. Quero que ela caia dentro de um buraco.

Abaixo-me e tiro a cabeça e os ombros para fora, esticando-me ao máximo no peitoril da janela para que Jude não possa ver o que acontece lá fora e Brian não possa ver o que acontece aqui dentro. O ar é fresco e leve no meu rosto.

— Oi — digo, como se ele sempre batesse na minha janela à noite e como se não estivesse totalmente agitado por dentro.

— Você tem que vir aqui — diz ele. — Tem que vir. Finalmente está tudo claro. E sem lua. É um banquete intergaláctico no céu.

Sério, se alguém me dissesse que eu podia ficar no estúdio de Da Vinci enquanto ele pintava a *Mona Lisa* ou subir no telhado com Brian à noite, eu subiria no telhado. Outro dia ele mencionou que assistiria a algum filme sobre uma invasão alienígena, e eu quase desmaiei só de imaginar. Preferia me sentar ao lado do Brian durante duas horas no cinema escuro a participar de uma sessão de pintura com Jackson Pollock. O único problema de ficar com ele no bosque o dia todo é que há espaço demais lá. O porta-malas de um carro seria melhor, ou um dedal.

Apesar dos meus esforços protegendo a janela, sinto-me empurrado por Jude, que tira a cabeça e

depois os ombros para fora ao meu lado, até nos transformarmos numa hidra de duas cabeças. Vejo o rosto de Brian se iluminar todo ao vê-la e me sinto enjoado.

(Retrato: *Jude: Extirpada e Esquartejada.*)

— Oi, Brian Connelly — diz ela, flertando de um jeito que faz com que minha temperatura corporal caia alguns graus. Quando foi que ela aprendeu a falar daquele jeito?

— Uau, vocês são muito parecidos — exclama Brian. — Eu achava que você se parecia com Noah, só que...

— Com seios? — interrompe Jude. Ela disse *seios* para ele!

E por que é que ele estava imaginando como ela se parecia?

Brian exhibe *aquela* meio sorriso. Preciso esconder a cabeça dele dentro de um saco antes que a Jude seja enfeitiçada pelos olhos estranhos e semicerrados dele. Será que existe burca para meninos? Pelo menos ele não lambeu os lábios, acho.

— Bem, é mesmo. Exatamente — Brian diz para ela, lambendo os lábios. — Se bem que eu teria dito de outra maneira.

É o fim. Os olhos dele estão entreabertos. Minha irmã é um pirulito — todo mundo adora pirulito. E minha cabeça foi substituída por um repolho.

— Você deveria vir com a gente — diz ele. — Eu ia mostrar ao seu irmão a constelação de Gêmeos, sabe, então é perfeito. — *Seu irmão?* Sou apenas o irmão dela agora?

(Retrato: *Jude em Seu Novo Lar em Timbuktu.*)

Ela está prestes a falar para dizer “Legal” ou “Incrível” ou “Amo você!”, então eu a afasto com o cotovelo. É a única solução prática. Ela devolve a cotovelada com um golpe em minhas costelas. Estamos acostumados a esconder nossas batalhas sob as mesas em restaurantes ou em casa, então esconder isso de Brian é fácil, até eu dizer:

— Ela não pode ir. Ela tem que *ubudovasou para sodojiocoa...* — estou apenas fazendo sons, juntando sílabas, na esperança de que elas colidam e ganhem algum sentido na cabeça de Brian, enquanto eu, com um maravilhoso movimento convulsivo, salto pela janela, por pouco caindo de pé e não batendo cabeça com Brian. Endireito-me, tiro os cabelos dos olhos, notando o suor na minha testa, depois me viro, coloco a mão na janela e começo a fechá-la, só no último minuto decidindo por não decapitar minha irmã, apesar de parecer uma bela ideia. Em vez disso, empurro-a pelos ombros para que seus cabelos amarelos, suas unhas roxas, seus fervilhantes olhos azuis e seus seios fartos voltem para dentro...

— Meu Deus, Noah. Já entendi. Prazer em conhecer você — ela consegue dizer antes de eu fechar a janela com um baque.

— O prazer é meu — diz ele, dando uma pancadinha na janela com os nós dos dedos. Ela responde com duas batidinhas que combinam perfeitamente com o sorriso confiante em seu rosto. É como se eles se comunicassem com batidinhas a vida toda e tivessem seu próprio Código Morse do Tigre-de-Bengala para o Pirulito.

Brian e eu caminhamos pela rua em silêncio. Estou completamente suado. Sinto-me exatamente como quando acordo de um sonho no qual estou nu na cantina da escola e só tenho aqueles patéticos guardanapos moles para me cobrir.

Brian se refere ao que acabou de acontecer resumidamente.

— Cara — diz ele. — Que louco.

Suspiro e resmungo:

— Obrigado, Einstein.

E então, para minha surpresa e alívio, ele começa a rir. Uma gargalhada torrencial, montanhosa.

— Tão louco. — Ele golpeia o ar. — Quero dizer, achei que você fosse cortá-la ao meio com a janela! — Isso o faz entrar numa montanha-russa de risadas histéricas, num passeio ao qual logo me junto também. Ainda mais impulsionada quando o Profeta começa a gritar:

— Onde é que está o Ralph? Onde é que está o Ralph?

— Ah, meu Deus. Esse pássaro maluco. — Brian segura a cabeça com as duas mãos. — Temos que encontrar o Ralph, cara. Temos mesmo. É uma emergência nacional.

Ele parece não se importar nem um pouco com o fato de Jude não nos acompanhar. Talvez eu tenha imaginado tudo. Talvez o rosto dele não tenha se iluminado ao vê-la. Talvez ele não tenha ficado todo vermelho ao ouvi-la. Talvez ele nem mesmo goste de pirulitos.

— O Machado? — pergunto, sentindo-me muito melhor.

— Ah, cara. — Ele suspira. — Isso foi rápido. — Há constrangimento e orgulho na voz dele. Brian segura o braço direito. — Ninguém mexe com O Machado. — O Machado pousa no meu ombro e me empurra. Estamos sob um poste e espero que minha expressão não revele o que acontece dentro de mim ao sentir o contato dele. É a primeira vez que ele me toca.

Sigo-o escada acima até o telhado, meu ombro ainda formigando, desejando que a escada tivesse quilômetros e quilômetros. (Retrato, autorretrato: *Os Dois Meninos Escapam dos Dois Meninos.*) Ao subirmos, consigo ouvir as plantas crescendo no escuro, o sangue correndo veloz dentro de mim.

E então o perfume de jasmim nos envolve.

A vovó Sweetwine costumava dizer que tínhamos de prender a respiração ao sentirmos o cheiro de jasmim florescendo à noite se não quiséssemos entregar todos os nossos segredos. Ela dizia que a polícia se sairia muito melhor estendendo os galhos dessas flores para os acusados em vez de interrogá-los com um detetor de mentiras. Realmente espero que essa bobagem seja verdade. Quero saber os segredos de Brian.

Uma vez lá em cima, ele pega uma lanterna do bolso e ilumina nosso caminho até o telescópio. A luz é vermelha, e não branca, explica ele, para que nossa visão noturna não falhe. Nossa visão noturna!

Enquanto ele está agachado sobre uma sacola ao pé do telescópio, fico ouvindo o mar batendo nas pedras, imaginando todos os peixes nadando em meio à escuridão infinita e gélida.

— Eu jamais poderia ser um peixe — digo.

— Nem eu — responde ele, suas palavras obstruídas pela lanterna que ele segura na boca para que possa usar as duas mãos a fim de mexer na sacola.

— Talvez uma enguia — digo, ainda maravilhado por falar em voz alta tantas coisas que normalmente diria apenas para mim mesmo. — Seria legal ter partes do corpo elétricas, sabe? Como seus cabelos.

Ouçõ a risada abafada dele através da luz da lanterna, e isso me mata de tanta felicidade. Estou pensando que tenho estado tão quieto todos esses anos porque Brian não esteve por perto para que eu lhe dissesse todas as coisas. Ele tira um livro da sacola, depois fica de pé e o folheia até encontrar o que procura. Brian me passa o livro e se aproxima muito, até que possa jogar a luz da lanterna — que está em sua mão novamente — sobre a página.

— Aqui — diz ele. — Gêmeos.

Sinto os cabelos dele no meu rosto, no meu pescoço.

Tenho a mesma sensação de quando estou prestes a chorar.

— Aquela estrela — aponta ele — é Castor, aquela outra é Pólux. Elas são as cabeças dos Gêmeos. — Ele tira uma caneta do bolso e começa a desenhar; é uma caneta que brilha no escuro. Legal. Ele desenha linhas entre as estrelas até que dois bonequinhos de palito aparecem.

Sinto o perfume do xampu dele, do suor. Respiro fundo e silenciosamente.

— Eles são dois homens — diz Brian. — Castor era mortal. Pólux, imortal.

Homens normalmente ficam assim tão perto de outros homens? Queria ter prestado mais atenção a esse tipo de coisa antes. Noto que meus dedos tremem e não tenho cem por cento de certeza de que meus dedos não atravessarão o ar e tocarão o pulso ou o pescoço dele, então os guardo no bolso por segurança. Seguro a pedra que ele me deu.

— Quando Castor morreu — diz ele —, Pólux sentiu tanto a falta dele que fez um acordo para compartilhar sua imortalidade com ele, e foi assim que os dois acabaram no céu.

— Eu faria isso — digo. — Totalmente.

— É mesmo? Deve ser coisa de gêmeo — diz ele, equivocando-se. — Se bem que é difícil acreditar nisso depois daquela Manobra Mortal com a Janela. — Sinto meu rosto ficar todo vermelho porque estava falando dele, dã, eu compartilharia minha imortalidade com ele. *Estou falando de você*, quero gritar.

Brian está junto ao telescópio, ajustando alguma coisa.

— Dizem que os gêmeos são responsáveis por naufrágios, aparecem para os marinheiros como o Fogo de Santelmo. Sabe o que é isso? — Ele não espera pela resposta, simplesmente aciona seu modo Einstein. — É um fenômeno meteorológico no qual um plasma luminoso é criado porque partículas carregadas se separam e criam campos elétricos que, por sua vez, criam uma descarga de coroa...

— Uau — digo.

Ele ri, mas continua, ainda incompreensível. Entendo o princípio: os gêmeos fazem com que as coisas peguem fogo. Brian se vira e ilumina meu rosto com a lanterna.

— É uma loucura isso acontecer — diz ele. — Mas acontece, e o tempo todo.

Ele é como um saco de personalidades. Esta é como Einstein. Outra como o destemido deus lançador de meteoros. O cara da gargalhada louca. O Machado! E tem mais, eu sei. Personalidades ocultas. Mais verdadeiras. Afinal, por que sua expressão interior é tão preocupada?

Tiro a lanterna de sua mão e o ilumino. O vento aperta sua camiseta contra o peito. Quero alisar as rugas com a minha mão, quero tanto que minha boca fica seca.

Não sou só eu quem está olhando firmemente desta vez.

— O cheiro do jasmim faz as pessoas contarem seus segredos — digo para ele, baixinho.

— Isto é jasmim? — pergunta Brian, girando a mão no ar.

Faço que sim com a cabeça. A luz da lanterna brilha no rosto dele. É uma inquisição.

— Por que você acha que eu tenho segredos? — Ele cruza os braços.

— Quem não tem?

— Conte-me os seus, então.

Penso num segredo inofensivo mas interessante o bastante para que ele revele algo bom.

— Eu espio as pessoas.

— Quem?

— Basicamente todo mundo. Geralmente estou desenhando, mas às vezes não. Eu me escondo nas árvores, nos arbustos, no meu telhado com um binóculo, qualquer coisa.

— Já foi pego?

— Sim, duas vezes. As duas por você.

Ele ri um pouco.

— Então... já me espiou? — A pergunta me faz ficar sem ar. A verdade é que, depois de uma investigação mais profunda, tenho certeza de que o quarto dele é à prova de espionagem.

— Não. Sua vez.

— Certo. — Ele aponta para o oceano. — Não sei nadar.

— Mesmo?

— Sim. Odeio água. Não gosto nem de ouvi-la. Banheiras me apavoram. Tubarões me apavoram. Viver aqui me apavora. Sua vez.

— Odeio esportes.

— Mas você é rápido.

Dou de ombros.

— Sua vez.

— Certo. — Ele lambe os lábios e então exala lentamente. — Sou claustrofóbico. — Brian franze a testa. — Não posso ser astronauta. Que droga.

— Você sempre foi assim?

— Não. — Ele desvia o olhar e, por uma fração de segundo, vejo sua expressão interior novamente. — Sua vez.

Desligo a lanterna.

Minha vez. Minha vez. Minha vez. *Quero colocar as mãos no seu peito. Quero estar num dedal com você.*

— Risquei o carro do meu pai com uma chave — digo.

— Roubei um telescópio da escola.

É mais fácil com a lanterna desligada. As palavras caem no escuro, como maçãs das árvores.

— Rascal, o cavalo do outro lado da rua, conversa comigo.

Dá para vez que ele está sorrindo, mas seu sorriso desaparece.

— Meu pai foi embora.

Faço uma pausa.

— Queria que meu pai fosse embora.

— Não, não quer — diz ele, sua voz séria. — É uma droga. Minha mãe passa o tempo todo num site chamado Conexões Perdidas, escrevendo bilhetes que ele jamais lerá. Totalmente patético. — Faz-se um silêncio. — Ah, ainda minha vez? Faço cálculos matemáticos na minha mente o tempo todo. Até mesmo no montinho do arremessador.

— Agora?

— Agora mesmo.

— Eu faço pinturas na mente.

— Sim, provavelmente.

— Tenho medo de ser ruim — digo.

Ele ri.

— Eu também.

— Quero dizer, muito ruim.

— Eu também — insiste ele.

Ficamos em silêncio por um segundo. O oceano ruga sob nós.

Fecho meus olhos, respiro fundo.

— Nunca beijei ninguém.

— Ninguém? — pergunta ele. — Ninguém mesmo? Isso significa alguma coisa?

— Ninguém.

O tempo se prolonga e se prolonga e se prolonga...

Depois se quebra. Ele diz:

— Uma pessoa próxima da mamãe deu em cima de mim.

Uau. Ligo a lanterna novamente e ilumino o rosto dele. Brian está piscando, parecendo incomodado, constrangido. Observo seu pomo de adão quando ele engole em seco uma vez, e de novo.

— Quantos anos? Quanto em cima? — pergunto, sem fazer a pergunta que eu queria, desejando que ele tivesse usado um pronome. Era um namorado da mãe dele?

— Meio Jovem. Em cima o bastante. Só uma vez. Nada demais. — Ele tira a lanterna da minha mão e volta para o telescópio, pondo um fim na conversa. Claro que foi algo importante. Tenho inúmeras perguntas sobre “*em cima o bastante*”, mas as guardo para mim mesmo.

Espero no ar frio onde o corpo dele estava.

— Certo — diz ele um pouco mais tarde. — Tudo pronto.

Vou para trás do telescópio, coloco o olho nele e todas as estrelas caem na minha cabeça. É como tomar um banho no Cosmos. Respiro fundo.

— Eu sabia que você era louco — diz ele.

— Ah, cara. Pobre Van Gogh — digo. — *Noite Estrelada* podia ser tão mais legal.

— Eu sabia! — grita ele. — Se eu fosse artista, ficaria louco. — Preciso de algo no que me segurar, e que não seja o Brian. Seguro uma das pernas do telescópio. Ninguém jamais se empolgou tanto ao me mostrar uma coisa, nem mesmo a mamãe. E ele acaba de me chamar de artista.

(Autorretrato: *Lançando Braçadas de Ar no Ar.*)

Ele se aproxima por trás de mim.

— Certo, agora veja só isso. Você vai ficar louco. — Ele se inclina sobre meu ombro e mexe numa alavanca, e as estrelas se aproximam ainda mais, e ele tem razão, estou enlouquecendo, mas desta vez não por causa das estrelas. — Está vendo a constelação de Gêmeos? — ele pergunta. — Ela está no quadrante superior direito. — Não consigo ver porque meus olhos estão fechados. No Universo todo, só me importo com o que está acontecendo aqui no telhado. Penso em como reagir para que a mão dele permaneça na alavanca, para que ele fique aqui perto de mim, tão perto que consigo sentir a respiração dele na minha nuca. Se eu disser “sim”, ele provavelmente vai recuar. Se disser “não”, talvez ele ajuste o telescópio novamente e possamos ficar assim por mais um minuto.

— Acho que não estou vendo — digo, minha voz áspera, hesitante. Foi a resposta certa, porque ele

diz:

— Certo, aqui — e ele faz algo que não só aproxima as estrelas como também sua respiração.

Meu coração para de bater.

Estou de costas para ele e, se me mover um centímetro para trás, cairei sobre ele, e então, se estivéssemos num filme, não um filme que eu tenha visto, ele passaria as mãos no meu corpo, sei que passaria, e eu me viraria e nós nos fundiríamos como cera quente. Posso ver isso acontecendo na minha mente. Não me movo.

— E então? — Ele mais exala do que diz as palavras, e é quando eu sei que está sentindo isso também. Penso naqueles dois caras no céu provocando naufrágios, fazendo com que as coisas peguem fogo, assim sem aviso. — É louco que isso aconteça — disse ele sobre os gêmeos. — Mas simplesmente acontece.

Simplesmente acontece.

Está acontecendo com a gente.

— Tenho que ir — digo, impotente.

O que faz você dizer o contrário do que todas as células no seu corpo querem que diga?

— É mesmo — responde ele. — Certo.



As Meninas-Vespas: Courtney Barrett, Clementine Cohen, Lulu Mendes e Heather Alguma Coisa estão apoiadas contra uma enorme rocha ao lado da entrada da trilha quando Brian e eu saímos do bosque na tarde seguinte. Ao nos ver, Courtney se levanta rapidamente e coloca as mãos na cintura, criando um obstáculo humano cor-de-rosa no nosso caminho, interrompendo, assim, meu discurso sobre a genialidade do peixe-bolha, os animais e o lixo espacial mais desprezado do mundo, para sempre à sombra da preguiça de três dedos. Isso depois das notícias urgentes de Brian a respeito de um menino na Croácia sobre o qual ele leu e que é magnético. A família e os amigos do menino jogam moedas nele, e as moedas grudam. O mesmo com frigideiras. Ele diz que isso é mesmo possível por algum motivo que não compreendo.

— Oi — diz Courtney. Ela é um ano mais velha que as outras vespas, vai para o ensino médio ano no que vem, então tem a mesma idade de Brian. O sorriso dela é de lábios todos escarlates, dentes brancos reluzentes e ameaçador. As antenas na cabeça dela apontam diretamente para ele. — Uau! — exclama ela. — Quem diria que você escondia *esses olhos* sob esse chapéu ridículo?! — A parte de cima do seu biquíni, dois pedacinhos cor-de-rosa e uma cordinha, cobre muito pouco do corpo dela. Ela puxa a cordinha, expondo uma linha secreta de pele branca envolta no pescoço. Ela puxa o fio como se fosse a corda de um violão.

Fico olhando Brian olhá-la. Então vejo Brian ser observado por ela, sabendo que Courtney está registrando a forma como a camiseta dele cai feito água sobre o peito, registrando os braços fortes e bronzeados dele, o espacinho entre os dentes da frente, os olhos semicerrados, as sardas, registrando

que não há palavra em sua cabeça de vespa para descrever a cor dos olhos dele.

— Acho que vou me sentir ofendido em nome do meu chapéu — responde Brian, com uma suavidade e tranquilidade que perfura meus tímpanos. Outro Brian está surgindo, dá para notar. Um Brian que certamente não vai me agradar nem um pouco.

Ocorre-me que Jude faz isso também, muda quem é dependendo de quem está com ela. São como sapos mudando a cor da pele. Por que eu sou sempre eu mesmo?

Courtney faz um biquinho de falsa mágoa.

— Eu não quis ofender. — Ela solta a cordinha do biquíni e dá um tapinha na aba do chapéu dele com dois dedos compridos. Suas unhas são da mesma cor roxa que as unhas de Jude. — Por quê? Para dar sorte? — pergunta ela, inclinando a cabeça, inclinando o mundo todo para que as coisas fluam em sua direção. Sem dúvida essa menina está dando aulas de flerte para Jude. Ei, onde está Jude? Como ela pode perder esta armadilha?

— É para dar sorte — diz ele. — Porque coisas boas acontecem quando uso este chapéu. — É possível que Brian olhe para mim por um nanossegundo ao dizer isso, mas muitas coisas são possíveis e extremamente improváveis, como a paz mundial e tempestades de neve no verão e dentes-de-leão azuis e o que acho que aconteceu no telhado a noite passada. Será que imaginei tudo? Sempre que penso nisso, a cada dez segundos e o dia todo, desmaio por dentro.

Clementine, apoiada contra a rocha como a modelo da CSA — seu corpo em três triângulos —, diz, no mesmo dialeto de vespa que Courtney:

— O primo do Fry de Los Angeles diz que ele queria que você o tivesse acertado com as pedras para que ele pudesse cobrar entrada das pessoas que quisessem ver a cicatriz quando você estivesse nas grandes ligas. — Ela diz tudo isso para as unhas roxas numa de suas mãos. Meu Deus. Fry e o Pé Grande devem ter ficado impressionados mesmo com O Machado e seu braço biônico para admitirem a derrota desse jeito para um punhado de vespas.

— É bom saber — responde Brian. — Da próxima vez que ele agir como um imbecil, vou mirar para acertar.

Uma onda de admiração pelo comentário de Brian passa de vespa a vespa. Vômito. Vômito. Vômito. Algo alarmante está acontecendo comigo, mais alarmante do que o fato de Jude ter se juntado a essa religião das unhas roxas. É que Brian é um cara legal. Sua linhagem alienígena não só o preparou para passar como também para ultrapassar. Ele provavelmente é sobrenaturalmente popular naquele colégio interno. Um atleta *e* popular! Como não notei antes? Devo ter ignorado por causa de seus intermináveis rompantes sobre agrupamentos celestes orbitando núcleos galácticos, rompantes que percebo que estão sendo contidos diante das vespas. Será que ele não sabe que as pessoas populares estão cobertas por retardadores de combustão? Será que ele não sabe que pessoas populares não são revolucionárias?

Quero segurá-lo pelo pulso e voltar para o bosque, dizer a essas meninas “desculpe, mas eu o encontrei primeiro”. Mas então penso que não, isso não é verdade. Ele é que me encontrou. Ele *me* *perseguiu* como um tigre-de-bengala. Queria que ele optasse por aquela personalidade e se prendesse a ela.

Clementine, ainda falando para suas unhas, diz:

— Temos que chamá-lo de O Machado? Ou talvez só Machado? Aaaah. — Ela grita exatamente como um javali. — Gosto disso.

— Prefiro Brian — diz ele. — Não estamos em temporada.

— Certo, *Brian* — diz Courtney, como se tivesse inventado o nome. — Vocês deveriam nos encontrar no Spot. — Ela olha para mim. — A Jude vai.

Estou surpreso por ser reconhecido. Minha cabeça-de-repolho faz que sim sem meu consentimento.

Ela sorri para mim de um jeito que pode facilmente passar por um sorriso de desprezo.

— Sua irmã diz que você é uma espécie de prodígio. — Ela puxa a cordinha do biquíni. — Talvez eu te deixe me desenhar um dia.

Brian cruza os braços.

— Ah, não. Você teria sorte se *ele* deixasse *você* posar para ele um dia.

Cresço vinte mil metros.

Mas então Courtney bate no próprio punho, miando para Brian.

— Menina má. Entendi.

Certo, já é hora de botar fogo na vizinhança. E o pior é que a piadinha ridícula dela o faz sorrir, ao que ela responde com um sorriso radiante.

(Autorretrato: *Menino num Saco Plástico Ficando Azul.*)

Um bando de maçaricos voa pela rua em direção ao estábulo de Rascal. Eu queria ser um cavalo.

Alguns segundos se passam e então Lulu se afasta da rocha e fica ao lado de Courtney. Clementine a segue, colocando-se ao lado de Lulu. As vespas estão formando um enxame. Somente Heather permanece perto da rocha.

— Você surfa? — Lulu pergunta para Brian.

— Não gosto muito de praia — responde ele.

— Não gosta de praia? — Lulu e Courtney perguntam ao mesmo tempo, mas esse fato inconcebível é ofuscado por Clementine, que diz:

— Posso experimentar seu chapéu?

— Não, eu é que vou experimentar — diz Courtney.

— Também quero! — diz Lulu.

Reviro os olhos e então ouço alguém rir sem nenhum traço de zumbido de vespa. Olho para Heather, que me olha com compaixão, como se fosse a única capaz de ver o repolho sobre o meu pescoço. Mal percebi a presença dela ali. Nunca. Apesar de ela ser a única das vespas que estuda na escola pública como a gente. Uma confusão de madeixas negras, parecidas com as minhas, cai ao redor de seu rostinho. Nenhuma antena. E ela parece mais uma rã do que um pirulito, uma

maravilhosa rã arbórea. Ela eu desenharia, pendurada num carvalho, meio escondida. Verifico as unhas dela. São azul-claras.

Brian tira o chapéu da cabeça.

— Humm.

— Você escolhe — diz Courtney, confiante de que será a escolhida.

— Eu não poderia fazer isso — diz Brian. Ele começa a girar o chapéu na ponta do dedo. — A não ser que... — Com um movimento rápido do punho, ele coloca o chapéu na minha cabeça. E eu começo a flutuar. Retiro tudo o que disse. Ele é mesmo um revolucionário.

Até que percebo que todos estão rindo, incluindo o próprio Brian, como se isso fosse a coisa mais engraçada do mundo.

— Cai fora — diz Courtney. Ela tira o chapéu da minha cabeça como se eu fosse um cabide e o devolve para Brian. — Agora escolha.

Brian sorri amplamente para Courtney, exibindo o espaço entre seus dentes, e depois coloca o chapéu na cabeça dela, levantando a aba em cima da sobrancelha. A expressão dela é inegavelmente de missão cumprida.

Ele dá um passo para trás e a estuda.

— Combina bem com você.

Quero chutá-lo na cabeça.

Em vez disso, deixo o vento que sopra nas minhas costas me lançar no ar e me jogar no mar pelo penhasco.

— Vou puxar o carro — digo, lembrando que foi isso que ouvi alguém dizer a alguém em algum momento e em algum lugar, na escola ou talvez na televisão ou num filme, provavelmente nem mesmo nesta década, mas quem se importa, só sei que tenho de sair dali antes de evaporar ou desabar ou chorar. Penso, num instante de esperança, que Brian talvez me siga pela rua, mas ele simplesmente diz:

— Até mais.

Meu coração foge, pega carona para fora do corpo, ruma para o norte, pega uma balsa, atravessa o Mar de Bering e se fixa na Sibéria com ursos-polares e cabras selvagens, até se transformar numa geleira minúscula.

Porque eu imaginei tudo. Na noite passada, foi isto que aconteceu: ele ajustou uma alavanca no telescópio, foi isso. Só que eu estava no meio do caminho. *Noah tem uma imaginação fértil*, escrito em todo relatório da escola sobre mim. Diante do que a mamãe ria e dizia:

— Um leopardo não pode mudar sua natureza, não é mesmo?

Quando entro em casa, vou imediatamente para a janela da frente, que dá para a rua, a fim de observá-los. O céu domina a cena com nuvens alaranjadas, e, sempre que uma nuvem parece despencar, Brian a rebate como se fosse um balão. Eu o vejo hipnotizar as meninas, do mesmo jeito

que hipnotizou as frutas nas árvores, as nuvens no céu, do mesmo jeito que me hipnotizou. Somente Heather parece imune. Ela está deitada na rocha, admirando o paraíso alaranjado no céu, em vez de olhar na direção de Brian.

Digo para mim mesmo: ele não me encontrou, não me perseguiu. Ele não é um tigre-de-bengala. É só um menino novo na vizinhança que encontrou alguém da mesma idade e equivocadamente ficou amigo dele antes de as crianças legais aparecerem e o salvarem.

A realidade é avassaladora. O mundo é um sapato apertado. Como as pessoas aguentam?

(Autorretrato: *Excluído*.)

Ouçoo os passos da mamãe pouco antes de sentir o calor das mãos dela sobre meus ombros.

— Céu lindo, não? — Respiro fundo e absorvo o perfume dela. A mamãe alterna perfumes. Este tem cheiro de floresta, madeira e terra, com o cheiro dela misturado. Fecho os olhos. O choro cresce dentro de mim, que sou puxado para cima pelas mãos dela. Eu o seguro, dizendo:

— Faltam só seis meses agora para a matrícula.

Ela aperta meus ombros.

— Tão orgulhosa de você. — Sua voz é calma, profunda e segura. — Você tem ideia do meu orgulho? — Sei disso. Não sei mais nada. Faço que sim e ela me abraça. — Você é minha inspiração — diz ela, e nós pairamos juntos no ar. Ela se transformou nos meus olhos de verdade. É como se eu não desenhasse nem pintasse nada antes de ela ver, como se tudo fosse invisível até que ela ficasse com aquela expressão no olhar e dissesse: “Você está refazendo o mundo, Noah. Desenho a desenho”. Quero tanto lhe mostrar os desenhos de Brian. Mas não posso. Como se me ouvisse pensar nele, Brian se vira na minha direção, a silhueta contra o sol, uma pintura perfeita, tão boa que faz com que meus dedos se agitem ao lado do corpo. Mas não vou mais desenhá-lo. — Não há nada de mau em ser viciado em beleza — diz a mamãe, toda sonhadora. — Emerson disse que a beleza é a letra de Deus. — Há alguma coisa na voz dela quando a mamãe fala sobre ser artista, algo que sempre faz com que eu me sinta como se todo o céu estivesse no meu peito. — Sou viciada nela também — suspira a mamãe. — A maioria dos artistas é.

— Mas você não é artista — suspiro para ela.

A mamãe não responde e seu corpo fica todo tenso. Não entendo por quê.

— Onde está o Ralph? Onde está o Ralph?

Isso a relaxa e a mamãe ri.

— Tenho a sensação de que o Ralph está a caminho — diz ela. — A Segunda Vinda será em breve. — Ela me beija na cabeça. — Tudo vai ficar bem, querido — diz ela, porque é uma mecânica de gente e sempre sabe quando estou com defeito. Ao menos é por isso que eu acho que ela diz, até acrescentar: — Vai ficar tudo bem para todos nós, prometo.

Antes mesmo de pousarmos no tapete, ela se vai. Fico ali, olhando pela janela, até que a escuridão preencha a sala, até que os cinco saiam em direção ao Spot, o chapéu da sorte de Brian na cabeça da sorte de Courtney.

Caminhando atrás das outras, Heather plana sozinha, ainda olhando para o céu. Eu a observo erguer os braços como um cisne e depois abaixá-los. Um pássaro, acho. Claro. Nada de rã. Eu estava enganado.

Sobre tudo.



Na manhã seguinte, não subo no telhado ao nascer do sol porque não vou sair do meu quarto até que Brian volte para seu colégio interno a três mil quilômetros daqui. São apenas sete semanas até que isso aconteça. Vou beber água das plantas se ficar com sede. Estou deitado na cama, olhando o pôster no teto do quarto, *O Grito*, de Munch, uma obra incrível que eu queria ter feito de um cara explodindo de raiva.

Como me sinto.

Jude e a mamãe estão discutindo do outro lado da parede. Estão começando a gritar. Acho que ela odeia a mamãe ainda mais do que me odeia agora.

Mamãe: Você terá muito tempo para agir como uma menina de vinte e cinco anos quando tiver vinte e cinco anos, Jude.

Jude: É só batom.

Mamãe: Batom que você não vai usar, e, enquanto eu estiver ao seu lado, esta saia é curta demais.

Jude: Você gosta dela? Eu mesma fiz.

Mamãe: Bem, você deveria ter se esforçado mais. Olhe só no espelho. Você realmente quer ser *esse tipo de menina*?

Jude: E quem mais eu vou ser? Para deixar claro, *essa menina* no espelho sou eu!

Mamãe: Estou realmente ficando assustada com seu comportamento. Eu não te reconheço.

Jude: Bem, eu também não te reconheço, mamãe.

A mamãe tem agido de um modo estranho. Noto as coisas também. Tipo como ela fica lobotomizada nos sinais vermelhos bem depois de eles ficarem verdes, e só pisa no acelerador depois que os outros começam a buzinar para ela. Ou como ela diz que está trabalhando no escritório, mas a espionagem revela que na verdade ela está vasculhando caixas de velhas fotografias que trouxe do sótão.

E há cavalos galopando dentro dela agora. Consigo ouvi-los.

Hoje a mamãe e Jude vão à cidade juntas para um dia de mãe e filha, a fim de tentarem fazer as pazes. Não é um bom começo. O papai costumava tentar me levar a um jogo quando elas saíam juntas, mas hoje em dia ele não se dá mais ao trabalho, não depois que passei todo um jogo de futebol olhando a multidão em vez do campo, desenhando rostos em guardanapos. Ou será que foi num jogo de beisebol?

Beisebol. O Machado. O Machado Babaca.

Jude bate, não espera por minha permissão e simplesmente abre a porta. Acho que a mamãe venceu a discussão, porque ela está sem batom e usando um vestido colorido que chega até os joelhos, um dos moldes da vovó. Ela parece a cauda de um pavão. Seus cabelos são um lago amarelo tranquilo e plácido em volta dela.

— Que incrível você estar em casa! — Ela parece genuinamente feliz por me ver. Jude se apoia contra o batente da porta. — Se Brian e eu estivéssemos nos afogando, quem você salvaria primeiro?

— Você — digo, feliz por ela não ter me perguntado isso ontem.

— E se for o papai e eu?

— Por favor. Você.

— A mamãe e eu?

Faço uma pausa e então respondo:

— Você.

— Você parou para pensar.

— Não parei.

— Parou, sim, mas tudo bem. Eu mereço. Sua vez.

— A mamãe ou eu?

— Você, Noah. Eu sempre te salvaria antes. — Seus olhos são céus azuis. — Apesar de você quase ter me decapitado outro dia. — Ela dá uma risadinha. — Mas tudo bem. Admito. Fui horrível, não é?

— Muito invejosa.

Ela faz uma cara de louca com os olhos arregalados que me faz rir, mesmo estando de mau humor.

— Sabe — diz ela —, aquelas meninas são legais, mas são tão *normais*. É entediante. — Ela dá um salto falso e desengonçado de bailarina, cai na minha cama e dá de ombros. Fecho os olhos. — Já faz tempo — sussurra ela.

— Muito tempo.

Respiramos e respiramos e respiramos juntos. Ela segura minha mão e eu penso em como as ariranhas dormem flutuando de costas na água, de mãos dadas, exatamente assim, sem se separarem à noite.

Depois de um tempo, ela fecha o punho. Faço o mesmo.

— Um, dois, três — dizemos ao mesmo tempo.

Pedra/Pedra

Tesoura/Tesoura

Pedra/Pedra

Papel/Papel

Tesoura/Tesoura

— Sim! — grita ela. — Somos os mesmos, sim, somos! — Ela se levanta rapidamente. —

Podemos assistir ao Animal Channel hoje à noite. Que tal um filme? Você pode escolher.

— Tudo bem.

— Quero...

— Eu também — respondo, sabendo o que ela ia dizer. Também quero que voltemos a ser nós dois.

(Retrato, autorretrato: *Irmão e Irmã num Balanço, Vendados.*)

Jude sorri e me toca no braço.

— Não fique triste. — Ela diz isso com tanto carinho que o ar muda de cor. — A tristeza atravessou a parede a noite passada. — Era pior quando éramos mais novos. Se um de nós chorava, o outro chorava mesmo que estivéssemos em lados diferentes de Lost Cove. Acho que isso não acontece mais.

— Estou bem — digo.

Ela faz que sim.

— Vejo você hoje à noite, então, se a mamãe e eu não nos matarmos. — Jude faz uma saudação e sai.

Não sei como isso é possível, mas é: uma pintura é ao mesmo tempo exatamente igual e completamente diferente todas as vezes que você olha para ela. É assim que são as coisas entre mim e Jude agora.



Pouco depois, lembro que é quinta-feira, o que significa desenho com modelo vivo na CSA, o que significa que vou pôr um fim à minha prisão domiciliar. De qualquer forma, não faz sentido eu ficar trancafiado só porque Brian é um babaca popular banhado em retardador de chamas e que gosta de vespas lambedoras de privada como Courtney Barrett.

Meu cavalete e meu banquinho estão no lugar onde os deixei na semana passada. Eu os monto dizendo para mim mesmo que nada importa além de entrar na CSA e que posso me divertir com Jude durante o restante do verão. E com Rascal. E posso ir ao museu com a mamãe. Não preciso de Brian.

O professor dá início à aula — uma modelo diferente hoje — falando sobre o espaço positivo e negativo, sobre desenhar o espaço ao redor da forma para revelar a forma. Nunca fiz isso antes e me perco no exercício, concentrando-me em encontrar a modelo desenhando o que não é a modelo.

Mas durante a segunda parte da aula eu me sento com as costas contra a parede e começo a desenhar Brian desse jeito, de fora para dentro, apesar de ter dito que jamais o desenharia. Não consigo me conter. Ele está em mim e precisa sair. Faço rascunhos e mais rascunhos.

Estou tão concentrado que só percebo a aproximação de alguém quando minha luz é bloqueada. Viro-me surpreso e um som abafado sai da minha boca assim que meu cérebro percebe que é *ele mesmo*, que Brian está de pé diante de mim. Ele não traz consigo nenhum saco de meteoritos, nenhum detetor de metais, o que significa que ele veio até aqui só para me encontrar. *Novamente*. Tento esconder a alegria por trás do meu rosto, não sobre ele.

— Esperei por você esta manhã — diz ele, lambendo o lábio inferior com tanta intensidade e perfeição que meu peito dói. Ele olha meu bloco. Viro a folha antes que Brian veja o desenho e me levanto, gesticulando para ele voltar ao bosque para que ninguém dentro da sala de aula nos ouça. Guardo o cavalete e o banquinho, esperando que meus joelhos não cedam ou que eu não comece a dançar.

Brian está me esperando ao lado da mesma árvore da última vez.

— Então, e o inglês? — pergunta ele quando começamos a conversar. — Ele está lá hoje?

Se tem uma coisa que eu sei perceber numa voz, graças a Jude, é ciúme. Respiro fundo, extremamente feliz.

— Ele foi demitido na semana passada.

— Por causa da bebida?

— É.

O bosque está em silêncio, exceto por nossos passos sobre as folhas secas e um pássaro-das-cem-línguas cantando em algum lugar.

— Noah?

Respiro fundo. Como alguém pode fazer você se sentir assim só de dizer seu nome?

— Sim?

Há muito sentimento ao redor do rosto dele, mas não sei que tipo de sentimento é. Fico prestando atenção aos meus tênis.

O silêncio, minuto a minuto, prolonga-se.

— É isso — finalmente ele diz. Para de andar e tira um pedaço de casca do tronco de um carvalho.

— Há vários planetas que foram ejetados do sistema planetário ao qual pertenciam e que simplesmente vagam pelo espaço, seguindo seu próprio caminho pelo Universo, sem ter um sol, sabe, para sempre...

Os olhos dele imploram que eu compreenda alguma coisa. Fico pensando no que ele acaba de dizer. Brian já falou sobre isso antes, sobre esses planetas solitários, à deriva, desprovidos de sol. E então? Será que ele está dizendo que não quer ser um excluído como eu? Tudo bem. Viro-me para ir embora.

— Não. — Ele me segura pela manga. *Ele me segurou pela manga.*

A Terra para de girar em seu eixo.

— Ah, que se foda. — Ele lambe o lábio e me olha com ansiedade. — Só... — diz ele. — Só...

Ele está gaguejando?

— Só o quê? — pergunto.

— Só não se preocupe, tudo bem? — As palavras saem voando da boca dele e dão a volta ao redor do meu coração e o roubam do meu peito. Sei muito bem o que ele está dizendo.

— Não me preocupar com o quê? — pergunto, só para deixá-lo confuso.

Ele dá uma risadinha.

— Com ser atingido na cabeça por um asteroide. É extremamente improvável.

— Legal — digo. — Não vou me preocupar.

E, assim, deixo de me preocupar.

E não me preocupo quando, segundos mais tarde, ele diz, com um sorriso amplo:

— Vi muito bem o que você estava desenhando ali, cara.

Não me importo em ter ignorado Jude naquela noite e em todas as noites depois dessa. Não me importo quando ela chega em casa e encontra Brian e as vespas na varanda, todas as vespas posando para mim como uma fotografia que elas viram numa revista qualquer. Não me importo por ela ter dito naquela noite:

— Então a mamãe não bastava? Você teve de roubar todas as minhas *amigas* também?

Não me importo por essas terem sido as últimas palavras que ela me disse durante todo o verão.

Não me importo por ter me tornado, ao que parece, um cara legal só por causa das pessoas das quais me cercava, *eu!* que agora me divertia no Spot com Brian e vários surfistas e babacas e vespas, preso no Reino da Calma dele, quase nunca me sentindo refém, quase sempre sabendo o que fazer com minhas mãos, e ninguém tenta me jogar de um penhasco nem me chama de outra coisa que não Picasso, apelido dado por Franklyn Fry.

Não me importo com o fato de não ser tão difícil quanto eu achava fingir ser como todos os outros, mudar a cor da pele como um sapo. Banhar-me num pouco de retardador de chamas.

Não me importo que, quando Brian e eu estamos sozinhos no bosque ou no telhado ou na sala da casa dele assistindo a um jogo de beisebol (que se dane), ele arme uma cerca elétrica entre nós dois, e eu jamais corro o risco de morrer me encostando na cerca, mas, quando estamos em público, como no Spot, a cerca desaparece e nós nos transformamos em ímãs, nos tocando e resvalando as mãos, braços, pernas, ombros, dando tapinhas nas costas um do outro, às vezes até a perna, sem outro motivo que não o fato de ser algo parecido como engolir um relâmpago.

Não me importo que, ao longo de todo o filme sobre a invasão alienígena, nossas pernas microscopicamente se deixem levar: a dele para a direita, direita, direita, a minha para a esquerda, esquerda, esquerda, até que, no meio do filme, elas se encontrem e se apertem com tanta força uma contra a outra durante um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito segundos delirantes que tenho de me levantar e correr para o banheiro porque estou explodindo. Não me importo nem quando, ao voltar para o meu lugar, recomeça tudo novamente, mas desta vez nossas pernas se encontram

imediatamente e ele segura minha mão sob o apoio de braço e a espreme e nós nos electrocutamos e morremos.

Não me importo nem um pouco por tudo isso ter acontecido com Heather ao meu lado e Courtney ao lado dele.

Não me importo com o fato de Courtney ainda não ter devolvido o chapéu dele e por Heather não tirar os olhos acinzentados de mim.

Não me importo por Brian e eu jamais termos nos beijado, nenhuma vez, por mais controle mental que eu exerça sobre ele, por mais que eu implore a Deus, às árvores, a todas as moléculas com as quais me deparo.

E o mais importante: não me importo ao chegar em casa certo dia e encontrar um bilhete sobre a mesa da cozinha, escrito por Jude e pedindo à mamãe que vá até a praia a fim de ver uma escultura que ela está fazendo com areia. Não me importo em pegar o bilhete e escondê-lo no fundo da lata de lixo. Não me importo, não mesmo, apesar de meu estômago doer ao fazer isso, não, não meu estômago, é minha alma que dói por eu poder fazer uma coisa assim, por eu ter realmente feito isso.

Eu deveria me importar com tudo isso.

Eu deveria me importar muito.



Brian volta amanhã pela manhã para o colégio interno, e esta noite estou no submundo à procura dele. Nunca estive numa festa antes, não sabia que era como estar quilômetros e quilômetros no subsolo, onde demônios caminham com os cabelos em chamas. Tenho certeza de que ninguém aqui consegue me ver. Deve ser porque sou novo ou magro ou sei lá o quê demais. Os pais de Courtney estão viajando e ela decidiu que usaríamos a festa da irmã mais velha dela como festa de despedida para Brian. Eu queria ir embora *com* ele, como num avião rumo ao Serengeti para observar a migração dos gnus.

Sigo por um corredor esfumaçado onde todo mundo está encostado contra as paredes em grupos como esculturas vivas. Ninguém tem um rosto certinho. Na sala ao lado estão os corpos deles. Pessoas dançam, e, depois de me certificar que Brian não está ali ainda, encosto-me contra a parede e observo o grupo de pessoas suadas com seus piercings, plumagens e braços de moinhos de vento que saltam, balançam, giram e pairam no ar. Fico olhando e olhando, sendo consumido pela música, com olhos novos — quando sinto a mão de alguém, ou talvez seja a garra de um pássaro subindo pelo meu ombro. Viro-me para ver uma menina mais velha com toneladas de cabelos vermelhos espetados. Ela está usando um vestidinho marrom e é muito mais alta do que eu. Serpenteando por todo o seu braço está uma tatuagem incrível de um dragão vermelho e alaranjado.

— Perdido? — pergunta ela por sobre a música alta, como se estivesse falando com uma criança de cinco aninhos.

Acho que não sou nada invisível. O rosto dela brilha inteiro, principalmente as asinhas verde-esmeralda ao redor dos olhos azuis frios. Suas pupilas são enormes cavernas negras onde vivem

morcegos.

— Você é tão lindo — grita ela no meu ouvido. Ela tem um sotaque estranho, como o do Drácula, e parece uma daquelas moças dos quadros de Klimt. — Seu cabelo. — Ela puxa uma mecha e a alisa. Não consigo desviar o olhar dela porque é isso o que acontece com demônios. — Olhos tão grandes, negros e melancólicos — diz ela lentamente com seu sotaque forte, como se estivesse saboreando cada palavra. A música diminuiu de volume e por sorte também a voz dela. — Aposto que todas as meninas estão correndo atrás de você. — Faço que não. — Elas vão correr, confie em mim. — Ela sorri e há uma mancha vermelha de batom num de seus caninos. — Já beijou uma menina? — Faço que não novamente. Parece que não consigo mentir para ela ou quebrar seu encanto demoníaco. E então, sem sobreaviso, os lábios rachados dela estão contra os meus, entre os meus, e sinto o sabor dela, toda defumada e de uma doçura nojenta, como uma laranja que ficou ao sol o dia todo. Meus olhos estão abertos, então vejo os cílios negros aracnídeos no rosto dela. Ela está mesmo me beijando! Por quê? Ela recua, abre os olhos e ri quando vê a expressão no meu rosto. Colocando uma das garras sobre meu ombro novamente, ela se aproxima e sussurra no meu ouvido: — Vejo você daqui a alguns anos. — Depois se vira e se afasta com suas pernas compridas nuas, seu rabo de demônio balançando de um lado para o outro. Vejo o dragão cuspidor de fogo em seu braço subir até o ombro dela e envolver seu pescoço.

Isso realmente aconteceu? Ou será que imaginei? Humm, acho que não, porque certamente não a teria escolhido se minha imaginação estivesse no comando. Levo a mão à boca e limpo os lábios. O vermelho mancha meus dedos, o batom dela. Aconteceu mesmo. Todas as pessoas têm esse sabor de laranja estragada por dentro? Eu sou assim? O Brian é assim?

Brian.

Vou para a porta da frente. Vou esperá-lo do lado de fora e convencê-lo a subir no telhado, em vez de ficar nesta festa na sua última noite aqui, como eu queria mesmo, de modo que todas as estrelas possam cair sobre nossa cabeça uma última vez, assim talvez o que não aconteceu durante o verão possa finalmente acontecer. Mas, ao entrar na sala da frente, vejo-o seguindo Courtney pela escada, abrindo caminho pela multidão, meneando a cabeça para os caras, sorrindo para as meninas, como se pertencesse àquele mundo. Como é possível ele pertencer a todos os mundos?

(Retrato: *O Menino e Todas as Chaves do Mundo com Todas as Fechaduras.*)

Quando ele chega ao alto da escada, vira-se. Suas mãos estão no corrimão e ele está inclinado para a frente, analisando o ambiente — será que está me procurando? Sim, sei que está, e isso me transforma numa cachoeira. É possível morrer por sentir algo assim? Acho que sim. Não consigo nem desenhar ou pintar fora de mim. Quando isso me atinge, e me atinge o tempo todo agora, tenho apenas que me deitar de costas e me deixar levar.

Courtney o puxa pelo braço e Brian a segue sem me encontrar, por isso me transformo novamente numa pessoa.

Subo os degraus atrás dele com a cabeça baixa. Não quero fazer contato com ninguém, não quero que ninguém converse comigo ou me beije! As pessoas simplesmente beijam as outras em festas assim, sem nenhum motivo? Não sei nada. Quase chegando ao alto da escada, sinto a mão de alguém no meu braço. De novo não! Uma menininha que parece um esquilincho me entrega um copo plástico

vermelho cheio de cerveja.

— Tome — diz ela, sorrindo. — Parece que você precisa beber alguma coisa. — Agradeço e continuo subindo. Talvez eu precise mesmo de uma bebida. Eu a ouço dizer: “Ele não é gostosinho?” para alguém, que responde: “Papa-anjo”. Meu Deus! Chega de exercícios secretos na garagem com os pesos do papai. Todo mundo aqui acha que estou no jardim de infância. Mas sou atraente? Isso não é possível, é? Sempre achei que as meninas me olhavam porque achavam que eu fosse estranho, não porque me achassem bonito. A mamãe me diz que sou lindoadoravelmaravilhoso, mas é coisa dela. Como se sabe que se é atraente? O demônio beijoqueiro ruivo disse que meus olhos são melancólicos.

Será que o Brian acha que sou atraente?

A ideia corre diretamente para minhas entranhas e me acorda com uma sacudidela. *Ele segurou minha mão sob o encosto de braço no cinema.* Mais do que acordado. Paro, respiro, tento recuperar o controle, bebo um gole da cerveja, quero dizer, estava mais para um gole gigantesco. Não é horrível. Continuo a subir a escada.

O segundo andar é o oposto do primeiro, como um Paraíso. Estou de pé num corredor-nuvem comprido acarpetado e cercado de paredes brancas, com várias portas fechadas em ambos os lados.

Em que quarto Brian e Courtney entraram? E se eles estiverem sozinhos? E se estiverem se beijando? Ou pior? Talvez ela já tenha até tirado a blusa. Bebo outro gole de cerveja. E se ele estiver lambendo os seios dela? Caras realmente gostam disso. *Ele me disse para eu não me preocupar. Ele me disse para eu não me preocupar. Ele me disse para eu não me preocupar.* O que era uma conversa em código, não? Código para: *não vou lambe os seios da Courtney Barrett*, certo? Bebo um gole maior na cerveja, muito, muito preocupado.

Nos filmes, coisas terríveis sempre acontecem com as pessoas na última noite.

Sigo pelo lado esquerdo do corredor, onde parece que algumas das portas estão entreabertas. Numa alcova, vejo duas pessoas num frenesi avermelhado se amassando. Recuo para observar melhor. O cara tem costas incríveis que se estreitam ao entrar em contato com a calça jeans e a menina está espremida entre o corpo dele e a parede. A cabeça do menino se move como se fosse impossível beijá-la com mais força ou mais rápido. Digo para mim mesmo que é preciso seguir em frente, mas então algo chama minha atenção. As mãos da menina que tocam as costas do menino na verdade não são mãos femininas — não, de jeito nenhum aquelas mãos são outra coisa que não mãos masculinas. Meu peito começa a vibrar. Inclino-me à esquerda e vejo lampejos dos dois rostos, rostos masculinos fortes, olhos fechados como luas, narizes amassados, bocas colidindo, os corpos subindo um no outro e despencando um no outro ao mesmo tempo. Minhas pernas começam a tremer, todo o meu corpo começa a tremer. (Autorretrato: *Terremoto*.) Nunca vi dois caras se beijando assim, como se o mundo fosse acabar, exceto na minha mente, e nem assim era tão bom. Não chegava nem perto. Eles estão tão *famintos*.

Recuo e me apoio contra a parede, onde não posso ser visto.

Não estou triste, longe disso, então não sei por que lágrimas escorrem dos meus olhos.

Então ouço o rangido de uma porta se abrindo do outro lado do corredor. Enxugo as lágrimas com

as costas da mão e me viro na direção do som. Heather está saindo de um quarto — tudo dentro de mim fica paralisado. É horrível vê-la, como se saísse do melhor filme do mundo para a mesma tarde de sempre.

— Ah! — diz ela, o rosto reluzente. — Estava indo te procurar. — Balanço a cabeça de modo que meus cabelos cubram meu rosto ao máximo. Ela está vindo na minha direção, aproximando-se mais e mais de nós três. Ajo rapidamente, correndo para interceptá-la. O sorriso dela aumenta e se torna mais receptivo, e eu percebo que ela interpretou mal minha corridinha, como se fosse empolgação por vê-la, quando tudo o que eu queria mesmo era proteger os caras que se beijavam dela, do mundo todo.

(Retrato: *Adão e Adão no Jardim do Éden.*)

Ao alcançá-la, tento esboçar um sorriso. É difícil. Ouço risadas atrás de mim, palavras abafadas. Heather espia por sobre meus ombros.

— Onde estão todos? — pergunto, para chamar a atenção dela. Percebo que ainda estou tremendo. Enfio minha mão livre nas profundezas do bolso.

— Você está bem? — pergunta ela, tombando a cabeça. — Você parece estranho. — Seus olhos cinzentos me estudam. — Mais do que o normal, eu diria. — Heather sorri afetuosamente e eu relaxo um pouco. Ela e eu temos um segredo, mas não tenho ideia de qual seja.

Queria poder lhe contar o que acabou de acontecer comigo porque, apesar de tecnicamente eu não fazer parte do beijo, sinto-me como se tivesse acontecido comigo, ao contrário do beijo do demônio lá embaixo, que tecnicamente aconteceu, mas parece que não. Mas o que eu lhe diria, afinal? Quando desenhar isso, vou me desenhar com uma pele transparente e você verá que todos os animais no meu zoológico íntimo fugiram de suas jaulas.

— Talvez seja a cerveja — digo.

Ela dá uma risadinha, levanta um copo de plástico vermelho e brinda comigo.

— Eu também.

A risadinha dela me pega de surpresa. Geralmente não há nada de engraçadinho em Heather. Ela é o oposto; sair com ela é como se sentar numa igreja vazia. Por isso é que gosto dela. Heather é quieta e séria, e tem mil anos, e parece ser capaz de conversar com o vento. Sempre a desenho com os braços para cima, como se estivesse prestes a decolar, ou com as mãos juntas, como se estivesse rezando. Ela não é de dar risadinhas.

— Vamos lá — diz ela. — Todos já chegaram. — Ela aponta para uma das portas. — Estamos esperando você. Bem, eu estava. — Ela dá outra risadinha e depois fica toda vermelha, como se seu gêiser tivesse entrado em erupção dentro dela. Estou com um pressentimento horrível.

Entramos numa espécie de covil. Vejo Brian do outro lado do quarto, conversando com Courtney. Tudo o que quero é piscar e nos transportar para os corpos dos caras na alcova. Eu tento, só para ter certeza. Depois penso em quantos dedos eu daria para ter um minuto como aquele com Brian, e chego a sete. Ou até oito. Claro que ainda seria capaz de desenhar com dois dedos, se um deles fosse um polegar.

Olho em volta. É o mesmo grupo de vespas e cabeças-de-vaselina que se reúne no Spot, menos os caras mais velhos como Fry, Zephyr e o Pé Grande, que provavelmente estão no andar de baixo. Estou acostumado com essas pessoas agora, e elas comigo. Também há vários garotos e garotas a quem não reconheço e que devem estudar na escola particular de Courtney. Todos estão espalhados em grupinhos, como se estivessem esperando por alguma coisa. O ar está pesado com o hálito deles. O ar também está pesado por causa de Jude. Ela está apoiada no peitoril de uma janela, conversando com quinhentos caras ao mesmo tempo, usando o vestidinho vermelho justo que ela mesma costurou e que a mamãe a proibiu de usar fora de casa. Estou surpreso por encontrá-la ali. Ela manteve uma distância raivosa de mim durante todo o verão, e ela sabia que eu estaria aqui. Fico imaginando o que ela contou para a mamãe. Eu simplesmente disse que me despediria de Brian. Claro que não temos permissão para ir a festas como esta.

Eu a encaro enquanto Heather e eu atravessamos o quarto. Ela me lança um olhar que diz: *Nada, nem mesmo um mundo onde chove luz, onde a neve é roxa, onde os sapos conversam, onde o pôr do sol dura um ano, poderia compensar o fato de você ser o pior irmão gêmeo ladrão de mães e saqueador de amigos da Terra*, e volta a conversar com seu harém.

Meu mau pressentimento está aumentando.

Volto minha atenção para Brian, que está encostado numa estante de livros, ainda conversando com Courtney. Sobre o quê? Tento ouvir a conversa ao me aproximar deles, mas então percebo que Heather está falando comigo.

— Sou uma idiota. Não brincamos disso desde a quinta série, mas que se dane. Estamos brincando ironicamente, certo? — Será que ela esteve conversando comigo o tempo todo?

— Brincar de quê? — pergunto.

Courtney se vira ao ouvir nossas vozes.

— Ah, que bom. — Ela cutuca Heather, que dá uma risadinha novamente. Courtney se vira para mim. — É a sua noite de sorte, Picasso. Você gosta de joguinhos?

— Não muito — respondo. — Não gosto nada, na verdade.

— Você vai gostar deste. Prometo. É das antigas. Heather, Jude e eu estávamos conversando outro dia sobre as festas a que íamos antigamente. Uma premissa simples. Coloque duas pessoas de sexos opostos num armário durante sete minutos. Veja o que acontece. — Brian não me olha nos olhos. — Não se preocupe, Picasso — diz ela. — Claro que está tudo armado. — As orelhas de Heather ficam vermelhas ao ouvir isso. Elas se dão os braços e se põem a rir. Minha barriga parece derreter. — Encare os fatos, cara — diz Courtney para mim. — Você precisa mesmo de uma ajudinha.

Preciso mesmo.

Preciso mesmo porque, de repente, mechas e mais mechas dos cabelos de Jude rastejam na minha direção como um exército de serpentes. *Jude estava lá*, disse Courtney. Foi, então, ideia da Jude? Será que ela sabe que joguei fora aquele bilhete que ela escreveu para a mamãe? Será que ela sabe o que sinto por Brian?

(Retrato, autorretrato: *Gêmeos: Jude com Seus Cabelos de Serpente, Noah com Seus Braços de*

Serpente.)

Sinto um sabor metálico na boca. Brian está lendo os títulos nas lombadas dos livros da estante como se estivesse prestes a fazer uma prova.

— Eu te amo — digo para ele, mas sai algo como: — Ei.

— Eu te amo tanto — responde ele, mas sai algo como: — Cara!

Ele ainda não me olha nos olhos.

Courtney pega o chapéu de Brian, que estava sobre uma mesinha. Ele está cheio de papeizinhos dobrados.

— O nome de todos os caras já está aqui, inclusive o seu — diz ela para mim. As meninas sorteiam.

Ela e Heather se afastam. Assim que estão a uma distância segura, digo para Brian:

— Vamos. — Ele não responde, então repito: — Vamos embora daqui. Vamos sair pela janela. — Vejo a janela atrás de nós, e ela dá para uma árvore facilmente escalável. É claro que vamos conseguir escapar por ali. — Vamos — digo. — Brian.

— Não quero ir, certo? — Há irritação em sua voz. — É só um joguinho idiota. Que se dane. Não é nada demais.

Eu o analiso. Será que ele quer participar da brincadeira? Sim. Deve querer.

Brian quer ficar com Courtney porque está tudo armado e Courtney está organizando a armação, é isso que vai acontecer. Por isso é que ele não me olha nos olhos. Ao entender isso, o sangue parece secar em minhas veias. Mas então por que ele me disse para não me importar? Qual o sentido de tudo?

Todas as jaulas vazias começam a se agitar dentro de mim.

Tropeço numa poltrona bege horrível no meio deste horrível quarto bege. Deixo-me cair na poltrona só para descobrir que ela é dura feito pedra e quebro minha coluna em duas. Fico ali sentado, partido ao meio, bebendo o restante da cerveja como se fosse suco de laranja, lembrando-me do inglês bebendo gim naquele dia. Depois, pego outro copo de cerveja que alguém deixou por perto e bebo também. Purgatório, penso. Se o Inferno for lá embaixo e o Céu for no meio do caminho, então aqui deve ser o Purgatório — o que acontece no Purgatório mesmo? Vi alguns quadros sobre isso, mas não consigo me lembrar. Sinto-me extremamente grogue. Estou bêbado?

As luzes se acendem e se apagam. Courtney está no interruptor, Heather ao lado dela.

— Senhoras e senhores, o momento que todos aguardavam.

Clementine é a primeira e sorteia um cara chamado Dexter. Um menino alto que nunca vi antes, com um corte de cabelo da moda e roupas dez vezes maiores do que ele. Todos gritam e aplaudem e agem como bobos enquanto os dois se levantam e vão para o armário com um olhar de somos-tão-melhores-do-que-isso. Courtney aciona um cronômetro. Só consigo pensar no quanto a odeio, no quanto quero que ela seja esmagada por um bando de tartarugas em disparada antes de entrar naquele

armário com Brian.

Levanto-me com a ajuda do apoio de braço e depois abro caminho em meio a uma floresta de cabelos loiros de Jude até o banheiro, onde jogo água fria no rosto. Cerveja é uma droga. Ergo a cabeça. Ainda sou eu no espelho. Ainda sou eu dentro de mim, certo? Não tenho certeza. E certamente não sou atraente, vejo isso. Pareço um magrelo covarde e patético, amedrontado demais para saltar do ombro do papai na água. *Neste mundo, é nadar ou afundar, Noah.*

Assim que volto para o quarto, sou atacado:

— Você foi escolhido, cara.

E:

— Heather pegou você.

E:

— Sua vez, Picasso.

Engulo em seco. Brian ainda está lendo as lombadas dos livros, de costas para mim, enquanto Heather me pega pela mão e me leva até o armário, puxando-me com força como se eu fosse um cachorro se recusando a pôr a coleira.

O que noto imediatamente no armário é que há milhares de ternos escuros pendurados por todos os cantos, parecendo fileiras e mais fileiras de homens num funeral.

Heather desliga a luz e então diz, baixinho e timidamente:

— Pode me ajudar a te encontrar? — Penso em fugir para os ternos pendurados, em me juntar aos homens enlutados até o tempo acabar, mas então Heather tropeça em mim e ri. As mãos dela rapidamente encontram meus braços. Seu toque é leve, como se fossem duas folhas que caíram sobre mim.

— Não precisamos fazer nada — suspira ela. E depois: — Você quer?

Sinto o hálito dela no meu rosto. Seus cabelos têm cheiro de flores mortas.

— Tudo bem — digo, mas não me movo.

O tempo passa. Parece que se passou muito tempo, tanto que, quando saímos do armário, já está na hora de irmos para a faculdade ou até mesmo morrermos. Só que, como estava contando mentalmente, sei que nem mesmo sete segundos dos sete minutos se passaram. Estou calculando quantos segundos há em sete minutos quando sinto as mãozinhas frias dela abandonarem meus braços e correrem para meu rosto, depois sinto os lábios dela resvalando nos meus, uma vez, de novo, a segunda vez permanecendo ali. É como ser beijado por uma pena, não, algo mais suave, uma pétala. Tão suave. Suave demais. Somos o povo das pétalas. Penso naquele beijo de terremoto na alcova e quero chorar novamente. Desta vez porque *estou mesmo* triste. E assustado. E porque jamais me senti tão deslocado antes.

(Autorretrato: *Menino num Liquidificador.*)

Percebo que meus braços pendem moles ao lado do meu corpo. Devo fazer algo com eles, não?

Coloco uma das mãos na cintura de Heather, mas parece ser o lugar errado, então coloco as mãos em suas costas, o que parece ser errado, mas, antes de eu colocá-las em outro lugar, os lábios dela se abrem, então abro os meus também — não é nojento. Ela não tem sabor de laranja estragada, e sim de menta, como se tivesse mascado chiclete pouco antes. Imagino qual será o meu gosto quando a língua dela entra em minha boca. Fico surpreso ao perceber como é molhada. E quente. E *lingual*. Minha língua não se move. Estou dizendo para ela se mover e entrar na boca de Heather, mas ela não me ouve. Calculo: há 420 segundos em sete minutos. Talvez vinte segundos tenham se passado, o que significa que ainda temos 400 segundos. Ah, puta que o pariu!

E então acontece. Brian surge na escuridão da minha mente e segura minha mão, como fez no cinema, e me puxa para perto de si. Sinto o cheiro do suor dele, consigo ouvir sua voz. *Noah*, diz ele daquele jeito que me amolece, e minhas mãos correm para os cabelos de Heather e eu aperto meu corpo contra o dela com força, puxando-a para mais perto, enfiando a língua dentro de sua boca...

Acho que não ouvimos o barulho do cronômetro porque, de repente, a luz se acende e os homens enlutados estão por todos os lados novamente, sem mencionar Courtney na porta, dando um tapinha num relógio invisível em seu pulso.

— Vamos lá, pombinhos. O tempo acabou. — Pisco cem vezes para me adaptar à invasão de luz. À invasão de realidade. Heather parece tonta e sonhadora. Heather parece com por certo Heather. Fiz algo de errado. Para ela, para mim. Para Brian, mesmo que ele não se importe, ainda assim parece errado. Talvez a menina lá embaixo tenha me transformado num demônio como ela com aquele beijo.

— Uau — sussurra Heather. — Eu nunca... Ninguém nunca... Uau. Foi inacreditável.

Ela mal consegue andar. Olho para baixo para me certificar de que não estou com a barraca armada enquanto ela me pega pela mão e nós emergimos do armário como dois ursinhos saindo da hibernação. Todos começam a assoviar e dizer coisas ridículas como “o quarto fica no fim do corredor”.

Procuro Brian, esperando encontrá-lo estudando as lombadas dos livros ainda, mas ele não está ali. Ele está com uma cara que só vi uma vez, todo paralisado de fúria, como se quisesse lançar um meteorito contra minha cabeça, sem errar a mira.

Mas?

Heather se afasta para se juntar às vespas. Os cabelos de Jude envolvem o quarto inteiro. O Universo inteiro. Sento-me numa poltrona. Nada faz sentido. *É só uma brincadeira idiota*, disse ele. *Não é nada demais*. Se bem que ele disse que *não foi nada demais* quando a amiga (amigo?) de sua mãe deu em cima dele, mas parecia ter sido algo importante para ele. Talvez *nada demais* seja um código para: isso é Sobrenaturalmente Errado. *Desculpe*, digo-lhe mentalmente. *Era você*, digo. *Beijei você*.

Seguro a cabeça com as mãos e involuntariamente começo a ouvir o que um grupo de caras diz atrás de mim, que temos de fazer um concurso para ver quantas vezes eles conseguem dizer quão gay isso ou aquilo é durante uma conversa, até que alguém me toca no ombro. É Heather.

Meneio a cabeça para ela e então tento me esconder nos meus cabelos e controlá-la mentalmente para ir embora, para a Amazônia... Sinto-a ficando tensa ao meu lado, provavelmente sem entender

por que a lancei numa selva a seis mil quilômetros dali depois de um beijo como aquele. Odeio agir assim com ela, mas não sei o que fazer. Quando espio em meio aos meus cabelos, pouco depois, ela se foi. Não percebi que estava prendendo a respiração. Estou exalando quando vejo Brian sendo levado ao armário, mas não por Courtney, e sim *pela minha irmã*.

Minha irmã.



Como isso foi acontecer? Isso não pode estar acontecendo. Abro e fecho os olhos, mas tudo ainda está acontecendo. Olho para Courtney, que tem o chapéu de Brian nas mãos. Ela está abrindo os pedacinhos de papel, tentando descobrir o que deu errado. *Jude* foi o que deu errado. Não acredito que ela teve coragem para tanto.

Tenho que fazer alguma coisa.

— Não! — grito, levantando-me da cadeira. — Não!

Só que não faço nada disso.

Corro para o relógio, pego-o da mesa e o toco e toco e toco.

Só que também não faço nada disso.

Não faço nada.

Não consigo fazer nada.

Fui eviscerado.

(Autorretrato: *Peixe Destripado*.)

Brian e Jude vão se beijar.

Eles provavelmente estão se beijando agora mesmo.

De alguma forma, consigo me levantar da poltrona, sair do quarto, descer as escadas e sair da casa. Hesito na varanda, sentindo-me como se fosse perder o passo. Grupos de pessoas se tornam borrões no jardim. Tropeço nelas, em meio ao ar negro e traiçoeiro, em direção à rua. No meu torpor, percebo que estou procurando na multidão os caras apaixonados da alcova, mas eles não estão em nenhum lugar. Aposto que os imaginei.

Aposto que eles não existem.

Olho pelas janelas e vejo as árvores tombarem.

(Retrato de grupo: *Todos os Meninos de Vidro Se Estilhaçam*.)

Por trás de mim, ouço alguém dizer, com sotaque britânico arrastado:

— Ora, se não é o artista clandestino!

Viro-me e encontro o inglês nu, só que ele está usando uma jaqueta de couro e calça jeans e bota. Ele tem aquele mesmo sorriso louco no mesmo rosto louco. Os mesmos olhos que não combinam.

Lembro que Jude desistiu do sol, das estrelas e do oceano em troca do meu desenho dele. Vou roubá-lo de volta. Vou pegar *tudo* dela.

Se ela estiver se afogando, vou segurar a cabeça dela debaixo da água.

— Conheço você, cara — diz ele, balançando e apontando para mim com uma garrafa de algo alcoólico.

— Não conhece — digo. — Ninguém conhece.

Os olhos dele ficam límpidos por um segundo.

— Você tem razão.

Ficamos nos encarando por um instante, sem dizer nada. Lembro-me de como ele fica nu e não me importo, porque estou morto. Vou me mudar para debaixo da terra com as toupeiras e respirar a terra.

— Como chamam você mesmo? — pergunta ele.

Como me chamam? Que pergunta estranha. Bolha, acho. Eles me chamam de Bolha.

— Picasso — digo.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Isso é zoeira, né?

O que ele quer dizer com isso?

Ele segue adiante, jogando palavras ao ar ao nosso redor.

— Bem, isso deve ser tranquilizador, não é nada difícil corresponder às expectativas, como batizar seu filho de Shakespeare. No que seus pais estavam pensando? — Ele bebe um gole.

Rezo para a floresta de árvores caídas para que Brian olhe pela janela e me veja aqui com o inglês nu. Jude também.

— Você parece saído de um filme — penso e digo ao mesmo tempo.

Ele ri e seu rosto se transforma num caleidoscópio.

— Um filme ruim, então. Durmo no parque há semanas. Exceto pela noite que dormi atrás das grades, claro.

Prisão? Ele é um fora da lei? Parece ser.

— Por quê? — pergunto.

— Bebida e desordem. Perturbação da paz. Já ouviu falar de alguém sendo preso por ser desordeiro? — Tenho dificuldade para compreender suas palavras arrastadas. — Você é ordeiro, Picasso? Alguém é? — Faço que não e ele concorda. — Foi o que eu disse. Não existe paz a ser perturbada. Eu disse para o policial: Não Há Paz A Perturbar, Cara. — Colocando dois cigarros na boca, ele acende um e depois o outro e traga os dois. Nunca vi alguém fumar dois cigarros ao mesmo tempo. Nuvens de fumaça cinzenta saem de seu nariz e boca ao mesmo tempo. Ele me dá um cigarro, o que aceito porque não tenho mais o que fazer. — Fui expulso daquela escola metida de arte. — Ele

coloca uma das mãos sobre meu ombro para se apoiar. — Não importa, eu teria sido expulso de qualquer forma quando eles descobrissem que não tinha dezoito anos. — Sinto que ele está tonto e planto meus pés no chão. Depois me lembro do cigarro na minha mão e o levo à boca, puxando a fumaça e imediatamente me engasgando. Ele não percebe. Deve estar tão bêbado quanto aqueles caras que conversam com postes, e eu sou um poste. Quero tirar a garrafa dele e derramar tudo.

— Tenho que ir — digo, porque comecei a imaginar Brian e Jude se tocando no escuro. Por todos os cantos. Não consigo deixar de imaginar.

— Certo — diz ele, sem olhar para mim. — Certo.

— Talvez você deva ir para casa — digo, mas depois me lembro do parque, da cadeia.

Ele faz que sim, o desespero marcado em todo o seu rosto.

Começo a me afastar, antes jogando fora o cigarro. Depois de alguns passos, ouço:

— Picasso!

E me viro.

Ele aponta a garrafa para mim.

— Fui modelo algumas vezes para um escultor maluco chamado Guillermo Garcia. Ele tem vários alunos. Tenho certeza de que ele nem notaria se você aparecesse numa tarde dessas. Você poderia estar *dentro* da sala com um modelo, como aquele outro Picasso.

— Onde? — pergunto, e, quando ele me responde, repito o endereço mentalmente algumas vezes para lembrar. Não que eu vá, porque estarei preso pelo assassinato da minha irmã gêmea.

Jude planejou tudo isso. Tenho certeza. Sei que foi ideia dela. Faz tempo que ela está com raiva de mim por causa da mamãe. Por causa das vespas. E ela deve ter encontrado o bilhete que escreveu para a mamãe no fundo da lata de lixo. Isto é vingança. Ela provavelmente tinha um pedacinho de papel com o nome do Brian na mão.

Sem que as vespas percebessem, ela lançou um ataque contra mim.

Desço a colina até minha casa, o tempo todo bombardeado por imagens de Brian e Jude, ele todo enrolado no cabelo dela, na luz dela, na normalidade dela. É isso que ele quer. Por isso ele ergueu aquela cerca entre a gente. E depois a eletrificou para garantir sua proteção contra mim, o idiota esquisitão. Penso na vontade com que beijei Heather. Ah, meu Deus. Será que Brian está beijando Jude daquele jeito? E ela o está beijando igual? Um som monstruoso sai de dentro de mim e depois é como se toda a noite nojenta estivesse querendo sair de mim também. Corro até a calçada e vomito toda a cerveja e aquele cigarro, todo aquele beijo mentiroso e revoltante, até me transformar apenas num saco de ossos.

Quando chego em casa, vejo que as luzes estão acesas na sala, então entro pela janela do meu quarto, sempre entreaberta para o caso de Brian decidir entrar durante a noite, como imaginei o verão inteiro antes de cair de sono. Eu me encolho com medo de mim mesmo. E com medo do que eu queria.

(Paisagem: *O Mundo em Colapso.*)

Acendo o abajur no quarto e corro direto para a câmera do papai, mas ela não está onde sempre a deixo, sob minha cama. Vasculho todo o quarto com meus olhos, soltando a respiração somente ao encontrar a câmera na minha mesa, como se fosse uma granada. Quem a tirou do lugar? Quem foi que a tirou do lugar?! Será que eu a deixei aqui? Talvez. Não sei. Corro até ela e revejo as fotografias. A primeira que aparece é do ano passado, quando a vovó morreu. Uma enorme senhora de areia gargalhando e com os braços abertos para o céu como se estivesse prestes a voar. É incrível. Coloco o dedo no botão de apagar e o aperto com força, como se quisesse matar. Revejo todas as outras, cada qual mais incrível e estranha e legal do que a anterior, e as apago todas, uma a uma, até que qualquer traço do talento da minha irmã desapareça do mundo e só reste meu talento.

Então, depois de dar uma olhada na sala de estar — a mamãe e o papai dormiram diante de um filme de guerra qualquer —, entro no quarto de Jude, tiro o retrato do inglês nu da parede, rasgo-o em pedacinhos e os espalho como confetes pelo chão. Depois volto ao meu quarto e começo a rasgar os desenhos de Brian — demora muito para rasgar todos eles, são muitos. Ao terminar, coloco os pedacinhos em três sacos plásticos pretos e os guardo sob a cama. Amanhã os jogarei, todos os pedacinhos dele, na Queda do Diabo.

Porque ele não sabe nadar.

Mesmo depois disso tudo, Jude ainda não voltou para casa! Já passou uma hora do nosso horário-limite de verão. Só imagino. Tenho que parar de imaginar.

Tenho que parar de segurar esta pedra e rezar para ele entrar pela janela.

Ele não vem.

Vou desejar com minhas mãos, como o Sandy disse.

Vou usar o Oráculo.

Vou me sentar aqui à minha mesa e usá-lo — do jeito tradicional — para descobrir tudo o que posso sobre Guillermo Garcia, conhecido como Igor Bêbado, conhecido como O Astro do Mundo da Escultura. Tenho que fazer esta escultura, e ela tem que ser de pedra, e só ele pode me ajudar nisso. Só assim conseguirei superar a mamãe. Sinto isso.

Mas antes vou chupar este limão até o bagaço — o inimigo mortal da laranja afrodisíaca:

Nada melhor para coagular o amor no coração do que limão na língua.

Porque *tenho* de arrancar isso enquanto ele é um botão.

A vovó aparece.

— Ah, sim, Ele com “e” maiúsculo, e não estou falando do Sr. Gable. Certo enorme... mau... lobo... inglês? — Ela ordenha o finalzinho com força.

— Não sei o que ele tem de especial — digo-lhe mentalmente. — Ah, meu Deus. Exceto por *tudo* — digo-lhe da boca para fora.

E então eu não aguento. Usando meu melhor sotaque britânico, falo:

— Tão tagarela que o cara nem consegue falar. — O sorriso que lhe neguei na igreja toma conta do meu rosto até eu ficar radiante.

Ah, Clark Gable, pare com isso.

Chupo a metade do limão, livro-me da vovó e digo para mim mesma que o inglês tem febre glandular, herpes e dentes podres, a tríade da impossibilidade do beijo, como todos os outros homens atraentes de Lost Cove.

Piolhos. Piolhos enormes. Piolhos britânicos.

Com o azedo do limão enrugando toda a minha cabeça, com o boicote aos meninos a toda novamente, ligo meu laptop e escrevo no Oráculo: *Guillermo Garcia* e *Art Tomorrow*, na esperança de encontrar a entrevista da mamãe. Sem sorte. A revista não tem um arquivo on-line. Escrevo o nome dele novamente e pesquiso as imagens que aparecem.

E é a Invasão dos Gigantes de Granito.

Enormes seres de pedra. Montanhas andantes. Explosões expressivas. Eu as amo instantaneamente. Igor me disse que não estava bem. Ora, sua arte tampouco está bem. Começo a favoritar críticas e obras, escolho um trabalho que faz meu coração parar de bater e inchar ao mesmo tempo como protetor de tela, depois pego da estante meu livro sobre escultura, certa de que ele estará ali. A obra dele é incrível demais para não estar no livro.

Ele está, e estou na segunda leitura de sua biografia, uma biografia que pertence à bíblia da vovó, e não a um livro didático, então a rasgo e a grampeio no livro de capa de couro super-recheado, quando ouço a porta se abrir e várias vozes e barulho de passos vindo pelo corredor.

Noah.

Queria ter trancado minha porta. Será que devo me esconder sob a cama? Antes que eu possa me mover, eles passam pelo meu quarto, me espiando como se eu fosse A Mulher Barbada. E em algum lugar em meio àquele zumbido de adolescentes atléticos e prematuramente normais está meu irmão.

É melhor se sentar para ouvir isso:

Noah entrou para uma equipe esportiva na Roosevelt.

Se bem que é o time de *cross-country*, não de futebol, e Heather faz parte da equipe também, mas mesmo assim. Ele faz parte de uma *gangue*.

Para minha surpresa, pouco depois ele volta e entra no meu quarto, e é como se a mamãe estivesse diante de mim. Sempre foi assim, eu gostando do papai e ele da mamãe, mas a semelhança dele com ela se tornou impressionante, portanto arrebatadora. Ao mesmo tempo, não há nada da mamãe em mim, nunca houve. Quando as pessoas nos viam sozinhas, tenho certeza de que supunham que eu era adotada.

É algo incomum, Noah no meu quarto, e meu estômago revira. Odeio o fato de ele me deixar tão nervosa quando estamos perto. Além disso... tem aquilo que Sandy disse hoje. Como, sem que eu soubesse, alguém tirou fotos das minhas mulheres de areia e as enviou para a CSA. Tem que ter sido Noah, o que significa: ele me fez ser aceita só para ter que ir sozinho para a Roosevelt.

Sinto a culpa em meio ao sabor cítrico do limão.

— Então — diz ele, dando um passo para a frente e para trás, usando tênis sujos de corrida, sujando mais e mais meu carpete branco. Não digo nada sobre isso. Ele poderia arrancar minha orelha e eu não diria nada a respeito. Seu rosto é o oposto do que parecia no céu mais cedo. Está trancado. — Sabia que o papai vai passar a semana fora? Nós... — Ele meneia a cabeça em direção ao seu quarto, onde música e risadas e uniformidade ressoam. — Achamos que seria legal fazer uma festa aqui. Tudo bem por você?

Eu o encaro, suplicando aos alienígenas ou a Clark Gable ou quem quer que esteja no controle das abduções de almas que tragam de volta meu irmão. Porque, além de entrar para perigosas gangues e dar festas, este Noah também sai com meninas, mantém os cabelos na moda e asseados, se diverte no Spot, assiste a programas de esportes com o papai. Para todos os outros meninos de dezesseis anos: tudo bem. Para Noah, isso significa uma coisa: a morte do espírito. Um livro com a história errada.

Meu irmão, o esquisitão revolucionário, se banhou em retardante de chamas, para usar o léxico dele. O papai está feliz, claro, acha que Noah e Heather são um casal — mas não são. Sou a única que parece saber o que é suportar essa situação.

— Humm, Jude, sabe que tem um pedacinho de limão preso no seu dente?

— Claro que sei — digo, mas isso soa falso, por motivos óbvios. Ah, lâmpada! Aproveitando-me da repentina barreira linguística, olho para ele e acrescento: — O que você fez com meu irmão? Se você o encontrar, diga que sinto falta dele. Diga que eu...

— Alô?! Não consigo entender você com este limão-vodu na boca. — Ele faz que não, daquele jeito desprezível do papai, e sei que está prestes a pegar no meu pé. Meus interesses o incomodam, o que acho que nos deixa quites. — Sabe, peguei seu laptop outro dia para escrever um trabalho enquanto a Heather usava o meu. Vi seu histórico de buscas. — Oh, não. — Meu Deus, Jude. Quantas doenças você acha que pode ter numa noite? E todos aqueles obituários que você lê, de todos os condados na Califórnia. — Agora parece uma boa hora para imaginar um campo florido. Ele aponta para a bíblia aberta no meu colo. — E talvez você devesse dar um descanso para esse livro ridículo por um tempo e, sei lá, sair de casa. Conversar com outra pessoa que não a nossa avó morta. Pensar em outras coisas que não a sua morte. É tão...

Tiro o limão do dente.

— O quê? *Vergonhoso*? — Lembro-me de ter dito isso para ele uma vez, como ele era vergonhoso, e me encolho com medo de quem fui. É possível que nossas personalidades tenham trocado de corpo? Na terceira série, a Sra. Michaels, professora de arte, mandou que fizéssemos autorretratos. Estávamos um em cada canto da sala e, sem nem trocarmos um olhar, eu o desenhei e ele me desenhou. Algumas vezes agora me sinto daquele jeito.

— Eu não ia dizer vergonhoso — diz ele, passando a mão nos cabelos compridos, só para descobrir que não há mais nada ali. Ele leva a mão à nuca.

— Sim, ia.

— Certo, ia mesmo, porque é totalmente constrangedor. Fui pagar meu almoço hoje e encontrei isto. — Ele coloca as mãos no bolso e me mostra vários grãos e sementes de proteção que eu coloquei ali.

— Só estou cuidando de você, Noah, mesmo você sendo um babaca.

— É uma loucura completa, Jude.

— Sabe o que eu acho que é loucura? Dar uma festa no segundo aniversário da morte da mãe.

Seu rosto se entreabre por um segundo e então rapidamente volta a se fechar. “Eu sabia que você estava aí!”, quero gritar. É verdade, eu sei que é. Eis como eu sei:

1) Sua estranha obsessão por saltar da Queda do Diabo e sua forma sublime no céu hoje.

2) Há vezes em que ele está jogado numa poltrona, deitado na cama, encolhido no sofá, e eu aceno com a mão diante do seu rosto e ele nem pisca. É como se tivesse ficado cego. Onde está ele durante esses momentos? O que ele faz lá? Porque suspeito que esteja pintando. Suspeito que, dentro da

impenetrável fortaleza de convencionalidade na qual ele se transformou, ainda exista um museu louco.

E o mais importante:

3) Descobri (espiar o histórico de buscas é uma via de mão dupla) que Noah, que mal entra na internet, provavelmente o único adolescente nos Estados Unidos indiferente à realidade virtual e todas as mídias sociais, publicou uma mensagem num site chamado ConexõesPerdidas.com, sempre a mesma e praticamente todas as semanas.

Verifiquei: ele nunca obteve resposta. Tenho certeza de que a mensagem é para Brian, que não vejo desde o funeral da mamãe e que, até onde sei, não voltou a Lost Cove desde que sua mãe se mudou para outra cidade.

Para deixar claro, eu sabia o que estava acontecendo entre Brian e Noah mesmo que ninguém mais soubesse. Durante todo aquele verão em que Noah voltava para casa à noite depois de passar o dia com Brian, ele desenhava imagens de Noah e Brian até seus dedos ficarem em carne viva e inchados a ponto de ele ter de ir do quarto até o freezer, onde afundava a mão no gelo. Ele não sabia que eu o observava do corredor, como ele se deixava pender contra a geladeira, a testa apoiada contra a porta fria, os olhos fechados, os sonhos fora do corpo.

Ele não sabia que, assim que saía pela manhã, eu procurava os blocos de desenho secretos que ele escondia sob a cama. Era como se Noah tivesse descoberto todo um novo espectro de cor. Era como se tivesse encontrado uma nova galáxia de imagens. Era como se tivesse me substituído.

Para deixar claro: mais do que nunca, eu queria não ter entrado naquele armário com Brian. Mas a história deles não terminou naquela noite.

Queria não ter feito várias coisas que fiz naquela época.

Queria que o fato de ter entrado naquele armário com Brian tivesse sido o pior de tudo.

O irmão gêmeo destro diz a verdade, o canhoto diz mentiras. (Noah e eu somos canhotos.)

Ele fica olhando para os próprios pés. Intensamente. Não sei no que está pensando, e isso me dói nos ossos. Noah ergue a cabeça.

— Não daremos a festa no aniversário da morte. Será um dia antes — diz ele tranquilamente, o olhar ameno como o da mamãe.

Apesar de a última coisa que eu quero ter ser um bando de surfistas de Hideaway Hill como Zephyr Ravens perto de mim, digo:

— Pode fazer. — Digo isso em vez do que diria a ele se ainda estivesse com o limão-vodu no dente: *Sinto muito. Por tudo.*

— Você vai participar desta vez? — Ele gesticula para a parede. — Vai usar um destes? — Ao contrário de mim, meu quarto é todo feminino, com todos os vestidos que faço, flutuantes ou não, pendurados pelas paredes. É como ter amigas.

Dou de ombros.

— Não participo de eventos sociais. Não uso os vestidos.

— Você costumava usar.

Não digo: “E você costumava fazer obras de arte e gostar de meninos e conversar com cavalos e puxar a lua pela janela no meu aniversário”.

Se a mamãe voltasse, ela não seria capaz de nos reconhecer numa identificação policial.

Nem o papai, é verdade, que acaba de se materializar na porta. A pele de *Benjamin Sweetwine: A Sequência* tem a cor e a textura de argila cinza. Suas calças são sempre grandes demais e presas estranhamente por um cinto, então ele parece um espantalho, como se alguém apertasse seu cinto e ele se transformasse num monte de palha. Isso deve ser minha culpa. A vovó e eu assumimos o controle da cozinha, usando a bíblia como livro de receitas:

Para devolver a alegria a uma família em luto, espalhe três colheres de sopa de casca de ovo triturada sobre cada refeição.

O papai sempre aparece assim também agora, sem o aviso de, digamos, passos. Meus olhos migram para seus sapatos, que realmente estão nos pés, que realmente estão no chão e apontando na direção certa — que bom. Bem, você começa a se perguntar quem é o fantasma da família. Você começa a se perguntar por que sua mãe morta está mais presente e é mais relevante do que o pai vivo. Na maior parte do tempo, só sei que o papai está em casa porque ouço o barulho da descarga ou a televisão ligada. Ele não ouve mais jazz nem nada. Em geral apenas fica olhando para o nada, com aquele olhar de adeus perplexo, como se estivesse tentando resolver sozinho uma impenetrável equação matemática.

E ele sai para caminhar.

As caminhadas começaram no dia seguinte ao funeral, quando todos os amigos e colegas da mamãe ainda estavam em casa. “Estou saindo para caminhar”, disse ele para mim, saindo pela porta dos fundos e me deixando sozinha (Noah não podia ser encontrado em nenhum lugar), voltando para casa só depois que todos foram embora. No dia seguinte foi a mesma coisa: “Estou saindo para caminhar”, e assim se repetiu nos dias e semanas e meses e anos seguintes, todos sempre me dizendo que viram meu pai na Old Mine Road, que fica a vinte quilômetros daqui, ou em Bandit Beach, que fica ainda mais longe. Imagino-o sendo atropelado por carros, afogado por ondas violentas, atacado por leões da montanha. Imagino-o não voltando. Eu costumava cercá-lo na saída para suas caminhadas, perguntando se podia acompanhá-lo, ao que ele respondia:

— Só preciso de tempo para pensar, querida.

Enquanto ele pensa, espero que o telefone toque com a notícia de que houve um acidente.

É isso o que eles dizem: *Houve um acidente.*

A mamãe estava a caminho de ver o papai quando tudo aconteceu. Eles estavam separados fazia cerca de um mês, e o papai estava hospedado num hotel. Ela disse a Noah antes de sair naquela tarde que pediria ao papai que voltasse para casa, a fim de que pudéssemos voltar a ser uma família.

Mas em vez disso ela morreu.

Para me animar um pouco, pergunto:

— Papai, existe uma doença na qual a carne se calcifica até que o pobre doente fique preso em seu próprio corpo como se fosse numa prisão de pedra? Tenho quase certeza de que li sobre isso num de seus periódicos.

Ele e Noah trocam um daqueles “olhares” à minha custa. Ah, Clark Gable, grite alguma coisa.

O papai diz:

— Chama-se fibrodysplasia ossificante progressiva e é extremamente rara, Jude. Extrema, extremamente rara.

— Ah, não acho que tenho isso ou coisa parecida. — Ao menos não literalmente. Não digo que acho que nós três talvez a tenhamos metaforicamente. Nossas personalidades reais escondidas nas profundezas destas personalidades impostoras. Os periódicos médicos do papai são tão esclarecedores quanto a bíblia da vovó.

— Onde é que está o Ralph? Onde é que está o Ralph? — E um momento de comunhão familiar acontece! Todos nós reviramos os olhos em uníssono, ao estilo dramático da vovó Sweetwine. Mas então o papai franze a testa.

— Querida, há algum motivo para você ter uma cebola enorme no bolso?

Olho para baixo e vejo meu refletor de doença exposto no bolso da minha blusa. Havia me esquecido disso. O inglês viu isso também? Ah, meu Deus.

— Jude, você realmente... — diz o papai. Mas o que tenho certeza que é outra lição de moral entediante sobre minhas tendências esotéricas ou minha relação a distância com a vovó (ele não sabe nada sobre a mamãe) é interrompida porque o papai foi atingido por uma arma paralisante.

— Papai? — Ele ficou pálido, quero dizer, mais pálido. — Papai? — repito, seguindo o olhar dele até a tela do computador. É a *Família Enlutada*? É minha obra preferida de Guillermo Garcia, se bem que muito perturbadora. Três enormes gigantes enlutados de pedra que se parecem com a gente, com o jeito como o papai, Noah e eu provavelmente estaríamos diante do túmulo da mamãe, como se fôssemos cair na tumba com ela. A escultura me lembra o papai também.

Olho para Noah e o encontro na mesma condição, também olhando intensamente para a tela. O cadeado desapareceu. Um brilho vermelho de emoção tomou conta de seu rosto e pescoço, até mesmo de suas mãos. Isso é promissor. Ele está realmente reagindo à obra de arte.

— Eu sei — digo para os dois. — Uma obra incrível, não?

Nenhum dos dois responde. Não tenho certeza se eles me ouviram.

Então o papai diz, bruscamente:

— Saindo para caminhar.

E Noah diz, também bruscamente:

— Meus amigos.

E os dois se vão.

E eu sou o único morcego neste campanário?

A questão é: eu sei que errei. Vejo meus parafusos se soltando e voando em todas as direções diariamente. O que me preocupa no papai e em Noah é que eles parecem achar que estão bem.

Vou até a janela, abro-a e deixo entrar os lamentos e grasnares das mobelhas, o trovejar das ondas invernais, ondas *estelares*. Por um instante, volto ao meu mundo, atravesso correndo a zona limítrofe, o ar frio ferindo meus pulmões — só que no meu mundo estou arrastando Noah até a praia e é novamente aquele dia há dois anos quando ele quase se afogou e o peso dele nos puxava para baixo a cada braçada... não.

Não.

Fecho a janela e baixo a persiana.

Se um dos irmãos gêmeos se cortar, o outro vai sangrar.

Mais tarde naquela noite, quando entro no computador para aprender mais sobre Guillermo Garcia, descubro que os sites que favoritei foram apagados.

O protetor de tela com a *Família de Enlutados* foi alterado para uma única tulipa lilás.

Quando pergunto a Noah, ele diz que não sabe do que estou falando, mas não acredito nele.



A festa de Noah me enraivece. O papai viajou para uma de suas conferências sobre parasitas. O Natal foi uma droga. E tomei uma resolução antecipada de Ano-Novo, não, é uma *revolução* de Ano-Novo, e é isto: voltar ao estúdio de Guillermo Garcia hoje à noite e pedir a ele que me oriente. Até agora, desde que as férias de inverno começaram, tenho me acovardado. E se ele disser não? E se ele disser sim? E se ele me atacar com um cinzel? E se o inglês estiver lá? E se não estiver? E se *ele* me atacar com um cinzel? E se minha mãe quebrar a pedra com a mesma facilidade com que quebra a argila? E se esta irritação no meu braço for lepra?

Etc.

Coloquei todas essas perguntas no Oráculo há pouco e os resultados foram conclusivos. Nada melhor do que o presente, ficou decidido, graças ao fato de que as pessoas na festa de Noah — incluindo Zephyr — insistem em bater na minha porta, que está trancada e bloqueada por um armário. Então, pela janela, eu saio, colocando no bolso os vinte pássaros de bolacha-do-mar que mantenho no peitoril. Eles não dão tanta sorte quanto trevos-de-quatro-folhas ou vidro marinho vermelho, mas vão ter que dar conta.

Sigo os refletores amarelos no meio da rua pela colina, atenta a carros e assassinos em série. Outro dia de neblina intensa. Muito assustador. E essa é realmente uma má ideia. Mas me comprometi e por isso começo a correr em meio ao nada frio e úmido e a rezar para Clark Gable para que Guillermo Garcia seja um maníaco comum, e não um maníaco assassino de meninas, e tento não imaginar se o inglês estará lá. Tento não pensar em seus olhos de cores diferentes e na

intensidade que ele exala, e em como ele parece familiar, em como ele me chamou de anjo caído e disse “você é ela”, e em pouco tempo toda esta coisa de não pensar me leva à porta do estúdio e a luz vaza por sob a porta.

O Igor Bêbado deve estar lá dentro. Uma imagem dele com cabelos oleosos, barba negra e dedos azuis cheios de calos me vem à mente. Uma imagem marcante. Ele provavelmente tem piolhos. Quero dizer, se fosse uma lêndea, eu o escolheria para colonizar. Com todo aquele cabelo. *Sem querer ofender, mas* que nojo.

Recuo alguns passos, vejo um grupo de janelas na lateral da construção, todas acesas — o estúdio deve ser ali nos fundos. Uma ideia começa a ganhar forma. Uma ótima ideia. Porque talvez haja uma forma de espiar o estúdio sem ser notada... sim, como a partir daquela escada de incêndio nos fundos, penso ao vê-la. Quero ver os gigantes. Quero ver o Igor Bêbado também, e de trás de um vidro me parece perfeito. Brilhante, até. Antes que eu perceba, pulo a cerca e corro por um beco completamente escuro, um daqueles becos onde meninas são atacadas com cinzéis.

É muito azar cair de cara no chão.

(Este é um texto bastante sincero. A sabedoria da bíblia da vovó não tem limites.)

Chego à escada de incêndio viva e começo a subir, silenciosa como um rato, rumo ao patamar iluminado.

O que estou fazendo?

Bem, estou fazendo. No alto da escada, agacho-me e me espremo feito um caranguejo sob as janelas. Depois de ultrapassá-las, levanto-me, abraçada à parede, enquanto vasculho um espaço muito iluminado...

E lá estão eles. Gigantes. Gigantes *gigantescos*. Mas diferentes daqueles das fotografias. São todos casais. Do outro lado da sala, enormes seres de pedra se abraçam como se estivessem numa pista de dança, como se tivessem sido congelados no meio da dança. Não, não estão abraçados. Não ainda. É como se cada “homem” e cada “mulher” estivessem se lançando uns contra os outros apaixonadamente, *desesperadamente*, e então o tempo parou antes que eles pudessem alcançar os braços uns dos outros.

A adrenalina corre em minhas veias. Não é de admirar que a *Interview* o tenha feito apontar um taco de beisebol para *O Beijo*, de Rodin. É tão educada e, bem, entediante em comparação...

Meu fluxo de consciência é interrompido porque, confinado na sala enorme, como se sua pele não fosse capaz de conter o turbilhão de sangue dentro de seu corpo, está o próprio Igor Bêbado, mas completamente transformado. Ele se barbeou, lavou o cabelo e vestiu um jaleco que está manchado de argila, assim como a garrafa de água que ele leva à boca. Sua biografia não menciona nenhum trabalho com argila. Ele bebe da garrafa como se estivesse caminhando no deserto com Moisés, seca-a e a joga no lixo.

Alguém o ativou.

Ligou-o a um reator nuclear.

Senhoras e senhores: o Astro do Mundo da Escultura.

Ele se aproxima da obra inacabada em argila no centro da sala e, quando está a poucos metros dela, começa a circundá-la lentamente, como um predador estudando a caça, falando com uma voz grossa que ouço através do vidro da janela. Olho para a porta, achando que alguém está prestes a segui-lo, alguém imerso nesse diálogo com ele, como o inglês, penso rapidamente, mas ninguém se junta a ele. Consigo entender uma palavra do que ele diz. Parece espanhol.

Talvez ele tenha fantasmas também. Que bom. Algo em comum, então.

De uma só vez, ele agarra a escultura, e a rapidez do movimento me faz prender a respiração. Ele é um fio em curto-circuito, o jeito como ele se move. Exceto que agora a força foi cortada e ele aperta a testa contra a barriga da escultura. Sem querer ofender (de novo), mas que maluco. Ele está com as enormes mãos abertas nas laterais da obra e fica ali desse jeito, sem se mover, como se estivesse rezando ou esperando ouvir a pulsação ou totalmente fora de si. Então vejo que suas mãos começam a deslizar lentamente para cima e para baixo na superfície da obra, arrancando a argila, pouco a pouco, jogando punhados e mais punhados no chão, mas, ao fazer isso, ele nunca ergue a cabeça para ver o que está fazendo. Ele está esculpindo às cegas. Ah, uau.

Queria que Noah pudesse ver isso. E a mamãe também.

Por fim, ele recua atrapalhadamente, como se estivesse saindo de um transe, tira um maço de cigarros do bolso do jaleco, acende um e, encostando-se numa mesa próxima, fuma e olha para a escultura, tombando a cabeça da esquerda para a direita. Estou me lembrando de sua biografia. De como ele vem de uma linhagem de escultores de lápides na Colômbia e começou a esculpir aos cinco anos. Como ninguém jamais viu anjos tão magníficos quanto os dele e como as pessoas que viviam perto dos cemitérios onde suas esculturas velavam os mortos juravam que as ouviam cantar à noite, juravam que as vozes celestiais entravam em suas casas, seus sonos, seus sonhos. Como se dizia que o escultor menino era encantado, ou possivelmente possuído pelo demônio.

Prefiro o último.

Ele é o tipo de homem que entra numa sala e todas as paredes desabam. Concordo, mamãe, o que me leva ao ponto inicial. Como vou pedir a *ele* que me oriente? Este homem é muito mais assustador do que o Igor.

Ele joga a cinza do cigarro no chão, bebe um gole demorado de água do copo sobre a mesa e depois cospe na argila — ah, que nojo! —, em seguida, trabalha a porção umedecida furiosamente com os dedos, os olhos agora colados no que está fazendo. Ele está perdido no trabalho, bebendo e cuspidando e moldando, bebendo e cuspidando e moldando, esculpindo como se estivesse tentando tirar algo de que precisa da argila, algo de que precisa muito. À medida que o tempo passa, começo a ver um homem e uma mulher ganharem forma — dois corpos entrelaçados como galhos.

Isto é desejar com as mãos.

Não sei quanto tempo se passa enquanto eu e alguns enormes casais de pedra observamos seu trabalho, observamos enquanto limpa as mãos que escorrem com argila molhada e passá-las nos cabelos várias vezes, até que eu me pergunte se ele está fazendo a escultura ou se a escultura é que o está fazendo.



Amanhece e eu estou olhando pela escada de incêndio do estúdio de Guillermo Garcia.

Uma vez no patamar, novamente me arrasto sob o peitoril até ter o mesmo campo de visão privilegiado da noite passada, depois me levanto só o bastante para ver o estúdio... Ele ainda está ali. De alguma forma eu sabia que estaria. Ele está sentado na plataforma, de costas para mim, a cabeça baixa, o corpo todo flácido. Ele não trocou de roupa. Será que dormiu? A escultura de argila ao lado dele parece concluída agora — ele deve ter trabalhado a noite toda —, mas não se parece nada com o que vi. Já não são amantes entrelaçados nos braços um do outro. A figura masculina está deitada de costas agora e parece que a figura feminina está nascendo dele, saindo do peito dele.

É horrível.

Noto, então, que os ombros de Guillermo Garcia sobem e descem. Será que ele está chorando? Como que por osmose, uma onda sombria de emoções cresce dentro de mim. Engulo em seco, endireito os ombros. Não que eu costume chorar.

Lágrimas de luto deveriam ser coletadas e depois ingeridas para curar a alma.

(*Nunca chorei por causa da mãe. Tive de fingir durante o funeral. Ia ao banheiro para beliscar minhas bochechas e esfregar meus olhos para ter a aparência certa. Sabia que, se chorasse uma só lágrima, seria o Judapocalipse. Noah não. Durante meses, foi como viver numa monção.*)

Ouçoo o escultor através da janela — um choramingo triste e profundo que suga todo o ar da atmosfera. Tenho de sair dali. Abaixando-me para ir embora, lembro-me dos pássaros de bolachado-mar no meu bolso desde a noite passada. Ele precisa disso. Eu os enfileiro no peitoril quando, pelo canto dos olhos, percebo um movimento rápido. Os braços dele foram jogados para trás e estão começando a se virar para a frente...

— Não! — grito, sem pensar e batendo com a mão na janela para impedi-lo de fazer contato e destruir os angustiados amantes.

Antes de descer correndo pela escada de incêndio, vejo-o me olhar, a expressão em seu rosto passando do choque à raiva.



Estou pulando a cerca quando ouço o rangido de filme de terror da porta se abrindo como ouvi outro dia e vejo pelo canto do olho o corpo imenso dele emergir. Tenho duas opções: volto ao beco e sou cercada ou pulo na calçada e saio correndo. Não são exatamente duas opções, penso ao cair de pé — *ai!* —, mas depois tropeço e me lanço no que teria sido uma azarada queda de cara no chão se não fosse por uma enorme mão me segurar pelo braço, devolvendo-me o equilíbrio.

— Obrigada — ouço-me dizendo. *Obrigada?* — Teria sido uma queda feia — explico para os pés dele, rapidamente acrescentando: — Você não imagina quantos danos cerebrais acontecem com quedas assim, e, se for no lóbulo central, pode dar adeus a si mesmo, o que te faz pensar no que uma

pessoa realmente é se pode se tornar outro alguém ao bater a cabeça, não é? Ai — disparadamente e do nada colocada neste mundo apenas para falar sozinha para seus enormes sapatos sujos de argila. — Se eu pudesse escolher — continuo, acionando uma desconhecida marcha —, mas obviamente não posso, e se isso não fosse um incrível paradoxo, eu nos obrigaria a usar capacete de titânio do nascimento à morte. Quero dizer, *qualquer coisa* pode cair na sua cabeça *a qualquer momento*. Já parou para pensar nisso? Um ar-condicionado, por exemplo, pode simplesmente cair do segundo andar e te esmagar enquanto você pensa na vida comprando pães na Main Street. — Tomo fôlego. — Ou um tijolo. Claro que é preciso se preocupar com um tijolo voador.

— Tijolo voador? — O timbre da voz dele tem muito em comum com um trovão.

— Sim, um tijolo voador.

— Um tijolo voador?

O quê, ele é burro?

— Claro. Ou um coco, acho, se você viver nos trópicos.

— Você está passando dos limites.

— *Seus* limites — digo, baixinho. Ainda não ergui a cabeça, acho que é o melhor.

Muitas palavras em espanhol saem da boca dele agora. Reconheço a palavra *loca* algumas vezes. Numa escala de irritação, eu diria que ele chega a dez. O cheiro dele é bem forte, *não quero ofender, mas* estou falando de cheiro de suor de macaco. Nenhum sinal de álcool nele. Igor não está aqui, este louco é todo O Astro da Pedra.

Mantenho-me firme na minha estratégia de olhos-nos-sapatos, então não tenho certeza, mas acredito que ele soltou meu braço para acompanhar o ataque de fúria em espanhol com gestos amplos. Isso ou pássaros voam ao redor da minha cabeça. Quando os movimentos cessam e o irado espanhol se aquieta, recupero a calma e ergo a cabeça para avaliar o que tenho de enfrentar. Nada bom. Ele é um arranha-céu, insuportavelmente majestoso com os braços cruzados no peito numa pose de guerra, estudando-me como se eu fosse uma nova forma de vida. O que na verdade é curioso porque, uau, de perto ele parece alguém que acabou de sair de um poço de areia movediça — algo pantanoso. Ele está completamente coberto por argila, exceto pelas marcas de choro no rosto e os olhos diabolicamente verdes que me perfuram.

— Bem? — diz ele impacientemente, como se já tivesse feito uma pergunta que não respondi.

Engulo em seco.

— Desculpe — digo. — Eu não pretendia... — Humm, o que vem a seguir? Não queria pular a cerca, subir pela escada de incêndio e ver você ter um colapso nervoso.

Tento novamente.

— Vim a noite passada...

— Você esteve aqui me vendo a noite toda? — ruge ele. — Eu te mandei ir embora outro dia e você volta e me observa a noite toda?

Não só filhotinhos, esse cara também se alimenta de adoráveis bebês de colo.

— Não. Não a noite *toda*... — digo, e então, antes que eu perceba, começo a falar sem parar novamente. — Queria pedir a você que fosse meu mentor, sabe, eu trabalharia como estagiária, faria qualquer coisa, limparia, qualquer coisa, porque tenho de fazer uma escultura. — Eu o olho nos olhos. — Simplesmente *tenho* que fazê-la e tem de ser de pedra por vários motivos, alguns nos quais você nem acreditaria, e meu professor Sandy disse que você é o único a fazer esculturas em pedra, praticamente no mundo todo... — Ele sorriu um pouquinho? — ... mas quando estive aqui você pareceu tão... Não sei o quê, e claro que você me mandou ir embora, o que eu fiz, mas daí voltei a noite passada pensando em tentar te pedir novamente, mas tive medo, porque, certo, você é um pouco assustador, quero dizer, francamente, uau, você é *completamente* assustador. — As sobrancelhas se arqueiam ao ouvir isso, rachando a argila na sua testa. — Mas, a noite passada, o jeito como você esculpiu aquela peça às cegas foi... — Tento pensar no que foi, mas não consigo formular nada que lhe faça justiça. — Simplesmente não pude acreditar, *não pude acreditar*, e então pensei que você pudesse ser, sei lá, talvez mágico ou coisa assim, porque no meu livro de escultura falavam sobre os anjos que você esculpia quando criança, e dizia que acreditavam que você era encantado ou possuído pelo demônio, sem ofensa, e essa escultura, aquela que tenho de fazer, bem, preciso de ajuda, *desse* tipo de ajuda, porque tenho esta ideia de que posso consertar as coisas, como se fazendo a escultura talvez alguém finalmente entendesse algo que é muito importante para mim, muito, muito importante, porque ela nunca me entendeu, não de verdade, e ela está com raiva de algo que eu fiz... — Tomo fôlego e acrescento: — E eu estou triste também. — Suspiro. — Não estou bem. De jeito nenhum. Queria ter dito isso da última vez que estive aqui. O Sandy até me obrigou a ver a psicóloga da escola, mas ela só me disse para imaginar um campo florido... — Percebo que terminei, então fecho a boca e fico ali esperando os paramédicos ou quem quer que venha com uma camisa de força.

É mais do que eu disse nos últimos dois anos juntos.

Ele leva a mão à boca e começa a me examinar menos como se eu fosse uma alienígena e mais como examinou a escultura na noite passada. Quando finalmente fala, para minha surpresa e alívio, não diz: “Vou chamar as autoridades”, e sim:

— Vamos tomar um café, sim? Preciso de um tempo.



Sigo Guillermo Garcia por um corredor sombrio e empoeirado, com várias portas fechadas levando a quartos onde todos os outros estudantes de arte de dezesseis anos são mantidos presos a correntes. Ocorre-me que ninguém sabe que estou aqui. De repente aquela coisa toda de escultor de lápides não me parece algo bom.

Para ganhar coragem, diga seu nome três vezes para dentro de sua mão fechada.

(Que tal um spray de pimenta, vovó?)

Digo meu nome três vezes para dentro da minha mão fechada. Seis vezes. Nove vezes e contando...

Ele se vira, sorri e aponta para cima com o dedo.

— Ninguém prepara café como Guillermo Garcia.

Sorrio de volta. Isso não pareceu especialmente homicida, mas talvez ele esteja tentando me deixar relaxada, me atrair para seu covil, como a bruxa em João e Maria.

Alerta de Saúde: A ventilação é necessária. Várias civilizações de ácaros são vistas nos raios espessos de luz que caem das duas janelas altas. Olho para o chão e, meu Deus!, está *tão* empoeirado que marca minhas pegadas. Queria poder flutuar como a vovó S. para não levantar poeira. E esta escuridão — deve haver esporos de mofo tóxico crescendo nessas paredes de cimento.

Entramos numa área mais ampla.

— A sala da correspondência — diz Guillermo.

Ele não está brincando. Há mesas, cadeiras e sofás soterrados sob meses, talvez anos de correspondência, todos os envelopes fechados e caindo no chão aos montes. Há uma cozinha à minha direita cheia de botulismo, outra porta fechada, que é claro que dá para uma sala onde reféns amarrados e amordaçados se encontram, uma escada levando a um loft — vejo uma cama desarrumada — e, à minha esquerda, ah, Clark Gable, sim, para minha felicidade, lá está: um anjo de pedra em tamanho natural que parece ter vivido no mundo muito antes de ser trazido para cá.

É um *deles*. Tem que ser. Bingo! Na biografia dele, dizia-se que até hoje, na Colômbia, as pessoas viajam de todos os cantos para sussurrar seus desejos nos ouvidos de pedra fria de um anjo de Guillermo Garcia. Este anjo é espetacular, da minha altura, com cabelos que caem pelas costas em mechas longas que parecem feitas de seda, não de pedra. Seu rosto ovalado foi esculpido para baixo, como se estivesse olhando amorosamente para uma criança, e suas asas se elevam das costas num sinal de liberdade. O anjo se parece com o *Davi* na sala de Sandy, a um sopro de ganhar vida. Quero abraçá-lo ou começar a gritar, mas em vez disso pergunto calmamente:

— Ele canta para você à noite?

— Acho que os anjos não cantam para mim — diz ele.

— Sim, nem para mim — digo, o que por algum motivo o faz dar meia-volta e sorrir para mim.

Quando ele dá as costas para mim novamente, viro-me à esquerda e, na ponta dos pés, vou até o outro lado da sala. Não consigo me segurar. Tenho que sussurrar meu desejo no ouvido do anjo imediatamente.

Ele gesticula com um braço no ar.

— Sim, sim, todo mundo faz isso. Se funcionasse...

Ignoro o ceticismo dele e desejo de todo o coração no ouvido perfeito do anjo — *o melhor é apostar em todos os cavalos, querida* —, notando, ao terminar, que a parede atrás do anjo está cheia de desenhos, na maioria de corpos, amantes, homens e mulheres sem rosto se abraçando ou explodindo nos braços uns dos outros. Estudos, suponho, para os gigantes em outra sala? Analiso a sala de correspondência novamente e vejo que a maioria das paredes também está recoberta. A única interrupção na caverna de arte é uma enorme pintura pendurada sem moldura. É a imagem de uma mulher e um homem se beijando em um penhasco à beira-mar enquanto o mundo todo ao redor deles gira num tornado de cor — a paleta de cores é ousada e brilhante como a de Kandinsky ou o quadro

de que minha mãe mais gostava de Franz Marc.

Não sabia que ele pintava também.

Caminho até a tela, ou talvez seja o contrário. Algumas obras ficam na parede, mas não esta. É um transbordamento de cores para fora das duas dimensões, então sou espremida no meio dela, no meio de um beijo que poderia fazer com que uma menina, não uma no meio de um boicote de meninos, se perguntasse onde certo garoto inglês pode estar...

— Economiza papel — diz Guillermo Garcia. Não tinha percebido que começara a passar a mão sobre um dos desenhos na parede perto da pintura. Ele está apoiado contra uma enorme pia industrial, me observando. — Gosto tanto das árvores.

— Árvores são legais — digo à toa, um pouco assoberbada por todos aqueles corpos nus, todo o amor e luxúria ao meu redor. — Mas elas são do meu irmão, não minhas — acrescento sem pensar. Olho para a mão dele à procura de uma aliança. Nada. E nenhum indício de que uma mulher esteve aqui há tempos. Mas e quanto aos casais gigantes? E a mulher saindo da forma masculina na escultura que ele fez na noite passada? E esta pintura do beijo? E todos aqueles desenhos sensuais? E o Igor Bêbado? E o choro que testemunhei? Sandy disse que algo lhe aconteceu: o que foi? O que é? Com certeza há a impressão aqui de que algo horrível aconteceu.

A argila na testa de Guillermo trincou com sua confusão. Percebo o que acabei de dizer sobre as árvores.

— Ah, meu irmão e eu dividimos o mundo quando éramos crianças — digo. — Eu lhe dei as árvores e o sol e algumas outras coisas em troca de um incrível retrato cubista que ele fez e eu queria.

O que restou do retrato ainda está num saco plástico sob minha cama. Quando voltei para casa depois da festa de despedida de Brian naquela noite, vi que Noah havia rasgado o retrato e espalhado os pedacinhos pelo chão do meu quarto. Pensei: certo, não mereço uma história de amor. Não mais. Histórias de amor não são escritas para meninas que fazem o que eu fiz com meu irmão, para meninas com o coração negro.

Ainda assim, reuni todos os pedacinhos do menino. Tentei remontar o retrato muitas vezes, mas é impossível. Nem me lembro como era a imagem agora, mas jamais me esquecerei da reação que tive quando vi o desenho pela primeira vez no bloco de Noah. Eu *tinha* de possuí-lo. Eu lhe teria dado o sol de verdade, então lhe dar o sol imaginário não era nada.

— Entendo — diz Guillermo Garcia. — Quanto tempo as negociações duraram? Para dividir o mundo.

— Elas ainda estão em andamento.

Ele cruza os braços, novamente naquela pose de guerra. Parece ser sua pose preferida.

— Vocês são muito poderosos, você e seu irmão. Como deuses — diz ele. — Mas, honestamente, acho que você não fez uma boa troca. — Ele balança a cabeça. — Você se disse muito triste, talvez seja por isso. Sem sol. Sem árvores.

— Perdi as estrelas e os oceanos também — digo.

— Isso é horrível — diz ele, seus olhos se arregalando dentro da máscara de argila do rosto. — Você é uma péssima negociadora. Da próxima vez, precisa de um advogado. — Pela voz, dá para ver que ele está se divertindo.

Sorrio para ele.

— Consegui ficar com as flores.

— Graças a Deus — diz ele.

Algo de estranho está acontecendo, algo tão estranho que nem acredito. Sinto-me bem. Entre todos os lugares do mundo, sinto-me bem aqui, com ele.

Aliás, é nisso que estou pensando quando noto a gata, a gata *preta*. Guillermo se abaixa e pega o montinho de azar no colo. Ele esfrega o nariz na cabeça e pescoço da bichana, falando palavras doces em espanhol. A maioria dos assassinos em série ama animais, li certa vez.

— Esta é a Frida Kahlo. — Ele se vira. — Você conhece Kahlo?

— Claro. — O livro da mamãe sobre ela e Diego Rivera se chama *Conte as Formas*. Eu o li de cabo a rabo.

— Uma artista maravilhosa... tão atormentada. — Ele segura a gatinha de frente para ele. — Como você — diz ele para a gata, colocando-a no chão. Ela volta para perto dele, esfregando-se contra suas pernas, ignorando os anos de azar que está nos dando.

— Sabia que a toxoplasmose e a clamidiose são transmitidas aos humanos pelas fezes dos gatos? — pergunto a Guillermo.

Ele franze a testa, rachando ainda mais a argila na pele.

— Não, não sabia. E não quero saber disso. — Ele gira uma panela no ar com as mãos. — Já apaguei isso da minha mente. Chega. Puf. Você deveria fazer o mesmo. Tijolos voadores e agora isso. Nunca nem ouço essas coisas.

— Você poderia ficar cego ou coisa pior. Acontece. As pessoas não têm ideia de como é perigoso ter animais de estimação.

— É isso que você pensa? Que é perigoso ter um gatinho?

— Com certeza. Principalmente um gato *preto*, mas isso é outro assunto.

— Certo — diz ele. — Se é o que você pensa. Sabe o que eu penso? Acho que você é louca. — Ele joga a cabeça para trás e ri. Isso aquece todo o mundo. — Completamente *louca*. — Guillermo se vira e começa a falar em espanhol, dizendo Clark Gable sabe o quê ao tirar o jaleco e pendurá-lo num gancho. Por sob o jaleco ele está usando uma calça jeans e uma camiseta preta como um cara normal. Ele pega um bloquinho de anotações do bolso da frente do jaleco e o coloca no bolso de trás da calça. Imagino que seja seu caderninho de ideias. Na CSA, eles nos encorajam a termos um caderninho de ideias por perto o tempo todo. O meu está vazio. Ele abre as torneiras no máximo, coloca um braço e o outro sob elas, limpando-os com sabão industrial. A água barrenta escorre dele, suja. Depois ele coloca a cabeça sob a torneira. Isso vai demorar um pouco.

Abaixo-me para fazer amizade com a azarada Frida, que ainda está rondando os pés de Guillermo. Mantenha seus inimigos por perto, como se diz. O mais estranho é que, mesmo com Frida e a toxoplasmose e este homem que deveria me aterrorizar por vários motivos, sinto-me em casa, como não me sentia fazia muito tempo. Arranho o piso com os dedos, tentando chamar a atenção da gatinha.

— Frida — chamo, baixinho.

O título do livro da mãe, *Conte as Formas*, sobre Kahlo e Rivera, é um verso tirado do poema preferido dela, de Elizabeth Barrett Browning.

— Você o sabe de cor? — perguntei a ela uma vez, quando estávamos caminhando pelo bosque juntas, uma raridade.

— Claro que sei. — Ela deu um pulinho de alegria e me puxou para perto de si, e cada centímetro de mim ficou feliz e empolgado. — “Como a amo?” — recitou ela, seus enormes olhos escuros brilhando para mim, nossos cabelos escorrendo ao redor de nossa cabeça, se misturando e se entrelaçando ao vento. Eu sabia que era um poema romântico, mas naquele dia pareceu ser sobre nós duas, a coisa especial de mãe e filha que tínhamos. — “Deixe-me contar as formas” — recitou ela... espere aí, ela *está* cantando! — “Eu a amo até as profundezas e alturas que minha alma alcança...”

Ela está aqui e agora — sua voz grossa e empedrada está recitando o poema para mim!

— Eu a amo com o hálito, sorriso e lágrimas de toda a minha vida e, se Deus quiser, eu a amarei ainda mais depois da morte.

— Mãe? — sussurro. — Eu a estou ouvindo.

Todas as noites, antes de ir para a cama, leio esse poema em voz alta para ela, esperando que isso aconteça.

— Tudo bem aí? — Olho para o Guillermo Garcia desmascarado e que agora parece ter acabado de sair do mar, os cabelos pretos penteados para trás e pingando, uma toalha sobre os ombros.

— Estou bem — digo para ele, mas estou longe disso. O espírito da minha mãe falou comigo. Ela recitou o poema para mim. Ela disse que me ama. Ainda me ama.

Levanto-me. Como eu estava? Agachada ali no chão, sem nenhum gato por perto, totalmente perdida e sussurrando para a minha mãe morta.

O rosto de Guillermo agora se assemelha às fotos que vi na internet. Qualquer um de seus traços é dramático, mas juntos compõem um campo de batalha, uma disputa de território, nariz contra boca contra olhos brilhantes. Não sei se é grotesco ou lindo.

Ele está me estudando também.

— Seus ossos — ele toca a própria bochecha — são muito delicados. Você tem ossos de passarinho. — Seus olhos caem, passam por meus seios e pousam confusos em algum lugar no meio do meu corpo. Olho para baixo, esperando encontrar a cebola à vista ou qualquer outro amuleto que esqueci, mas não é nada disso. Minha camiseta subiu sob o casaco aberto e ele está olhando para minha barriga, minha tatuagem. Ele dá um passo em minha direção e, sem perguntar, ergue minha camiseta para ver a imagem toda. Ah, meu Deus! AhmeuDeusahmeuDeus. As mãos dele seguram o

tecido. Sinto o calor dos dedos dele na minha barriga. Meu coração acelera. Isso é inapropriado, certo? Quero dizer, ele é velho. Da idade do papai. Exceto pelo fato de ele não se parecer em nada com o papai.

Então vejo no rosto dele que minha barriga lhe interessa tanto quanto uma tela. Ele está maravilhado com minha tatuagem, não comigo. Não sei se me sinto aliviada ou insultada.

Guillermo me olha nos olhos e meneia a cabeça, aprovando-me.

— Rafael na barriga — diz ele. — Muito bom. — Não posso deixar de sorrir. Ele também. Uma semana antes da morte da mamãe, gastei todo o dinheiro que havia economizado com essa tatuagem. Zephyr conhecia um cara que tatuava menores de idade. Escolhi os querubins de Rafael porque eles lembravam NoaheJude, mais um do que dois. Além disso, eles voam. Acho que fiz isso mesmo para irritar minha mãe, se bem que nunca tive a oportunidade de lhe mostrar... Por que as pessoas morrem no meio de uma briga com você? Quando você as está odiando? Quando absolutamente nada entre vocês está resolvido?

Para se reconciliar com um familiar, segure uma bacia na chuva até que ela se encha e depois beba a água da chuva assim que o sol brilhar novamente.

(Meses antes de ela morrer, mamãe e eu passamos o dia no centro, para ver se conseguíamos melhorar nossa relação. Durante o almoço, ela me disse que se sentia como se sempre, em sua mente, estivesse procurando pela mãe que a abandonara. Eu quis lhe dizer: *Sim, eu também.*)

Guillermo gesticula para que eu o siga, e então para na entrada do grande estúdio, que, ao contrário do restante do lugar, é ensolarado e bem limpo. Ele estende a mão para a sala dos gigantes.

— Minhas pedras, se bem que acho que vocês já se conhecem.

Acho que as conheço, mas não assim, impondo-se sobre nós como titãs.

— Sinto-me tão pequena — digo.

— Eu também — diz ele. — Como uma formiguinha.

— Mas você é o criador.

— Talvez — diz ele. — Não sei. Quem sabe...? — Ele está resmungando algo que não consigo ouvir e conduzindo uma sinfonia com as mãos ao se afastar de mim rumo a uma bancada que tem um fogão com uma chaleira.

— Ei, talvez você tenha Síndrome de Alice no País das Maravilhas! — digo para ele, a ideia me ocorrendo. Ele se vira. — É um transtorno neurológico muito legal, no qual a escala das coisas fica distorcida na mente. Geralmente as pessoas que sofrem disso veem tudo pequenininho, pessoas em miniatura dirigindo carrinhos Matchbox, esse tipo de coisa, mas pode acontecer o contrário também. — Estendo as mãos para a sala como prova do meu diagnóstico.

Ele não parece achar que sofre da Síndrome de Alice no País das Maravilhas. Dá para ver porque a falação em espanhol sobre a *loca* recomeça enquanto ele bate as portas dos armários. Enquanto prepara chá e resmunga relaxadamente, acredito — é possível que ele esteja se divertindo comigo

—, dou a volta num par de amantes perto de mim, passando o dedo por sobre a pele áspera deles e depois me colocando entre eles e erguendo a mão, desejando escalar seus corpos enamorados gigantescos.

Talvez Guillermo sofra de um tipo diferente de síndrome. O mal do amor, parece, se é que o tema repetido em todo esse lugar é sinal de alguma coisa.

Guardo o meu novo diagnóstico para mim mesma ao me juntar a ele na bancada. Ele está derramando a água da chaleira em dois filtros colocados sobre xícaras e começou a cantar para si mesmo em espanhol. Compreendo essa sensação diferente que está tomando conta de mim: bem-estar. O relaxamento evoluiu para uma sensação completa de bem-estar. E talvez ele esteja sentindo isso também, com toda aquela cantoria e tal.

Talvez eu possa morar aqui. Traria minha máquina de costura e pronto. Só teria de despistar o menino inglês... que talvez seja filho de Guillermo... um filho que ele só descobriu recentemente, que foi criado na Inglaterra. Sim!

E... procurando limão por perto.

— Como prometido, o néctar dos deuses — diz ele, colocando as duas xícaras fumegantes sobre a mesa. Sento-me no sofá vermelho. — Agora vamos conversar, sim? — Ele se junta a mim no sofá, com seu cheiro de suor de macaco. Mas não me importo. Não me importo nem mesmo com o fato de o sol se apagar numa questão de anos, pondo um fim à vida na Terra, bem, cinco bilhões de anos, mas, ainda assim, sabe de uma coisa? Não me importo. Bem-estar é uma coisa maravilhosa.

Ele pega uma caixa de açúcar da mesa e despeja uma tonelada na xícara, derramando a mesma quantidade.

— Isso dá sorte — digo.

— O quê?

— Derramar açúcar. Derramar sal dá azar, mas açúcar...

— Já ouvi falar disso. — Ele sorri, derruba a caixa com as costas da mão, espalhando todo o conteúdo pelo chão. — Olha só!

Sinto uma onda de felicidade.

— Não sei se conta se você fizer de propósito.

— Claro que conta — diz ele, tirando um cigarro de um maço amassado sobre a mesa, perto de outro daqueles caderninhos. Ele se endireita, acende o cigarro e traga profundamente. A fumaça sobe entre nós. Ele está me estudando novamente. — Quero que você saiba que ouço o que você diz por fora. Sobre isso. — Ele coloca a mão no peito. — Você foi honesta comigo, então serei honesto com você. — Guillermo está me olhando nos olhos. É estonteante. — Quando você veio aqui outro dia, eu não estava na melhor das formas. Às vezes não estou em boa forma... Sei que te mandei embora. Não sei mais o que dizer. Não me lembro muito... daquela semana toda. — Ele acena com o cigarro no ar. — Mas vou te dizer: não leciono mais por um motivo. Não tenho essa coisa de que você precisa. Simplesmente não tenho. — Ele traga, exala a fumaça demoradamente e depois aponta para os gigantes. — Sou como eles. Todos os dias penso comigo mesmo que aconteceu, que finalmente me

tornei a pedra que esculpo.

— Eu também — digo. — Sou feita de pedra também. Pensei exatamente isso outro dia. Acho que minha família toda é feita de pedra. Existe uma doença chamada FOP, fibrodysplasia ossificante progressiva...

— Não, não, não, você não é feita de pedra — interrompe-me ele. — Você não tem esta doença chamada FOP. Nem nenhuma outra doença com outro nome. — Ele toca meu rosto ternamente com os dedos cheios de calos e os deixa ali. — Confie em mim — diz ele. — Se existe alguém que sabe disso sou eu.

Seus olhos se tornam carinhosos. Estou nadando neles.

De repente tudo fica em silêncio dentro de mim.

Faço que sim e ele sorri e tira a mão. Coloco minha mão onde a dele estava, sem entender o que está acontecendo. Tudo o que quero é a mão dele de novo no meu rosto. Tudo o que quero é que ele toque meu rosto daquele jeito e me diga que estou bem, sem parar, até eu ficar mesmo bem.

Guillermo apaga o cigarro.

— Eu, contudo, sou uma história diferente. Não leciono há anos. E não vou lecionar. Provavelmente nunca mais. Então...

Oh. Eu me abraço. Estava totalmente equivocada. Achei que, ao me convidar para tomar café, ele estava dizendo sim. Achei que ele me ajudaria. Meus pulmões parecem se fechar.

— Só quero trabalhar agora. — Uma sombra escurece seu rosto. — É tudo o que tenho. É só o que posso fazer para... — Ele não termina a frase, só fica olhando para os gigantes. — Só quero pensar neles e só me importo com eles, entende? É isso. — Sua voz se tornou solene, uma voz de chumbo.

Olho para minhas mãos, a decepção transbordando, negra, espessa e impotente.

— Então — continua ele —, pensei isto: suponho que você esteja na CSA porque mencionou o Sandy, não é? — Faço que sim. — Tem mais alguém lá, não? Ivan Alguma Coisa, ele está naquele departamento e com certeza pode te ajudar com essa obra.

— Ele está na Itália — digo, com a voz hesitante. Ah, não. Não é possível. Agora? Ah, não agora. Mas é agora. Pela primeira vez em dois anos, lágrimas escorrem pelo meu rosto. Limpo-as rapidamente, seguidas vezes. — Entendo — digo, levantando-me. — De verdade. Está tudo bem. Foi uma ideia boba. Obrigada pelo café. — Tenho que sair daqui. Tenho que parar de chorar. Um choro convulsivo está crescendo dentro de mim, tão imenso e poderoso que vai quebrar todos os meus ossinhos de passarinho. É o Judapocalipse. Mantenho os braços apertados contra minhas costelas e obrigo minhas pernas trêmulas a atravessarem o estúdio ensolarado, passar pela sala da correspondência e pelo corredor escuro e mofado, completamente cega com o contraste de luz, quando a voz de barítono dele me detém.

— Você precisa tanto fazer essa escultura a ponto de chorar assim?

Viro-me. Ele está apoiado contra a parede, perto do quadro do beijo, os braços cruzados.

— Sim — digo, repetindo com mais calma: — Sim. — Será que ele vai mudar de ideia? O choro

começa a diminuir.

Guillermo está cofiando o queixo. Sua expressão se ameniza.

— Você precisa tanto fazer esta escultura que arriscaria sua vida dividindo o mesmo espaço com um gato transmissor de doenças?

— Sim. Com certeza. Por favor.

— Tem certeza de que quer trocar o calor e a umidade da argila pela eternidade e pela frieza implacável da pedra?

— Tenho certeza. — O que quer que ele esteja querendo dizer.

— Volte amanhã à tarde. Traga seu portfólio e seu bloco de desenhos. E diga a seu irmão para te devolver o sol, as árvores, as estrelas e tudo o mais. Acho que você precisa disso.

— Você está me aceitando?

— Estou. Não sei por quê, mas estou.

Estou prestes a sair pulando pela sala e abraçá-lo.

— Ah, não. — Ele aponta o dedo para mim. — Não fique tão feliz. Estou avisando. Todos os meus alunos me desprezam.



Fecho a porta da casa de Guillermo e me encosto nela, sem saber direito o que me aconteceu ali. Sinto-me desorientada, como se estivesse assistindo a um filme ou se tivesse acabado de acordar de um sonho. Agradeço e re agradeço ao belo anjo de pedra que realizou meu desejo. O fato de meu portfólio estar cheio de tigelas e bolhas quebradas é um problema. Também é um problema ele ter pedido para eu trazer o bloco de desenho, sendo que não sei desenhar. Tirei cinco em desenho de modelo vivo ano passado. Desenhar é coisa do Noah.

Não importa. Ele disse sim.

Olho em volta, admirando a Day Street, larga e arborizada, com uma combinação de casas vitorianas dilapidadas nas quais os alunos da faculdade vivem, galpões, às vezes uma empresa e a igreja. Permito que o primeiro sol que vi neste inverno inunde meus ossos quando ouço a freada de uma motocicleta. Observo o piloto feliz com a adrenalina, ele que acha que está numa disputa da Indy 500, dando um cavalo de pau. Jesus, *não quero ofender, mas* que idiota estúpido e descuidado.

Evel Knievel^[4] freia bruscamente de novo, mas agora parando a menos de cinco metros de mim e tirando o capacete.

Oh.

Claro.

E usando óculos de sol. Alguém chame os paramédicos.

— Oi, tudo bem? — diz ele. — O anjo caído voltou.

Ele não fala, ele cantarola, suas palavras pairando no ar como pássaros. E por que os ingleses soam mais inteligentes do que nós? Como se eles sempre devessem receber o Prêmio Nobel por um simples cumprimento?

Fecho o zíper do meu casaco até o pescoço.

Mas parece que não consigo fechar minha persiana antimeninos.

Ainda um idiota descuidado, sim, mas, que droga, ele está lindo sentado na moto neste dia ensolarado de inverno. Meninos como ele não deviam poder andar de moto. Eles tinham que andar por aí em pula-pulas, ou melhor: *Hippity Hops*^[5]. E nenhum cara atraente deveria ter sotaque britânico e pilotar uma moto.

Sem mencionar usar jaqueta de couro ou óculos escuros esportivos. Caras atraentes deveriam ser obrigados a usar pijamas compridos.

Sim, sim, o boicote, o boicote.

Ainda assim, eu gostaria de dizer alguma coisa neste momento, para que ele não pense que sou muda.

— Oi, tudo bem — digo, imitando-o perfeitamente, *com sotaque britânico e tudo!* Ah, não. Sinto meu rosto ficando vermelho. Sem o sotaque, acrescento rapidamente: — Bela manobra.

— Ah, sim — diz ele, descendo da moto. — Tenho um problema para controlar meus impulsos. Pelo menos é o que me dizem com frequência.

Ótimo. Um metro e oitenta de azar e problemas para controlar os impulsos. Cruzo os braços como Guillermo.

— Você provavelmente tem um lóbulo frontal subdesenvolvido. É dali que vem o autocontrole.

Isso o diverte. Parece que o rosto dele está indo para todos os lugares ao mesmo tempo.

— Bem, obrigado pela opinião médica. Agradeço muito.

Gosto que ele tenha rido. Uma bela risada, tranquila e convidativa, na verdade adorável, não que eu tenha notado. Francamente, também acredito que *eu* tenha dificuldade para controlar meus impulsos, bem, eu costumava ter. Agora estou muito mais no controle das coisas.

— E que tipo de impulso você não consegue controlar?

— Todos, acho — diz ele. — Esse é o problema.

É *mesmo* o problema. Ele é feito sob medida para me torturar. Aposto que tem ao menos dezoito anos, que fica sozinho nas festas, apoiado nas paredes e bebendo, enquanto mulheres de pernas longas usando minissaias vermelhas se oferecem a ele. Certo, não tenho ido a muitas festas ultimamente, mas já assisti a vários filmes, e ele é aquele cara: o fora da lei, solitário e com um furacão no peito que causa confusão, arrasa cidades, meninas e sua própria vida trágica incompreendida. Um valentão de verdade, não daqueles falsos da minha escola de arte, com suas tintas, piercings, heranças e cigarros franceses.

Aposto que ele acabou de sair da cadeia.

Decido insistir na “doença” dele, que se encaixa na pesquisa médica, não porque esteja fascinada por ele ou flertando com ele ou coisa parecida.

— Quero dizer, se você estivesse numa sala com O Botão, entende, *o botão nuclear do fim do mundo*, só você e o botão, você o apertaria? Simplesmente o apertaria?

Ele ri aquela maravilhosa risada fácil de novo.

— Cabum! — diz ele, ilustrando a explosão com as mãos.

Cabum está certo.

Observo enquanto ele tranca o capacete na parte de trás da moto e tira uma câmera presa ao guidão. A câmera. Tenho uma reação pavloviana instantânea diante da câmera, lembrando-me da sensação de me sentar na igreja com ele me olhando através do visor. Olho para o chão, rezando para que minha pele clara não fique tão vermelha.

— Então, qual é a sua relação com o Astro? — pergunta ele. — Deixe-me adivinhar. Você quer que ele te oriente como todas as outras alunas de arte do instituto.

Certo, isso foi ofensivo. E será que ele pensa que frequento o instituto no centro da cidade? Que estou na faculdade?

— Ele *concordou* em me orientar — respondo triunfantemente, sem apreciar a indireta. Nenhum outro estudante de arte, mulher ou não, precisa da ajuda dele como eu preciso, a fim de fazer as pazes com a mãe morta. É uma situação bem única.

— Verdade? — Ele se mostra extremamente feliz. — Muito bem. — Volto aos holofotes do olhar dele e sinto a mesma tontura da igreja. — Não acredito. Muito bem. Faz muito, muito tempo que ele não aceita um aluno. — Isso me deixa nervosa. Ele me deixa nervosa. Cabum, cabum, kaput. Hora de ir embora. O que me obriga a mover minhas pernas. Mova as pernas, Jude.

— Tive sorte — digo, tentando não tropeçar nos meus próprios pés ao passar por ele, as mãos enfiadas no bolso do casaco, uma delas segurando a cebola, a outra segurando um saquinho de ervas que prometem proteção. — Você deveria realmente trocar essa coisa por um *Hippity Hop* — digo. — É muito mais seguro. — Para o gênero feminino, não acrescento.

— O que é um *Hippity Hop*? — pergunta ele às minhas costas. Não noto como as palavras *Hippity Hop* soam lindas saindo da sua boca com esse sotaque.

Sem me virar, respondo:

— Uma enorme bola de borracha, às vezes na forma de um animal, sobre a qual você se senta e pula. Você se segura nas orelhas dos animais.

— Ah, claro, um *Space Hopper*, então. — Ele ri. — Nós chamamos de *Space Hopper* na Inglaterra. Eu tinha um verde — grita ele atrás de mim. — Um dinossauro chamado Godzilla. Eu era muito criativo. — O meu era um cavalo roxo que batizei de Pony. Também era muito criativa. — Bem, foi um prazer vê-la de novo, quem quer que você seja. Suas fotos estão ótimas. Passei na igreja algumas vezes à sua procura. Achei que você quisesse vê-las.

Ele esteve procurando por mim?

Não me viro, meu rosto está queimando. *Algumas vezes?* Acalme-se. Fique calma. Respiro fundo e, ainda de costas para ele, ergo a mão e aceno um adeus exatamente como ele fez aquele dia na igreja. Ele ri novamente. Ah, Clark Gable. Então, ouço:

— Ei, espere um minuto.

Cogito ignorar isso, mas não resisto ao impulso (está vendo?) e me viro.

— Acabo de me lembrar que tenho uma sobrando — diz ele, tirando uma laranja do bolso da jaqueta de couro. Ele a joga para mim.

Ele só pode estar brincando. Isso está mesmo acontecendo? *A laranja!* Digo, o antilimão:

Se um menino dá uma laranja para uma menina, o amor dela por ele se multiplicará.

Pego-a no ar.

— Ah, não, você não fez isso — digo, jogando a laranja de volta para ele.

— Reação estranha — diz ele, pegando-a no ar. — Certamente uma reação estranha. Acho que vou tentar novamente. Você gostaria de uma laranja? Tenho uma sobrando.

— Na verdade, eu é que gostaria de te dar a laranja.

Uma de suas sobrancelhas arqueia.

— Bem, sim, que legal e tal, mas eu é que estou te dando a laranja. — Ele a segura no alto, sorrindo. — A laranja é *minha*.

É possível que eu tenha encontrado as únicas duas pessoas em Lost Cove que se divertem e não se irritam comigo?

— Que tal assim? — digo. — Você me dá a laranja e eu a devolvo. Parece razoável?

E, sim, estou flertando, mas isso é desnecessário. E, uau, é como andar de bicicleta.

— Tudo bem. — Ele se aproxima de mim, cada vez mais perto, tão perto que posso estender a mão e acariciar suas cicatrizes com meu dedo se eu quiser. São como duas costuras malfeitas. E vejo que seu olho castanho tem um toque de verde e que o verde tem um toque de castanho. Como Cézanne os pintava. Olhos impressionistas. E seus cílios são negros como carvão, maravilhosos. Ele está tão perto que posso passar os dedos em seus cabelos brilhosos e desarrumados, passá-los pelas ruguinhas em suas têmporas, corrê-los pelas sombras de preocupação mais embaixo. Passá-los por seus lábios vermelhos de cetim. Acho que os lábios dos outros meninos não são tão vermelhos assim. E sei que os rostos deles não são tão coloridos, vívidos, animados, incrivelmente excêntricos, fervilhando com uma música sombria e imprevisível.

NÃO QUE EU ESTEJA NOTANDO.

E não que ele esteja estudando meu rosto com a mesma intensidade. Somos duas pinturas nos encarando, uma de cada lado da sala. Uma pintura que já vi antes, tenho certeza. Mas onde e quando? Se eu tivesse conhecido esse cara, me lembraria. Talvez ele se pareça com um ator que vi num filme. Ou um músico? Ele definitivamente tem cabelos sensuais de músico. Cabelos de baixista.

Só para constar, respirar é uma coisa supervalorizada. O cérebro pode passar seis minutos sem oxigênio. Estou há três minutos sem ar quando ele diz:

— Bem, então. A questão está em nossas mãos. — Ele segura a laranja no alto. — Gostaria de uma laranja, quem quer que você seja?

— Sim, obrigada — respondo, aceitando e depois dizendo: — E agora eu gostaria de te dar uma laranja, quem quer que você seja.

— Não, obrigado — diz ele, enfiando as mãos nos bolsos. — Tenho outra. — O inferno todo toma conta do seu rosto, que irrompe num sorriso; depois, num segundo, ele sobe pela calçada, pega a escada e entra no estúdio.

Não tão rápido assim, cara.

Aproximo-me da moto dele e coloco a laranja no capacete.

Então uso todo o meu autocontrole para não começar a cantar — ele foi à igreja procurar por mim! Algumas vezes! Provavelmente para me explicar o que quis dizer outro dia, quando falou: “Você é ela”. Volto para casa me punindo porque me envolvi tanto que nem pensei em perguntar qual era a relação dele com O Astro. Ou o nome dele. Ou a idade dele. Ou seu fotógrafo preferido. Ou...

Es

Que

Ça

Já

Dis

So

Paro de caminhar. Lembrando. O boicote não é brincadeira. É uma necessidade. Não consigo me esquecer disso. Não posso. Principalmente não hoje, no aniversário do acidente.

Em dia nenhum.

Se o azar souber onde você está, transforme-se em outra pessoa.

O que eu preciso fazer é essa escultura, para tentar fazer as pazes com a minha mãe.

O que eu preciso fazer é desejar com as mãos.

O que eu preciso fazer é comer todos os limões de Lost Cove pela manhã.



Na tarde seguinte, corro pelo corredor sujo e mofado no estúdio de Guillermo Garcia porque ninguém veio abrir a porta quando bati. Estou suada e nervosa e reconsiderando os últimos dezesseis anos. Sob meu braço está meu portfólio para a CSA. É que temos de registrar fotograficamente o progresso do nosso trabalho em cada peça que fazemos. Meu progresso é insano, com certeza não

uma amostra de habilidade — mais um balanço de uma loja de cerâmica depois de um terremoto.

Pouco antes, entro na sala de correspondência, ouço o sotaque britânico e todo um conjunto de percussão ganha vida no meu peito. Encosto-me na parede e tento silenciar os batimentos. Esperava que ele não estivesse ali. E esperava que estivesse. E esperava que eu parasse de esperar que ele estivesse ali. Mas vim preparada.

Carregar um toco queimado de velada extinguirá o amor se ele aparecer.

(Bolso da esquerda.)

Umedeça um espelho com vinagre para refletir a atenção indesejada.

(Bolso de trás.)

Para mudar o que o coração sente, use um ninho de vespa na cabeça.

(Não estou tão desesperada assim. Ainda.)

Aliás, talvez eu não esteja preparada para isso: barulhos de sexo. Inconfundíveis barulhos de sexo. Gemidos, murmúrios e sussurros obscenos. Por isso é que ninguém abriu a porta? Com sotaque britânico, escuto:

— Meu Deus, tão bom. Deus, tãããããã bom. Melhor do que qualquer droga, estou falando sério. Melhor do que *qualquer coisa*. — Seguido por um gemido demorado.

Depois um gemido mais grosso, que deve ser de Guillermo. Porque eles são amantes! Claro. Como pude ser tão estúpida? O inglês é namorado de Guillermo, não um filho há muito perdido. Se bem que ele parecia hétero ao tirar fotografias minhas na igreja e quando estava conversando comigo do lado de fora do estúdio ontem. Tão atencioso. Será que entendi mal? Ou talvez ele seja bi. E quanto à obra hiper-heterossexual de Guillermo?

E, sem querer julgar, mas que papa-anjo! Provavelmente há uns vinte e cinco anos de diferença entre eles.

Devo ir embora? Eles parecem ter se acalmado e agora estão apenas se provocando. Ouço atentamente. O inglês está tentando convencer Guillermo a ir a uma espécie de sauna com ele mais tarde. Com certeza gay. Que bom. É uma ótima notícia, na verdade. Vai ser fácil manter o boicote, com ou sem laranjas.

Faço barulho pisando no chão, limpando a garganta algumas vezes, mais passos e então apareço na porta.

Diante de mim está um Guillermo todo vestido e um inglês todo vestido, os dois em lados opostos de um tabuleiro de xadrez. Não há nenhum indício de que eles estavam em espasmos de paixão. Cada qual tem uma rosquinha pela metade na mão.

— Muito inteligente, não? — diz o menino inglês para mim de repente. — Nunca suspeitaria que você usasse de tal subterfúgio, quem quer que você seja. — Com a mão livre, ele mexe na mala de carteiro ao seu lado e dela tira *a laranja*. De repente ela está no ar, e depois na minha mão, e seu

rosto se parte em cinco milhões de peças de felicidade. — Bela pegada — diz ele.

Vitorioso, ele come um pedaço da rosquinha e depois geme dramaticamente.

Certo. Nada gay. Nem são amantes, mas eles parecem gostar de rosquinha mais do que um urso. E o que eu vou fazer agora? Porque meu uniforme de invisibilidade não parece funcionar com esse cara. O mesmo para o espelho molhado com vinagre e o toco de vela.

Guardo a laranja junto com a cebola e visto meu capuz.

Guillermo me olha com curiosidade.

— Então você já conheceu meu guru residente? Oscar está tentando me iluminar, como sempre. — Oscar. Ele tem um nome e é Oscar, não que eu me importe, apesar de gostar de como Guillermo pronuncia: *Oscore!* Guillermo continua: — Todos os dias é alguma coisa. Hoje é ioga Bikram. — Ah, a sauna. — Você conhece esse tipo de ioga? — ele me pergunta.

— Sei que são muitas bactérias num ambiente úmido e quente — digo a Guillermo.

Ele joga a cabeça para trás e ri animadamente.

— Ela é tão louca com essa coisa de germes, *Oscore!* Ela acha que a Frida Kahlo vai me matar. — Isso me relaxa. *Ele* me relaxa. Quem pensaria que Guillermo Garcia, O Astro do Mundo da Escultura, teria esse efeito tranquilizador sobre mim? Talvez *ele* seja o campo florido!

Um olhar de surpresa aparece no rosto de Oscar enquanto ele estuda Guillermo e depois a mim.

— Como vocês se conheceram? — pergunta ele.

Deixo meu portfólio e minha bolsa ao lado de uma poltrona cheia de envelopes fechados.

— Ele me pegou espiando na escada de incêndio.

Oscar arregala os olhos, mas volta sua atenção para o tabuleiro de xadrez. Ele move uma peça.

— E você ainda assim foi compreensivo? Impressionante.

Ele come o que resta de sua rosquinha e fecha os olhos ao mastigar lentamente. Percebo que o prazer toma conta dele. Jesus. Deve ser uma rosquinha e tanto. Desvio o olhar dele, o que é difícil de fazer.

— Ela me conquistou — diz Guillermo, analisando o movimento de Oscar. — Como você me conquistou, *Oscore*. Há muito tempo. — Sua expressão fica séria. — *Ay, cabrón.* — Ele começa a resmungar em espanhol ao mover uma peça para a frente.

— G. salvou minha vida — diz Oscar, carinhosamente. — E xeque-mate, cara. — Ele se recosta na cadeira, equilibrando-se nas pernas de trás, e diz: — Ouvi dizer que dão aulas de xadrez no centro para idosos.

Guillermo geme, pela primeira vez sem relação com a rosquinha, e vira o tabuleiro de modo que as peças saem voando em todas as direções.

— Vou te matar enquanto você dorme — diz ele, o que faz Oscar rir, depois Guillermo pega um saco de padaria e o estende para mim.

Recuso, nervosa demais para comer.

— “O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria” — me diz Oscar, ainda se equilibrando nas pernas de trás da cadeira. — William Blake.

— Sim, muito bom, um de seus doze passos, Oscore? — pergunta Guillermo. Olho para Oscore. Ele está no AA? Não sabia que era possível ser alcoólatra sem ser velho. Ou talvez esteja no NA? Afinal, ele não acabou de dizer alguma coisa sobre nenhuma droga ser tão boa quanto aquela rosquinha? Ele é viciado em drogas? Ele disse mesmo que tinha dificuldade para controlar seus impulsos.

— Verdade — diz Oscar, com um sorriso. — Um passo conhecido apenas pelos íntimos.

— Como você salvou a vida dele? — pergunto a Guillermo, louca para descobrir.

Mas é Oscar quem responde:

— Ele me encontrou quase morto depois de tomar comprimidos com bebida no parque e de algum jeito me reconheceu. De acordo com ele: “Coloquei Oscore sobre os ombros como um cervo...” — ele faz uma imitação perfeita de Guillermo Garcia, incluindo os gestos com as mãos. — “... e o carreguei pela cidade como o Super-Homem e o abriguei no loft”. — Oscar volta a si: — Só sei que acordei com o rosto monstruoso de G. perto do meu. — Ele ri sua risada maravilhosa. — E não tenho ideia de como cheguei aqui. Foi uma loucura. Ele começou a me dar ordens na mesma hora. Disse que eu poderia ficar aqui se fizesse a faxina. Me mandou ir a “duas reuniões por dia, entendeu, Oscore? Ao NA pela manhã e ao AA à noite”. Depois, talvez porque sou inglês, não sei, ele citou Winston Churchill: “Se você está passando por um Inferno, *siga em frente* ”. Entendeu, Oscore? Pela manhã, ao meio-dia e à noite ele repetia isso para mim: “Se você está passando por um Inferno, *siga em frente* ”. E foi o que fiz. Segui em frente e agora estou na universidade, e não morto em alguma sarjeta, e foi assim que ele salvou minha vida. Resumidamente e de um jeito mais aceitável. *Foi um inferno.*

E é por isso que há várias encarnações no rosto de Oscar.

E ele está na faculdade.

Olho meus tênis pensando na frase de Churchill. E se houve uma época em que eu estava passando pelo Inferno também, mas não tive coragem de seguir em frente? E se eu simplesmente parei? Apertei o botão de pausa. E se eu ainda estiver pausada?

— E, para me agradecer por ter salvado sua vida, ele me vence no xadrez todos os dias desde então — diz Guillermo.

Olho para os dois, que se encaram na mesa, e percebo: eles *são* pai e filho, só não de sangue. Não sabia que familiares podiam simplesmente se encontrar, se escolher como eles fizeram. Adoro a ideia. E adoraria trocar o papai e Noah por esses dois.

Guillermo balança o saco na minha direção.

— Sua primeira lição: meu estúdio não é uma democracia. Coma a rosquinha.

Aproximo-me e dou uma olhada no saco. O cheiro quase me faz cair de costas — eles não estavam

exagerando.

— Uau — ouço-me dizer. Os dois sorriem. Escolho uma rosquinha. Não é coberta por chocolate, e sim imersa nele. E ainda está quentinha.

— Aposto dez dólares como você não consegue comer essa rosquinha sem gemer — diz Oscar. — Ou fechar os olhos. — Ele me olha de um jeito que me faz ter uma pequena hemorragia cerebral. — Na verdade, vamos aumentar para vinte. Agora estou me lembrando de como você ficou diante da câmera. — Ele entendeu como me senti aquele dia na igreja?

Ele estende a mão para selar a aposta.

Eu lhe dou a mão — e vivencio algo muito perto de uma dose letal de eletricidade. Estou perdida.

Mas não há tempo a perder. Guillermo e Oscar estão prestando toda a atenção ao espetáculo que têm diante de si: eu mesma. Como fui entrar nisso? Hesitantemente, levo a rosquinha à boca. Dou uma mordidinha e, apesar de querer muito fechar os olhos e gemer pornograficamente, resisto.

Ah... é mais difícil do que eu imaginava! A segunda mordida é maior e desperta todas as células do meu corpo. Este é aquele tipo de coisa que só se deve fazer em particular, não com um Guillermo e um Oscar observando-a, os dois de braços cruzados e com expressões de superioridade no rosto.

Vou ter que ganhar a aposta. Quero dizer, posso escolher entre várias doenças horríveis, não? Doenças para imaginar em detalhes, reprimindo meus gemidos. Doenças de pele são as piores.

— Então, existe esta doença — eu lhes digo, comendo a rosquinha — chamada tungíase, na qual um inseto deposita seus ovos sob a pele e você consegue vê-los chocando e se movimentando ali, *por todo o seu corpo*.

Observo suas expressões de espanto. Aha! Três mordidas já foram.

— Notável, mesmo com os insetos — Guillermo diz para Oscar.

— Ela não sabe rezar — responde ele.

Recorro à artilharia pesada.

— Tem esse pescador indonésio — conto. — Ele se chama O Homem-Árvore porque tem um caso tão grave de verrugas causadas pelo vírus papiloma humano que sete quilos de pele tiveram de ser retirados do seu corpo. — Olho para um e para o outro e repito: — *Sete quilos de verrugas*.

Lembro-me de como as extremidades do pobre Homem-Árvore pendem do corpo dele como trombas retorcidas e, com essa imagem perturbadora firmemente plantada na mente, empolgo-me e me sinto confiante e dou uma mordida maior. Mas foi um movimento errado. O chocolate quentinho domina minha boca, apaga minha mente e me põe num estado de transcendência. Homem-Árvore ou não, não tenho mais minhas defesas, e, assim que percebo, meus olhos estão fechados e da minha boa sai um grito:

— Ah, puta que o pariu! O que tem nesta rosquinha? — Dou outra mordida e depois solto um gemido tão obscuro que não acredito que saiu de mim.

Oscar ri. Guillermo, igualmente feliz, diz:

— Aí está. O governo deveria usar as rosquinhas da Dwyer para controlar nossa mente.

Tiro uma nota amassada de vinte dólares do bolso da calça jeans, mas Oscar levanta a mão.

— A primeira aposta perdida é por conta da casa.

Guillermo empurra uma cadeira na minha direção — parece que estou sendo admitida num clube — e me estende o saco. Todos nós pegamos uma rosquinha e nos três saímos para visitar Clark Gable.

Depois Guillermo bate nas próprias coxas e diz:

— Certo, CJ, vamos começar. Deixei uma mensagem para o Sandy esta manhã. Disse que concordava em te dar um crédito como estagiária de inverno. — Ele se levanta.

— Obrigada. Isso é incrível. — Levanto-me também, um pouco nervosa, querendo apenas que ficássemos sentados a tarde toda, comendo rosquinhas. — Mas como... — Percebo que na noite passada não lhe disse meu nome.

Ele percebe minha surpresa.

— Ah. Sandy deixou uma mensagem na minha secretária eletrônica, uma mensagem enrolada (já chutei aquela velha máquina muitas vezes), e disse que uma tal de CJ queria trabalhar com pedra. Foi só o que entendi. Ele ligou há alguns dias. Só ouvi hoje.

— CJ — diz Oscar, como se fosse uma revelação.

Estou prestes a lhes dizer meu nome verdadeiro, mas decido não falar. Talvez eu não tenha de ser a pobre filha órfã de Dianna Sweetwine.

Frida Kahlo entra na sala e se oferece para Oscar, esfregando-se nas pernas dele. Ele a pega no colo e a gatinha esfrega o focinho no pescoço dele, ronronando como uma turbina.

— As moças gostam de mim — diz ele para mim, acariciando Frida sob o queixo com o dedo médio.

— Eu não teria percebido — digo. — Estou participando de um boicote.

Ele ergue seus olhos verdes e castanhos de Cézanne. Os cílios são tão pretos que parecem úmidos.

— Boicote? — pergunta ele.

— Um boicote de meninos.

— Mesmo? — diz ele para mim, dando uma risadinha. — Vou levar isso como um desafio.

Socorro.

— Comporte-se, Oscore — repreende Guillermo. — Certo — diz ele para mim. — Agora vamos descobrir do que você é feita. Pronta? — Minhas pernas ficam bambas. Sou feita de fraude. E Guillermo está prestes a perceber.

Ele coloca uma das mãos sobre o ombro de Oscar.

— Tenho que me encontrar com a Sophia daqui a duas horas — diz Oscar. — Pode ser?

Sophia? Quem é Sophia?

Não que eu me importe. Nem um pouco.

Mas quem é ela?

E o que pode ser?

Oscar começa a tirar a roupa.

Repetindo: Oscar está tirando a roupa!

Minha mente começa a girar e minhas mãos ficam molhadas e a camisa violeta de Oscar agora está pendurada no encosto da cadeira e o peito dele é sinuoso e belo, os músculos alongados e tensos e bem definidos, a pele lisa e bronzeada, *não que eu tenha notado!* Ele tem uma tatuagem de sagitário no bíceps esquerdo e o que parece um cavalo azul de Franz Marc no ombro direito que se prolonga até o pescoço.

Agora ele está abrindo o botão da calça jeans.

— O que você está fazendo?! — pergunto, entrando em pânico. Imaginando o campo florido. Imaginando o maldito campo florido relaxante!

— Estou me preparando — diz ele, sinceramente.

— Está se preparando *para quê?* — pergunto para seu bumbum *nu*, enquanto ele trota daquele seu jeito veranil até o outro lado da sala e pega um roupão azul de um cabide na parede, perto dos jalecos. Ele joga o roupão sobre os ombros e sai pelo corredor até o estúdio.

Ah, claro. Entendi.

Guillermo tenta conter um sorriso, mas fracassa. Ele dá de ombros.

— Todos os modelos são exibicionistas — diz ele, tranquilamente. Concordo com a cabeça, envergonhada. — Temos que aceitá-los. Oscore é muito bom. Muito gracioso. Muito expressivo. — Ele segura o rosto com a mão. — Vamos desenhar juntos, mas primeiro quero ver seu portfólio.

Quando Guillermo me pediu para trazer meu bloco de desenho, achei que me mandaria fazer estudos da escultura que quero fazer, não desenhar *com ele*. E na frente do Oscar. Desenhar Oscore!

— Desenhar é fundamental — diz Guillermo. — Muitos escultores não sabem disso.

Maravilha. Sigo-o pelo corredor com meu portfólio na mão e o estômago revirado.

Vejo a jaqueta de couro de Oscar pendurada num cabide — sim. Coloco a laranja no bolso sem que Guillermo perceba.

Guillermo abre uma das portas do corredor, acende a luz. É uma espécie de cela com uma mesa e duas cadeiras. Num canto há sacos de argila em prateleiras. No outro, várias pedras de cores e tamanhos diferentes. Há uma prateleira cheia de ferramentas, algumas que eu conheço. Ele pega meu portfólio e o abre sobre a mesa.

A ideia de seus olhos analisando meus trabalhos me deixa nervosa.

A princípio, ele folheia rapidamente. Fotos de potes de todos os tamanhos e em vários estágios do

processo de criação e depois a foto final da peça quebrada e colada. A testa dele se enrugou num sinal de confusão a cada página. Então ele chega às bolhas. A mesma coisa. As bolhas inteiras e depois quebradas e coladas na última imagem.

— Por quê? — pergunta.

Falo a verdade.

— É a minha mãe. Ela quebra tudo o que faço.

Ele está horrorizado.

— Sua mãe quebra suas obras de arte?

— Ah, não — digo, entendendo o que ele está pensando. — Ela não é má nem louca nem nada. Ela morreu.

Vejo um terremoto em sua expressão, a preocupação pela minha segurança se transformando em preocupação pela minha sanidade. Bem, que se dane. Não há outra explicação.

— Certo — diz ele, adaptando-se à realidade. — Por que sua mãe morta iria querer fazer uma coisa assim?

— Ela está com raiva de mim.

— Ela está com raiva de você — repete ele. — É isso o que você pensa?

— É o que eu sei — digo.

— Todos na sua família são muito poderosos. Seu irmão e você dividem o mundo. Sua mãe volta à vida para quebrar suas tigelas.

Dou de ombros.

— Essa escultura que você tem que fazer é para sua mãe? — pergunta Guillermo. — Foi ela quem você mencionou ontem? Você acha que, fazendo essa escultura, ela não terá mais raiva de você e deixará de quebrar suas coisas? Por isso é que você chorou quando pensou que eu não a ajudaria?

— Sim — digo.

Ele cofia uma barba imaginária, me analisando durante muito tempo, depois volta sua atenção para *Eu-Bolha Quebrada N° 8*.

— Certo. Mas esse não é o problema aqui. Sua mãe não é o problema. A melhor parte, a parte mais interessante do seu trabalho, é a ruptura. — Ele toca a última foto com o dedo. — O problema aqui é que *você* não está aqui. Outra menina talvez tenha feito isso, não sei. — Ele vê várias outras bolhas. — Bem? — diz. Olho para ele. Não percebo que ele estava esperando uma resposta.

Não sei o que dizer.

Resisto ao impulso de recuar para não ser atacada por suas mãos.

— Não vejo a menina que subiu na minha escada de incêndio, que acha que derramar açúcar vai mudar sua vida, que acredita que está correndo perigo mortal por causa de um gato, que chora porque não vou ajudá-la. Não vejo a menina que me disse ser tão triste quanto eu sou, que diz que sua mãe

furiosa quebra suas obras. Onde está essa menina? — *Esse tipo de menina?* Seus olhos incendeiam os meus. Ele está esperando por uma resposta? — Ela não está fazendo esta obra de arte. Ela não está nesta obra de arte, então por que você desperdiça seu tempo e o dos outros? — Ele certamente não mede as palavras.

Respiro fundo.

— Não sei.

— Isso está claro. — Guillermo fecha meu portfólio. — Você vai pôr *aquela menina* na escultura que fiz comigo, entendeu?

— Entendi — digo, apesar de não ter a menor ideia de como fazer isso. Alguma vez já fiz isso? Não na CSA. Penso em minhas esculturas de areia. Em como me esforçava para fazê-las semelhantes ao que tinha em mente. Sem jamais conseguir. Mas talvez naquela época. Talvez por isso eu tivesse tanto medo de que a mamãe não gostasse delas.

Ele sorri para mim.

— Muito bem. Vamos nos divertir, então. Sou colombiano. Não resisto a uma boa história de fantasmas.

Ele bate com a mão no portfólio.

— Não tenho certeza se você está preparada para a pedra. A argila é gentil. Ela pode fazer qualquer coisa, apesar de você não saber disso ainda. A pedra pode ser teimosa, egoísta, como o amor não correspondido.

— Vai ser mais difícil para minha mãe quebrá-la se for feita de pedra.

A compreensão transparece em seu rosto.

— Ela não vai quebrar essa escultura, não importa do que ela for feita. Você vai ter que confiar em mim. Você aprenderá a esculpir primeiro numa pedra de estudos. Depois, juntos, vamos descobrir qual o melhor material para essa escultura depois que eu analisar seus estudos. Vai ser uma escultura da sua mãe?

— Sim. Geralmente eu não faço obras realistas, mas... — Então, antes de saber no que estou me metendo, conto tudo para ele. — Sandy me perguntou se havia alguma coisa no mundo que eu desejava e que apenas minhas mãos poderiam criar. — Engulo em seco e o olho nos olhos. — Minha mãe, ela era muito bonita. Meu pai costumava dizer que ela era capaz de fazer as árvores florescerem só de olhar para elas. — Guillermo sorri. Continuo. — Todas as manhãs, ela costumava ficar na varanda olhando a água. O vento soprava em seus cabelos, o roupão parecia voar. Era como se ela estivesse no controle de um navio, entende? Era como se ela estivesse nos guiando pelo céu. Todos os dias era assim. Todos os dias eu pensava isso. A imagem está sempre na minha mente. Sempre. — Guillermo está ouvindo com tanta atenção que penso que talvez ele seja o tipo de homem que faz com que as pessoas desabem também, não apenas as paredes, porque, assim como ontem, quero lhe contar tudo. — Tentei tudo para me comunicar com ela, Guillermo. Absolutamente tudo. Tenho um livro estranho e o vasculho à procura de ideias sem parar. Já fiz de tudo. Dormi com as joias dela sob o travesseiro. Escrevi cartas para ela e as coloquei no bolso do casaco da mamãe, em caixinhas

vermelhas. Joguei mensagens nas tempestades. Recitei o poema preferido dela todas as noites antes de dormir. E ela só quebra o que eu faço. Tamanha a sua raiva. — Começo a suar. — Vou morrer se ela quebrar isso. — Meus lábios tremem. Cobrindo minha boca, acrescento: — É a única coisa que tenho.

Ele coloca uma das mãos no meu ombro. Não acredito, mas quero tanto que ele me abrace.

— Ela não vai quebrar — diz ele, baixinho. — Prometo. Você vai conseguir. Você terá isso. Vou te ajudar. E, CJ, esta é a menina que você precisa deixar entrar na sua obra de arte.

Faço que sim.

Então ele vai até a estante e pega alguns gizes de cera.

— Agora vamos desenhar.

Inacreditavelmente, eu havia me esquecido do Oscar *nu* na sala ao lado.



Andamos até um canto do estúdio onde há uma plataforma com uma cadeira. Estou me sentindo incomodada — nem mesmo disse à psicóloga da CSA as coisas que contei a Guillermo. E tanto esforço desperdiçado para não parecer a pobre menina sem mãe aos olhos dele.

Oscar, usando o roupão azul, está sentado lendo, os pés apoiados na plataforma. Parece um livro didático, mas ele fecha o livro rápido demais e não consigo identificá-lo.

Guillermo pega outra cadeira e depois aponta para eu me sentar.

— O Oscore é meu modelo preferido — diz ele. — Ele tem um rosto muito estranho. Não sei se você percebeu. Deus estava muito bêbado quando o criou. Um pouco disso. Um pouco daquilo. Olho castanho. Olho verde. Nariz torto, boca torta. Sorriso louco. Dentes lascados. Cicatriz aqui, cicatriz ali. É um quebra-cabeça.

Oscar balança a cabeça ao ouvir a zombaria.

— Eu achava que você não acreditasse em Deus — diz ele.

Só para deixar claro, estou no meio de um ataque de pânico peniano.

Na CSA, sou penianamente neutra na aula de modelo vivo, mas não neste momento, não, senhor.

— Você entendeu errado — diz Guillermo. — Acredito em todas as coisas.

Oscar tira o roupão.

— Eu também. Você não acreditaria nas coisas em que acredito — intrometo-me, parecendo frenética e querendo participar para não ter de ficar olhando para *aquilo*. Tarde demais. Ah, meu maldito Clark Gable; o que foi mesmo que ele disse sobre o dinossauro chamado Godzilla?

— Pode falar — diz Oscar para mim. Aha! Não vou lhe dizer o que estou pensando! — Conte-nos uma coisa na qual você acredita, CJ, uma coisa na qual eu não acreditaria.

— Certo — digo, tentando recuperar algo que se assemelhe a compostura e maturidade. — Acredito que, se um cara der uma laranja para uma menina, o amor dela por ele se multiplicará. — Não pude resistir.

Ele cai na gargalhada, saindo da pose na qual Guillermo acabou de colocá-lo.

— Ah, claro que acredito que você acredita nisso. E tenho evidências para suportar sua crença com fervor.

Guillermo bate o pé impacientemente. Oscar pisca para mim, me dando um frio na barriga.

— No próximo capítulo — diz ele.

No próximo capítulo...

Espere aí. Quem é Sophia? A irmãzinha dele? Sua tia-avó? A encanadora?

— Desenhos rápidos, CJ — diz Guillermo para mim, e um grupo novo de nervos é acionado. Depois, ele diz para Oscar: — Mude de posição a cada três minutos. — Ele se senta numa cadeira perto de mim e começa a desenhar. Vejo as mãos dele voando pela folha. Estou comovida. Respiro fundo e começo, dizendo a mim mesma que vai ficar tudo bem. Cinco minutos mais ou menos se passam. A nova pose de Oscar é incrível. A coluna dele está arqueada e a cabeça pende para trás.

— Você está indo muito devagar — diz Guillermo, calmamente.

Tento desenhar mais rápido.

Guillermo se levanta e fica ao meu lado, vendo meu trabalho às minhas costas, trabalho que, vejo pelo olhar dele, é repugnante.

Ouçó:

— Mais rápido.

E depois:

— Preste atenção à fonte de luz.

Depois tocando um ponto no meu desenho:

— Isto não é uma sombra, é uma caverna!

Depois:

— Você segura o giz sem força.

Depois:

— Não pressione o giz contra o papel com tanta força.

Depois:

— Tire os olhos da folha e foque o modelo.

Depois:

— Oscore está nos seus olhos, mãos, olhos, mãos, ele viaja por você, está entendendo?

Depois:

— Não, tudo errado, tudo. O que estão te ensinando naquela escola? Nada, acho!

Ele se agacha ao meu lado e seu cheiro me dá náuseas, um sinal de que pelo menos não morri de vergonha.

— Ouça, não é o giz que desenha a figura. É você. É sua mão, que está presa ao seu corpo, e neste corpo há um coração pulsante, certo? Você não está preparada para isso. — Ele tira o pedaço de giz da minha mão e o joga no chão. — Desenhe-o sem o giz. Use apenas sua mão. Veja, sinta, desenhe. Uma coisa só, não três coisas. Não tire os olhos dele. Veja, sinta, desenhe. Um verbo, agora. Não pense. Acima de tudo: *não pense demais*. Picasso disse: “Ah, pudéssemos tirar nossos cérebros e desenhar apenas com nossos olhos”. Tire seu cérebro, CJ, use apenas seus olhos!

Estou constrangida. Quero apertar o botão de ejetar. Pelo menos, e ainda bem, os olhos de Oscar estão fixos no canto oposto da sala. Ele não olhou para mim nenhuma vez.

Guillermo voltou para sua cadeira.

— Não se preocupe com o Oscore. Não fique tímida por causa dele — diz. Será que ele tem poderes telepáticos? — Agora desenhe com vontade. Como se fizesse sentido. Porque faz, está entendendo, CJ? Tem que fazer algum sentido. Você salta uma cerca e sobe pela minha escada de incêndio no meio da noite. Significa alguma coisa para você!

Ele volta a desenhar ao meu lado. Observo a ferocidade com a qual ele está atacando o papel, os contornos ousados e certos, como ele vira a folha com rapidez, a cada dez segundos. Praticamos desenhos de trinta segundos na escola. Mas ele é um relâmpago.

— Vamos — diz ele. — Vamos!

E então caminho pela passagem e vejo uma enorme onda crescendo e vindo na minha direção, sabendo que a qualquer instante ela vai me transformar em algo enorme e poderoso. Eu faria contagem regressiva como estou fazendo agora por alguns motivos:

Três, dois, um.

Sigo em frente. Sem o giz na mão, sigo em frente.

— Mais rápido — diz ele. — Mais rápido.

Viro as folhas como ele a cada dez segundos, desenhando absolutamente nada e sem me importar, sentindo Oscar ganhando vida em minhas mãos.

— Melhor — diz ele.

Depois novamente:

— Melhor.

Veja sinta desenhe: um só verbo.

— Muito bom. É isso. Você enxergará com as mãos, prometo. Agora estou me contradizendo. Picasso se contradizia também. Ele diz para tirar o cérebro, sim, mas também diz: “A pintura é a profissão de um cego” e: “Para desenhar você tem que fechar os olhos e cantar”. E Michelangelo

dizia que esculpia com o cérebro, não com os olhos. Sim. Tudo é verdade ao mesmo tempo. A vida é uma contradição. Aprendemos todas as lições. Descobrimos o que funciona. Certo, agora pegue o giz e desenhe.

Depois de alguns minutos, ele tira o cachecol do pescoço, coloca-o sobre meus olhos e me cega.

— Entende?

Entendo.



Mais tarde, estou na cela de cadeia, olhando meu portfólio e esperando por Guillermo, que precisou cumprir um compromisso qualquer, quando Oscar, novamente vestido e com a câmera na mão, aparece na porta.

Ele se encosta no batente. Alguns caras nasceram para viver encostados. Ele com certeza é um deles. James Dean era outro.

— Bravo — diz ele.

— Fala sério — digo, mas na verdade sinto-me eletrizada, estridente, *desperta*. Nunca me senti assim na CSA.

— Estou falando sério. — Ele está mexendo na câmera e seus cabelos escuros caem sobre o rosto. Quero tirá-los dali.

Fecho meu portfólio para ocupar as mãos.

— Já nos conhecemos de algum lugar, Oscar? — pergunto finalmente. — Tenho quase certeza de que sim. Você parece conhecido.

Ele ergue os olhos.

— Diz ela depois de me ver nu.

— Ah, meu Deus... Não, não quis dizer... Você sabe o que eu quis dizer... — Calor se irradia de cada centímetro do meu corpo.

— Se você diz... — Ele está se divertindo. — Mas de jeito nenhum. Nunca me esqueço de um rosto, principalmente de um rosto como o seu... — Ouço o clique antes de perceber que fui fotografada. É estranho como ele manobra a câmera sem nem olhar pelo visor. — Você voltou à igreja depois do nosso encontro?

Faço que não.

— Não, por quê?

— Deixei uma coisa para você. Uma foto. — Um quê de timidez aparece no rosto dele? — Com um bilhete no verso. — Não respiro. — Desapareceu. Fui lá ver. Alguém deve ter pegado. Provavelmente foi melhor. Informação demais, como vocês dizem.

— Que tipo de informação? — É incrível que se consiga falar e estar morto como pedra ao mesmo

tempo.

Oscar não responde; em vez disso, levanta a câmera.

— Pode tombar a cabeça como acabou de fazer? Sim, assim. — Ele se afasta da parede, dobra os joelhos e aponta a câmera. — Sim, perfeito, meu Deus, *tão* perfeito. — O que me aconteceu na igreja está acontecendo novamente. Quando as geleiras se rompem por causa do aumento da temperatura global, isso se chama desprendimento. Estou me desprendendo. — Seus olhos são tão etéreos, todo o seu rosto é. Fiquei olhando suas fotografias durante horas a noite passada. Elas me deram arrepios.

E você provoca *aquecimento global!*

Mas há algo mais, algo para além dos calafrios, do desprendimento e do aquecimento global, algo que senti naquele primeiro momento na igreja. Esse cara faz com que eu me sinta verdadeiramente ali, às claras, vista. E não só por causa da câmera. Não sei por que é assim.

Além disso, ele é diferente dos outros meninos que conheço. Ele é *excitante*. Se eu fizesse uma escultura dele, seria como uma explosão. Como um cabum!

Respiro fundo, lembrando-me do que aconteceu na última vez que gostei de um menino.

Depois, QUE TIPO DE INFORMAÇÃO HAVIA NO BILHETE E NA FOTOGRAFIA?

— Então posso te fotografar às vezes? — pergunta ele.

— Você *está* me fotografando, *Oscore!* — digo como Guillermo, irritada.

Ele ri.

— Não aqui. Não assim. Num prédio abandonado que acabei de descobrir perto da praia. Ao pôr do sol. Tenho uma ideia. — Ele espia pela lateral da câmera. — E sem suas roupas. É justo. — Os olhos dele brilham como os do diabo. — Diga sim.

— Não! — grito. — Está brincando comigo? Tão esquisito. Regra Número Um para Evitar Assassinos: não vá a um prédio abandonado com um estranho e tire suas roupas em nenhuma circunstância. Jesus. Esse tipo de cantada costuma funcionar para você?

— Sim — diz ele. — *Sempre* funciona.

Rio, não aguento.

— Você é um problemão.

— Você não tem ideia.

— Acho que tenho, sim. Acho que deveriam te prender e trancafiar num serviço para a comunidade.

— Sim, tentaram isso uma vez. — Sinto que estou boquiaberta. Ele realmente foi preso. Oscar percebe minha surpresa e diz: — É verdade. Você com certeza está andando com as companhias erradas.

Mas sinto o contrário. Sinto-me como a menina da história dos três ursos. Tudo está certo aqui e errado na minha casa.

— Por que eles te prenderam? — pergunto.

— Eu conto se você aceitar meu convite.

— Para você virar um assassino?

— Para você viver perigosamente.

Praticamente engasgo ao ouvir aquelas palavras.

— Ah! Você escolheu a menina errada — digo.

— Ouso discordar.

— *Você não faz ideia.* — Nosso diálogo é tão fácil. Por que é tão fácil?

A vovó responde cantando na minha mente: “Porque o amor está no ar, minha morceguinha cega. Agora coloque uma mecha do seu cabelo no bolso dele. Imediatamente”.

Enquanto um homem tiver uma mecha do seu cabelo com ele, você morará no seu coração.

(Obrigada, mas não. Fiz isso com Zephyr.)

Finjo que ela é uma pessoa morta normal: silenciosa.

Ouçõ barulho de salto alto no piso de cimento. Oscar olha pela porta.

— Sophia! Aqui. — Certamente não é uma encanadora, a não ser que encanadoras usem sapatos de salto alto. Ele se vira para mim. Percebo que ele quer dizer algo antes de sermos interrompidos. — Olhe, por mais que eu pareça ser um problema, não sou um estranho. Você mesma disse isso.

“Pareço *tão* familiar para você” — ele me imita com meu jeito praiano de falar e depois cobre as lentes da câmara. — Tenho certeza de que só te conheci naquele dia na igreja, mas também tenho certeza de que *fui feito* para te conhecer. Não pense que eu sou louco, mas isso foi profetizado.

— Profetizado? — pergunto. Esta é a informação? Deve ser. — Por quem?

— Minha mãe. No seu leito de morte. As últimas palavras dela foram sobre você.

O que alguém diz antes de morrer vai se tornar realidade?

Sophia — com certeza não a irmãzinha ou tia-avó dele — e seus cabelos vermelhos de cometa entram na sala. Ela usa um vestido fúcsia dos anos 1960 com um decote que vai até a Linha do Equador. Brilho verde e dourado enfeita seus olhos azul-claros.

Ela brilha como se tivesse saído de um quadro de Klimt.

— Oi, querido — diz ela para Oscar, com um sotaque marcante, juro, idêntico ao do Conde Drácula.

Ela o beija no rosto, um beijo na esquerda e outro na direita, depois encosta seus lábios nos dele, num beijo longo e duradouro. Longo e duradouro. Meu peito afunda.

Ainda duradouro...

Amigos não se cumprimentam assim. Sob nenhuma circunstância.

— Oi para você — diz Oscar, carinhosamente. O batom vermelho-escuro dela está espalhado em seus lábios. Tenho de pôr a mão no bolso do casaco para não estendê-la e limpá-lo.

Retiro o que disse sobre a menininha da história dos três ursos.

— Sophia, esta é a CJ, a nova discípula do Garcia, saída do instituto. — Então ele pensa mesmo que eu estudo lá. Ele acha que somos da mesma idade. E uma artista boa o bastante para entrar para o instituto.

Não esclareço nada disso.

Sophia me estende a mão.

— Vim sugar seu sangue — diz ela, com seu sotaque da Transilvânia, mas talvez eu tenha entendido errado, talvez ela tenha dito simplesmente: “Você deve ser uma escultora muito boa”.

Respondo alguma bobagem, sentindo-me como um monstro leproso de dezesseis anos comedor de escuridão.

E ela, com seus cabelos flamejantes e vestido colorido, é uma orquídea exótica. Claro que Oscar a ama. Eles são duas orquídeas exóticas juntas. É perfeito. Eles são perfeitos. O casaquinho dela cai de seus ombros e revela uma incrível tatuagem que dá a volta no braço, um dragão vermelho e alaranjado cuspidor de fogo. Oscar nota o casaquinho e o ajeita como se tivesse feito isso centenas de vezes. Um ataque de ciúme toma conta do meu peito.

E a profecia? O que está acontecendo?

— Temos que ir — diz ela, segurando-o pela mão, e logo depois eles vão embora.

Quando tenho certeza de que eles saíram do prédio, corro a toda velocidade — ainda bem que Guillermo ainda não voltou — pelo corredor até a janela da frente.

Eles já estão sobre a moto. Vejo-a segurá-lo pela cintura e sei exatamente qual é a sensação, como ele se sente, porque o desenhei hoje. Imagino: passando minhas mãos por seus músculos oblíquos, detendo-me nas ranhuras de sua barriga, sentindo o calor da pele dele nas minhas mãos.

Pressiono a mão contra o vidro frio. Faço isso mesmo.

Ele liga o motor da máquina, recolhe o pedal e os dois saem correndo pela rua, os cabelos ruivos dela voando como um incêndio. Quando ele vira suicidamente a esquina a quinhentos quilômetros por hora, num ângulo absolutamente fatal, ela ergue as mãos no ar e grita de felicidade.

Porque ela é destemida. *Ela* vive perigosamente. O que é a pior parte de tudo.



Voltando à sala de correspondência e me sentindo triste, noto que a porta que eu jurava estar fechada ao passar por ela há alguns segundos agora está aberta. O vento a abriu? Um fantasma? Espiando, acho difícil imaginar que um dos meus fantasmas quererá me atrair para ali, mas quem sabe? Abrir portas não é coisa da vovó.

— Mamãe? — sussurro. Recito alguns versos do poema, na esperança de que ela recite o restante para mim novamente. Mas nada acontece desta vez.

Abro a porta e entro numa sala que um dia foi um escritório. Antes de ser atingido por um ciclone. Rapidamente fecho a porta atrás de mim. Há estantes reviradas e livros espalhados por todos os cantos. Há pilhas de papel, blocos de rascunho e caderninhos que foram varridos da mesa e outras superfícies. Há cinzeiros cheios de guimbas de cigarro, uma garrafa vazia de tequila ao lado, outro cinzeiro quebrado num dos cantos. Há marcas de socos nas paredes, uma janela quebrada. E, no meio do quarto, um enorme anjo de pedra olhando para o chão, a parte de trás quebrada.

A sala foi destruída num ataque de fúria. Talvez aquele ataque que estava ocorrendo quando estive aqui da primeira vez, aquele que soava como um concurso de arremesso de móveis. Olho em volta, analisando a manifestação física dos problemas de Guillermo, sejam eles quais forem, e uma mistura de empolgação e medo percorre meu corpo. Sei que não deveria espiar, mas a curiosidade rapidamente supera minha consciência, como acontece com frequência — dificuldade para controlar a curiosidade —, e me abaixo e vasculho os papéis ao acaso no chão: na maior parte, cartas antigas. Encontro uma arte de um estudante de Detroit querendo trabalhar com ele. Um manuscrito de uma mulher em Nova York lhe propondo qualquer coisa (sublinhada três vezes), desde que ele a orientasse — Jesus! Há formulários de consignação de galerias de arte, a proposta de um museu sobre uma exposição. Releases de exposições passadas. Pego um caderno como o que ele guarda no bolso e o folheio, perguntando-me se pode haver alguma pista, nesta sala, do que aconteceu com ele. O bloquinho está cheio de rascunhos, algumas listas e anotações também, tudo em espanhol. Talvez listas de materiais? Anotações sobre as esculturas? Ideias? Sentindo-me culpada, solto-o rapidamente, mas não consigo me conter e pego outro, folheio e encontro as mesmas coisas, até me deparar com uma página com algumas palavras em inglês:

Minha Mais Querida,

Enlouqueci. Não quero beber ou comer, senão vou perder seu gosto na minha boca, não quero abrir os olhos, se não for para vê-la, não quero respirar o ar que você não respira, que não esteve dentro do seu corpo, nas profundezas de seu belo corpo. Devo...

Viro a folha, mas a carta não continua. Devo... *o quê?* Folheio o restante do bloquinho, mas as páginas restantes estão em branco. Vasculho outros caderninhos espalhados pela sala, mas não encontro palavras em inglês, nenhuma palavra para A Mais Querida. A pele dos meus braços pinica. A Mais Querida é ela. Tem que ser. A mulher no quadro. A mulher de argila saindo do peito do homem de argila. A gigante. Todas as gigantes.

Leio o bilhete novamente. É tão quente, desesperado e romântico.

Se um homem não entrega a carta que escreve para a mulher amada, seu amor é verdadeiro.

Foi o que lhe aconteceu, então: amor. Amor trágico e impossível. E Guillermo é perfeitamente esculpido. Nenhuma mulher pode resistir a um homem com ondas e terremotos dentro de si.

Oscar parece ter desastres naturais sob a pele também. Mas espere aí. Os protagonistas homens nas histórias de amor precisam ser devotados, precisam perseguir trens, atravessar continentes,

desistir de fortunas e tronos, desafiar a tradição, sofrer perseguição, destruir quartos e quebrar anjos, desenhar o ser amado em todas as paredes do estúdio, fazer esculturas de gigantes como homenagens.

Eles não flertam despudoradamente com meninas como eu quando têm namoradas da Transilvânia. Que babaca.

Tiro a folha com o bilhete de amor do restante do bloco e a estou guardando na segurança do bolso da minha calça jeans quando escuto a porta da frente do estúdio ranger como num filme de terror. Ah, não. Minha pulsação acelera enquanto avanço na ponta dos pés até a porta e me escondo atrás dela para que Guillermo não me encontre se decidir entrar. Claro que não devo estar aqui. Este lugar é um caos particular, como se fosse o conteúdo de sua mente espalhado. Ouço uma cadeira ser arrastada no piso e depois sinto cheiro de fumaça. Ótimo. Ele está fumando do lado de fora.

Espero. E olho todos os livros de arte empilhados, reconhecendo vários deles da escola, reconhecendo minha mãe. Metade do rosto dela me encara de uma das pilhas. É a foto da autora no verso da biografia que ela escreveu de Michelangelo, *Anjo no Mármore*. Isso me atiça. Mas claro que o livro está aqui. Ele tem todos os livros de arte aqui. Abaixo-me e o pego com cuidado para não fazer nenhum barulho ao tirá-lo da pilha. Abro na folha de rosto, me perguntando se ela autografou o livro ao encontrá-lo. Sim.

Para Guillermo Garcia,

“Vi um anjo no mármore e o esculpi até libertá-lo”.

Obrigada pela entrevista — foi uma incrível honra.

Com admiração,

Dianna Sweetwine

Mamãe. Fecho o livro rapidamente, segurando-o fechado na mão para que ele não saia voando, para que eu não saia voando. Os nós dos meus dedos estão brancos de tanto que aperto o livro. Ela sempre o autografava com aquela citação de Michelangelo. Era a citação preferida dela. Levo o livro ao peito com força, muita força, querendo me lançar para dentro dele.

Então o guardo na cintura da minha calça jeans e o escondo com o casaco.

— CJ — chama Guillermo. Ouço seus passos se afastando. Quando tenho certeza de que ele se foi, saio silenciosamente da sala, fechando a porta atrás de mim. Cruzo a sala de correspondência arditosamente e entro na cela de cadeia, onde escondo o livro da mamãe na pasta do meu portfólio, sabendo, ah, sim, eu sei, que estou agindo como uma supervilã, parafusos voando para todos os lados hoje. Se bem que não é minha primeira investida como ladra. Roubei algumas cópias dos livros da mamãe da biblioteca da escola também — sempre a escola os repôs, na verdade. E da biblioteca municipal. E de várias livrarias. Não sei por que faço isso. Não sei por que roubei o bilhete de amor. Não sei por que faço várias coisas.

Encontro Guillermo no estúdio, abaixado, acariciando a barriga exposta de uma dengosa Frida Kahlo. O bilhete dele para A Mais Querida queima no meu bolso. Quero saber mais. O que aconteceu com eles?

Guillermo meneia a cabeça para mim.

— Está pronta? — Ele se levanta. — Está pronta para mudar de vida?

— E como — digo.

O restante da tarde consiste na escolha de uma pedra de estudos — apaixonono-me por um alabastro cor de âmbar que parece ter um fogo dentro de si — e em ouvir Guillermo, que se transformou num Moisés recitando mandamentos sobre escultura:

Seja ousada e corajosa.

Arrisque-se.

Use os equipamentos de proteção.

(PORQUE A POEIRA CONTÉM ASBESTO!)

Não tenha preconceitos quanto ao que está dentro da pedra de estudos, mas espere até que a pedra lhe diga diretamente.

Depois desse mandamento, ele toca meu ventre com a mão estendida, acrescentando:

— O que repousa no coração repousa na pedra, entendeu?

Depois ele recita o último mandamento para mim:

Reconstrua o mundo.

É algo que eu gostaria muito de fazer, mas não tenho ideia de como esculpir uma pedra será capaz de reconstruir o mundo.

Ao voltar para casa, depois de horas e horas de prática de escultura — sou incrivelmente ruim nisso —, com os músculos do pulso doendo, os dedos feridos por causa das centenas de marteladas erradas, a asbestose já se espalhando pelos meus pulmões, apesar da máscara, abro minha bolsa e encontro três laranjas enormes e redondas olhando para mim. Estou estupidamente apaixonada por Oscar neste momento, mas então me lembro de Sophia.

Quanta falsidade! Sério, que babacão, como Noah costumava dizer quando era Noah.

Aposto que ele disse a Sophia que sua mãe a profetizou também.

E aposto que a mãe dele nem morreu.

Levo as laranjas para a cozinha e faço um suco.



Ao voltar para o meu quarto, depois do Grande Massacre das Laranjas, esperando costurar um pouco, encontro Noah abaixado sobre a bolsa que deixei no chão, folheando um caderno de desenho que fora escondido em segurança na bolsa pouco antes. Vingança instantânea do Universo por bisbilhotar os papéis de Guillermo?

— Noah? O que você está fazendo?

Ela dá um salto e grita:

— Ah! Ei! Nada! — Depois leva a mão à cintura e a desliza para o fundo dos bolsos e de volta para a cintura. — Eu só estava... nada. Desculpe. — Ele ri bem alto e bate palma.

— Você estava revirando minhas coisas?

— Não estava... — Ele gargalha novamente, quero dizer, parece mais um relincho. — Quero dizer, acho que estava. — Noah olha pela janela como se quisesse fugir por ela.

— Mas por quê? — pergunto, rindo também um pouquinho; faz tempo que ele não age como um esquisitão assim.

Ele sorri para mim como se tivesse ouvido meus pensamentos. Sinto algo maravilhoso dentro do peito.

— Acho que só queria ver no que você estava trabalhando.

— Mesmo? — pergunto, surpresa.

— Sim — diz ele, balançando-se para a frente e para trás. — É, sim.

— Certo. — Percebo a ansiedade na minha própria voz.

Ele gesticula para o bloco.

— Vi os rascunhos da mamãe. Você está fazendo uma escultura dela?

— Sim — digo, empolgada com a curiosidade dele e sem me importar com a espionagem; já fiz tanto a mesma coisa com ele. — Mas esses estudos não estão nem perto de serem concluídos. Comecei a noite passada.

— Argila? — Pergunta ele.

Uma sensação avassaladora e repentina de que-ousadia-dele-falar-sobre-meu-trabalho toma conta de mim, mas faz tanto que estabeleci uma conexão com ele que continuo:

— Sem argila; *pedra* — conto. — Mármore, granito, ainda não sei. Estou trabalhando com um escultor maravilhoso agora. Ele é *incrível*, Noah. — Aproximo-me e pego o bloco do chão. Seguro-o diante de nós dois e aponto para o desenho mais completo, uma vista frontal. — Estava pensando em fazer uma escultura bem realista. Não aquelas coisas bulbosas de sempre. Quero que seja elegante, um pouco elástica, mas de alguma forma ousada também, sabe, como ela. Quero que as pessoas percebam o vento nos cabelos dela, nas roupas dela. Ah, vai ser um Vestido Flutuante, claro, mas só nós entenderemos isso. Espero, bem, você sabe como ela costumava ficar na varanda sempre... — Paro porque ele tirou o telefone do bolso. Deve ter vibrado.

— Oi, cara — diz ele, e depois começa a falar sobre uma corrida e quilometragem e outras coisas de cross-country. Ele faz uma expressão de desculpa como se fosse demorar e sai do quarto.

Na ponta dos pés, vou até a porta, querendo ouvi-lo conversar com o amigo. Algumas vezes fico do lado de fora do quarto dele, enquanto ele e Heather estão se divertindo, e os ouço fofocar, rir, agir como dois bobos. Algumas vezes, nos fins de semana, sentei-me na porta, pensando que eles talvez pudessem me convidar para participar de um de seus passeios no zoológico ou extravagâncias pós-

corrida, mas eles nunca me convidaram.

No corredor, Noah de repente para de falar no meio de uma frase e devolve o celular ao bolso. Espere. Então ele fingiu a ligação e a conversa só para se livrar de mim? Só para me fazer parar de falar daquele jeito? Sinto um aperto na garganta.

Nunca vamos ficar bem. Nunca seremos nós novamente.

Vou até a janela e abro a persiana para ver o oceano.

Olho para baixo.

Às vezes, quando se surfa, você pega uma onda e percebe que está “sem chão”, e de repente, sem aviso, você se vê caindo diante da parede de água.

Sinto-me assim.



Quando chego ao estúdio de Guillermo, na tarde do dia seguinte e no horário combinado — ele parece não se importar com o fato de serem férias de inverno e de eu não ter outro lugar para ir —, encontro um pedaço de papel grudado à porta, no qual se lê: *Volto logo* — GG.

A manhã toda, enquanto chupava limões antiOscar, fiquei ouvindo atentamente os barulhos da cidade, na esperança de que minha pedra de estudos me dissesse o que havia dentro dela. Até agora, nem um pio. Nem um pio entre mim e Noah desde ontem também, e hoje pela manhã ele saiu antes mesmo de eu acordar. Juntamente com todo o dinheiro que o papai nos deixou para emergências. Que se dane.

De volta ao perigo claro e presente: Oscar. Estou pronta. Além dos limões, ao me preparar para um possível encontro, li e me atualizei sobre várias doenças venéreas bem nojentas. Depois li um pouco a bíblia:

Pessoas com olhos de cores diferentes são grosseiras e falsas.

(Sim, eu mesma escrevi esta passagem.)

O caso Oscar está encerrado.

Entro rapidamente pelo corredor, emocionada por encontrar a vovó e mais ninguém na sala de correspondência. Ela está lindamente vestida. Uma saia reta listrada. Blusa clássica com estampa floral. Cinto de couro vermelho. Um delicado cachecol bem amarrado ao redor do pescoço. Para finalizar, boina preta e óculos de sol à la John Lennon. Exatamente o que eu vestiria no estúdio se não estivesse presa à moda do saco de batatas.

— Perfeito — digo a ela. — Podre de chique.

— Chique me basta. Podre ofende minha sensibilidade. Estava saindo para o Verão do Amor com mais do que uma pitada de beatnik. Toda essa arte, a bagunça e desordem, esses misteriosos estrangeiros fazem com que eu me sinta bastante livre, muito que-se-dane-a-precaução, muito ousada,

muito...

Eu rio.

— Já entendi.

— Não, acho que não entendeu. Eu ia dizer que me sinto muito Jude Sweetwine. Você se lembra daquela menina intrépida? — Ela aponta para o meu bolso. Dele tiro um toco queimado de vela. Ela faz tsc tsc tsc para mim. — Não use minha bíblia para seus assustadores propósitos.

— Ele tem namorada.

— Você não tem certeza disso. Ele é europeu. Eles têm valores diferentes.

— Você nunca leu Jane Austen? Os ingleses são *mais* recatados do que nós, não menos.

— Uma coisa que aquele menino não parece ser é recatado. — O rosto inteiro dela se contorce numa piscadela. Ela não sabe piscar sutilmente, não sabe fazer nada sutilmente.

— Ele tem tricomoníase^[6] — murmuro para ela.

— Ninguém tem isso. Ninguém, exceto você, sabe o que é isso.

— Ele é velho demais.

— Só eu sou velha demais.

— Bem, ele é atraente demais. *Demais*. E ele sabe disso. Você viu como ele se apoia contra as paredes?

— Como ele o quê?

— Ele se encosta nas paredes como James Dean, *inclinado*. — Faço uma rápida demonstração contra um pilar. — E ele pilota uma moto. E tem sotaque e aqueles olhos de cores diferentes...

— David Bowie tem olhos de cores diferentes! — Ela joga os braços para cima, irritada. A vovó é apaixonada por David Bowie. — É sinal de sorte quando a mãe de um menino faz uma profecia sobre você. — Sua expressão se torna mais amena. — E ele disse que você lhe causa calafrios, querida.

— Tenho a sensação de que a *namorada* dele lhe dá calafrios também.

— Como você pode julgar alguém sem ter feito um piquenique com ele? — Ela abre os braços como se fosse abraçar todo o mundo. — Faça uma cesta, escolha um lugar e vá. Simples assim.

— *Tão* brega — digo, vendo um dos caderninhos de Guillermo sobre um monte de cartas. Folheio-o rapidamente em busca de alguma coisa para A Mais Querida. Nada.

— Quem em sã consciência despreza um piquenique? — pergunta ela. — Você tem de ver os milagres para que haja milagres, Jude. — Ela costumava dizer isso muito. Foi a primeira passagem que ela escreveu na bíblia. Não consigo ver milagres. A última passagem que ela escreveu na bíblia foi: *Um coração partido é um coração aberto*. De alguma forma sei que ela a escreveu para mim depois de ter morrido, mas isso não ajuda em nada.

Jogue um punhado de arroz no ar; a quantidade de grãos que cair na sua mão revela quantas pessoas você amará em sua vida.

(A vovó me fazia um sinal secreto para minhas aulas de costura. Na mesa nos fundos da loja, eu me sentava no colo dela e sentia seu perfume floral enquanto me inclinava para cortar e costurar. “Todos têm alguém único, e você é minha”, ela me dizia. “Por que eu?”, eu sempre perguntava, mas ela me dava uma cotoveladinha nas costelas e dizia algo bobo como: “Porque você tem dedos dos pés muito compridos, claro”.)

Um nó está se formando na minha garganta. Aproximo-me do anjo e, quando termino de fazer meu segundo pedido — você sempre tem direito a três pedidos, não? —, junto-me à vovó diante da pintura. Não a vovó. O espírito da vovó. Existe uma diferença. O espírito da vovó só sabe coisas sobre a vida dela que eu também sei. Perguntas sobre o vovô Sweetwine — ele abandonou a vovó grávida do papai e nunca voltou — permanecem sem resposta, exatamente como quando ela estava viva. Várias perguntas seguem sem resposta. A mamãe costumava dizer que, quando você admira uma obra de arte, ela é metade real, metade sonho. O mesmo serve para os espíritos, acho.

— Enquanto isso, é um beijo e tanto — diz ela sobre o quadro.

— Claro que é.

Nós duas suspiramos, imersas em nossos pensamentos, os meus, para minha infelicidade, tornando-se proibidos para menores, proibidos para Oscar. Realmente não quero pensar nele, mas penso...

— Como é ser beijada assim? — eu lhe pergunto. Apesar de ter beijado vários meninos, nunca me senti como a moça do quadro.

Antes que a vovó possa me responder, ouço:

— Gostaria muito de te mostrar. Se você quebrar o boicote, claro. Dê uma chance. Mesmo que você esteja louca de raiva. — Tiro a mão da boca. Quando foi que essa fala invadiu minha boca e não a dele? E me viro para ver que Oscar saiu da minha mente e está de pé, em carne e osso, no mezanino do loft. Ele está encostado (de um jeito sexy para a frente desta vez) no parapeito com sua câmera focada em mim. — Se bem que é melhor eu me intrometer só depois que as coisas terminarem com essa sua mão.

Não.

Fico me debatendo, de repente sentindo que minha pele é extremamente claustrofóbica.

— Não sabia que você estava aí!

— Dá para ver — diz ele, tentando não rir. — É óbvio, muito óbvio. — Ah, não. Que estranho deve ter sido me ver conversando sozinha daquele jeito! Algo quente toma conta do meu rosto. Quanto da conversa ele ouviu? Bem, conversa por assim dizer. Não, não, não. E há quanto tempo estou namorando com *a mão*? Será que ele sabe que estava pensando nele? Beijando-o? Ele continua: — Muita sorte a minha. Essas lentes com zoom. Elas não perdem nada. Caramba, laranjas — quem diria? Eu podia ter economizado muito em perfumes, jantares à luz de velas etc. etc.

Ele sabe.

— Você supõe que eu estivesse pensando em você — digo.

— Claro.

Reviro os olhos diante do absurdo daquilo.

Ele põe as mãos no parapeito.

— Com quem você estava conversando, CJ?

— Ah, isso — digo. Como responder? Não sei por quê, mas, como aconteceu com Guillermo ontem, recorro à verdade: — Só a vovó apareceu para me assombrar.

Ele faz um barulho esquisito, como se estivesse tossindo ou engasgando.

Não tenho ideia do que está acontecendo com o rosto dele porque não ousou olhar na direção dele.

— Vinte e dois por cento da população mundial vê espíritos — digo pela parede. — Não é tão incomum. Quase uma em cada quatro pessoas. E não sou nenhuma espécie de médium. Não vejo nenhum espírito. Só minha avó e minha mãe, mas a minha mãe não conversa nem aparece para mim, só quebra as coisas. Exceto por outro dia, quando ela me recitou um poema. — Suspiro. Meu rosto está pegando fogo. Provavelmente menos é mais.

— Que poema? — ouço. Não é a resposta que eu esperava.

— Só um poema — respondo. Revelar o poema de alguma forma me parece algo pessoal demais para compartilhar depois de admitir que converso com parentes mortos.

Faz-se um instante de silêncio durante o qual ouço atentamente bipes indicando uma ligação para a emergência.

— Sinto muito pela morte delas, CJ — diz ele, a voz sincera e séria. Olho para ele esperando ver aquele olhar da Pobre Menina Órfã, mas não é isso o que encontro na expressão dele.

Acho que a mãe dele está mesmo morta. Desvio o olhar.

A boa notícia é que ele parece ter esquecido o fato de eu estar namorando minha própria mão. A má notícia é que agora estou repassando a conversa que ele pode ter ouvido. Escrever uma *carta de amor* para ele teria sido menos revelador. Não há nada a fazer senão cobrir os olhos com as mãos. Situações de desespero requerem que você se comporte como um avestruz.

— Quanto você ouviu, Oscar?

— Ei, não se preocupe com isso — diz ele. — Não consegui entender muita coisa. Estava dormindo quando sua voz começou a invadir meu sonho.

Será que ele está dizendo mesmo a verdade? Ou só sendo gentil? Realmente falei baixinho. Sopro meus dedos. A tempo de ele descer languidamente pela escada. Por que ele se move assim tão lentamente? Sério. É impossível não observá-lo, não se apegar a todos os movimentos, não esperar pela chegada dele...

Ele chega por trás de mim, perto como uma sombra.

Na verdade, não tenho certeza se o caso Oscar está completamente encerrado. Não levei em conta a proximidade. E ele não acabou de dizer que ficaria mais do que feliz em me beijar como no quadro? Estou me lembrando principalmente de como ele disse que me beijaria: *Dê uma chance*.

— O que você pediu? — pergunta ele. — Vi você conversando com o anjo também. — A voz dele é grave, sedosa e íntima, e não confio em mim mesma para responder à pergunta.

Ele está me olhando daquele seu jeito, que deveria ser ilegal ou patenteado, e isso está afetando minha capacidade de me lembrar de coisas como o meu nome e todos os motivos pelos quais uma menina pode fazer greve de meninos. Por que não me importo nem um pouco com o azar que pode se abater sobre mim? Só quero passar meus dedos em seus cabelos castanhos despenteados, colocar a mão no cavalo azul do pescoço dele, apertar meus lábios contra os dele como fez com Sophia.

Sophia.

Esqueci-me completamente de Sophia. Parece que Oscar também, pelo jeito como ele *ainda* está me olhando. Que desperdício. Que cafajeste, canalha, bandido, playboy, tarado!

— Fiz suco com as laranjas que você pôs na minha bolsa — digo, voltando à razão. — Eu as transformei em polpa.

— Uau!

— Por que você está fazendo isso?

— O quê?

— Não sei, esta coisa, esta encenação. Esta voz. Me olhando desse jeito como se eu fosse uma... uma... rosquinha. Tão perto de mim. Quero dizer, você nem me conhece. Sem mencionar sua namorada, lembra? — Estou falando alto demais, estou latindo. O que aconteceu comigo?

— Mas não estou fazendo nada. — Ele levanta as mãos como se estivesse se rendendo. — Não estou encenando. Esta é a minha voz; acabei de acordar. Não acho que você se pareça em nada com uma rosquinha, confie em mim. Não estou te enrolando. Respeito o boicote.

— Que bom, porque não estou interessada.

— Que bom, porque minhas intenções são as melhores. — Ele para e diz: — Você já leu Jane Austen? Nós, ingleses, somos muito mais recatados do que vocês, não é mesmo?

Respiro fundo.

— Eu achei que você não tivesse ouvido nada!

— Estava sendo educado. Nós, os ingleses, somos *muito* educados, sabia? — Ele está rindo enlouquecidamente, como se não tivesse um cérebro. — Ouvi cada palavra, acho.

— Não era sobre você...

— Não? Sobre outro cara que pilota moto e tem olhos de cores diferentes e se encosta nas coisas como James Dean? Aliás, obrigado. Ninguém jamais me falou isso sobre como eu me encosto nas coisas.

Não sei como passar por isso; só mesmo fugindo. Viro-me e vou até aquela sala que se parece com

uma cela de cadeia.

— E tem mais — diz ele, rindo sua risada leve. — Você me acha atraente. Atraente *demais*, na verdade. Muitíssimo atraente, acho que foram suas palavras. — Fecho a porta, mas ainda assim ouço: — E não tenho namorada, CJ.

Ela está brincando comigo?

— A Sophia sabe disso? — grito como uma louca.

— Para ser sincero, sabe! — responde ele, igualmente enlouquecido. — Nós terminamos.

— Quando? — estamos gritando, cada um de um lado da porta.

— Ah. Há mais de dois anos. — Dois anos? Mas e aquele beijo? Não foi tão demorado e duradouro quanto pensei? A ansiedade pode alterar a percepção do tempo, sei disso. — Nós nos conhecemos numa festa e acho que durou uns cinco dias.

— Foi um recorde para você?

— O recorde é de nove dias, na verdade. Eu não sabia que você fazia parte da Força Policial Moral!

Deito-me no piso frio de cimento e deixo que toda a poeira contaminada e os micróbios e o fungo tóxico façam comigo o que quiserem. Por dentro, estou agitadíssima. Se não me engano, Oscar e eu acabamos de discutir. Não discuto com ninguém desde a mamãe. A sensação não é completamente ruim.

Nove dias é o recorde dele. Meu Clark Gable. Ele é *esse tipo de cara*.

Estou tentando encontrar algum lugar onde me segurar, me perguntando quando Guillermo vai voltar, tentando me ater ao motivo que me trouxe aqui, a escultura que preciso fazer, tentando me obrigar a pensar no que pode estar escondido dentro da minha pedra de estudos e não na revelação de que Sophia e Oscar não são um casal!... É quando a porta se abre e Oscar entra, agitando uma toalha suja de argila.

Ele arqueia a sobancelha ao me ver deitada no chão como um cadáver, mas não faz nenhum comentário.

— Uma trégua — diz, acenando com a toalha menos branca do mundo. — Vim em paz. — Apoio-me nos cotovelos. — Olha, você tinha razão — diz Oscar. — Bem, em parte. É uma encenação. *Eu* sou uma encenação. Totalmente. Pelo menos noventa e oito por cento do tempo. Minhas intenções não são nada honradas. Não é nada horrível ser desafiado de vez em quando. — Ele se aproxima da parede. — Está vendo? Senhoras e senhores: O Encostado. — Ele apoia um dos ombros contra a parede, cruza os braços, tomba a cabeça e entrefecha os olhos, imitando James Dean melhor do que James Dean. Não consigo deixar de rir, o que era a intenção. Ele sorri. — Então, tudo bem. Seguindo em frente. — Oscar desfaz a pose e começa a andar de um lado para o outro, ao estilo de um advogado num julgamento. — Preciso conversar com você sobre aquelas laranjas *e* o laço vermelho no seu pulso *e* aquela cebola enorme que você carrega por aí há dias... — Ele me lança um olhar de *peguei você*, depois coloca a mão no bolso da frente da calça jeans e de lá tira uma concha lascada. — Queria te dizer que não vou a nenhum lugar sem a concha mágica da minha mãe, porque se eu fizer

isso vou morrer, provavelmente em questão de minutos. — Isso me faz rir novamente. É assustador como ele sabe ser fascinante. Oscar joga a concha para mim. — Além do mais, converso em sonho com minha mãe, que morreu há três anos. Às vezes — diz ele — durmo no meio da tarde, como hoje, só para ver se ela vai falar comigo. Você é a única pessoa para quem contei isso, mas estou mesmo te devendo uma por ter ouvido sua conversa antes. — Ele se aproxima, tira a concha da minha mão e ri como um menininho, adoravelmente. — *Sabia* que você ia querer roubar minha concha. Mas não vai acontecer. É meu bem mais adorado. — Ele a guarda no bolso, ergue-se sobre mim, os olhos brilhando, o sorriso amplo, anárquico e completamente irresistível.

Senhor, Tenha Piedade Da Minha Alma Boicotadora.

Quando dou por mim, ele está no mesmo nível dos meus olhos e depois se deita no chão sujo ao meu lado. Sim. Um som sai de mim, algo que só pode ser descrito como um gritinho de leite. Ele cruza os braços e fecha os olhos como os meus estavam fechados quando ele entrou pela porta. — Nada mau — diz. — É como se estivéssemos na praia.

Retorno à minha posição ao lado dele.

— Ou em nossos caixões.

— O que mais gosto em você é como você sempre olha o lado bom das coisas.

Rindo novamente.

— Gostei de você ter se deitado no chão comigo — digo, vendo o lado bom da situação, sentindo o lado bom, sabendo que ninguém mais na minha vida se deitaria no chão ao meu lado desse jeito. Ninguém que carregaria uma concha no bolso para não morrer. Ninguém que durma para conversar com a mãe morta.

Um silêncio agradável se abate sobre nós. Realmente agradável, como se tivéssemos nos deitado juntos como cadáveres em chãos imundos em várias encarnações.

— O poema era de Elizabeth Barrett Browning — conto a ele.

— “Como a amo?” — recita Oscar. — “Deixe-me contar as formas.”

— Esse mesmo — digo, pensando: *Ele* é o homem da minha vida. E alguns pensamentos pensados são difíceis de *despensar*. — É *mesmo* como estar deitada na praia — digo, cada vez mais feliz. Viro-me de lado, apoio a cabeça na mão e secretamente fico admirando o rosto louco de Oscar. Até ele abrir um dos olhos e me pegar admirando-o (*você está tão perdida*, diz o sorriso dele). Ele fecha os olhos.

— Que pena que você não está interessada.

— Não estou! — grito, caindo de costas na areia da praia. — É só curiosidade artística. Você tem um rosto incomum.

— E você tem um rosto inacreditavelmente lindo.

— Você é tão leviano — digo, entrando em ebulição.

— Já disseram isso.

— O que mais disseram?

— Humm. Bem, infelizmente, recentemente me disseram para ficar longe de você ou serei castrado. — Oscar se senta e enfia as mãos nos cabelos como Guillermo. — *Castração, Oscore! Entende? Você já me viu usar a serra circular, não?* — Ele relaxa e volta a si. — E foi por isso que vim aqui mostrando a bandeira branca. Sou bom em arruinar as coisas, e não quero arruinar isso. Você é a primeira pessoa além de mim que fez o G. rir em muitos anos. O fato de ele estar lecionando novamente é um milagre. Como a multiplicação dos pães, CJ. Você não tem ideia. — Milagre? — É como se você o tivesse enfeitado. Perto de você... não sei... ele fica *bem* de novo. O cara tem vivido com raiva há muito tempo. — É possível que eu seja o campo florido de Guillermo assim como ele é o meu? — Além disso, agora sabemos que *vocês dois* conversam com amigos imaginários. — Oscar pisca. — Então... — ele junta as mãos. — ... a seu pedido e dele, é assim que as coisas vão ser a partir de agora. Quando eu quiser te convidar para ir a prédios abandonados ou beijar seus lábios ou encarar seus olhos sobrenaturais ou imaginar como você é por baixo dessas suas roupas largas sob as quais você sempre se esconde ou te saborear num chão sujo qualquer como se eu estivesse desesperado, vou simplesmente sair pulando no meu *Hippity Hop*. Combinado? — Ele estende a mão. — Amigos. *Apenas* amigos.

Isso é o que chamo de sinais trocados; quando ele fala, é como se eu estivesse numa montanha-russa.

Combinado nada, de jeito nenhum.

— Combinado — digo, e dou a mão para ele, mas só porque quero tocá-lo.

O tempo passa, nossas mãos juntas, a eletricidade percorrendo todo o meu corpo. E então ele me puxa lentamente para perto, olha bem dentro dos meus olhos, exatamente como jurou que não faria, e minha barriga pega fogo, o calor se irradiando por todos os lados. Sinto meu corpo se abrindo. Ele vai me beijar? Vai?

— Ah, meu Deus — diz ele, soltando minha mão. — Acho que devo ir.

— Não, não deve. Por favor, não vá. — As palavras saem da minha boca antes que eu possa impedir.

— Que tal eu me sentar aqui, então, onde é mais seguro? — diz ele, afastando-se um pouco de mim. — Já mencionei que tenho problemas para controlar meus impulsos? — Ele sorri. — Estou sentindo um impulso especialmente forte, CJ.

— Vamos apenas conversar — digo, meu coração batendo descontroladamente. — Lembra da serra circular? — A risada dele atravessa a sala. — Você tem uma bela risada — digo, repentinamente. — É como... uau!... é...

— Você não está ajudando em nada. Por favor, guarde os elogios para si. Ah! — Ele vem na minha direção novamente. — Já sei! Uma ideia! — Oscar abaixa meu capuz, que cobre todo o meu rosto e metade do pescoço. — Aí está — diz ele. — Perfeito. Vamos conversar.

Só que agora estou gargalhando por dentro do capuz, e ele gargalha do lado de fora, e nós dos deixamos levar para longe, e acho que nunca me senti tão feliz assim, nunca.

Está muito quente e úmido para rir descontroladamente dentro de um capuz de lã, então depois de um tempo eu me descubro e o vejo ali, seu rosto manchado e seus olhos escorrendo por realmente perder o controle, e me sinto preenchida de uma coisa que só posso descrever como reconhecimento. Não porque ele parece familiar por fora desta vez, mas porque parece familiar por dentro.

Encontrar sua alma gêmea é como entrar numa casa onde você já esteve — você vai reconhecer a mobília, os quadros na parede, os livros nas prateleiras, as coisas nas gavetas: você é capaz de se localizar no escuro se precisar.

— Então, se você está encenando em noventa e oito por cento do tempo — digo, recompondo-me —, e quanto aos outros dois por cento?

A pergunta parece consumir qualquer resquício de risada no rosto dele, e imediatamente me arrependo de ter perguntado.

— É, ninguém conhece esse cara — diz ele.

— Por quê?

Oscar dá de ombros.

— Talvez você não seja a única aqui que se esconde.

— Por que você acha que estou me escondendo?

— Só acho. — Ele faz uma pausa e diz: — Talvez porque já tenha passado algum tempo na companhia das suas fotos. Elas são muito reveladoras. — Ele me olha com curiosidade. — Mas você mesma poderia me dizer *por que* está se escondendo.

Penso nisso, penso nele.

— Agora que somos amigos, *apenas* amigos. Você é o amigo para o qual eu ligo se estiver na posse de um cadáver e com uma faca suja de sangue na mão?

Ele sorri.

— Sim. Eu jamais te denunciaria. De jeito nenhum.

— Confio em você — digo, surpresa comigo mesma, e, pela expressão dele, surpreendendo-o também. Por que confio em alguém que acabou de me dizer que é todo encenação noventa e oito por cento do tempo? — Eu também não te entregaria — digo. — De jeito nenhum.

— Talvez — diz ele. — Já fiz algumas coisas bem horríveis.

— Eu também — digo e, de repente, quero mais do que nunca me revelar para ele.

Escreva seus pecados nas maçãs ainda nas árvores; quando elas caírem, seus pecados também cairão.

(Não há macieiras em Lost Cove. Tentei isso com uma ameixeira, um pé de damasco e um abacateiro. Ainda pecadora.)

— Bem — diz ele, olhando suas mãos presas diante do corpo —, se serve de consolo, tenho certeza de que as coisas que fiz são muito piores do que qualquer coisa que você tenha feito.

Estou prestes a falar para refutar isso, mas o olhar desconcertante dele me cala.

— Quando minha mãe ficou doente — diz ele, com cuidado —, só podíamos pagar por uma enfermeira durante o dia. Minha mãe já não ia mais ao hospital e o plano de saúde não cobria uma enfermeira noturna. Então, à noite, eu cuidava dela. Só que comecei a consumir os analgésicos dela aos montes. Estava chapado o tempo todo, estou falando sério, o tempo todo. — A voz dele fica estranha, constricta, menos ululante. — Éramos só eu e ela, sempre, sem outra família. — Oscar faz uma pausa e respira fundo. — Certa noite, ela caiu da cama porque provavelmente precisava do penico, mas depois que caiu não conseguiu mais se reerguer. Ela estava fraca demais, doente demais. — Ele engole em seco. Há suor na sua testa. — Ela passou quinze horas no chão, tremendo, com fome e com uma dor insuportável, *me chamando*, enquanto eu estava completamente chapado no quarto ao lado. — Ele solta o ar lentamente. — E esta é só uma história, para começar. Tenho o suficiente para escrever um livro.

A história inicial praticamente o estrangulou. E a mim também. Nós dois estamos respirando rápido, e sinto que o desespero dele está me afetando como se fosse meu.

— Sinto muito, Oscar.

Aquela prisão de culpa sobre a qual a psicóloga da escola falou, ele está preso nela também.

— Jesus. — Ele leva a mão à testa. — Não acredito que te contei isso. Nunca falo sobre isso. Com ninguém, nem mesmo com G., nem mesmo nas reuniões. — Seu rosto está confuso de um jeito completamente diferente do normal. — Está vendo? É melhor quando estou encenando, não?

— Não — digo. — Quero conhecer você inteiro. Cem por cento.

Isso o perturba ainda mais. Ele não quer que eu saiba quem ele é cem por cento do tempo, pela expressão em seu rosto. Por que eu disse isso? Abaixo os olhos, constrangida, e, quando levanto o olhar, vejo-o se erguendo. Ele não me encara.

— Preciso trabalhar no andar de cima antes do meu turno no La Lune — diz ele, já na porta. Não consegue se afastar de mim.

— Você trabalha naquele café? — pergunto, quando o que quero dizer é: entendo. Não as circunstâncias, mas a vergonha. Entendo a areia movediça da vergonha.

Oscar faz que sim com a cabeça e, incapaz de me conter, pergunto:

— Você disse que eu era ela, naquele primeiro dia na igreja. A quem você estava se referindo? E como sua mãe pôde ter profetizado a meu respeito?

Mas ele só balança a cabeça e sai da sala.

Lembro-me, então, de que ainda estou com o bilhete de Guillermo para A Mais Querida comigo. Eu o abri e o amarrei no laço vermelho da sorte. Não tinha ideia do porquê, até agora.

Para conquistar o coração dele, coloque a carta de amor mais apaixonada que já foi escrita no

bolso da jaqueta dele.

(Escrevendo as escrituras às pressas aqui. Devo fazer isso? Devo?)

— Espere um segundo, Oscar. — Eu o alcanço do lado de fora da porta e limpo uma camada de poeira das costas da sua jaqueta. — Que chão sujo — digo, enquanto coloco as palavras ardentes no seu bolso. Enquanto sigo com a minha vida.

Então ando de um lado para o outro da salinha, esperando pela volta de Guillermo para começar a esculpir, esperando que Oscar pegue a carta de amor e corra para mim ou se afaste de mim. Uma válvula se soltou dentro de mim e alguma coisa está vazando, fazendo com que eu me sinta completamente diferente da menina boicotadora que entrou no estúdio com um toco queimado de vela no bolso para extinguir qualquer possibilidade de amor. Penso no que a psicóloga me disse, que eu era uma casa na floresta, sem janelas nem portas. Sem jeito de entrar ou sair, disse ela. Mas ela estava enganada, porque paredes desabam.

E então, de uma só vez, do outro lado do estúdio, é como se minha pedra de estudo tivesse pegado um alto-falante para me dizer o que tem dentro dela.

O que repousa no coração repousa na pedra.

Tenho que fazer uma escultura primeiro, e não é a da minha mãe.



Estou cercada por gigantes.

No centro da área de trabalho aberta está um dos enormes casais de Guillermo, mas não concluído, e contra a cerca ao longe se encontra outra obra monumental chamada *Três Irmãos*. Estou tentando não olhar nos olhos delas enquanto Guillermo demonstra técnicas diferentes na minha pedra de estudo. Vamos apenas dizer que eles não são os gigantes mais felizes, aqueles três irmãos de pedra. Estou usando todos os apetrechos protetores que encontrei: um traje de plástico, óculos de proteção e uma máscara facial, porque fiz uma pesquisa sobre os riscos de esculpir pedra na noite passada, e estou surpresa que escultores consigam viver mais de trinta anos. Enquanto Guillermo me instrui sobre como não estragar a superfície da pedra, como usar a lima, como fazer algo chamado trama cruzada, como escolher o cinzel certo para cada função e quais os melhores ângulos para cada tipo de escultura, tento, sem conseguir, não pensar em Oscar e na carta de amor roubada que lhe dei. Provavelmente não foi minha melhor ideia, tanto roubar o bilhete quanto dá-lo. Problemas para controlar os impulsos, claro.

Tentando ser sutil, consegui incluir algumas perguntas sobre Oscar no meio de outras sobre a posição do cinzel e a construção de um modelo em escala. Descubro o seguinte: ele tem dezenove anos. Abandonou o ensino médio na Inglaterra, fez vestibular aqui e agora é calouro na Lost Cove University, estudando principalmente literatura, história da arte e fotografia. Ele mora em um dormitório no campus, mas às vezes ainda fica no loft.

Percebo que não estou sendo tão sutil quanto penso com minhas perguntas quando Guillermo

coloca a mão no meu queixo, ergue meu rosto para que nossos olhos se encontrem e diz:

— Oscore? Ele é como meu... — Ele leva o punho ao peito para concluir a frase. Como o coração dele? Seu filho? — Ele caiu no meu ninho quando era jovem e perturbado. Ele não tem mais ninguém. — A expressão dele está cheia de afeto. — É tudo muito estranho com Oscore. Quando me canso de todas as outras pessoas, não me canso dele. Não sei por que é assim. E ele é tão bom enxadrista. — Guillermo segura a cabeça como se estivesse com enxaqueca. — Quero dizer, tão, tão bom. Me deixa louco. — Ele olha para mim. — Mas ouça com atenção. Se tivesse uma filha, eu a manteria bem longe dele. Entende? — Ahn? Alto e claro. — Quando Oscore respira, as meninas se aproximam correndo dele, vindas de todos os lugares, e quando ele exala... — Ele faz um gesto com a mão para indicar que todas as meninas são destruídas, repelidas, em outras palavras, reduzidas a pedaços. — Ele é jovem demais, tolo demais, imprudente demais. Já fui assim. Só fui aprender sobre as mulheres e o amor muito mais tarde. Entende?

— Entendo — digo, tentando esconder a profunda decepção no meu íntimo. — Vou me banhar com vinagre, comer ovos crus e começar a procurar um ninho de vespas o mais rápido possível para colocar na minha cabeça.

— Não entendo nada disso — diz ele.

— Para reverter os desejos do coração. Sabedoria familiar antiga.

Guillermo ri.

— Ah. Muito bom. Na minha família, nós simplesmente sofremos.

Então ele coloca um saco de argila na minha mesa e me manda fazer um modelo, antes de mais nada; agora que sei o que se esconde dentro de minha pedra de estudos.

A escultura que vejo é de dois corpos redondos como bolhas, ombro a ombro, todas as partes das imagens esféricas e completas, peitos curvos gestando uma mesma respiração, as cabeças viradas para cima, os olhares para o céu. A coisa toda tem cerca de trinta centímetros de altura e largura. Assim que Guillermo sai, começo a fazer o modelo e, em pouco tempo, esqueço-me de Oscar, o Exterminador de Moças, e da história emocionante que ele me contou e de como me senti naquela cela com ele e do bilhete que coloquei no bolso dele, até que finalmente somos apenas eu e NoaheJude.

Esta é a escultura que preciso fazer primeiro.

Quando termino o modelo, horas mais tarde, Guillermo o analisa e o usa para marcar vários pontos de referência na minha pedra de estudo onde vou esculpir os “ombros” e as “cabeças”. Decidimos que o ombro externo do menino é o ponto de entrada, e então ele me deixa trabalhar.

Tudo acontece de uma só vez.

Assim que bato com o martelo no cinzel com a intenção de encontrar NoaheJude, minha mente vaga para o dia em que Noah quase morreu afogado.

A mamãe havia acabado de morrer. Eu estava na máquina de costura com a vovó Sweetwine, uma de suas primeiras visitas. Eu trabalhava na costura de um vestido quando pareceu que todo o quarto me fez tremer, só assim é que sei descrever. A vovó disse *Vá*, só que foi mais como um tornado

jogando a palavra na minha direção. Levantei-me correndo da cadeira, saí pela janela, disparei até o mar, meus pés tocando a areia assim que Noah atingiu a água. Ele não voltou à superfície. Eu sabia que ele não subiria. Nunca me senti tão assustada assim, nem mesmo quando a mamãe morreu. O sangue fervia em minhas veias.

Bato no cinzel com o martelo e observo um pedaço de pedra se soltar, vendo-me correr para o mar naquele dia de inverno. Nadei rápido como um tubarão, apesar das minhas roupas, e depois mergulhei onde ele afundou, dando braçadas desesperadas, tentando pensar nas correntes, marés e redemoinhos, e tudo o que o papai me ensinou. Deixei a onda me atingir e mergulhei novamente, subindo e descendo, até que vi Noah flutuando de barriga para cima, vivo, mas não consciente. Levei-o até a praia, nadando com um dos braços, sofrendo a cada braçada com o peso dele, nossa vida pulsando dentro de mim. Depois, na praia, bati no esterno dele com as mãos trêmulas, soprei ar para dentro de sua boca fria e murcha e, quando ele ressuscitou, assim que soube que ele estava bem, dei-lhe um tapa com toda a força no rosto.

Afinal, como ele pôde ter feito uma coisa dessas?

Como ele pôde ter decidido me deixar aqui sozinha?

Ele me disse que não estava tentando se matar, mas não acreditei. Aquele primeiro salto foi diferente de todos os outros que se seguiram. Daquela vez ele estava tentando sair deste mundo para sempre. Sei que estava. Ele queria ir embora. Ele decidiu desaparecer. Decidiu me abandonar. E teria conseguido se eu não o tivesse resgatado.

Acho que a válvula dentro de mim que se soltou durante a conversa com Oscar estourou a vedação. Estou batendo no cinzel com tanta força que meu corpo todo vibra, o mundo todo vibra.

Noah havia parado de respirar. Então houve momentos em que eu estive na vida sem ele.

Pela primeira vez. Nem mesmo no útero estivemos separados. Terror não chega nem perto de descrever a sensação. Fúria não chega perto. Comoção, não. Não há como descrever.

Ele não estava ali. Ele não estava mais comigo.

Estou começando a suar dentro do traje de plástico ao martelar o cinzel com toda a minha força, ignorando os ângulos certos agora, sem me importar com nada que Guillermo me ensinou, lembrando-me apenas de que a minha raiva por Noah nunca passou depois daquilo. Não consegui me livrar dela, e tudo o que ele fez pareceu aumentá-la. Recorri à bíblia da vovó, desesperada, mas, por mais botões de rosa que eu colocasse no meu chá, por mais lápis-lazúli que eu escondesse sob meu travesseiro, não consegui me livrar da raiva.

E a estou sentindo novamente ao abrir caminho pela pedra, ao arrastar Noah para fora do oceano, ao quebrar a pedra, querendo nos tirar das águas traiçoeiras, nos tirar dessa pedra sufocante, querendo nos libertar, quando ouço: “Então foi por isso que fez aquilo?”. São a mamãe e a vovó em uníssono. Quando foi que elas se tornaram um time? Um coro? Elas repetem, suas vozes um dueto de acusação na minha mente. “Então foi por isso? Porque foi logo depois. Nós te vimos fazer. Você acha que ninguém viu. Mas nós vimos.” Posiciono o cinzel do outro lado da pedra e tento abafar as vozes com as marteladas, mas não consigo. “Me deixem em paz”, sussurro, tirando o traje de plástico, tirando a máscara e os óculos. “Vocês não são reais”, digo para elas.

Entro às pressas no estúdio, sentindo-me sem direção, esperando que as vozes delas não me sigam, sem saber ao certo se eu as inventei ou não, sem saber de nada.

Lá dentro, Guillermo está absorto em outra peça de argila — até agora um homem encolhido.

Mas há algo de errado aqui também.

Guillermo está curvado sobre o também curvado homem de argila. Suas mãos trabalham o rosto por trás e ele está falando em espanhol, suas palavras cada vez mais hostis. Observo, incrédula, quando ele ergue o punho fechado e soca as costas do homem de argila, criando um buraco que sinto na minha própria coluna. Depois disso, os socos se sucedem. *O cara é furioso*, Oscar disse. Penso nas paredes socadas na sala do ciclone, a janela quebrada, o anjo partido. Ele se afasta para verificar o dano que acaba de causar e, ao fazer isso, percebe minha presença, e a violência de seus socos agora está nos seus olhos e é dirigida a mim. Ele levanta a mão e me manda embora com um gesto.

Volto para a sala de correspondência, meu coração batendo forte no peito.

Não, aqui não é nada parecido com a CSA.

Foi isso o que ele quis dizer sobre se colocar na obra de arte? Se for preciso agir assim, não sei, realmente não sei se estou interessada.



Em nenhuma hipótese voltarei para o estúdio onde o furioso Guillermo está espancando um inocente homem de argila ou ao pátio onde as furiosas vovó e mamãe estão querendo me espancar, então subo a escada. Sei que Oscar saiu porque ouvi a moto dele há mais de uma hora.

O loft é menor do que eu imaginava. Na verdade, é apenas o quarto de um cara. Há buracos de pregos e tachinhas nas paredes, dos quais imagens e pôsteres foram removidos. As estantes de livros foram saqueadas. No armário, umas poucas camisas. Há ainda uma mesa com um computador e uma espécie de impressora, talvez para fotografias. Uma escrivaninha. Aproximo-me da cama desfeita onde ele esperava sonhar com a mãe mais cedo.

É uma confusão de lençóis marrons, um cobertor mexicano, um travesseiro infelizmente murcho dentro de uma fronha gasta. A cama de um menino aparentemente solitário. Não consigo me conter e, apesar das advertências, dos espíritos, dos boicotes frágeis e das exalações desastrosas que destroem meninas, deito-me na cama, apoio a cabeça no travesseiro de Oscar e absorvo o cheiro fraco dele: picante, ensolarado, maravilhoso.

Oscar não tem em si o cheiro da morte.

Cubro-me até os ombros com o cobertor dele e fecho os olhos, vendo o rosto dele, o jeito desesperado como ele me olhou hoje ao contar o que aconteceu com sua mãe. Ele estava tão sozinho naquela história. Respiro-o, toda encolhida no lugar onde ele sonha, a ternura me esmagando. E entendo por que ele se fechou daquele jeito. Claro que entendo.

Abrindo os olhos, vejo que, na mesinha de cabeceira, há um porta-retrato com a imagem de uma

mulher de longos cabelos grisalhos e chapéu branco. Ela está sentada numa cadeira num jardim, um copo de bebida na mão. Há suor no copo. O rosto dela é curtido pelo sol e tem os mesmos traços de Oscar. Ela está rindo e de alguma forma sei que tem a mesma risada leve dele.

— Perdoe-o — digo para a mãe dele, sentando-me. Toco o rosto dela com o dedo. — Ele precisa do seu perdão agora.

Ela não responde. Ao contrário das minhas parentes mortas. Por falar nisso, o que me aconteceu lá fora? Foi como esculpir minha própria psique. A psicóloga disse que espíritos — ela fazia aspas com os dedos — geralmente são manifestações de uma consciência culpada. Verdade. Ou às vezes uma profunda saudade. Verdade. Ela disse que o coração se sobrepõe à mente. Esperança e medo se sobrepõem à razão.

Depois que um ente querido morre, você tem que cobrir todos os espelhos da casa para que o espírito do falecido possa subir — do contrário, ele ficará preso para sempre no mundo dos vivos.

(Nunca contei isso a ninguém, mas, quando a mamãe morreu, não apenas não cobri os espelhos como fui à farmácia e comprei dezenas de espelinhos de bolso. Espalhei os espelinhos pela casa, querendo que o espírito dela ficasse com a gente, querendo muito.)

Não sei se invento os espíritos ou não, só sei que não quero pensar no que elas acabaram de me dizer, então começo a ler os títulos dos livros empilhados ao lado da cama de Oscar. Na maior parte, livros de história da arte, alguns de religião, romances. Há um trabalho saindo do miolo de um dos livros. Eu o removo. O título é “O Impulso Arrebatador do Artista”, e no canto da folha se lê:

Oscar Ralph

Professor Hendricks

HA 105

Lost Cove University

Levo o trabalho ao peito. Minha mãe lecionava HA 105. É o curso introdutório de história da arte para calouros. Se ela não tivesse morrido, teria conhecido Oscar, lido o trabalho dele, dado nota, conversado com ele em seu gabinete. Ela teria adorado o tema do texto: “O Impulso Arrebatador do Artista”. Isso me lembra Noah. Ele com certeza tinha um impulso arrebatador. Geralmente não me sinto segura ao pensar em como ele amava uma cor ou um esquilo ou até o ato de escovar os dentes. Vou até a última folha do trabalho, onde encontro um enorme 10 circulado em vermelho, com um comentário: *Argumento extremamente interessante, Sr. Ralph!* E é então que o sobrenome de Oscar desperta minha consciência. Oscar *Ralph*. Sobrenome, prenome, quem se importa? Oscar é Ralph! *Encontrei Ralph*. Começo a rir. É um sinal. É o destino. É um milagre, vovó! É Clark Gable sendo muito engraçado.

Levanto-me, sentindo-me muito melhor — encontrei Ralph! —, e espio pelo parapeito do loft para ter certeza de que Guillermo não está na sala de correspondência me ouvindo rir aqui sozinha. Então vou até a escrivaninha porque, pendurada na cadeira, está a jaqueta de Oscar. Coloco a mão no bolso e... nenhuma carta de amor. O que significa que ele a pegou. O que me revira o estômago.

Visto a jaqueta e é como se estivesse no colo dele; entrego-me totalmente ao abraço pesado dele, o cheiro, quando olho na escrivadinha e *me* vejo. Por todos os cantos. Fotografias e mais fotografias enfileiradas, alguns bilhetinhos amarelos nelas, outras sem nada. O ar começa a vibrar.

Sobre todas as fotografias, lê-se num bilhetinho amarelo: *A Profecia*.

A primeira foto é de um banco vazio na igreja onde nos conhecemos. No bilhete, lê-se: *Ela disse que eu a conheceria numa igreja. Se bem que ela provavelmente disse isso para eu ir à igreja. Eu insistia em voltar à igreja da fotografia, só para encontrar bancos vazios.*

A segunda fotografia é de mim sentada no mesmo banco da imagem anterior. O bilhete diz: *Então um dia os bancos não estavam vazios. Só que mal me reconheço. Pareço, sei lá, esperançosa. E não me lembro de sorrir para ele desse jeito. Não me lembro de sorrir para ninguém desse jeito em toda a minha vida.*

A fotografia seguinte também é daquele dia. No bilhete, lê-se: *Ela disse que eu saberia imediatamente, porque você brilharia como um anjo. Sim, ela estava completamente dopada de analgésicos, como eu — como lhe disse —, mas você brilhava. Olhe só para você! Olho para mim como ele me viu através de sua câmera e novamente mal reconheço aquela menina. Vejo uma moça muito entorpecida. Não entendo. Eu o conhecia fazia poucos minutos.*

A terceira foto também é de mim, tirada no mesmo dia, mas antes de eu dizer que ele podia tirar fotos minhas. Oscar devia ter tirado a foto às escondidas. A imagem é de quando levei o dedo aos lábios, silenciando-o, e minha risadinha é tão maliciosa quanto a dele. O bilhete diz: *Ela disse que você seria estranha. Ele desenhou uma risadinha no papel. Perdoe-me, não quis ofender, mas você é mesmo bizarra.*

Ah! Ele usou a tática do *não quero ofender, mas* comigo, à inglesa.

É como se a câmera dele tivesse encontrado outra menina, a menina que eu queria poder ser.

A fotografia seguinte é de mim, tirada hoje na sala de correspondência, conversando com a vovó Sweetwine, falando sozinha. Não dá para negar que o lugar está completamente vazio, que estou sozinha e abandonada. Engulo em seco.

Mas o bilhete diz: *Ela disse que você me pareceria muito íntima.*

Então ele veio aqui para imprimir as fotografias e escreveu estas mensagens depois de me deixar sozinha lá embaixo? Ele deve ter desejado me dizer todas essas coisas ao fugir como se pisasse em brasa.

Se você sonhar que está tomando banho, vai se apaixonar.

Se você tropeçar ao subir uma escada, vai se apaixonar.

Se você entrar no quarto de alguém e encontrar incontáveis imagens suas com lindos bilhetinhos nelas, vai se apaixonar.

Sento-me, sem acreditar direito nisso tudo, sem acreditar que ele pode gostar de mim também.

Pego a última foto da série. É de nós dois, nos beijando. Sim, nos beijando. Ele desfocou o fundo e acrescentou cores a todas as coisas ao nosso redor, como se fôssemos... exatamente como o casal naquele quadro! Como ele fez isso? Deve ter usado a foto que tirou de mim beijando minha mão e depois a manipulou numa foto de si mesmo.

O bilhete nesta fotografia diz: *Você perguntou como seria. É assim que seria será. Não quero que sejamos apenas amigos.*

Nem eu.

Conhecer sua alma gêmea é mesmo como entrar numa casa que você conhece bem. Realmente, reconheço tudo. Posso mesmo me localizar no escuro. A bíblia é ótima.

Pego a fotografia do beijo. Vou levá-la ao La Lune e lhe dizer que também não quero que sejamos apenas amigos...

Então ouço passos na escada, altos e apressados, misturados a gargalhadas. Ouço Oscar dizendo:

— Adoro quando eles estão com funcionários demais. O capacete extra está aqui em cima. E você pode usar minha jaqueta. Vai fazer frio sobre a motocicleta.

— Estou tão feliz por estarmos finalmente saindo juntos. — É a voz de uma menina. Não a Sophia da Transilvânia. Ah, não, por favor. Algo no meu peito desaba. E tenho um segundo para tomar uma decisão. Opto por agir como num filme ruim, entrando no armário e ficando quietinha antes de as botas de Oscar entrarem no quarto. Não gosto nada do jeito como essa menina diz *saindo juntos*. Nem um pouco. Certamente foi uma metáfora para *namorar*. Com certeza metáfora para beijá-lo na boca, nos olhos fechados, nas cicatrizes, na tatuagem do belo cavalo azul.

Oscar: Eu podia jurar que deixei minha jaqueta aqui.

Menina: Quem é ela? Ela é linda.

Mexendo nas coisas. Ele está escondendo as fotos de mim?

Menina (*com a voz apertada*): Ela é sua namorada?

Oscar: Não, não. Ela não é ninguém. É só um projeto da faculdade.

Facada no peito.

Menina: Tem certeza? São muitas fotos de uma só menina.

Oscar: Sério, ela não é ninguém mesmo. Ei, venha cá. Sente-se no meu colo.

Venha cá, sente-se no meu colo?

Eu disse que foi uma facada? Foi um golpe de picador de gelo!

Desta vez tenho certeza de que não há rosquinha alguma envolvida nos sons de intimidade que ouço. Desta vez também tenho quase certeza de que não estou confundindo amizade com romance, como no caso de Sophia. Não entendo. Como é possível que o mesmo cara que tirou essas fotos de mim e escreveu esses bilhetinhos esteja se amassando com outra menina do outro lado desta porta? Ouço-o mencionar o nome Brooke entre suspiros. Que inferno! Isso tem que ser uma vingança cármica da última vez que estive num armário onde não deveria ter entrado.

Não posso ficar aqui.

A menina-que-não-é-ninguém abre a porta do armário. A outra menina se levanta do colo de Oscar como uma gata enlouquecida. Ela tem cabelos castanhos compridos e olhos amendoados que se arregalam ao me ver. Ela está abotoando a camisa com dedos apressados.

— CJ? — grita Oscar. Há manchas de batom por toda parte de baixo do seu rosto. Novamente. — O que você está fazendo aqui? Aí dentro? — Claro que é uma pergunta válida. Mas infelizmente perdi a capacidade de falar. E, acredito, de me mover também. Sinto-me presa a esta situação horrível como um inseto morto. Os olhos dele correm para o meu peito. Percebo que estou segurando a fotografia dele me beijando. — Você viu! — diz ele.

— Não é ninguém, hein? — a menina chamada Brooke diz, pegando a bolsa do chão e pendurando-a no ombro, preparando-se, parece, para uma saída rápida e furiosa.

— Espere! — diz Oscar para ela, mas depois volta a olhar para mim. — O bilhete do G.? — diz ele, alguma coisa transparecendo no seu rosto. — Você o colocou no bolso da minha jaqueta?

Não havia passado pela minha cabeça que ele reconheceria a letra de Guillermo, mas claro que reconheceu.

— Que bilhete? — consigo dizer. Então, falo com a menina. — Sinto muito. Mesmo. Só estava, ah, não sei o que estava fazendo aqui, mas não há nada entre nós dois. Nada mesmo. — Descubro que minhas pernas estão funcionando o suficiente para me levar escada abaixo.

Estou no meio da sala de correspondência quando ouço Oscar lá de cima.

— Procure nos outros bolsos. — Não me viro, simplesmente sigo pelo corredor, pela porta, até a calçada, ofegante, enjoada. Subo a rua com as pernas tão fracas e hesitantes que nem acredito que elas estão me carregando. Então, depois de andar por um quarteirão, jogando toda a dignidade ao vento, começo a verificar os bolsos da jaqueta, sem encontrar nada além de um invólucro de filme fotográfico, embrulhos de doces, uma caneta. A não ser que... Passo a mão pelo interior da jaqueta e encontro um zíper. Abro-o, enfio a mão e de lá tiro um pedaço de papel cuidadosamente dobrado. Parece que está ali há algum tempo. Abro-o. É uma cópia colorida de uma daquelas fotos de mim na igreja. Aquela com o sorrisinho malicioso. Ele a guarda consigo?

Mas espere aí. Isso importa? Não. Não importa se ele escolheu ficar com outra pessoa, ficar com ela logo depois de ter escrito aqueles bilhetes maravilhosos para mim, logo depois do que aconteceu entre nós no chão da cela de cadeia — não que eu saiba o que aconteceu, mas algo aconteceu, alguma coisa real, as risadas e o silêncio intenso, quando tive a sensação de que podia haver uma janela em algum lugar que de alguma forma nos libertasse. Realmente senti.

E então: *Não é ninguém. E: Venha cá, sente-se no meu colo.*

Eu o imagino inalando Brooke, inalando meninas e mais meninas, como Guillermo disse, como ele fez comigo, para que agora ele possa exalar e me soprar em pedacinhos.

Sou tão estúpida.

Eles realmente escrevem histórias de amor para meninas com corações negros. É algo parecido com isso.

Não estou nem a um quarteirão de distância — a imagem amassada na minha mão — quando ouço alguém atrás de mim. Viro-me, certa de que é Oscar, odiando a lufada de esperança no meu peito, só para encontrar Noah: olhos arregalados, insano, sem travas em si, petrificado, parecendo que tem algo para me dizer.

NOAH | 13 ANOS A 14 ANOS

No dia seguinte à volta de Brian para o colégio interno, entro no quarto de Jude enquanto ela toma banho e vejo uma conversa no computador.

Spaceboy: *Pensando em você.*

Rapunzel: *Eu também.*

Spaceboy: *Venha aqui agora mesmo.*

Rapunzel: *Ainda não aperfeiçoei o teletransporte.*

Spaceboy: *Vou embarcar nisso.*

Tenho um ataque de raiva. Ninguém nota.

Eles estão apaixonados. Como abutres. E cupins. Sim, pombas e cisnes não são os únicos animais monogâmicos. Cupins horríveis, lambedores de privada, e abutres comedores de carniça também são.

Como ela pôde fazer isso? E ele também?

É como ter explosivos consigo o tempo todo, é assim que me sinto. Não acredito que, ao tocar as coisas, elas não explodam em pedacinhos. Não acredito que estava tão enganado!

Eu pensava que, sei lá, pensava errado.

Tão errado.

Faço o que posso. Transformo todos os rabiscos de Jude que encontro pela casa numa cena de assassinato. Uso as piores mortes em seu ridículo joguinho do Como Você Prefere Morrer? Uma menina jogada da janela, esfaqueada, afogada, enterrada viva, estrangulada pelas próprias mãos. Não economizo nos detalhes.

Também coloco lesmas nas meias dela.

Mergulho sua escova de dentes na privada. Todas as manhãs.

Derramo vinagre no copo de água ao lado da cama dela.

Mas o pior é que, durante os minutos em que não ajo como um psicopata, sei que isso tem a ver com Brian. *Eu lhe daria meus dez dedos. Eu lhe daria qualquer coisa.*

(Autorretrato: *Menino Remando Enlouquecidamente para Voltar no Tempo.*)

Uma semana se passa. Duas. A casa cresce tanto que levo horas para ir do meu quarto para a cozinha e voltar, tão grande que nem mesmo com um binóculo consigo ver Jude do outro lado da mesa ou da sala. Acho que nossos caminhos jamais se cruzarão novamente. Quando ela tenta conversar comigo, ignorando os quilômetros e quilômetros de traição que nos separam, coloco fones como se estivesse ouvindo música, sendo que na verdade eles estão ligados à minha mão no bolso.

Não quero falar com ela nunca mais, e deixo isso muito claro. A voz dela é estática. Ela é estática.

Penso que a mamãe vai perceber que estamos em guerra e agirá como as Nações Unidas, como fez no passado, mas ela não faz nada disso.

(Retrato: *Mãe Desaparecida.*)

Então, certa manhã, ouço vozes no corredor. O papai está conversando com uma menina que não é Jude, que eu rapidamente reconheço ser *Heather*. Mal lhe dei atenção desde o que aconteceu entre a gente no armário. Aquele horrível beijo de mentira. *Desculpe, Heather*, digo mentalmente ao sair em silêncio pela janela, *desculpe, desculpe mesmo*, erguendo a janela sem fazer barulho. Saio, caindo em segurança sob o peitoril e ouvindo a batida na minha porta e o papai chamando meu nome. Só consigo pensar em fazer isso.

Já na colina, um carro passa perto de mim e tenho vontade de pedir carona. Porque eu viajaria de carona para o México ou o Rio como um artista de verdade. Ou para Connecticut. Sim. Simplesmente apareceria onde Brian está naquele dormitório — *no banheiro cheio de caras nus molhados*. O pensamento surge de lugar nenhum, e todos os explosivos são acionados ao mesmo tempo. É pior do que pensar nele e Jude no armário. E melhor. E muito pior.

Quando surjo em meio ao cogumelo nuclear do pensamento, reduzido a cinzas, estou na CSA. Meus pés de alguma forma chegaram aqui sozinhos. As aulas de verão terminaram há mais de duas semanas e vários estudantes estão voltando. Eles parecem pichações extremamente ativas. Observo-os tirarem malas, portfólios e caixas dos carros, abraçarem seus pais, que se olham com olhos que dizem: *Talvez não seja uma boa ideia*. Absorvo tudo. As meninas com cabelos azuis, verdes, vermelhos, roxos desaparecem nos braços umas das outras. Dois caras altos estão encostados contra uma parede, fumando, rindo e irradiando popularidade. Um grupo confuso com dreads que parecem ter saído de uma secadora. Um cara passando por mim com um bigode num lado do rosto e uma barba no outro. *Tão incrível*. Eles não apenas fazem arte; eles são arte.

Lembro-me, então, da conversa que tive com o inglês nu na festa e decido guiar meus restos queimados numa missão de reconhecimento às planícies interiores de Lost Cove, onde ele disse que o escultor maluco tinha um estúdio.

Em pouco tempo, alguns segundos mais tarde, talvez — porque tentar não pensar em Brian me transformou num andarilho velocíssimo —, estou diante da Day Street, 225. É um enorme armazém e a porta está entreaberta, mas claro que não vou conseguir entrar, vou? Não. Nem mesmo trouxe meu bloco de desenho. Mas quero fazer alguma coisa, tenho que fazer alguma coisa. *Como beijar Brian*. A ideia me assola e eu não consigo me livrar dela. Claro que deveria ter tentado. Mas e se ele me desse um soco? Abrisse meu crânio com um meteorito? Ah, mas e se não fizesse nada disso? E se ele me beijasse também? Afinal, eu o vi me encarando algumas vezes, quando ele achava que eu não estava prestando atenção nele. Eu estava, sim, prestando atenção nele.

Estraguei tudo. Sim. Deveria tê-lo beijado. Um beijo, depois poderia morrer. Bem, espere, de jeito nenhum, se fosse para morrer, eu ia querer mais do que só um beijo. Muito, muito mais. Estou suando. E excitado. Sento-me na calçada, tento respirar, só respirar.

Pego uma pedrinha e a jogo na rua, tentando imitar o movimento biônico do pulso de Brian, e, depois de três tentativas patéticas, meus pensamentos mudam completamente. Havia uma cerca elétrica entre nós dois. Ele a ergueu. Ele a manteve erguida. Ele queria Courtney. E quis *Jude* desde que a viu pela primeira vez. Eu só não quis acreditar. Brian é um babaca popular que gosta de meninas. Ele é o gigante vermelho. Sou o anão amarelo. Fim.

(Autorretrato: *Todos Vivem Felizes para Sempre, Exceto o Anão Amarelo.*)

Ignoro isso, tudo isso. Só me importo com os mundos que sei criar, não com este mundo insuportável no qual tenho de viver. Nos mundos que crio, tudo pode acontecer. *Qualquer coisa*. E, se — quando — eu entrar na CSA, vou aprender a representá-los no papel quase tão bem quanto na minha mente.

Levanto-me, de repente percebendo que posso escalar a escada de incêndio que sobe pela lateral do galpão. Ela leva a um patamar onde há várias janelas, que devem ter vista para alguma coisa. Só preciso pular a cerca sem que ninguém me veja. Bem, por que não? Jude e eu costumávamos pular várias cercas para podermos visitar cavalos ou vacas ou bodes ou certa árvore, um medronheiro, com a qual nos casamos aos cinco anos (Jude também foi o sacerdote).

Olho para cima e para baixo na rua tranquila. Vejo ao longe as costas de uma mulher aparentemente idosa usando um vestido colorido... e que pode realmente estar flutuando. Pisco os olhos — ela ainda está flutuando e parece que está descalça por algum motivo. Ela está entrando numa igrejinha. Que seja. Depois que ela entra na igreja, cruzo a rua, e fácil e agilmente pulo a cerca. Caio num beco e subo cuidadosamente a escada de incêndio, tentando não fazer ranger o metal antigo, feliz por existir uma espécie qualquer de obra por perto, que abafa qualquer barulho que eu esteja fazendo. Chego ao patamar e dou a volta no prédio, percebendo que o som que ouço não vem de uma construção por perto, e sim do pátio embaixo, onde acredito que o apocalipse acabou de acontecer, porque, uau: é aquela cena depois que os alienígenas lançaram um ataque químico contra a Terra. Por todo o jardim, há equipes de resgate com trajes anticontaminação, máscaras e óculos de proteção, as pessoas usando brocas e serras circulares, emergindo e desaparecendo numa nuvem branca enquanto atacam rochas. É um estúdio de pedraria? Essas pessoas são escultoras? O que Michelangelo pensaria disso? Observo e observo e, quando a poeira abaixa, vejo três enormes pares de olhos me fitando.

Fico sem ar. Do outro lado do pátio, três enormes monstros-homens de pedra me encaram.

E eles estão *respirando*. Juro.

Minha ex-irmã Jude ficaria louca. A mamãe também.

Preciso me aproximar deles, penso, quando um homem alto de cabelos pretos sai de trás de uma parede que está tombada como uma porta de garagem. Ele está conversando com algum sotaque ao telefone. Vejo-o jogar a cabeça para trás, totalmente feliz, como se estivesse ouvindo alguém lhe dizer que pode escolher as cores de todos os pores do sol a partir de hoje, ou que Brian está

esperando por ele no quarto, nu. Está praticamente dançando ao redor do telefone, depois ri uma risada tão feliz que estoura um bilhão de balões no ar. Esse deve ser o artista maluco, e os assustadores monstros-homens de granito diante de mim devem ser sua obra de arte insana.

— Vamos logo — diz, a voz tão alta quanto ele. — Vamos, meu amor. — Então beija dois dedos e toca o telefone, antes de guardá-lo no bolso. Um movimento macho, certo? Mas não quando ele fez isso, acredite. Agora ele está de costas para o pátio, olhando um pilar, a testa tocando-o. Ele está sorrindo para o concreto como um lunático, mas só eu sei disso, por conta do meu ponto de vista privilegiado. Parece que ele daria todos os seus dez dedos também. Depois de alguns minutos, ele sai do seu delírio e eu tenho a primeira visão clara de seu rosto. O nariz é como um navio emborcado, a boca vale por três, o queixo e as bochechas são pesados como uma armadura e os olhos têm todas as cores do arco-íris. Seu rosto é uma sala cheia de móveis enormes. Tenho vontade de desenhá-lo imediatamente. Observo enquanto ele analisa a cena apocalíptica diante de si, depois ergue os braços como um maestro e, num segundo, todas as ferramentas silenciam.

Assim como os pássaros, os carros. Na verdade, não consigo ouvir nem o vento soprar, o zumbido de uma mosca, uma palavra da conversa. Não consigo ouvir *nada*. É como se alguém tivesse apertado o botão “mute” no mundo todo, porque esse homem está prestes a falar.

Seria ele Deus?

— Falo muito sobre coragem — diz ele. — Digo para vocês que esculpir não é para covardes. Covardes mexem com argila, certo?

Toda a equipe de resgate ri.

Ele para, risca um palito de fósforo numa coluna. Ele pega fogo.

— Estou lhes dizendo, vocês têm que se arriscar no meu estúdio. — Ele encontra um cigarro atrás da orelha e o acende. — Digo para vocês não serem tímidos. Digo que vocês têm que fazer escolhas, errar, cometer erros enormes, terríveis, imperdoáveis, realmente estragar tudo. Digo que é a única maneira.

Um murmúrio de concordância.

— Digo isso, sim, mas ainda assim vejo que muitos de vocês têm medo de esculpir. — Ele começa a andar lentamente, como um lobo, que com certeza é o animal mais parecido com ele. — Vejo o que vocês fazem. Quando vocês foram embora ontem, estudei trabalho por trabalho. Vocês talvez se sintam como Rambo com as brocas, as serras. Fazem muito barulho, muito pó, mas poucos de vocês aprenderam isso... — ele mostra dois dedos juntos — ... com suas esculturas. Hoje tudo isso muda.

Ele se aproxima de uma menina baixinha de cabelos loiros.

— Posso, Melinda?

— Por favor — diz ela. Vejo quanto ela está vermelha aqui de cima. Está completamente apaixonada por ele. Vejo as expressões nos rostos dos outros que se reuniram ao redor deles e percebo que todos estão apaixonados, homens e mulheres.

(Retrato, paisagem: *Um Homem numa Escala Geográfica.*)

Ele traga demoradamente seu cigarro, depois o joga quase sem fumar no chão e pisa na bituca. E sorri para Melinda.

— Encontramos sua mulher, hein?

Ele estuda o modelo em argila ao lado de uma pedra enorme, fecha os olhos e passa os dedos sobre a superfície da escultura. Faz o mesmo com a pedra ao lado, examinando-a com as mãos, ainda de olhos fechados.

— Certo — diz, pegando uma broca de uma mesa. Sinto a ansiedade dos alunos quando ele, sem hesitar, abre caminho pela rocha. Em pouco tempo uma nuvem de poeira se forma e não consigo mais ver nada. Preciso me aproximar. Digo, chegar bem mais perto. Acho que preciso viver nos ombros desse homem como um papagaio.

Quando o barulho cessa e a poeira abaixa, todos os alunos começam a aplaudir. Na pedra se veem as costas curvas de uma mulher idêntica à do modelo em argila. É inacreditável.

— Por favor — diz ele. — Voltem ao trabalho. — Ele entrega a broca para Melinda. — Você encontrará o restante dela agora.

Ele passa de aluno a aluno, às vezes sem dizer nada, às vezes elogiando.

— Sim! — grita ele para alguém. — Você conseguiu. Olhe só este seio. É o seio mais lindo que já vi! — O menino abre um sorriso e o artista o acaricia na cabeça como um pai orgulhoso. Alguma coisa aperta meu peito.

Para outro aluno, ele diz:

— Muito bem. Agora é hora de esquecer tudo o que eu disse. Agora você deve ir devagar. Bem, bem devagar. Acaricie a pedra. Faça amor com ela, mas com cuidado, cuidado, cuidado, entendeu? Use os cinzéis, nada mais. Um movimento errado e você arruinará tudo. Sem pressão. — E faz a mesma carícia na cabeça.

Quando parece chegar à conclusão de que ninguém precisa dele, ele volta para dentro. Sigo-o, indo até o outro lado do patamar, onde estão as janelas, virado de lado para ver sem ser visto. Lá dentro, há mais gigantes de pedra. E, do outro lado do estúdio, três mulheres nuas, com mantos vermelhos finos escondendo os corpos, trabalham como modelos numa plataforma cercada por um grupo de alunos que as desenham.

Nada do inglês nu.

Observo o artista ir de aluno a aluno, de pé atrás de cada um deles, analisando o trabalho com um olhar frio. Fico tenso, como se ele estivesse analisando meus desenhos. Ele não está nada feliz. De repente, ele bate as mãos e todos param de desenhar. Pela janela ouço palavras abafadas, enquanto ele se anima cada vez mais e suas mãos voam como sapos alados malásios. Quero saber o que ele está dizendo. *Preciso* saber.

Por fim, todos voltam a desenhar. Ele pega um lápis e uma folha de uma mesa e se junta a eles, dizendo o seguinte tão alto e com tanta vontade que ouço pela janela:

— Desenhem como se isso fosse a coisa mais importante, pessoal. Sem perda de tempo, sem nada

a perder. Estamos reconstruindo o mundo, nada menos do que isso, entendem?

Exatamente como a mamãe diz. E, sim, eu entendo. Meu coração dispara. Entendo *completamente*.

(Autorretrato: *Menino Recria o Mundo Antes que o Mundo Recrie o Menino*.)

Ele se senta e começa a desenhar com o grupo. Nunca vi nada parecido com o jeito como sua mão sobe e desce pela folha, o jeito como seus olhos parecem absorver cada pedacinho das modelos que posam diante dele. Sinto o estômago na boca ao tentar entender o que ele está fazendo, ao estudar como ele segura o lápis, como ele é o lápis. Nem mesmo preciso ver seu bloco de desenho para saber que ele é um gênio.

Até então eu não sabia como era ruim. Quanto ainda tinha que evoluir. Posso muito bem não entrar na CSA. O Tabuleiro Ouija tinha razão.

Tropeço na escada de incêndio, zozzo, perdido. Numa fração de segundo, vi tudo o que eu poderia ser, tudo o que quero ser. E tudo o que não sou.

A calçada sobe e eu desço. Não tenho nem quatorze anos, digo para mim mesmo. Tenho anos e anos para me tornar bom. Mas aposto que Picasso já era muito bom na minha idade. No que andei pensando? Sou péssimo. Nunca entrarei na CSA. Estou tão envolto neste diálogo horrível na minha cabeça que quase passo sem notar o carro vermelho estacionado diante do estúdio, o carro que se parece com o da mamãe. Mas não pode ser. O que ela poderia estar fazendo ali? Olho a placa — é mesmo o carro da mamãe. Dou meia-volta. Não só é o carro da mamãe como a mamãe está dentro dele, inclinada sobre o banco do carona. O que ela está fazendo?

Bato na janela.

Ela se levanta, mas não parece tão surpresa em me ver quanto eu estou em vê-la. Ela não parece nem um pouco surpresa, na verdade.

Ela desce a janela e diz:

— Você me assustou, querido.

— O que você estava fazendo deitada daquele jeito? — pergunto, em vez de fazer a pergunta mais óbvia: o que você está fazendo aqui?

— Deixei cair uma coisa. — Ela parece estranha. Seus olhos estão brilhando demais. Há suor sobre sua boca. E ela está vestida como uma vidente, com um véu lilás no pescoço e um vestido amarelo com um cinto vermelho. Em seus pulsos há braceletes coloridos. Exceto quando usa um dos Vestidos Flutuantes da Vovó, ela geralmente se veste como se estivesse num filme em preto e branco, não num circo.

— O quê? — pergunto.

— O quê o quê? — pergunta ela, confusa.

— O que você deixou cair?

— Ah, meu brinco.

Suas duas orelhas estão com brincos. Ela percebe que noto isso.

— Outro brinco; eu queria trocar o par.

Faço que sim, certo de que ela está mentindo para mim, certo de que ela me viu e estava se escondendo de mim e por isso é que ela não pareceu surpresa em me ver. Mas por que ela se escondeu de mim?

— Por quê? — pergunto.

— Por quê o quê?

— Por que você quis trocar de brinco?

Precisamos de um tradutor. Nunca precisei de um tradutor com a mamãe antes.

Ela suspira.

— Não sei, eu simplesmente quis. Entre, querido. — Ela diz isso como se tivéssemos planejado o tempo todo que ela fosse me pegar aqui. É tão estranho.

A caminho de casa, o carro é uma caixa de tensão e eu não sei por quê. Demoro dois quarteirões para perguntar o que ela estava fazendo naquela parte da cidade. Ela me disse que há uma lavanderia ótima na Day Street. E há cinco lavanderias mais perto de casa, não digo. Mas ela ouve mesmo assim, porque explica:

— Era um dos vestidos que a vovó fez para mim. Meu preferido. Eu queria ter certeza de que ele estaria em boas mãos, sob os melhores cuidados, e essa lavanderia é a melhor. — Procuo pelo recibo que geralmente fica preso ao painel. Nada. Mas talvez esteja na bolsa. Acho que pode ser verdade.

São necessários outros dois quarteirões para ela dizer o que deveria ter dito imediatamente:

— Você está bem longe de casa.

Digo que saí para caminhar e acabei ali, sem querer lhe contar que pulei a cerca, subi pela escada de incêndio e encontrei um gênio que deixou muito claro que ela está errada quanto a mim e meu talento.

Ela está prestes a me questionar, percebo, mas então seu telefone vibra no colo. Mamãe olha o número e aperta o botão para ignorar a chamada.

— Trabalho — diz, olhando para mim. Eu não sabia que ela transpirava tanto assim. Há manchas escuras no tecido amarelo sob os braços dela, como se ela fosse um pedreiro.

Ela belisca meu joelho ao passarmos pelos prédios da CSA, que agora conheço tão bem.

— Em breve — diz ela.

Então, tudo se esclarece. Ela me seguiu. Ela estava preocupada comigo porque eu estava agindo como um caranguejo-eremita. Nenhuma outra explicação faz sentido. E ela se escondeu e mentiu para mim sobre a lavanderia porque não queria que eu ficasse com raiva por ela ter me espiado e invadido minha privacidade. Relaxo com essa explicação.

Até ela dobrar na segunda rua, em vez da terceira à esquerda, já perto do topo da colina, e estacionar. Fico olhando sem acreditar enquanto ela sai do carro, dizendo:

— Você não vem?

Mamãe está quase na porta da casa, com a chave na mão, quando percebe que está prestes a entrar em outra casa, onde outra família vive.

(Retrato: *Mamãe Sonâmbula em Outra Encarnação.*)

— Onde é que estou com a cabeça? — pergunta ela ao voltar para o carro. Isso seria engraçado, deveria ser, mas não é. Algo está errado. Sinto isso em todo o meu ser, mas não sei o que é. Ela não liga o motor. Ficamos ali na entrada da casa da outra família, em silêncio, olhando para o oceano, onde o sol abriu seu caminho reluzente até o horizonte. Parece que há estrelas na água e eu quero caminhar sobre elas. É uma droga que só Jesus possa caminhar sobre a água. Estou prestes a dizer isso para a mamãe quando percebo que o carro está cheio de uma tristeza espessa e pesada, uma tristeza que não é a minha. Não sei por que ela está tão triste. Talvez tenha sido por isso que ela não tenha notado que Jude e eu nos divorciamos.

— Mamãe? — digo; minha garganta de repente está tão seca que isso sai como um grasnado.

— Tudo vai se resolver — diz ela, rápida e tranquilamente, antes de dar a partida no motor. — Não se preocupe, querido.

Penso em todas as coisas horríveis que aconteceram da última vez que ela me disse para não me preocupar, mas faço que sim do mesmo jeito.



O fim do mundo começa com chuva.

Setembro passa, depois outubro. Em novembro, nem o papai consegue aguentar, o que significa que está chovendo dentro e fora da casa. Há panelas, potes e baldes por todos os cantos.

— Quem diria que precisávamos de um telhado novo? — resmunga o papai para si mesmo repetidas vezes, como um mantra.

(Retrato: *Papai Equilibrando a Casa na Cabeça.*)

Isso depois de toda uma vida substituindo as pilhas antes que as lanternas estragassem, lâmpadas antes que tudo se apagasse. *Nunca é demais se preparar, filho.*

Mas depois de muito observar concluo que não está chovendo na mamãe. Eu a encontro na varanda fumando (ela não fuma), como se estivesse sob um guarda-chuva invisível, sempre com o telefone no ouvido, sem dizer nada, só balançando e sorrindo como se alguém estivesse tocando sua música do outro lado da linha. Eu a encontro zunindo (ela não zune) e cantarolando (ela não cantarola) pela casa, na rua, na praia, com suas roupas e pulseiras novas de circo, seu raio de sol particular envolvendo-a, enquanto nós nos agarramos às paredes e aos móveis para não sermos levados pelas águas.

Eu a encontro no computador, onde deveria estar escrevendo um livro, mas em vez disso está olhando para o teto como se ele estivesse cheio de estrelas.

Eu a encontro e a encontro e a encontro, mas não consigo realmente encontrá-la.

Tenho que chamá-la três vezes antes que ela ouça. Tenho que dar um soco na parede quando entro no escritório dela ou chutar uma cadeira na cozinha antes que ela note que alguém se juntou a ela no ambiente.

Ocorre-me, com uma preocupação cada vez maior, que uma implosão também pode ser uma explosão.

A única forma de tirá-la desse transe é falar sobre meu portfólio para a CSA, mas, como ela e eu já escolhemos as cinco imagens que estou pintando a óleo com o Sr. Grady, não há muito que discutir até a grande revelação, e não estou pronto. Não quero que ela as veja antes que estejam finalizadas. Está quase lá. Tenho trabalhado nelas todos os dias durante o almoço e depois da escola, o outono todo. Não há entrevista nem nada, ser aceito se baseia praticamente apenas na sua obra. Mas, depois de ver aquele escultor desenhar, meus olhos foram trocados novamente. Agora às vezes posso jurar que vejo sons, o uivo verde-escuro do vento, o baque carmesim da chuva — todos esses sons-cores girando no meu quarto enquanto fico deitado na cama pensando em Brian. O nome dele, quando digo em voz alta: azul.

Em outras frentes, cresci mais de sete centímetros desde o verão. Se alguém ainda me provocar, posso chutá-lo para fora do planeta. Sem problema. E minha voz ficou tão grossa que a maioria dos humanos é incapaz de captá-la. Eu raramente a uso, só às vezes com Heather. Ela e eu, nós meio que estamos juntos novamente, agora que ela gosta de outro menino. Algumas vezes saí para correr com ela e seus amigos corredores. Foi legal. Ninguém se importa se você não fala muito quando está correndo.

Eu me transformei num silencioso King Kong.

Hoje, um King Kong muito preocupado e silencioso. Estou subindo a colina sob uma chuva torrencial com apenas uma coisa em mente. O que farei quando Brian voltar para o Natal e ficar com Jude?

(Autorretrato: *Sorvendo a Tristeza das Minhas Próprias Mãos.*)

Quando chego em casa, não vejo ninguém ali, como sempre. Jude raramente está em casa ultimamente — ela passou a surfar na chuva depois da escola com seus amigos surfistas da pesada — e, quando está em casa, está no computador conversando com Brian, isto é, Spaceboy. Li mais algumas das conversas deles. Numa delas ele menciona um filme — o filme a que estávamos assistindo quando ele segurou minha mão sob o encosto da poltrona! Quase vomitei.

Às vezes, à noite, sento-me contra a parede querendo arrancar minhas orelhas para não ouvir o barulhinho de outra mensagem dele por sobre o zumbido da máquina de costura dela.

(Retrato: *Irmã na Guilhotina.*)

Passeio pingando pela casa, uma nuvem carregada, chutando e virando um balde no quarto de Jude para que a água suja encharque seu carpete branco e com sorte o mofê, depois entro no meu quarto, onde fico surpreso ao encontrar o papai sentado na minha cama.

Não recuo nem nada. Por algum motivo, ele não me incomoda tanto ultimamente. É como se ele

tivesse bebido uma poção, ou talvez eu é que tenha bebido. Ou talvez seja porque estou mais alto. Ou talvez porque estamos os dois confusos. Acho que ele também não está conseguindo encontrar a mamãe.

— A tempestade te pegou? — pergunta ele. — Nunca vi nada parecido com essa chuva. Já é hora de construir a arca, não?

É uma piada muito repetida na escola. Não me importo. Adoro o Noé da Bíblia. Ele tinha quase 950 anos quando morreu. Ele sobreviveu com os animais. Ele recriou todo o mundo: uma tela em branco e infinitos tubos de tinta. Incrivelmente legal.

— Me surpreendeu completamente — digo, pegando uma toalha na cadeira da minha escrivaninha. Começo a secar os cabelos, esperando pelos inevitáveis comentários sobre o comprimento deles, mas ele não diz nada.

O que diz é:

— Você vai ser maior do que eu.

— Você acha? — A ideia é animadora. Vou ocupar mais espaço num ambiente do que o meu pai.

(Retrato, autorretrato: *Menino Salta de Continente a Continente com o Pai nos Ombros.*)

Ele faz que sim, arqueia as sobrancelhas.

— Na velocidade com que você está crescendo, parece mesmo que sim. — Ele observa o quarto como se tivesse fazendo um inventário, pôster a pôster de museu (eles praticamente cobrem toda a parede e teto), depois volta a olhar para mim e bate com as mãos nas coxas. — Então, achei que podíamos jantar juntos. Passar um tempo como pai e filho.

Ele deve ter percebido o horror na minha cara.

— Sem — ele faz aspas com os dedos — *conversas*. Prometo. Só uma gororoba. Preciso de um tempo homem a homem.

— Comigo? — pergunto.

— Quem mais? — Ele sorri e não há absolutamente nada de babaquice em seu rosto. — Você é meu filho.

Papai se levanta e vai até a porta. Estou feliz pela maneira como ele disse: *Você é meu filho*. Sinto que sou mesmo filho dele.

— Vou pegar um casaco — diz ele, referindo-se ao seu paletó, acho. — Quer?

— Se você quiser — digo, encantado.

Quem diria que o primeiro encontro da minha vida seria com meu próprio pai?

Percebo, ao vestir meu único paletó — a última vez que o usei foi no funeral da vovó Sweetwine —, que as mangas chegam mais perto dos meus cotovelos do que dos meus pulsos. Meu Deus, realmente sou o King Kong! Vou até o quarto da mamãe e do papai com a prova do meu gigantismo ainda em mim.

— Oh — diz o papai, dando uma risadinha. Ele abre o armário e de lá tira um blazer azul-escuro.

— Este deve servir, está um pouco largo em mim. — Ele bate em sua barriga inexistente.

Tiro meu paletó e visto o dele. Cai perfeitamente. Não consigo parar de sorrir.

— Eu te disse — diz ele. — Jamais pensaria em lutar com você, fortão.

Fortão.

A caminho da porta, pergunto:

— Onde está a mamãe?

— Aí você me pegou.

O papai e eu vamos a um restaurante perto do mar e nos sentamos à janela. A chuva escorre pelo vidro, distorcendo a vista. Meus dedos coçam para desenhar. Comemos carne. Ele pede um uísque, outro, e me deixa beber uns goles. Nós dois pedimos sobremesa. Ele não fala de esportes ou filmes ruins ou tirar a louça da máquina ou jazz. Ele fala sobre mim. O tempo todo. Diz que a mamãe lhe mostrou alguns dos meus desenhos, que esperava que tudo desse certo e que ficou impressionado. Diz que está empolgado com a minha entrada na CSA e que eles seriam idiotas se não me aceitassem. Ele fala que nem acredita que seu único filho homem seja tão talentoso e que nem consegue esperar para ver meu portfólio final. Diz que tem orgulho de mim.

Não estou mentindo sobre nada disso.

— Sua mãe acha que vocês dois serão aceitos.

Concordo com a cabeça, me perguntando se entendi errado. Pelo que eu saiba, Jude não ia se inscrever na ECA. Devo ter ouvido errado. O que ela submeteria?

— Você tem mesmo muita sorte — diz ele. — Sua mãe é tão apaixonada por arte. É contagioso, não? — Ele sorri, mas vejo que por dentro não está sorrindo nem um pouco. — Pronto para trocar?

Relutantemente, ergo minha bomba de chocolate para trocá-la pelo tiramisú dele.

— Noah, deixe para lá — diz o papai. — Vamos pedir mais dois. Quantas vezes fazemos isso?

Durante nossa segunda sobremesa, preparo-me para dizer que os parasitas, as bactérias e os vírus que ele estuda são tão legais quanto as pesquisas da mamãe sobre arte, mas depois concluo que isso soaria brega e apelativo, então me atenho ao meu bolo. Começo a imaginar as pessoas ao nosso redor pensando consigo mesmas: “Olhe lá aquele pai e filho jantando juntos, não é legal?”. Sinto-me envaidecido. O papai e eu. Amigos, agora. Chapas. *Manos*. Ah, sinto-me sobrenaturalmente bem — e faz tanto tempo —, tão bem que começo a falar como não falava desde que Brian foi embora. Falo sobre aqueles lagartos basiliscos que descobri que conseguem correr sobre a superfície da água; eles conseguem correr por vinte metros sem afundar. Então Jesus não era mesmo o único a conseguir isso.

Ele me diz que o falcão-peregrino alcança velocidades de 320 quilômetros por hora num mergulho. Arqueio a sobrancelha, num gesto educado de surpresa, mas, olá, quem é que não sabe disso?

Falo que girafas comem até trinta quilos de alimento por dia, dormem apenas meia hora e não são

os animais mais altos do mundo, mas têm a maior cauda entre os mamíferos terrestres e línguas com cinquenta centímetros.

Ele me conta sobre esses seres aquáticos microscópicos que estão pensando em enviar ao espaço porque podem sobreviver a temperaturas que vão desde 164° negativos a 150°C, suportam mil vezes mais radiação do que um ser humano e podem ressuscitar depois de dez anos desidratados.

Por um instante, quero virar a mesa porque não posso falar com Brian sobre os seres aquáticos no espaço, mas me contenho fazendo o papai adivinhar qual o animal mais mortal para os seres humanos e o surpreendendo depois de ele mencionar os suspeitos de sempre: hipopótamos, leões, crocodilos etc. É o mosquito transmissor da malária.

Nós nos revezamos citando fatos sobre animais, até que a conta chega. Nunca nos divertimos tanto juntos.

Enquanto ele está pagando a conta, digo:

— Não sabia que você gostava de programas sobre animais!

— Como assim? Por que você acha que *só você* gosta deles? Era só isso que nós dois fazíamos juntos quando você era criança. Não se lembra?

Eu Não Me Lembro.

Eu me lembro de *Neste mundo, é nadar ou se afogar, Noah*. Eu me lembro de *Aja como durão e você será durão*. Eu me lembro de cada olhar insuportável de decepção, de vergonha, de constrangimento. *Se a sua irmã gêmea não fosse tão parecida comigo, eu juraria que você tinha sido gerado por partenogênese*. Lembro-me dos 49ers, do Miami Heat, dos Giants, da Copa do Mundo. Mas não me lembro do Animal Planet.

Quando ele estaciona na garagem, vemos que o carro da mamãe não está ali. Ele suspira. Suspiro também. Como se o entendesse agora.

— Tive um sonho a noite passada — diz ele, desligando o motor. Não dá nenhum sinal de que vai sair do carro. Ajeito-me no banco. Somos amigões agora! — Sua mãe estava caminhando pela casa e, ao fazer isso, tudo caía das prateleiras e paredes: livros, quadros, enfeites, tudo. Só me restava segui-la pela casa, tentando guardar tudo no seu devido lugar.

— Você conseguiu? — pergunto. Ele me olha confuso. Esclareço: — Você conseguiu guardar tudo no lugar?

— Não sei — diz ele, dando de ombros. — Eu acordei. — Ele passa o dedo no volante. — Às vezes você acha que sabe das coisas, sabe muito, só para descobrir que não sabe porcaria nenhuma.

— Entendo totalmente o que você quer dizer, papai — digo, pensando no que aconteceu com Brian.

— Entende? Já?

Faço que sim.

— Acho que temos muito a conversar.

Sinto uma primavera em meu peito. Será que o papai e eu seremos íntimos? Como pai e filho de verdade? Como teria acontecido se eu tivesse me jogado do ombro dele naquele dia, como Jude fez? Se eu tivesse nadado em vez de afundado?

— Onde é que está o Ralph? Onde é que está o Ralph? — ouvimos, e nós dois rimos um pouco. Depois ele me surpreende, dizendo: — Você acha que algum dia saberemos onde é que está o maldito Ralph, filho?

— Espero que sim — respondo.

— Eu também. — Um agradável silêncio se abate sobre nós e eu fico maravilhado ao perceber como o papai está sendo legal quando ele diz: — Então você está saindo com aquela Heather? — Ele me cutuca. — Menina bonita. — Ele aperta meu ombro num sinal de aprovação.

Que droga.

— Mais ou menos — digo, depois acrescento com mais convicção, porque não tenho escolha: — É, ela é minha namorada.

Ele me lança um olhar que quer dizer algo como ah-seu-safadão.

— Vamos ter uma conversinha, você e eu, não vamos, filho? Quatorze anos. — Ele me acaricia na cabeça como o escultor fez com os alunos. E esse gesto, além da palavra *filho*, o jeito como ele continua repetindo: é mesmo, eu não tinha escolha quanto a Heather.

Uma vez dentro de casa, vou para o meu quarto, notando que Jude chutou um balde de água no meu chão como vingança. Que se dane. Jogo uma toalha sobre a poça e, ao fazer isso, olho o relógio na minha mesa, um relógio que informa a data além da hora.

Ah.

Mais tarde, encontro o papai afundado no sofá diante de um jogo de futebol universitário. Procuro em todos os meus blocos de desenho, mas não encontro nenhum desenho dele ainda com a cabeça, então uso meus melhores lápis e faço um novo desenho de nós dois juntos no lombo de um gnu azul. Embaixo, escrevo: *Feliz Aniversário*.

Ele me olha nos olhos.

— Obrigado. — A palavra sai toda espremida, como se tivesse sido difícil dizê-la. Ninguém lembrou. Nem mesmo a mamãe. Qual o problema dela? Como ela pôde não ter se lembrado do aniversário do papai? Talvez ela não seja tão espetacular assim.

— Ela se esqueceu do peru no Dia de Ação de Graças também — digo, tentando fazê-lo se sentir melhor, mas só então percebendo quão ridículo foi compará-lo a um peru.

Mas ele ri, o que já é alguma coisa.

— Isto é um gnu azul? — pergunta ele, apontando para o desenho.

Quando terminamos a maior conversa do mundo sobre o gnu azul, ele dá uma pancadinha no sofá e eu me sento ao lado dele. O papai coloca a mão no meu ombro, deixa-a lá como se fosse o lugar dela e nós assistimos ao restante do jogo juntos. É bem entediante, mas os atletas, uau, você sabe.

A mentira que eu lhe contei sobre Heather é uma pedra no meu estômago.

Ignoro-a.



Uma semana depois do aniversário ignorado do papai, com a chuva maltratando a casa, a mamãe e o papai se sentam comigo e com Jude na parte congelada da sala, onde ninguém nunca se senta, para nos informar que o papai estava temporariamente se mudando para o Lost Cove Hotel. Eles, quero dizer, a mamãe nos diz que o papai vai alugar um estúdio que será pago por semana até que eles resolvam alguns problemas que estão tendo.

Apesar de não nos falarmos há tempos, sinto o coração de Jude se contraindo e se expandindo junto ao meu.

— Que problemas? — pergunta ela, mas a chuva faz tanto barulho que não consigo mais ouvir o que eles dizem. Estou convencido de que a tempestade vai derrubar as paredes. Mas isso não acontece, e eu me lembro do sonho do papai que está se tornando realidade. Observo o vento derrubar tudo das prateleiras: enfeites, livros, um vaso de flores roxas. Ninguém mais percebe. Seguro-me nos braços da cadeira com força.

(Retrato de família: *Prepare-se para o Impacto.*)

Ouço a voz da mamãe novamente. É uma voz calma, calma demais, passarinhos amarelos que não pertencem a essa tempestade implacável voando.

— Nós ainda nos amamos muito — diz ela. — Só precisamos de algum espaço agora. — Ela olha para o papai. — Benjamin?

Quando ela menciona o nome do papai, todos os quadros, espelhos, fotografias de família caem das paredes. Novamente, só eu percebo. Olho para Jude. Lágrimas acumuladas em seus olhos. O papai parece prestes a dizer alguma coisa, mas ele abre a boca e nada sai. Ele abaixa a cabeça e a segura com as mãos, suas mãos pequeninas, como garras de guaxinim — quando foi que isso aconteceu? Elas são pequenas demais para esconder o que está acontecendo com seu rosto, como seus traços se fecharam completamente. Meu estômago não para de revirar. Ouço as panelas e canecas na cozinha caindo dos armários agora. Fecho os olhos por um segundo, vejo o telhado arrancado da casa voando no céu.

Jude explode:

— Vou com o papai.

— Eu também — digo, surpreendendo-me.

O papai ergue a cabeça. A dor vaza de todas as partes do rosto dele.

— Vocês ficarão aqui com sua mãe, filhos. É temporário. — Sua voz é murcha e, pela primeira vez, noto que seus cabelos estão diminuindo quando ele se levanta e sai da sala.

Jude se levanta e se aproxima da mamãe, olhando como se ela fosse um besouro de olhinhos

faiscantes.

— Como você pôde fazer isso? — diz ela, rangendo os dentes, e agora também vai embora, os cabelos balançando e serpenteando furiosamente no chão atrás de si. Eu a ouço chamando o papai.

— Você vai nos deixar? — digo/penso, levantando. Afinal, apesar de o papai estar saindo de casa agora, a mamãe já foi embora. Ela está de licença há meses. Sei disso, e não consigo olhar para ela.

— Nunca — diz a mamãe, segurando-me pelos ombros. Fico surpreso com a força dela. — Você me ouviu, Noah? Nunca abandonarei você e sua irmã. Isto é algo entre mim e seu pai. Não tem nada a ver com vocês.

Eu me derreto nos braços dela, traidor que sou.

Ela acaricia meus cabelos. É tão bom.

— Meu menino. Meu menino carinhoso. Meu menino sonhador. Tudo vai ficar bem. — Ela repete que tudo vai ficar bem várias vezes, como um mantra, mas dá para ver que ela não acredita nisso. Nem eu.

Mais tarde, naquela noite, Jude e eu estamos ombro a ombro na janela. Papai está indo até o carro com uma mala. A chuva o deixa ensopado, atingindo-o mais e mais a cada passo.

— Acho que não há nada naquela mala — digo, vendo-o jogar a mala no carro como se ela estivesse cheia de penas.

— Há, sim — diz Jude. — Eu vi. Uma coisa. Um desenho de vocês dois montando um animal estranho. Nada mais. Nem mesmo uma escova de dentes.

Essas são as primeiras palavras que trocamos em meses.

Não acredito que a única coisa que o papai levou consigo fui eu.

Naquela noite, já na cama, sem conseguir dormir, me perguntando se estou olhando a escuridão ou se ela é que está me olhando, Jude abre a porta, cruza o quarto e se deita na cama ao meu lado. Viro o travesseiro para que ele não fique molhado. Estamos deitados de costas.

— Desejei muito isso — sussurro, dizendo o que está me destruindo há horas. — Três vezes. Em três aniversários. Desejei que ele fosse embora.

Ela vira de lado, toca meu braço e me sussurra:

— Uma vez desejei que a mamãe morresse.

— Retire o que disse — digo, também virando de lado. Sinto o hálito dela no meu rosto. — Não retirei o que disse a tempo.

— Como?

— Não sei.

— A vovó saberia como — diz ela.

— Isso é uma ajuda e tanto — digo. Então, do nada e ao mesmo tempo, nós dois caímos na gargalhada e não conseguimos parar, e é aquela risada que nos faz roncar, e colocamos o travesseiro

no rosto para que a mamãe não nos ouça e concluímos que achamos que o papai sendo expulso da família é a coisa mais engraçada que já nos aconteceu.

Quando nos acalmamos, tudo parece diferente, como se, ao acender a luz, tivéssemos nos transformado em ursos.

Percebo então um movimento e Jude se senta sobre mim. Fico tão surpreso que não digo nada. Ela respira fundo.

— Certo, agora que tenho toda a sua atenção. Você está pronto? — Ela dá uns pulinhos.

— Saia de cima de mim — digo, mas ela está falando comigo.

— Nada aconteceu. Está me ouvindo? Tentei te dizer isso várias vezes, mas você não quis me ouvir. — Ela soletra: — N-A-D-A. O Brian é *seu* amigo, já entendi. No armário, ele me disse alguma coisa sobre um tal de núcleo galáctico, acho. Ele disse que seus desenhos eram incríveis, pelo amor de Deus! É verdade que eu estava com raiva de você por causa da mamãe e porque você roubou *todos* os meus amigos também e porque você jogou fora aquele bilhete — sei que você fez isso e foi realmente uma droga, Noah, porque aquela foi a única escultura que eu fiz e que achei que talvez fosse boa o suficiente para que a mamãe visse. Então talvez eu tivesse um papelzinho com o nome do Brian na minha mão naquela festa, mas NADA ACONTECEU, ouviu? Não roubei seu... — Ela para. — Seu melhor amigo, ouviu?

— Certo — digo. — Agora saia de cima de mim. — Isso soa mais ríspido do que eu queria, por causa da minha voz nova. Jude não se move. Não posso ignorar o que essa informação está fazendo comigo. Minha mente está girando, revendo aquela noite, os últimos meses, revendo tudo. Todas as vezes que ela tentou falar comigo, como eu me afastei, bati a porta, aumentei o volume da televisão, incapaz de olhar para ela, muito menos de ouvi-la, como rasguei um cartão que Jude me deu sem lê-lo, até que ela desistiu de tentar. *Nada aconteceu*. Eles não estão apaixonados. Brian não vai voltar daqui a algumas semanas e fugir com ela para o quarto como eu imaginava. Eles não vão estar assistindo a filmes no sofá quando eu voltar para casa, nem procurarão meteoritos nas florestas. Nada aconteceu. Nada aconteceu!

(Autorretrato: *Menino Pega Carona num Cometa*.)

Mas espere um pouco.

— Quem é o Spaceboy, então? — Eu estava tão certo de que era Brian. Quero dizer, do espaço sideral, não é?

— Ahn?

— O Spaceboy, no computador.

— Espiando? Jesus! — Ela suspira. — É o Michael, você sabe, Zephyr. “Spaceboy” é o nome de uma música de que ele gosta.

Ah.

AH!

E acho que outras pessoas — provavelmente milhões delas —, além de Brian e eu, já assistiram

àquele filme de alienígenas. Ou podem fazer piadas com ela sobre teletransporte. Ou podem usar o nome Spaceboy!

Agora me lembro do Tabuleiro Ouija:

— Zephyr é o M.? Você gosta do Zephyr?

— Talvez — diz ela, tímida. — Não sei ainda.

Isso é uma novidade e tanto, mas *Nada Aconteceu* é muito mais importante. Esqueço-me de que ela está no meu quarto, sem falar que está sentada em cima de mim, até que ela diga:

— Então você e Brian estão apaixonados um pelo outro ou coisa assim?

— O quê? Não! — As palavras saem às pressas da minha boca. — Meu Deus, Jude. Não posso ter um amigo? Estou com a Heather, você não percebeu? — Não sei por que digo isso. Tiro-a de cima de mim. Sinto a pedra no meu estômago crescer.

— Certo, então. É só...

— O quê? — Será que Zephyr lhe contou o que aconteceu aquele dia no bosque?

— Nada.

Ela volta para a cama e nós nos sentamos novamente no colchão mole. Ela diz, baixinho:

— Então você pode parar de me odiar agora.

— Nunca te odiei — digo, o que é mentira. — Eu realmente...

— Eu também. *Desculpe*. — Ela segura minha mão.

Começamos a respirar em sincronia no escuro.

— Jude, eu...

— Tanto! — conclui ela.

Rio. Tinha me esquecido disso.

— Eu sei, eu também — diz ela, rindo.

Minha frase seguinte, contudo, ela não vai conseguir ler telepaticamente. Eu lhe digo:

— Provavelmente vi todas as suas esculturas de areia. — Sinto uma pontada de culpa. Não queria ter destruído as fotografias. Poderia mostrar as fotos para ela. Ela poderia entrar na CSA. Ela poderia ter as esculturas para sempre. Ela poderia ter mostrado para a mãe. Mas isso vai ter que bastar. — Elas são incríveis.

— Noah? — Eu a peguei completamente desprotegida. — Mesmo?

Sei que ela está sorrindo porque eu também estou. Quero lhe dizer que tenho medo de que ela seja melhor do que eu. Mas, em vez disso, digo:

— Não suporto o oceano se destruindo.

— Mas essa é a melhor parte.

Ouço as ondas quebrando na praia lá fora e penso em todas aquelas incríveis mulheres de areia sendo destruídas antes que alguém possa admirá-las e me pergunto como isso pode ser a melhor parte, remoendo mentalmente, quando Jude diz baixinho:

— Obrigada.

E tudo dentro de mim está em silêncio, em paz e certo.

Respiramos e nos deixamos levar. Imagino nós dois nadando sob o céu noturno até a lua brilhante e espero me lembrar dessa imagem pela manhã, para poder desenhá-la e lhe dar de presente. Antes de dormir, ouço-a dizendo:

— Ainda te amo muito.

E digo:

— Eu também — mas pela manhã não sei direito se dissemos isso ou se só pensei ou sonhei.

Nada disso importa.



É o começo das férias de inverno, também conhecidas como O Retorno de Brian, e o cheiro pungente que vem da cozinha me obriga a me levantar da cadeira e sair pelo corredor.

— É você? — Jude grita do seu quarto. — Venha cá, por favor!

Entro no quarto dela, onde ela está lendo a bíblia da vovó na cama. Ela tem tentado encontrar alguma bobagem ali que traga o papai de volta.

Ela me entrega um pano.

— Aqui está — diz. — Me amarre na cama.

— O quê?

— É a única solução. Preciso de algo que me ajude a não ser fraca e ir para a cozinha. E não darei a mamãe a satisfação de comer também. Quem disse que ela pode bancar a Julia Child agora? Você também não deveria comer nada que ela faça. Sei que você comeu aquela torta de frango quando voltamos do hotel do papai a noite passada. Eu vi. — Ela me lança um olhar de reprovação. — Promete que não vai comer nem mais um pedacinho? — Faço que sim, mas não há nenhuma possibilidade de eu não comer o que quer que esteja enchendo a casa com este cheiro incredivelmente maravilhoso. — Estou falando sério, Noah.

— Tudo bem — digo.

— Só um dos pulsos, para que eu possa virar as folhas. — Amarro o pulso dela à cama e ela continua: — Tem cheiro de torta, de maçã ou pera, ou talvez de folhados, ou um bolo. Meu Deus, adoro bolos. Que injustiça. Quem diria que ela sabia cozinhar? — Jude vira a folha da bíblia da vovó. — Seja forte — diz ela para mim, e saio pela porta.

Eu a saúdo.

— Sim, Capitã.

Transformei-me num agente duplo. Tem sido assim desde que o papai saiu de casa. Depois de comer com Jude e o papai no estúdio cadavérico dele, eu, ao chegar em casa, espero Jude se trancar no quarto para conversar com Spaceboy, que na verdade é Zephyr!, e não Brian! E então vou para a cozinha me banquetear com a mamãe. Mas seja sentado com o papai assistindo ao Animal Planet, respirando o ar cinzento, fingindo não notar que ele está todo dobrado como uma cadeira, ou com o Sr. Grady na sala de arte dando os toques finais no meu portfólio para a CSA, ou aprendendo a dançar salsa na cozinha com a mamãe enquanto o suflê cresce, ou brincando de Como Você Prefere Morrer? com Jude enquanto ela costura, na verdade só estou fazendo uma coisa. Sou uma ampuheta humana: esperando, esperando, esperando que Brian Connelly venha aqui.

A qualquer dia, hora, minuto ou segundo.

Jude tem razão. Na bancada da cozinha nesta manhã encontro mesmo uma torta de maçã com uma cobertura dourada e um prato de folhados.

A mamãe está na bancada misturando massa, o rosto cheio de farinha.

— Ah, que bom — diz ela. — Coce meu nariz, por favor. Estou ficando louca.

Aproximo-me dela e coço seu nariz.

— Mais forte — diz. — Assim. Obrigada.

— É estranho coçar o nariz de alguém — digo.

— Espere só até você ter filhos.

— É muito mais mole do que parece — digo. Ela sorri para mim e uma brisa quente de verão sopra na cozinha.

— Você está feliz — digo, mas na verdade só quis pensar. Minha nova voz de trombone transforma qualquer som numa acusação, o que acho que é mesmo. Não só ela está mais feliz desde que o papai saiu de casa como está mesmo num lugar quando está nesse lugar. Ela voltou da Via Láctea. Ela até mesmo ficou ensopada comigo e com a Jude durante uma chuva outro dia.

Ela para de misturar a massa.

— Por que você não cozinhava assim quando o papai ainda morava aqui? — pergunto. Mas o que eu queria perguntar era: por que você não sente a falta dele? Por que ele teve que ir embora para que você voltasse ao normal?

A mamãe suspira.

— Não sei. — Ela passa o dedo num monte de farinha e começa a escrever o próprio nome. Sua expressão está se fechando.

— O cheiro está ótimo — digo, querendo que a felicidade dela volte, precisando disso e odiando isso ao mesmo tempo.

Ela dá um sorrisinho contido.

— Coma um pedaço de torta e um folhado. Não vou contar para a sua irmã.

Concordo com a cabeça, pego uma faca e corto um pedaço enorme, praticamente um quarto da fôrma, e coloco a fatia no prato. Depois, pego um folhado. Desde que me tornei King Kong, nunca estou satisfeito. Sento-me à mesa com meu prato cheio, o cheiro me fazendo querer andar de cabeça para baixo, quando o mau humor da Jude entra na cozinha.

Os olhos revirados atingem 10,5 na escala Richter. O Grande Terremoto. A Califórnia se separou do continente. Ela leva as mãos aos lábios, irritada.

— Qual é o seu problema, Noah?

— Como foi que você se livrou? — pergunto, minha mão cheia de folhado.

— Se livrou? — pergunta a mamãe.

— Eu a amarrei para que ela não se sentisse tentada a vir aqui comer.

A mamãe ri.

— Jude, sei que você está furiosa comigo. Mas isso não significa que você não pode comer um folhado no café da manhã.

— Nunca! — Ela atravessa a cozinha, pega uma caixa de cereais de um armário e se serve de um pouco numa velha tigela de salada.

— Acho que usei todo o leite — diz a mamãe.

— Claro que usou! — reclama Jude, parecendo mais um burro esperneando. Ela se senta ao meu lado, comendo e abrindo caminho em meio ao cereal seco, olhando para o meu prato o tempo todo. Quando a mamãe se vira de costas, ofereço-lhe o prato com um garfo, e ela enfia o doce na boca até ficar cheia, depois me devolve.

É nesse instante que Brian Connelly entra na cozinha.

— Eu bati — diz ele, nervoso. Está mais velho, mais alto e cortou o cabelo; a labareda branca se foi.

Involuntariamente me levanto, depois me sento e me levanto novamente, porque isso é o que as pessoas normais fazem quando alguém entra no ambiente, não é? Jude me chuta sob a mesa e me lança um olhar que diz: *Pare de agir assim*, depois tenta sorrir para Brian, mas está com a boca tão cheia de torta que só o cumprimenta com uma cara desfigurada de esquilo. Não consigo falar porque estou ocupado demais me levantando e me sentando.

Por sorte a mamãe está ali também.

— Ah, oi — Ela limpa as mãos no avental, se aproxima dele e o cumprimenta. — Bem-vindo de volta.

— Obrigado — responde Brian. — É bom estar de volta. — Ele respira fundo. — Pelo cheiro, deu para ver que você está cozinhando o dia inteiro. Dá para sentir da nossa casa. Estamos todos salivando sobre nossos pratos de cereal.

— Por favor — diz a mamãe. — Sirva-se. Estou passando por uma fase de cozinheira. E leve um pouco para sua mãe.

Brian olha para a bancada com desejo.

— Talvez mais tarde. — Seus olhos me alcançam. Ele lambe o lábio inferior e o gesto, tão conhecido, faz meu coração afundar.

Em algum momento, enquanto me levantava e me sentava, fiquei paralisado: corcunda, os braços agitados como os de um macaco. Percebo que pareço um louco graças à expressão confusa no rosto dele. Decido me levantar. Sim! Foi o certo! Estou de pé. Sou uma pessoa com pernas que são feitas para isso. Ele está a um metro e meio, um metro, menos, menos...

Ele está diante de mim.

Brian Connelly está de pé diante de mim.

O que sobrou de seus cabelos é amarelo-manteiga. Seus olhos, seus olhos, seus incríveis olhos semicerrados!, vão me fazer perder a consciência. Nada os esconde. Fico surpreso que os passageiros não o tenham seguido depois do desembarque e não estejam ali fora. Quero desenhá-lo. *Agora. Quero fazer tudo. Agora.*

(Retrato, autorretrato: *Dois Meninos Correndo para o Esplendor.*)

Tento me acalmar contando as sardas dele para ver se há alguma nova.

— Me encarando? — diz ele, tão baixinho que só eu ouço. Praticamente as primeiras palavras que ele me diz em muitos meses. Seus lábios se curvam num meio sorriso. Percebo sua língua apoiada no precipício entre os dentes da frente.

— Você parece diferente — digo, querendo que isso não tivesse saído como um sonho.

— Eu? Cara, você está enorme. Acho que você está maior do que eu. Como isso aconteceu?

Olho para baixo.

— É, bem distante dos meus dedos do pé agora. — É algo em que tenho pensado muito. Meus dedos do pé estão praticamente em outro fuso horário.

Ele ri e eu também, e o som das nossas risadas se misturando é como uma máquina do tempo, e voltamos instantaneamente para o verão, aqueles dias no bosque, a noite no telhado da casa dele. Não nos falamos há cinco meses e somos pessoas diferentes, mas é a mesma coisa, a mesma, a mesma. Noto que a mamãe está nos olhando com curiosidade, atenta, sem compreender totalmente o que está vendo, como se estivéssemos num filme estrangeiro sem legendas.

Brian se vira para Jude, que finalmente conseguiu engolir a comida.

— Oi — diz ele.

Ela acena e volta para seu cereal seco. É verdade. Não há nada entre eles. Provavelmente foi como estar num elevador com um estranho dentro daquele armário. Sinto uma pontada de culpa pelo que fiz naquele armário.

— Onde está o Ralph? Onde é que está o Ralph?

— Ah, meu Deus! — diz Brian. — Tinha esquecido! Não acredito que passei meses sem pensar em onde está o Ralph!

— Este papagaio nos propõe um dilema existencial e tanto — diz a mamãe, sorrindo para ele.

Brian lhe devolve o sorriso e depois me olha nos olhos.

— Pronto? — pergunta ele, como se tivéssemos planejado algo.

Noto que ele não trouxe o saco de meteoritos e vejo pela janela que vai chover a qualquer momento, mas precisamos sair daqui. Agora mesmo.

— Vamos procurar meteoritos — digo, como se fosse o que as pessoas fazem numa manhã de inverno. Eu nunca contei para mamãe e Jude o que aconteceu no verão passado, o que se reflete em suas expressões contorcidas. Mas quem é que se importa?

Não nós.

Rapidamente saímos pela porta, cruzamos a rua e entramos no bosque, correndo sem motivo e rindo sem motivo e totalmente sem fôlego e enlouquecidos, quando Brian me segura pela camisa, me vira e, com a mão forte no meu peito, me empurra contra uma árvore e me beija com tanta força que fico cego.



A cegueira dura só um segundo, depois as cores começam a me inundar: não através dos meus olhos, e sim através da minha pele, substituindo ossos e sangue, músculos e nervos, até que sou vermelholaranjaazulverderoxoamarelovermelholaranjaazulverderoxoamarelo.

Brian recua e olha para mim.

— Merda — diz ele. — Quero fazer isso há tanto tempo. — Sinto o hálito dele no meu rosto. — Tanto tempo. Você é só... — Ele não termina a frase; em vez disso, acaricia meu rosto com as costas da mão. O gesto é impressionante, uma divisão atômica, porque é ao mesmo tempo inesperado e afetuoso. Assim como o olhar dele. Isso faz meu peito doer de felicidade, cavalos mergulhando em rios de felicidade.

— Meu Deus — sussurro. — Está acontecendo.

— Sim, está.

Acho que o coração de todos os seres vivos na Terra está batendo no meu corpo.

Passo a mão no cabelo dele, finalmente, finalmente, depois puxo sua cabeça e o beijo com tanta força que nossos dentes batem, os planetas colidem, beijando-o agora por todas as vezes que deixamos de nos beijar no verão. Sei exatamente como beijá-lo, como fazer seu corpo todo tremer só de morder seu lábio, como fazê-lo gemer dentro da minha boca ao sussurrar seu nome, como fazer sua cabeça cair para trás, sua coluna se dobrar, como fazê-lo murmurar entredentes. É como se tivesse assistido a todas as aulas sobre o assunto. E mesmo beijando e beijando e beijando quero estar beijando mais e mais e mais, como se não conseguisse me satisfazer, como se não fosse capaz de me satisfazer jamais.

— Somos eles — penso/digo, parando por um instante para respirar, minha vida, nossas bocas a

centímetros uma da outra, nossas testas encostadas agora.

— Quem? — A voz dele é áspera. Isso gera uma imediata ebulição no meu sangue, tanto que não consigo lhe contar sobre os caras na alcova na festa. Em vez disso, coloco as mãos sob a camisa dele, porque agora posso, posso fazer tudo o que imaginei e imaginei e imaginei. Toco os rios na sua barriga, seu peito e ombros. Ele sussurra a palavra *sim*, o que me faz tremer, o que o faz tremer, e então as mãos dele viajam sob minha camisa, e a sensação faminta delas na minha pele me reduz a cinzas.

Amor, penso e penso e penso, mas não digo. Não digo.

Não diga. Não lhe diga que você o ama.

Mas digo. Eu o amo mais do que tudo.

Fecho meus olhos e mergulho nas cores, abro-os e mergulho na luz porque bilhões e bilhões de baldes de luz são derramados sobre nossa cabeça.

É *isso*. Isto é absolutamente *tudo*. Esta é a pintura pintando a si mesma.

E é nisso que estou pensando quando o asteroide colide com a gente.

— Ninguém pode saber — diz ele. — Nunca.

Recuo, olho para ele. De repente ele se transformou numa sirene. Toda a mata silencia. Ela não tem nada a ver com o que ele acabou de falar.

Brian repete, mais calmo:

— Seria o fim. De tudo. Minha bolsa de estudos como atleta na Forrester. Sou capitão assistente do time principal e...

Quero que ele fique quieto. Quero-o de volta comigo. Quero que ele fique com a mesma cara de um minuto atrás, quando toquei sua barriga, seu peito, quando ele acariciou meu rosto com a mão. Ergo a camisa dele, subo-a pela cabeça e tiro a minha camisa, e dou um passo à frente para nos encaixarmos, perna com perna, sexo com sexo, peito nu com peito nu. Ele respira com dificuldade. Nós nos encaixamos perfeitamente. Eu o beijo devagar e profundamente, até que a única coisa que ele consiga dizer seja meu nome.

Ele repete.

E repete.

Até que nos transformemos em duas velas acesas se fundindo.

— Ninguém vai descobrir. Não se preocupe — sussurro, sem me importar que alguém no mundo saiba, sem me importar com nada, exceto com nós dois agora sob o céu aberto, quando o trovão soa e a chuva começa a cair.



Estou deitado na cama desenhando Brian, que está a poucos passos de mim na escrivaninha

assistindo a uma chuva de meteoros num site de astronomia qualquer no qual ele é viciado. No desenho, as estrelas e os planetas saem da tela do computador e caem no quarto. É a primeira vez que nos vemos desde o que aconteceu no bosque, sem contar os trilhões de vezes que o vi na minha mente nos últimos dias, incluindo no Natal. O que aconteceu entre a gente se fixou em cada célula nervosa minha. Mal consigo amarrar o cadarço. Até me esqueci de como se mastiga esta manhã.

Pensei que talvez ele fosse se esconder de mim pelo resto da vida, mas, poucos minutos depois que ouvi o carro da mãe dele parar na garagem hoje, sinalizando o retorno deles de algum centro budista no norte, ele estava na minha janela. Eu o ouvi falar interminavelmente sobre a união intergaláctica e agora estamos disputando qual Natal foi pior. Ele está agindo como se o que aconteceu entre nós dois não tivesse acontecido, e eu também. Bem, estou tentando. Meu coração é maior do que o da baleia-azul e precisa de sua própria vaga de garagem. Sem mencionar meus dois metros de concreto, que têm me mantido perpetuamente no banho. Estou tão limpo. Se houver uma seca, pode me culpar.

Na verdade, acabo de pensar no banho, eu e ele no banho, imaginar a água quente escorrendo por nossos corpos nus, imaginar apertá-lo contra a parede, passar as mãos pelo corpo dele, imaginar os sons que ele faria, como ele jogaria a cabeça para trás e diria *sim* como fez no bosque, pensar em tudo isso, ao mesmo tempo em que lhe conto, com a voz calma e controlada, que Jude e eu passamos o Natal no hotel do papai comendo comida chinesa e respirando um ar cinzento. É incrível quantas coisas se pode fazer ao mesmo tempo. É incrível como o que entra em nossa mente permanece em nossa mente.

(Autorretrato: *Não Perturbe.*)

— Desista — diz ele. — Você não vai ganhar disso: tive que ir a um retiro de meditação com a minha mãe e depois dormir no chão sobre uma esteira e comer uma gororoba nojenta no jantar de Natal. A única coisa que ganhei de presente foi uma oração dos monges. Uma oração pela paz! Vou repetir: retiro de meditação, *eu!* Não podia dizer nada. Nem fazer nada. Durante oito horas. E depois gororoba e uma oração! — Ele começa a rir e eu o acompanho imediatamente. — E tive que usar um roupão. Um maldito vestido! — Brian se vira e se ilumina como uma lanterna. — E o pior é que, o tempo todo, eu não conseguia deixar de pensar em...

Vejo-o estremecer. Ah, meu Deus.

— Foi tão sofrido, cara. Por sorte tínhamos uns travesseiros esquisitos em nosso colo, então ninguém viu. Uma droga. — Ele está olhando minha boca. — Podia ser pior. — Brian dá as costas para as estrelas.

Eu o vejo tremer novamente.

Minha mão amolece e eu solto o lápis. Ele também não conseguia deixar de pensar em mim.

Brian se vira.

— Quem eram “eles” que você mencionou outro dia?

Demoro um segundo, mas então entendo.

— Vi uns caras se beijando naquela festa.

Ele franze a testa.

— A festa na qual você ficou com a Heather?

Durante meses estive com tanta raiva dele e de Jude por causa de alguma coisa que nunca aconteceu que jamais me ocorreu que ele poderia estar com raiva de mim por causa do que realmente aconteceu. Será que ele ainda está com raiva? Foi por isso que ele nunca ligou nem me mandou um e-mail? Quero lhe contar o que realmente aconteceu. Quero pedir desculpas. Porque sinto muito mesmo. Em vez disso, simplesmente digo:

— É, aquela festa. Eles eram...

— O quê?

— Não sei, incríveis ou coisa assim...

— Por quê? — A sua voz está se transformando num sussurro. Não há resposta. Sério, eles eram incríveis só porque eram dois homens se beijando.

Eu lhe digo:

— Decidi abdicar de todos os meus dedos se...

— Se o quê? — ele me apressa.

Percebo que não posso dizer em voz alta, e não tenho que dizer nada, porque é ele quem fala.

— Se fôssemos nós, certo? Eu os vi também.

Meu corpo pega fogo.

— Seria difícil desenhar sem dedos — diz ele.

— Eu daria um jeito.

Fecho os olhos, incapaz de conter a sensação dentro de mim, e, quando os abro, segundos mais tarde, é como se ele estivesse preso a um gancho, e eu sou o gancho. Sigo o olhar dele até minha barriga exposta — minha camisa subiu —, e depois mais para baixo, onde não há como esconder o que estou sentindo. Acho que ele está me electrocutando ou coisa assim, porque não consigo me mover.

Brian engole em seco, vira-se para encarar o computador e coloca uma das mãos sobre o mouse, mas sem pular a tela de proteção. Observo sua outra mão deslizar para baixo.

Ainda olhando a tela, ele pergunta.

— Quer? — E estou em meio a uma tempestade num copo d'água.

— Claro — digo, sabendo sem dúvida o que ele quer dizer, e então nossas mãos abrem nossos cintos. Do outro lado do quarto, observo as costas dele, incapaz de ver muita coisa, mas então ele abaixa o pescoço e eu vejo seu rosto, seus olhos perdidos e arregalados olhando os meus, e é como se estivéssemos nos beijando novamente, mas agora afastados, um beijo ainda mais intenso do que no bosque, onde ainda estávamos de calça. Eu não sabia que era possível beijar com os olhos. Não sabia de nada. E então as cores estão derrubando as paredes do quarto, as minhas paredes...

Então, o impossível.

Minha mãe, *minha mãe* entra no quarto segurando uma revista. Eu achava que tinha trancado a porta. Podia jurar que a tinha trancado!

— Este é o melhor texto que li sobre Picasso, você vai... — O olhar confuso dela se reveza entre mim e Brian. As mãos dele, minhas mãos, tateando, se escondendo, fechando as calças.

— Ah — diz ela. — Ah, ah.

Então a porta se fecha e ela vai embora como se nunca tivesse estado ali, como se não tivesse visto nada.



Ela não fingiu que nada aconteceu.

Uma hora depois do mergulho frenético de Brian pela janela, ouço alguém batendo à minha porta. Não digo nada, só acendo o abajur na minha mesa para que ela não me encontre ali sentado no escuro, onde estive desde que ele foi embora. Pego um lápis e começo a desenhar, mas minha mão não para de tremer, então não consigo desenhar uma simples linha.

— Noah, estou entrando.

Todo o sangue do meu corpo corre para o meu rosto quando a porta se abre lentamente. Quero morrer.

— Gostaria de conversar com você, querido — diz ela com a mesma voz que usa quando está conversando com Charlie Maluco, o doidinho da cidade.

Que se dane. Que se dane. *Que se dane*, repito mentalmente, furando a folha com o lápis. Estou apoiado sobre o papel agora, praticamente abraçando-o para não ter que encará-la. Florestas inteiras queimam descontroladamente dentro de mim. Como a mamãe não vê que tem de me deixar sozinho nos próximos cinquenta anos depois do que acabou de acontecer?

A mão dela toca meu ombro ao passar por mim. Encolho-me.

Da cama onde ela se sentou, a mamãe diz:

— O amor é tão complicado, Noah, não é?

Fico rígido. Por que ela disse isso? Por que ela está usando a palavra *amor*?

Largo o lápis.

— Não há nada de errado com o que você está sentindo. É *natural*.

Um gigantesco *não* toma conta de mim. Como ela pode saber o que estou sentindo? Como ela pode saber qualquer coisa? Não sabe. Não pode. Ela não pode simplesmente invadir meu maior segredo do mundo e tentar me ensinar. Saia daqui, quero gritar para ela. Saia do meu quarto. Saia da minha vida. Saia das minhas pinturas. Saia de tudo! Volte para o seu reino e me deixe só. Como você pode tirar essa experiência de mim antes mesmo de eu experimentá-la? Quero dizer todas essas coisas,

mas não consigo articular as palavras. Mal consigo respirar.

Brian também não conseguiria. Ele estava hiperventilando depois que a mamãe saiu do quarto. As mãos cobrindo o rosto, o corpo todo contorcido, repetindo “Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Ah, meu Deus”. Queria que ele dissesse outra coisa além de “Meu Deus!”, mas, quando ele começou a conversar, mudei de ideia.

Nunca vi ninguém agir daquele jeito. Brian estava suando e em pânico e suas mãos percorriam seus cabelos como se quisessem arrancá-los. Achei que ele fosse derrubar as paredes ou me destruir. Realmente pensei que ele podia me matar.

— Na minha escola — disse ele. — Teve um menino no time de beisebol. As pessoas pensavam, sei lá. Eles viram que o menino entrou num site ou coisa assim. — A expressão interior dele se transformou na expressão exterior e estava tudo amarrado num nó. — Foi impossível para ele continuar a jogar. Todos os dias, eles descobriam uma forma de zombar dele. Então, numa sexta-feira, depois das aulas, eles o trancaram na despensa. — Brian fez uma careta, como se estivesse se lembrando, e eu soube. Soube. — A noite toda e o dia seguinte. Um lugar nojento, pequeno e escuro, sem ar. Os pais dele pensavam que ele estivesse jogando em algum lugar, e alguém disse ao técnico que ele estava doente, então ninguém procurou por ele. Ninguém sabia que ele estava preso lá. — O peito dele arfava e eu me lembrei de que Brian disse que não tinha claustrofobia, mas agora tem. — Ele era muito bom também, provavelmente o melhor do time, ou poderia ser. E ele nem fez nada. O cara só entrou naqueles sites e alguém viu. Entende? Entende o que isso significa para mim? O capitão assistente? Quero ser capitão no ano que vem, para talvez poder me formar mais cedo. Nada de bolsa de estudos. *Nada*. Aqueles caras não estavam — ele faz aspas com os dedos — *envolvidos*. Eles não são do norte da Califórnia. Eles não meditam nem desenham. — Ele então enfiou a adaga. — É brutal num vestiário.

— Ninguém vai descobrir — eu disse.

— Você não sabe. Você se lembra daquele idiota primo do Fry que quase decapitei no verão passado, aquele que parecia um gorila? O irmão caçula dele estuda na minha escola. Achei que estava tendo alucinações. Os dois se parecem muito. — Ele lambe o lábio. — Qualquer um podia ter visto a gente outro dia, Noah. Qualquer pessoa. O Fry poderia ter visto, e então... Não consegui pensar nisso. Estava tão... — Ele balança a cabeça. — Não posso ser expulso do time. Não posso perder minha bolsa de estudos como atleta. Não temos dinheiro. E essa escola... O professor de física é astrofísico... Simplesmente não posso. Preciso conseguir uma bolsa de estudos na faculdade. Tenho que conseguir.

Brian se aproximou de onde eu estava. Seu rosto estava todo vermelho, seu olhar era tão intenso, ele parecia ter dois metros e meio, e eu não sabia se ele me beijaria ou me daria um soco. Ele me segurou pela camisa novamente, mas desta vez a puxou com força e disse:

— Acabou tudo entre nós. Tem que ser assim. Tudo bem?

Fiz que sim e algo muito grande e brilhante dentro de mim se reduziu a nada imediatamente. Tenho quase certeza de que era a minha alma.

— E é tudo culpa sua! — grito para minha mãe.

— O quê, querido? — pergunta ela, assustada.

— Tudo! Você não vê? Você acabou com o papai. Você o expulsou como um leproso. Ele te ama! Como você acha que ele se sente lá sozinho naquele leito de morte, respirando um ar cinzento, comendo pizza fria e assistindo a programas sobre porcos-da-terra, enquanto você prepara banquetes, usa roupas de circo, cantarola o tempo todo e tem o sol te seguindo mesmo na chuva? Como você acha que ele se sente? — Vejo que a magoei, mas não me importo. Ela merece. — Quem sabe se ele ainda tem uma alma depois que você o abandonou?

— O que você quer dizer com isso? Não estou entendendo.

— Talvez você a tenha reduzido a nada e agora o papai esteja oco e vazio, um casco sem tartaruga.

A mamãe para.

— Por que você diz isso? Você às vezes também se sente assim?

— Não estou falando sobre mim. E quer saber de uma coisa? Você não é especial. Você é como qualquer pessoa. Você não sabe flutuar ou atravessar paredes, e nunca saberá!

— Noah?

— Sempre achei que você tivesse vindo de algum lugar especial, mas você é normal. E você não faz ninguém feliz como costumava fazer. Você deixa todo mundo triste.

— Noah, acabou?

— Mamãe. — Digo isso como se houvesse insetos na palavra. — Acabei.

— Ouça-me. — A seriedade repentina em sua voz me apavora. — Não vim aqui falar sobre mim ou sobre minha relação com seu pai. Podemos conversar sobre isso, prometo, mas não agora.

Se eu não olhar para ela, ela vai deixar para lá, vai desaparecer, e o que ela viu acontecendo entre mim e Brian desaparecerá com ela.

— Você não viu nada — grito, completamente descontrolado agora. — Meninos fazem isso. Fazem, sim. Times inteiros de beisebol fazem. Troca-troca, é como se chama, sabia? — Apoio a cabeça nas mãos, enchendo-as de lágrimas.

Ela se levanta, se aproxima de mim, coloca a mão no meu queixo e ergue meu rosto, de modo que sou obrigado a encará-la.

— Ouça o que tenho a dizer. É preciso muita coragem para ser sincero consigo mesmo, ser sincero com seu coração. Você sempre foi muito corajoso quanto a isso e rezo para você continuar sempre assim. É sua responsabilidade, Noah. Lembre-se disso.



Na manhã seguinte, acordo ao nascer do sol, em pânico. Porque a mamãe não pode contar nada ao papai. Ela tem que me prometer isso. Depois de quatorze anos, tenho um pai e gosto disso. Não, *adoro* isso. Ele finalmente acha que sou um guarda-chuva útil.

Abro caminho pela casa escura como um ladrão. A cozinha está vazia. Vou até a porta do quarto da mamãe na ponta dos pés e me sento esperando ela acordar. É possível que ela já tenha contado ao papai, se bem que era tarde quando ela deixou meu quarto a noite passada. Será que ela pode arruinar minha vida ainda mais? Primeiro ela destruiu tudo com Brian. Agora vai fazer o mesmo com o papai.

Estou quase dormindo, os lábios de Brian estão nos meus, as mãos dele no meu peito, em todo o meu corpo, quando o barulho da voz da mamãe me desperta. Livro-me das minhas fantasias. Ela deve estar ao telefone. Levo a mão ao ouvido e o coloco contra a porta — isso realmente funciona? Sim, funciona. Ouço melhor. A voz dela parece séria, como quando ela conversa com o papai hoje em dia. “Preciso ver você”, diz ela. “Não dá para esperar. Passei a noite acordada, pensando. Aconteceu uma coisa com o Noah ontem.” Ela *vai mesmo* contar a ele! Eu sabia! O papai deve estar falando agora, porque ela fica em silêncio antes de dizer: “Certo, não no estúdio, no Pássaro de Madeira. Sim, em uma hora está ótimo!”. Acho que ela jamais esteve no estúdio dele. A mamãe simplesmente o deixou para apodrecer naquele hotel.

Bato e abro a porta depois de ouvi-la me mandar entrar. Ela está usando seu roupão cor de pêssego, segurando o telefone no peito. Olheiras cercam seus olhos como se ela tivesse chorado a noite toda. Por minha causa? Meu estômago se revira. Ela não quer um filho gay? Ninguém quer, nem mesmo alguém de mente aberta como ela. Seu rosto parece envelhecido, como se ela tivesse ganhado cem anos de um dia para o outro. Olhe só o que fiz com ela. Sua pele decepcionada pende dos ossos decepcionados. Ela só disse o que disse a noite passada para que eu me sentisse melhor?

— Bom dia, querido — diz ela, parecendo falsa. Ela joga o telefone na cama e se aproxima da janela, abrindo as cortinas. O céu mal acordou. É uma manhã cinzenta e confortável. Penso em quebrar meus dedos, não sei por quê. Um a um, diante dela.

— Aonde você vai? — consigo perguntar.

— Tenho uma consulta médica. — Que mentirosa! E ela mente tão fácil também. Será que ela esteve mentindo para mim a vida inteira? — Como você sabe que estou de saída?

Pense em alguma coisa, Noah.

— Deduzi porque você não começou a cozinhar logo cedo.

Dá certo. Ela sorri, vai até a penteadeira e se senta diante do espelho. A biografia de Kandinsky que ela está lendo está virada para baixo ao lado de sua escova prateada. Mamãe começa a passar creme ao redor dos olhos, pega algodão e elimina as olheiras.

(Retrato: *Mamãe Substituindo seu Rosto por Outro.*)

Quando ela termina de se maquiar, começa a pentear os cabelos e prendê-los no alto, depois muda de ideia, solta-os e pega a escova.

— Vou assar um bolo “veludo vermelho” mais tarde... — Eu ignoro. Simplesmente tenho que dizer. Sou falastrão também. Por que não consigo formular as palavras?

— Você parece tão preocupado, Noah. — Ela está me vendo pelo travesseiro.

(Retrato, autorretrato: *Preso num Espelho com a Mamãe.*)

Vou falar para a mamãe no espelho. Vai ser mais fácil.

— Não quero que você mencione para o papai o que viu. Não que você tenha visto alguma coisa. Porque não havia nada para ver. Não que isso signifique alguma coisa... — Socorro, socorro.

Ela deixa a escova de lado.

— Tudo bem.

— Tudo bem?

— Com certeza. É um assunto seu. Se você quiser contar para o seu pai o que eu não vi, vai contar. Se o que não vi realmente significa alguma coisa, então eu sugiro que você conte. Se não é exatamente o que parece ser às vezes. Você o subestima. Sempre subestimou.

— Eu o subestimo? Está falando sério? Ele é que me subestima.

— Não, não subestima. — Ela me encara pelo espelho. — Ele só tem um pouco de medo de você, sempre teve.

— Medo de mim? Claro. O papai tem medo de mim. — O que é que ela está dizendo?

— Ele acha que você não gosta dele.

— Ele não gosta *de mim!* — Quero dizer, não gostava. Agora, por algum motivo, ele gosta e eu quero que as coisas continuem assim.

Mamãe faz que não com a cabeça.

— Vocês dois vão se entender. Sei que vão.

Talvez, mas não se ela lhe contar.

— Vocês são muito parecidos. Os dois sentem as coisas com muita intensidade, às vezes com uma intensidade exagerada.

— O quê?

— A Jude e eu nos protegemos um pouco — continua ela. — É preciso muita coisa para nos atingir. Com você e o papai, não. — Isso é novidade. Nunca pensei que fosse parecido com o papai. Mas o que ela está mesmo dizendo é que somos duas mulherzinhas. É o que Brian também pensa. Sou apenas alguém que “desenha”. E dói em meu peito o fato de a mamãe pensar que Jude é parecida com ela e eu não. Por que tudo o que eu penso sobre nossa família está mudando? Por que os times estão sendo trocados? Todas as famílias são assim? E o mais importante: como eu sei que ela não está mentindo quanto a contar ao papai? Ela acabou de mentir sobre a consulta médica. Por que ela vai se encontrar com ele, então? Ela disse: *Aconteceu uma coisa com o Noah a noite passada.*

Claro que ela vai contar para ele. Por isso é que eles vão ao Pássaro de Madeira. Não posso mais confiar nela.

Ela vai até o armário.

— Podemos conversar sobre isso mais tarde, mas agora tenho mesmo que me aprontar. A consulta com meu médico é em menos de uma hora. — Pinóquio! Você não me engana!

Quando me viro para sair, ela diz:

— Vai dar tudo certo, Noah. Não se preocupe.

— Quer saber? — pergunto, fechando a mão num sinal agressivo. — Eu realmente queria que você parasse de dizer isso, mãe.

Claro que vou segui-la. Quando ouço o carro saindo da garagem, corro. Pelas trilhas, posso chegar ao Pássaro de Madeira quase ao mesmo tempo que ela.



Ninguém sabe quem fez o Pássaro de Madeira. O artista o esculpiu num enorme tronco de sequoia, todas as penas de madeira. Deve ter levado anos, dez ou até vinte. É enorme e cada pena é única. Agora há um caminho até ele partindo da rodovia e um banco próximo com vista para o mar, mas, quando o artista o esculpiu, não havia nada disso. Ele era como Jude, fazendo aquilo só porque gostava, sem se importar que alguém visse sua obra. Ou talvez ele se importasse e gostasse da ideia de estranhos se deparando com a escultura e imaginando quem a fez.

Estou escondido na folhagem, a metros da mamãe, que está sentada no banco olhando para o mar. O sol abriu um buraco na neblina e a luz se projeta em meio às árvores. Vai ser um dia quente, um daqueles estranhos dias quentes de inverno. O papai não chegou ainda. Fecho os olhos e encontro Brian, ele está todo dentro de mim agora, sempre nadando no meu corpo. Como ele pôde acabar com tudo isso? Ele vai mudar de ideia? Estou colocando a mão no bolso para pegar a pedra quando ouço passos.

Abro os olhos esperando encontrar o papai, mas vejo um homem estranho vindo pela trilha. Ele para no limite das árvores e olha para a mamãe, que não parece sentir a presença dele. Pego um galho. Será que ele é um maníaco? Então ele vira um pouco a cabeça e eu o reconheço — aquele rosto, sua escala geográfica. É o artista da Day Street. Aqui! Solto minha espada, aliviado. Ele provavelmente está fazendo uma escultura dela em sua mente, como faço com as pinturas. Ele está caminhando, eu estou pensando quando, de repente, o céu se estilhaça porque minha mãe se levantou, correu até ele e se deixou cair nos braços abertos dele. Sinto-me em chamas.

Balanço a cabeça. Ah, não é a mamãe, claro, é isso. O escultor maníaco tem uma esposa que se parece com a minha mãe.

Mas é mesmo ela nos braços dele. Conheço a minha mãe.

O Que Está Acontecendo?

Que Merda Está Acontecendo?

As coisas começam a fazer sentido. Rapidamente. Por que ela estava em frente ao estúdio dele naquele dia, ela expulsando o papai de casa, as conversas ao telefone (a conversa dele ao telefone! *Rápido, meu amor*), a felicidade dela, a infelicidade dela, sua ausência, suas comidas, bolos e paradas nos sinais verdes, suas aulas de dança, seus braceletes e roupas de circo! Tudo fazendo um sentido absurdo. Eles, ali, tão claramente *juntos*.

O uivo em minha mente é tão alto que não acredito que eles não o escutam.

A mamãe está tendo um caso. Ela está traindo o papai. Ela é uma adúltera. Uma mentirosa lambedora de privadas. Mamãe! Como isso não me ocorreu antes? Se bem que não me ocorreu justamente porque é a mamãe. Minha mãe nunca faria algo assim. Ela leva rosquinhas — as melhores rosquinhas que já provei — para os funcionários do pedágio. Ela não tem casos.

O papai sabe?

Um caso. Sussurro isso em voz alta para as árvores, mas todas elas fugiram. Sei que ela está traindo meu pai, mas parece que está me traindo também. E a Jude. E todos os dias de nossa vida.

(Retrato de família: *E Então Todos Nós Explodimos.*)

Eles estão se beijando neste momento e eu estou observando e não consigo deixar de olhar. Nunca vi a mamãe e o papai se beijarem assim. Nossos pais não podem beijar desse jeito! Agora mamãe segura a mão dele e o leva até a beirada do penhasco. Ela parece tão feliz, e isso me atinge. Não sei por que essa senhora está girando nos braços de um estranho, girando e girando, como se eles estivessem num filme ridículo, até que perdem o equilíbrio e caem no chão.

(Retrato: *Mamãe numa Cor Cega.*)

O que foi que ela disse esta manhã? É preciso muita coisa para atingi-la. Este homem abriu caminho pela armadura dela.

Pego o galho. Preciso defender meu pai. Preciso lutar contra esse artista babaca. Deveria jogar um meteorito na cabeça dele. Deveria jogá-lo do penhasco. Porque meu pai simplório não tem nenhuma chance. E ele sabe. Entendo agora o que o está fazendo encolher, o que está deixando o ar ao redor dele tão cinza: é derrota.

Ele é um guarda-chuva quebrado. Será que ele sempre foi assim? Nós dois somos. Tal pai, tal filho.

Porque eu sei também. Não tenho nenhuma chance. *“Acabou tudo entre nós. Tem que ser assim.”*

Não, não está tudo bem. Nada está bem! Eles estão se beijando novamente. Acho que meus olhos vão sair das órbitas, minhas mãos cairão dos meus braços, meus pés das minhas pernas. Não sei o que fazer. Não sei o que fazer. Preciso fazer alguma coisa.

Então eu corro.

Corro e corro e corro e corro e corro e, quando chego a uma das últimas curvas antes do atalho para nossa rua, vejo Brian caminhando com Courtney.

A bolsa de meteoritos está pendurada em seu ombro e os braços dele estão cruzados, a mão de Brian no bolso de trás da calça jeans dela e a mão dela no bolso de trás da calça de Brian. Eles estão juntos. Vejo uma mancha brilhante nos lábios dele, o que me confunde por um segundo, até que percebo que é do batom dela. Porque ele a beijou.

Ele a beijou.

Começa como um tremor nas profundezas, transformando-se rapidamente num terremoto, e então

tudo entra em erupção, o que aconteceu no Pássaro de Madeira, o que aconteceu no meu quarto a noite passada, o que está acontecendo agora, toda a raiva e confusão, a mágoa e impotência, a traição, tudo é um vulcão dentro de mim e da minha boca sai:

— Ele é gay, Courtney! Brian Connelly é gay!

As palavras ricocheteiam no ar. Imediatamente me arrependo.

Brian vira o rosto e não há nada borbulhando por dentro dele. Courtney está boquiaberta. Ela acredita em mim, dá para ver. Ela se afasta dele.

— É mesmo, Brian? Achei que... — Ela não termina a frase porque vê a expressão dele.

Essa é a cara que ele deve ter feito quando estava dentro daquela despensa, sozinho, hora após hora. Essa é a cara de quando todos os sonhos desmoronam.

E fui eu quem fez isso contra ele agora. Eu.



Não consigo deixar de ver o rosto de Brian me odiando ao cruzar correndo a rua. Faria qualquer coisa para não ter dito aquilo, mas guardo as palavras novamente num cofre de silêncio dentro de mim, ao qual elas pertencem. Qualquer coisa. Sinto-me como se tivesse comido pregos. Como pude ter feito isso com ele depois do que ele me contou?

Eu faria qualquer coisa para não ter visto o que vi no Pássaro de Madeira também.

Dentro de casa, vou diretamente para o meu quarto, abro um bloco e começo a desenhar. Prioridades. Preciso que a mamãe pare, e só conheço uma maneira de fazer isso. Levo muito tempo para fazer o desenho certo, mas acabo conseguindo.

Quando termino, deixo o desenho na cama dela e saio para procurar Jude. Preciso da Jude.

Fry me diz que ela saiu com Zephyr, mas não os encontro em nenhum lugar.

Não encontro Brian também.

Só encontro o Profeta, que, como sempre, não se cala quanto ao tal de Ralph.

E, com toda a força dos meus pulmões, grito:

— Não existe nenhum Ralph, seu pássaro burro. Ralph não existe!



Quando volto para casa, a mamãe está me esperando no meu quarto com o desenho que fiz no colo. É um desenho dela e do escultor se beijando perto do Pássaro de Madeira em primeiro plano e o papai, Jude e eu como um borrão ao fundo.

A maquiagem dela deixando as lágrimas escuras.

— Você me seguiu — diz ela. — Queria que você não tivesse me seguido, Noah. Desculpe. Você

não deveria ter visto.

— Você não deveria ter *feito!*

Ela abaixa os olhos.

— Eu sei, e é por isso que...

— Achei que você fosse falar com o papai sobre mim — digo. — Por isso é que eu te segui.

— Eu te disse que não faria isso.

— Ouvi você dizer ao telefone que “aconteceu uma coisa com o Noah a noite passada”. Achei que você estivesse falando com o papai, *não com seu namorado.*

Seu rosto se enrijece ao ouvir a palavra.

— Eu disse aquilo porque, quando me ouvi te dizendo a noite passada que cabia a você ser fiel ao seu coração, percebi que estava sendo hipócrita e que precisava acatar meu próprio conselho. Eu precisava ter coragem como meu filho. — Espere um pouco. Ela acaba de me usar para justificar sua traição? A mamãe se levanta e me devolve o desenho. — Noah, vou pedir o divórcio ao seu pai. Vou contar a ele hoje. E quero eu mesma contar para a sua irmã.

Um divórcio. Hoje. Agora.

— Não! — A culpa é toda minha. Se eu não a tivesse seguido. Se eu não a tivesse visto. Se não tivesse feito aquele desenho. — Você não nos ama? — Eu queria dizer *você não ama o papai*, mas foi isso o que saiu.

— Não há nada que eu ame mais do que você e sua irmã. Nada. E seu pai é um homem maravilhoso...

Mas agora não consigo prestar atenção ao que ela está dizendo porque um pensamento toma conta de todo o meu cérebro.

— Ele vai morar aqui? — pergunto, interrompendo o que quer que ela esteja dizendo. — Aquele homem? Com a gente? Ele vai dormir na sua cama, no lado do papai? Beber na xícara dele? Se barbear no espelho dele? Vai? Você vai se casar com ele? Por isso é que você quer o divórcio?

— Querido... — Ela toca meu ombro, tentando me consolar. Afasto-me dela, odiando-a pela primeira vez na vida, um ódio verdadeiro, vivo, barulhento.

— Vai — digo, incrédulo. — Você vai se casar com ele, não é? É isso o que você quer.

Ela não diz que não. Seus olhos estão dizendo sim. Não acredito nisso!

— Então você vai simplesmente se esquecer do papai? Vai fingir que vocês não tiveram nada? — Como Brian fez comigo. — Ele não vai sobreviver, mãe. Você não o viu naquele hotel. Ele não é o que costumava ser. Ele está destruído. — E eu também. E se eu também destruí Brian? Por que o amor é tão demolidor?

— Nós tentamos, seu pai e eu — diz ela. — Estamos nos esforçando há muito tempo. Só queria que vocês tivessem a estabilidade que eu não tive quando criança. Eu nunca quis que isso acontecesse. — Ela volta a se sentar. — Mas estou apaixonada por outro homem. — Sua expressão

desmorona do rosto (ninguém está conseguindo segurar a expressão hoje), e a expressão por baixo é de desespero. — Simplesmente estou. Queria que as coisas fossem diferentes, mas não são. Não é certo viver uma mentira. Nunca é, Noah. — Sua voz me implora. — Você não escolhe quem ama, não é?

Isso silencia o turbilhão dentro de mim por um instante. Não posso escolher, claro, e de repente quero lhe contar tudo. Quero lhe dizer que estou apaixonado também, e que não aguento, e que acabei de fazer a pior coisa que poderia ter feito com Brian, e não sei como pude fazer aquilo, e não sei como fazer para retirar o que disse.

Mas em vez disso saio do quarto.

Estou deitada na cama, sem conseguir dormir, pensando em Oscar beijando Brooke enquanto eu carnicamente fermentava dentro do armário. Pensando nos espíritos da vovó e da mamãe se unindo contra mim. Pensando principalmente em Noah. O que ele estava fazendo perto do estúdio de Guillermo hoje? E por que ele parecia tão assustado, preocupado? Ele disse que saiu para correr, que estava bem e que foi uma coincidência termos nos encontrado na Day Street. Mas não acreditei nele, assim como não acreditei quando ele disse que não sabia como todos os arquivos que eu salvara sobre Guillermo foram apagados. Ele deve ter me seguido até lá. Mas por quê? Tive o estranho pressentimento de que havia algo que ele queria me dizer. Mas talvez ele estivesse com muito medo.

Será que ele está escondendo algo de mim?

E por que ele estava vasculhando minhas coisas outro dia? Talvez não fosse apenas curiosidade. E o dinheiro para emergências — no que ele o usou? Mexi no quarto dele quando ele saiu à noite, mas não encontrei absolutamente nada de novo.

Sento-me, ouvindo um barulho suspeito. Assassinos. Eles sempre tentam invadir a casa à noite, quando o papai está viajando em conferências. Afasto os cobertores, saio da cama, pego o taco de beisebol que ele guarda sob a cama para essas situações e rapidamente ando pela casa para ter certeza de que Noah e eu sobreviveremos. Termino minha patrulha na porta do quarto da mamãe e do papai, pensando como sempre penso: o quarto ainda está esperando pela volta dela.

A penteadeira ainda está decorada com seus borrifadores, frascos de perfume francês, potes na forma de concha cheios de sombras, batons, lápis. Ainda há cabelos pretos em sua escova. A biografia de Wassily Kandinsky ainda descansa de cabeça para baixo como se a mamãe fosse pegá-la e continuar lendo de onde parou.

Mas é a fotografia que me atrai hoje. O papai a mantém na sua mesinha de cabeceira, imagino, para que seja a primeira coisa que ele veja ao acordar. Nem Noah nem eu vimos essa fotografia antes da morte da mamãe. Agora parece que não me canso dela, do papai e da mamãe naquele instante. Ela está usando um vestido hippie tingido de laranja, e seus cabelos pretos sopram no rosto. Seus olhos estão exageradamente maquiados com kájal, como os de Cleópatra. Ela está rindo, parece, do papai, que ao lado dela monta um uniciclo, os braços abertos para o equilíbrio. O sorriso dele é de deleite. Na cabeça ele usa uma cartola do Chapeleiro Maluco e os cabelos loiros manchados pelo sol descem até o meio das costas. (O diálogo silencioso entre o papai e Noah quando Noah viu os cabelos dele: Ah, meu Clark Gable.) Ele tem uma bolsa sobre o peito, cheia de discos de vinil. Alianças de

casamento brilham nas mãos bronzeadas deles. A mamãe se parece exatamente com a mamãe, mas o papai está completamente diferente, parecido com alguém que foi mesmo criado pela vovó Sweetwine. Aparentemente esse uniciclista superbobo pediu a mamãe em casamento três dias depois de conhecê-la. Os dois estavam na faculdade, ele era onze anos mais velho que ela. O papai disse que não podia correr o risco de perdê-la. Nenhuma outra mulher o fez se sentir tão feliz por estar vivo.

Ela disse que nenhum homem a fez se sentir tão segura. Esse superbobo a fez se sentir segura!

Solto a fotografia, me perguntando o que teria acontecido se a mamãe continuasse viva e o papai voltasse a morar com a gente como ela pretendia. A mãe que eu conhecia não parecia interessada em segurança. A mãe que eu conhecia tinha um porta-luvas cheio de multas por excesso de velocidade. Ela impressionava plateias com seu drama e paixão, com ideias que os críticos consideravam ousadas e revolucionárias. Ela usava capas! Saltou de paraquedas no seu aniversário de quarenta anos! E isto: ela secretamente reservava passagens em voos para cidades ao redor do mundo (eu a ouvi fazendo isso), só para deixá-las perderem a validade no dia seguinte — por quê? E, pelo que me lembro, quando ela achava que ninguém estava olhando, travava uma batalha com o fogão, vendo quanto tempo conseguia manter a mão sobre a chama.

Noah uma vez me disse que ouvia cavalos galopando dentro dela. Entendo.

Mas sei tão pouco sobre a vida dela antes de todos nós. Só que ela era, em suas próprias palavras, *uma diabrete* que mudava de um abrigo infeliz para outro. Ela nos disse que os livros de arte na biblioteca municipal a salvaram e a ensinaram a sonhar e a fizeram querer entrar numa faculdade. Na verdade é só isso. Ela sempre prometia que nos diria tudo quando fôssemos um pouco mais velhos.

Sou um pouco mais velha e quero que ela me conte tudo.

Sento-me à mesa de maquiagem, diante de um espelho oval com moldura de madeira. O papai e eu encaixotamos todas as roupas, mas nenhum de nós conseguiu tocar na penteadeira dela. Parecia um sacrilégio. Este era seu altar.

Quando você fala com alguém pelo espelho, suas almas trocam de corpo.

Borrifo o perfume dela no meu pescoço e nos pulsos e me lembro de quando tinha treze anos, sentada aqui antes da escola, metodicamente usando toda a maquiagem dela que eu não podia usar na escola: batom vermelho-vivo que ela chamava de Abraço Secreto, delineador preto, sombras verde e azul, brilho. A mamãe e eu éramos inimigas naquela época. Eu havia parado de ir a museus com ela e Noah. Ela veio por trás de mim, mas, em vez de ficar com raiva, pegou a escova prateada e começou a pentear meus cabelos como costumava fazer quando eu era menor. Fomos emolduradas juntas pelo espelho. Notei que nossos cabelos estavam se misturando na escova, claro e escuro, escuridão e luz. Pelo espelho, olhei para ela e ela para mim.

— Seria mais fácil para mim, e eu me preocuparia menos — disse ela, carinhosamente —, se você não me lembrasse tanto de mim mesma, Jude.

Pego a mesma escova que ela usou naquele dia, três anos atrás, e escovo meus cabelos até que todos os nós se desfçam, até que haja tantos fios de cabelo meus na escova quantos dela.

Se seus cabelos se misturam aos de outra pessoa na escova, suas vidas estarão para sempre entrelaçadas.

Ninguém lhe diz o que é o fim completo, nem quanto isso dura.



De volta ao meu quarto, tenho de me conter para não destruir tudo com o taco de beisebol, tamanha a saudade. Se ao menos houvesse alguma coisa na bíblia para realmente nos ajudar. Se ao menos houvesse algo para desvirar o carro (cinco vezes, de acordo com as testemunhas), consertar o para-brisa, reconstruir a amurada de proteção, deter as rodas, deixar a rua menos lisa. Algo para colar os vinte e dois ossos do corpo dela, incluindo sete no pescoço, reavivar seus pulmões, seu coração e conter a hemorragia em seu cérebro brilhante.

Mas não há.

Não há.

Quero arremessar a estúpida e inútil bíblia no estúpido e inútil Clark Gable.

Mas em vez disso coloco o ouvido na parede entre nossos quartos para tentar ouvir Noah. Durante meses depois da morte da mamãe, quando ele costumava chorar dormindo, eu me levantava ao primeiro som do choro e ia até o seu quarto e me sentava na cama até que ele parasse. Ele nunca acordou e me encontrou ali sentada no escuro com ele.

Coloco as duas mãos na parede entre nós dois, querendo derrubá-la...

É quando tenho a ideia. Uma ideia tão óbvia que não acredito que levou tanto tempo para me ocorrer. Pouco depois estou à minha mesa ligando o laptop.

Entro no ConexõesPerdidas.com.

Encontro o post de Noah para Brian, seu pedido, como sempre:

Eu daria dez dedos, os dois braços. Daria qualquer coisa. Desculpe. Sinto muito. Encontre-me às cinco da tarde de quinta-feira. Você sabe onde. Estarei lá todas as semanas, a esta hora, pelo resto da minha vida.

Sem respostas.

Mas e se houvesse uma resposta? Meu coração dispara. Como nunca pensei nisso antes? Pergunto ao Oráculo: *E se eu entrar em contato com Brian Connelly?*

Para minha surpresa, a adivinhação é generosa. Links e mais links sobre Brian aparecem:

Olheiros Vão Até a Forrester Academy para Observar o Arremessador Gay “O Machado” na Terceira Rodada do Recrutamento.

Connelly Ignora Recrutamento e Decide Ir para Stanford Arremessar para o Cardinal

E então clico em: *O Homem Mais Corajoso do Beisebol Tem Dezessete Anos.*

Os outros links são bem recentes, do jornal da escola dele, o *Forrester Daily*, ou do jornal local, o *Westwood Weekly*, mas aquele em que clico está linkado em todos os lugares.

Leio o artigo três vezes. Ele descreve como Brian se revelou para toda a escola numa turnê na primavera do seu segundo ano. O time de beisebol estava no meio de uma sequência de vitórias durante a qual ele arremessou dois *no hitters*^[7] e sua bola rápida alcançou consistentemente 140 quilômetros por hora. No campo tudo estava indo bem, mas fora dele havia rumores sobre a orientação sexual de Brian, e o vestiário se tornou uma praça de guerra. O texto diz que Brian percebeu que tinha duas escolhas: sair do time, como fez em situações semelhantes quando era mais jovem, ou pensar em alguma coisa e rápido. Na turnê, diante de todos os alunos da *Forrester*, ele se levantou e fez um discurso sobre todas aquelas situações no passado e presente em que foi obrigado a sair do time por causa do preconceito. Ele foi aplaudido de pé. Seus companheiros o cercaram e na mesma hora a perseguição terminou. Os *Tigers* venceram o campeonato naquela primavera. Ele se tornou capitão do time e, no fim do ano, recebeu um contrato para jogar numa liga menor, mas não o aceitou porque ganhou uma bolsa de estudos para jogar beisebol em Stanford. O artigo termina dizendo que o fato de a MLB^[8] estar agora tentando recrutar jogadores abertamente homossexuais é um sinal de que se está fazendo história.

Meu Clark Gable! Mas nada disso me surpreende, só confirma o que eu já sabia. Brian é uma pessoa muito legal, e ele e meu irmão estavam apaixonados.

A informação mais interessante do artigo, contudo, além do fato de Brian poder estar mudando a história e tal, é que ele está em Stanford. Agora. A menos de duas horas daqui! Isso significa que ele pulou o último ano do ensino médio, mas isso é bem possível, considerando como ele citava parágrafos científicos incompreensíveis. Encontro na internet o jornal da Stanford University e procuro o nome dele, mas não acho nada. Então faço outra busca por “O Machado”. Nada. Volto ao artigo. Talvez eu tenha lido errado e ele não tenha pulado o último ano e só venha para cá no próximo outono. Mas não, não li errado. Então me lembro de que o beisebol é um esporte praticado na primavera! A temporada ainda não começou. Por isso é que ele não está no jornal. Vou ao site da Stanford, encontro um índice dos novos alunos e rapidamente encontro o e-mail dele. Devo mesmo fazer isso? Devo? É errado me intrometer?

Não. Tenho que fazer isso por Noah.

Antes que eu mude de ideia, copio o endereço do post de Noah no ConexõesPerdidas e o envio por e-mail para Brian Connelly a partir de uma conta anônima que invento.

Agora tudo está nas mãos dele. Se ele quiser responder a Noah, vai poder. Ao menos ele verá a mensagem — quem sabe já a viu? Sei que as coisas não terminaram bem entre eles. Nada a ver comigo. Brian mal podia olhar Noah nos olhos durante o funeral da mamãe. E ele não chegou nem perto da casa depois do enterro. Nenhuma vez. E ainda assim é Noah quem está pedindo desculpas há anos por aquele site. O artigo diz que Brian se revelou durante aquela turnê na primavera do segundo ano, que se seguiu às últimas férias de inverno dele aqui. Depois disso, a mãe dele se mudou para o norte e ele nunca mais voltou. Mas o cronograma é suspeito. Havia rumores sobre ele e Noah naquela época? Foi isso o que pôs um fim ao relacionamento deles? Noah começou os rumores? Será que é por isso que ele está pedindo desculpas? Ah, quem é que sabe?

Volto para a cama, pensando em como Noah ficará feliz se finalmente obtiver uma resposta. Pela primeira vez em muito tempo meu coração se sente leve. Durmo imediatamente.

E sonho com pássaros.

Se você sonhar com pássaros é porque uma grande transformação na sua vida está prestes a acontecer.

Quando acordo, na manhã seguinte, vejo se Brian respondeu ao post de Noah (não), vejo se Noah já se foi como ontem (sim), e, depois, apesar da decepção profunda quanto a Oscar, o Exalador de Meninas, e o incômodo tanto com o furioso Guillermo quanto com o esquadrão de espíritos vigilantes, saio.

Preciso tirar NoaheJude de dentro daquela pedra.

Dou alguns passos no corredor do estúdio de Guillermo e ouço vozes alteradas vindas da sala de correspondência. Guillermo e Oscar estão discutindo intensamente sobre alguma coisa. Ouço Oscar dizer:

— Você não consegue entender! Como você pôde?

Então Guillermo, com uma aspereza incomum na voz, diz:

— Entendo muito bem. Você se arrisca naquela moto, mas só. Você é um covarde numa jaqueta de couro, Oscore. Você não permite que ninguém entre na sua vida. Desde que sua mãe morreu. Você magoa antes de se magoar. Você tem medo da sombra.

Dou meia-volta e estou quase na porta e longe dali quando Oscar diz:

— Eu deixei *you* entrar na minha vida, G. Você é... como um pai... o único que tive.

Algo na voz dele me detém, me paralisa.

Coloco a testa contra a parede fria, as vozes deles mais baixas agora, ininteligíveis, sem entender como é possível que, depois de tudo o que aconteceu ontem com Brooke, tudo o que eu queira fazer seja correr para o menino sem mãe na sala ao lado que tem medo da sombra.

Não corro.



Em vez disso, vou à igreja. E, quando volto ao estúdio, mais ou menos uma hora mais tarde, está tudo em silêncio. Passei todo o meu tempo com o Sr. Gable tentando não ser uma pessoa compassiva. Tentando não pensar sobre o menino assustado e enlutado que usa uma jaqueta de couro. Não foi tão difícil. Sentei-me no banco, o mesmo de quando Oscar e eu nos conhecemos, e repeti meu mantra: *Venha cá, sente-se no meu colo*, ad infinitum.

Guillermo me recebe na sala de correspondência com óculos de proteção na cabeça. Não há nada na sua expressão que indique que ele recentemente tenha usado a serra circular em Oscar. Mas ele parece diferente. Seus cabelos pretos estão cheios de poeira, como Ben Franklin. E um enorme

cachecol carmesim, também sujo de pó branco, dá algumas voltas em seu pescoço. Ele esteve esculpindo? Olho para o loft — nenhum sinal de Oscar. Ele deve ter saído. Nenhuma surpresa. Guillermo claramente não estava escondendo seu amor. Não me lembro da última vez que o papai falou com Noah e comigo daquele jeito. Não me lembro da última vez que o papai foi mesmo um pai.

— Tive medo de termos assustado você — diz Guillermo, examinando-me de perto. O exame e o “nós” me fazem imaginar o que Oscar lhe contou. E isso me faz imaginar se o que ouvi antes tinha alguma coisa a ver comigo. — Oscore disse que você foi embora muito chateada ontem.

Dou de ombros, sentindo meu rosto arder.

— Não é como se eu não tivesse sido alertada.

Ele faz que sim.

— Se ao menos o coração ouvisse a razão, não é? — Ele me envolve com o braço. — Vamos lá, o que é ruim para o coração é bom para a arte. A horrível ironia da nossa vida como artistas. — *Nossa* vida como artistas. Sorrio para ele, que aperta meu ombro do mesmo jeito que o vi apertar o ombro de Oscar, e instantaneamente meu humor melhora. Como fui encontrar esse cara? Como pude ter tanta *sorte*?

Quando passo pelo anjo de pedra, estendo a mão e o toco.

— A pedra me chamou de volta — diz ele, limpando a poeira do seu jaleco. — Vou estar no pátio com você hoje. — Noto que o jaleco dele está muito sujo, como todos os outros pendurados em ganchos espalhados pelo estúdio. Eu deveria costurar um jaleco melhor para ele, de uma cor que combinasse com ele. Um Jaleco Voador.

Ao avançarmos, vejo que o homem de argila sobreviveu ao espancamento de ontem, mais do que sobreviveu. Ele não está mais curvado e derrotado, e sim se abrindo como uma planta. Ele está terminado, secando, e é lindo.

— Vi sua pedra de estudo e seu modelo na noite passada — diz Guillermo. — Acho que você está pronta para usar alguma eletricidade. Você precisa remover muita pedra antes de começar a encontrar o irmão e a irmã, entende? Esta tarde vou te ensinar a usar as ferramentas elétricas. Com elas você tem que tomar muito, muito cuidado. Com o cinzel, como na vida, você tem uma segunda chance. Com serras e brocas, geralmente não há uma segunda chance.

Paro de caminhar.

— Você acredita nisso? Em segundas chances? Na vida, quero dizer. — Sei que estou parecendo um programa da Oprah, mas quero saber. Porque, para mim, viver é perceber que se está no trem errado indo na direção errada, sem que se possa fazer nada quanto a isso.

— Claro, por que não? Até mesmo Deus fez o mundo duas vezes. — As mãos dele se agitam no ar. — Ele fez o primeiro mundo, concluiu que era um mundo horrível e por isso o destruiu com o Dilúvio. Depois tentou novamente, começou tudo de novo com...

— Com Noé — digo, concluindo a frase dele.

— Sim. Então, se Deus pode ter duas chances, por que não nós? Ou três ou trezentas chances. —

Ele ri uma risada abafada. — Você vai ver: com a serra circular com lâmina de diamante você tem uma única chance. — Ele coça o queixo. — Mesmo assim, às vezes, quando você comete um erro catastrófico e pensa que vai se matar porque a escultura está arruinada, no fim vai descobrir que ela saiu melhor do que teria saído se você não tivesse cometido aquele erro. Por isso é que eu adoro pedras. Quando esculpo com argila, parece que estou trapaceando. É tão fácil. A argila não tem vontade própria. As pedras são formidáveis. Elas te desafiam. É uma luta justa. Às vezes você ganha. Às vezes elas ganham. E às vezes, quando elas ganham, você ganha.

Lá fora, o sol brilha de todos os cantos do planeta. É um dia maravilhoso.

Vejo Guillermo subir uma escada até a cabeça do gigante feminino. Ele para por um instante, colocando sua testa contra a enorme testa de pedra da escultura, antes de se levantar. Depois abaixa os óculos de proteção, ergue o cachecol para proteger a boca — ah, entendo, ele não gosta de usar máscara —, pega a serra circular com lâmina de diamante do alto da escada e pendura o fio no ombro. Um barulho alto de britadeira preenche o ambiente, rapidamente seguido pelo berro do granito, enquanto Guillermo, sem nenhuma hesitação, aproveita sua chance única e corta a cabeça da Mais Querida, perdendo-se numa nuvem de poeira.

O pátio está cheio hoje. Além de Guillermo e seu casal por finalizar, *Os Três* (incrivelmente assustadores) *Irmãos* e eu, ali está a moto de Oscar, por algum motivo. Além disso, a vovó e a mamãe já estão a postos, sinto isso. E continuo achando que alguém me espia da escada de incêndio, mas sempre que olho para cima vejo apenas Frida Kahlo tomando sol.

Esqueço-me de tudo e trabalho na libertação de NoaheJude.

Lentamente lasco, lasco, lasco a pedra, e, ao fazer isso, como ontem, o tempo começa a retroceder e eu começo a pensar e não consigo deixar de pensar em coisas nas quais normalmente não penso, como o fato de eu não estar em casa quando a mamãe saiu naquela tarde para se reconciliar com o papai. Eu não estava lá para ouvi-la dizer que seríamos uma família novamente.

Não estava lá porque fugi com Zephyr.

Penso que ela morreu acreditando que eu a odiava, porque isso era tudo o que eu lhe dizia desde que ela expulsou o papai de casa. E antes disso.

Enfio o cinzel numa reentrância e bato com força com o martelo, tirando uma lasca enorme da pedra, e depois outra. Se eu estivesse em casa naquela tarde e não com Zephyr, acumulando azar, sei que tudo teria sido diferente.

Tiro outra lasca, outro canto, e a força do impacto lança grãos de pedra nos meus óculos de proteção, no meu rosto exposto. Faço isso novamente do outro lado, golpe a golpe, as marteladas erradas ferindo meus dedos, acertando e errando, destruindo a pedra, meus dedos, e então me lembro do instante em que papai me contou sobre o acidente e como coloquei as mãos sobre os ouvidos de Noah para protegê-lo do que eu estava ouvindo. Minha primeira reação. Não sobre meus ouvidos, mas sobre os de Noah. Tinha me esquecido de que fiz isso. Como pude esquecer?

O que aconteceu com aquele instinto de proteção? Para onde ele foi?

Pego o martelo e bato no cinzel.

Preciso tirá-lo dali.

Tenho de tirar nós dois desta maldita pedra.

Bato na pedra repetidas vezes, lembrando como a dor de Noah contaminou toda a casa, todos os cantos, todas as reentrâncias. Lembrando que não havia lugar para mim ou para o papai. Talvez por isso o papai tenha começado a caminhar, para encontrar um lugar onde o sofrimento de Noah não o alcançasse. Eu via Noah todo encolhido no seu quarto e, quando tentava consolá-lo, ele me dizia que eu não entendia. Que eu não conhecia a mamãe como ele. Que não havia como eu compreender o que ele estava sentindo. Como se eu não tivesse perdido minha mãe também! Como ele pôde ter dito aquelas coisas para mim? Estou batendo na pedra agora, tirando mais e mais lascas. Eu não podia acreditar que ele a estava monopolizando na morte como fizera em vida. Fazendo-me acreditar que eu não tinha direito a sofrer, a sentir a falta dela, a amá-la também. E o fato é que eu acreditei nele. Talvez por isso eu nunca tenha chorado. Não me sentia no direito.

Então ele se jogou da Queda do Diabo e quase se afogou naquele dia, quase *morreu*, e minha raiva por ele se tornou mais selvagem e má, monstruosa e perigosa.

Então talvez vocês tenham razão, grito para a mamãe e a vovó mentalmente. Talvez seja por isso que fiz aquilo.

Estou atacando a pedra agora, abrindo caminho, abrindo-a.

Abrindo-a toda.

A inscrição de Noah na CSA estava na bancada da cozinha, irradiando genialidade, uma semana antes da morte da mamãe. Ele e a mamãe selaram o envelope juntos, para dar sorte. Eles não sabiam que eu observava tudo da porta.

Três semanas depois do acidente da mamãe, uma semana depois de Noah saltar do penhasco, na véspera da data-limite para as inscrições na CSA, escrevi as redações, preguei-as em algumas estampas de tecido e acrescentei dois vestidos de amostra. O que mais eu tinha para mostrar? Minhas mulheres de areia foram todas destruídas pelo mar.

O papai nos levou ao correio para que enviássemos as inscrições. Não estávamos encontrando um lugar para estacionar, por isso o papai e Noah esperaram no carro enquanto eu fui ao correio. Foi então que eu fiz. Simplesmente fiz.

Enviei somente a minha inscrição.

Tirei do meu irmão o que ele mais queria no mundo. Que tipo de pessoa faz uma coisa assim?

Não que isso tenha importância, mas voltei ao correio no dia seguinte, corri até lá, mas o lixo fora esvaziado. Todos os sonhos dele acabaram no lixo. Os meus foram diretamente para a CSA.

Eu dizia para mim mesma que contaria tudo para Noah e o papai. Eu contaria durante o café da manhã, depois da escola, no jantar, amanhã ou na quarta-feira. Contaria a Noah para que ele tivesse tempo de se reinscrever, mas não disse nada. Estava muito envergonhada — aquela vergonha que sufoca — e, quanto mais esperava, mais vergonha sentia e mais difícil ficava admitir o que eu fizera. A culpa aumentou também, como uma doença, como todas as doenças. Não havia doenças suficientes na biblioteca do papai. Os dias passaram, depois semanas, e então era tarde demais. Eu tinha medo

de que, se eu confessasse, perderia o papai e Noah para sempre, covarde demais para encarar os fatos, para consertar a situação.

Por isso é que minha mãe destrói tudo o que faço. Por isso é que ela não consegue me perdoar.

Quando a CSA anunciou os escolhidos no site da instituição, o nome dele não estava na lista. O meu estava. Quando minha carta de aceitação chegou, esperei que ele perguntasse sobre a carta de rejeição, mas Noah não perguntou nada. Ele já havia destruído todas as suas obras de arte. E em algum momento antes disso ele deve ter enviado as fotos das minhas esculturas de areia e garantido minha matrícula na escola.

O mundo escureceu. Guillermo está diante de mim, bloqueando o sol. Ele tira o martelo e o cinzel das minhas mãos, que há muito tempo deixaram de esculpir. Ele tira o cachecol do pescoço, agita-o no ar e limpa a minha pele exposta entre meu chapéu e os óculos.

— Acho que você não está bem — diz ele. — Às vezes você trabalha na pedra, às vezes a pedra trabalha em você. Acho que hoje a pedra venceu.

Tiro minha máscara e digo:

— Então era isso o que você estava dizendo quando disse que o que repousa aqui — toco meu peito — repousa aqui. — Toco a pedra.

— Foi isso o que eu quis dizer — diz Guillermo. — Vamos tomar um café?

— Não — respondo rapidamente. — Quero dizer, obrigada, mas preciso continuar trabalhando.

E é o que faço. Trabalho durante horas, obsessiva e freneticamente, incapaz de parar de cortar a pedra, a mamãe e a vovó repetindo a cada golpe: *Você destruiu os sonhos dele. Você destruiu os sonhos dele. Você destruiu os sonhos dele.* Até que, pela primeira vez desde sua morte, a mamãe se materializa e se ergue diante de mim, seus cabelos uma fogueira de chamas negras, seus olhos me amaldiçoando.

— E você destruiu meus sonhos! — grito mentalmente antes que ela desapareça novamente do nada.

Afinal, isso também é verdade. Não é? Repetidas vezes, dia após dia, tudo o que eu queria era que ela me visse, me visse de verdade. Não que me esquecesse no museu como se eu não existisse e voltasse para casa sem mim. Não que cancelasse uma disputa, certa do meu fracasso, antes mesmo de olhar meus desenhos. Não que insistisse em colocar sua mão em mim para desligar a luz, ao mesmo tempo tocando Noah para iluminá-lo completamente. Sempre como se eu não fosse nada além de uma estúpida vadia chamada *esse tipo de menina*. Invisível para ela de outra forma!

Mas e se eu não precisasse da permissão, aprovação e elogio dela para ser quem eu quero ser e fazer o que eu amo? E se eu estivesse no controle do meu maldito interruptor de luz?

Deixo as ferramentas de lado, tiro os óculos, a máscara, o traje de plástico. Tiro o chapéu e o jogo na mesa. Estou cansada de ser invisível. O sol passa seus dedos desejosos em meus cabelos. Tiro meu casaco e tenho braços novamente. A brisa os recebe com carinho, desliza sobre a superfície da minha pele, eriçando todos os pelinhos, me arrepiando, despertando cada centímetro exposto do meu corpo. E se o meu motivo para não ter enviado a inscrição de Noah tiver mais a ver com a minha

relação com a mamãe do que com a minha relação com Noah?

Para despertar seu espírito, jogue uma pedra no seu reflexo na água parada.

(Nunca acreditei que Noah e eu compartilhássemos uma alma, que a minha alma fosse em parte uma árvore com folhas em chamas, como ele dizia. Nunca senti que a minha alma fosse algo que se pode ver. Eu a sentia como um movimento, como se lançar no ar, como nadar rumo ao horizonte ou se jogar de um penhasco ou criar mulheres voadoras da areia, do nada.)

Fecho os olhos e, por um instante, é como se *eu* tivesse acordado de um repouso profundo, como se alguém tivesse me tirado do granito. Porque eu percebo: não importa que Noah me odeie, que ele jamais me perdoe. Não importa se eu perder Noah e o papai para sempre. Simplesmente não importa. Tenho que reavivar o sonho dele. Isso é o que importa.

Entro no estúdio e subo as escadas até o quarto de Oscar, onde há um computador. Ligo-o, entro na minha conta e escrevo um e-mail para Sandy na CSA pedindo para nos reunirmos antes da escola na quarta-feira, o primeiro dia depois das férias de inverno. Digo que é urgente e que meu irmão vai participar da reunião também com um portfólio de pinturas que vai impressioná-lo.

Vou ceder meu lugar. É o que eu deveria ter feito todos os dias nos últimos dois anos.

Aperto “enviar” e a sensação é inconfundível. Estou livre.

Sou *eu mesma*.

Mando uma mensagem de texto para Noah: precisamos conversar. É importante! É melhor ele recomeçar a pintar. Ele tem quatro dias para montar um portfólio. Recosto-me na cadeira, sentindo-me como se emergisse de uma caverna escura e saísse para um lindo dia de sol. Só então olho ao meu redor. Na cama de Oscar, os livros, as camisas dele. A decepção toma conta de mim — mas não há nada a fazer quanto a isso. O covarde que usa jaqueta de couro deixou bem claro como se sente a respeito da covarde em seu uniforme de invisibilidade.

Ao me levantar para ir embora, vejo o bilhete de Guillermo que dei a Oscar na mesinha de cabeceira, perto da fotografia da mãe dele. Levo-o comigo para o andar de baixo e, assim que o devolvo ao bloquinho no quarto do ciclone ao qual ele pertence, saio para o pátio e peço a Guillermo que me ensine a usar a serra circular com lâmina de diamante. Ele me ensina.

Chegou a hora das segundas chances. Chegou a hora de reconstruir o mundo.

Sabendo que só tenho uma oportunidade de fazer o certo com esta ferramenta, penduro o fio no ombro, posiciono a serra circular entre os ombros de Noah e os meus e ligo a serra. A ferramenta ganha vida. Meu corpo todo vibra com a eletricidade enquanto divido a pedra em duas partes.

Para que NoaheJude se torne Noah e Jude.

— Você os matou? — pergunta Guillermo, incrédulo.

— Não, eu os salvei.

Finalmente.



Volto para casa sob o luar, sentindo-me ótima, como se estivesse no meio de uma clareira, num rio, usando os sapatos mais incríveis do mundo, até mesmo de salto alto. Sei que ainda tenho de falar com Noah e o papai sobre a inscrição de Noah na CSA, mas tudo bem, porque, não importa o que aconteça, Noah vai voltar a pintar. Sei que vai. Noah voltará a ser Noah. E eu posso ser uma pessoa que vou suportar ver no espelho, no estúdio de artes, usando um Vestido Flutuante, saudável, numa história de amor, no mundo. Mas é bizarro que Noah não tenha respondido minhas mensagens. Tentei várias vezes, cada uma com mais urgência e mais pontos de exclamação. Ele costuma me responder imediatamente. Acho que, se ele ainda não tiver voltado quando eu chegar em casa, terei simplesmente de esperar.

Ergo os braços para a lua brilhante, pensando que não tenho uma doença terminal há horas e que está tudo quieto no front dos espíritos também, que tudo isso é um alívio, quando recebo uma mensagem de Heather:

No Spot. Noah muito bêbado. Louco. Quer pular a Queda do Homem Morto! Tenho de sair em 5. Por favor, venha cá agora mesmo! Não sei o que há de errado com ele. Preocupada.



Estou na beirada do mundo procurando meu irmão.

O vento me golpeia, a maresia queimando meu rosto quente, o oceano lá embaixo retumbando furiosamente em minha mente e fora dela. Ensopada de suor por causa da corrida colina acima e com a lua cheia tão iluminada que parece dia, olho para a Queda do Diabo e a Queda do Homem Morto e vejo que os dois penhascos estão desertos. Agradeço a Clark Gable, respiro fundo e, mesmo ela tendo dito que precisava ir embora, envio uma mensagem de texto para Heather, depois para Noah novamente, tentando me convencer de que ele voltou à razão. Não consigo.

Estou com um mau pressentimento.

Agi tarde demais.

Viro-me e rumo para a confusão. Em todas as direções, brigadas barulhentas de alunos das escolas públicas e privadas, da Lost Cove U, se reúnem ao redor de barris de cerveja, fogueiras, mesas de piquenique, rodas de batuque, capôs de carros. Todos os estilos musicais soam de todos os tipos de carros.

Bem-vindo ao Spot numa noite enluarada de sábado à noite.

Não reconheço ninguém até voltar ao extremo do estacionamento e encontrar Franklyn Fry, babaca residente de proporções épicas, com os mesmos surfistas mais velhos de Hideaway, todos pelo menos há um ano saídos da escola. A turma de Zephyr. Eles estão sentados na caçamba da caminhonete de Franklyn, iluminados pelos faróis como enfeites do Dia das Bruxas.

Pelo menos os cabelos compridos e manchados pelo sol de Zephyr não estão por perto.

Quero tirar da mochila meu casaco da invisibilidade e capuz e vesti-los. Mas não faço isso. Quero acreditar que o laço vermelho no meu pulso vai sempre me manter segura. Mas não vai. Quero jogar Como Você Prefere Morrer? em vez de descobrir como viver. Mas não posso. Estou cansada de ser covarde. Estou cansada de estar parada no tempo, de ser enterrada e escondida, de estar petrificada, nos dois sentidos da palavra.

Não quero imaginar campos floridos, quero correr no meio deles.

Aproximo-me do inimigo. Franklyn Fry e eu não combinamos.

Minha estratégia é cumprimentar e perguntar calma e educadamente se viu Noah.

A estratégia dele é cantar os primeiros versos de “Hey Jude” — por que meus pais não pensaram nisso quando me batizaram? —, depois me olhar lentamente, de cima a baixo, de baixo a cima, certificando-se de que não perdeu nem um centímetro antes de se deter em meus seios. Não se engane, há vantagens na invisibilidade.

— Visitando os pobres? — pergunta ele diretamente para meu peito, bebe um gole de cerveja e limpa a boca porcamente com as costas da mão. Noah tinha razão, ele se parece mesmo com um hipopótamo. — Veio pedir desculpas? Já era hora.

Pedir desculpas? Ele só pode estar brincando.

— Você viu meu irmão? — repito, agora mais alto, articulando todas as sílabas como se ele não falasse meu idioma.

— Ele desapareceu — diz uma voz por trás de mim, imediatamente silenciando toda a música, todas as conversas, o vento e o mar. A mesma voz de lixa que uma vez me fez me fundir à minha prancha de surfe. Michael Ravens, conhecido como Zephyr, está atrás de mim.

Pelo menos Noah decidiu não pular do penhasco, digo para mim mesma, e depois me viro.

Faz tempo. Os faróis da caminhonete de Franklyn estão nos olhos de Zephyr e suas mãos protegem os olhos como um visor. Que bom. Não quero ver seus olhos verdes de falcão; já os vejo o suficiente na minha imaginação.

Isto é o que acontece depois que eu perdi minha virgindade com ele, há dois anos: sento-me, trago os joelhos até o peito e respiro o ar salgado com calma. Penso na minha mãe. A decepção dela crescendo dentro de mim como uma flor negra. Lágrimas queimam meus olhos. Eu as proíbo de caírem e elas obedecem. Fui lixada com areia. Zephyr me devolve a parte de baixo do meu biquíni. Penso em enfiá-la na garganta dele. Vejo um preservativo usado com marcas de sangue numa pedra. Aquilo sou eu, penso: nojento. Nem sabia que ele havia usado preservativo. Nunca pensei em preservativos! Tudo no meu estômago está querendo sair pela boca, mas proíbo isso também. Visto meu biquíni, tento esconder meu tremor. Zephyr sorri para mim como se tudo estivesse bem. Como se tudo o que acabou de acontecer estivesse BEM! Sorrio para ele como se tudo estivesse mesmo bem. Ele sabe quantos anos eu tenho?, lembro-me de pensar. Lembro-me de pensar que ele deve ter esquecido.

Franklyn me viu com Zephyr caminhando pela praia depois do fato. Havia começado a chover fraquinho. Eu queria estar usando uma capa de chuva, mil capas de chuva. O braço de Zephyr é um

peso de chumbo sobre meus ombros, empurrando-me para baixo na areia. Na noite anterior, na festa à qual ele me levou, ele ficava dizendo a todos que eu era uma ótima surfista e que eu era conhecida por não saltar, e sim mergulhar da Queda do Diabo. Ele insistia em dizer que eu era *tão poderosa*, e eu me sentia assim.

Isso foi menos de vinte e quatro horas antes.

De alguma forma Franklyn sabia o que tínhamos feito. Quando chegamos até ele, Franklyn segurou meu braço e sussurrou em meu ouvido para que Zephyr não ouvisse:

— Agora é a minha vez — disse. — Depois Buzzy, Mike e Ryder, certo? É assim que as coisas funcionam, só para você saber. Você não acha que o Zeph gosta mesmo de você, não é? — Era exatamente isso o que eu achava. Tive que limpar as palavras de Franklyn do meu ouvido porque elas estavam cobertas de saliva e, depois de fazer isso, liberei-me da mão dele, gritando “Não!”, finalmente encontrando a bendita palavra, tarde demais, e, diante de todo mundo, dei uma joelhada no saco de Franklyn Fry como o papai me ensinou a fazer em caso de emergência.

Depois voltei correndo para casa, as lágrimas aferroando meu rosto, minha pele coçando, meu estômago revirado, indo diretamente para a mamãe. Cometi o maior erro da minha vida.

Precisava da minha mãe.

Precisava da minha mãe.

Aconteceu um acidente, foi o que o papai me disse assim que entrei correndo na casa.

Houve um acidente.

Foi então que me lancei para proteger os ouvidos de Noah com as mãos.

O papai as tirou e as substituiu por suas próprias mãos.

Então, enquanto o policial nos contava aquelas coisas inimagináveis e demolidoras, eu ainda estava me revirando no erro que havia cometido. Fui lixada com areia em todos os poros do meu corpo. O terrível cheiro do erro ainda pairava no ar, na minha pele, dentro do meu nariz, em toda inalação era carregado para dentro de mim. Durante várias semanas, por mais que eu tomasse banho, por mais que eu me esfregasse e usasse qualquer tipo de sabão — tentei lavanda e toranja e mel e rosas —, não conseguia tirar aquele cheiro de mim, não conseguia tirar Zephyr de mim. Uma vez, fui a uma loja de departamentos e usei todas as amostras de perfume da bancada, mas o cheiro ainda estava lá. Está sempre lá. *Ainda* está lá. O cheiro daquela tarde com Zephyr, o cheiro da morte da minha mãe, os dois a mesma coisa.

Zephyr sai do alcance dos faróis do carro de Franklyn. É assim que penso nele: como seu xará, o corvo, o mensageiro da morte e desastre. Ele é uma bruxaria humana, uma coluna alta e loira de escuridão. Corvos zéfiros são um eclipse.

— Então Noah voltou para casa? — pergunto. — Há quanto tempo?

Ele faz que não.

— Não. Não voltou para casa. Ele foi para lá, Jude — diz ele, apontando para um lugar no penhasco que não tem nem nome, porque não faz sentido nenhum alguém lhe dar um nome. Os

praticantes de voo livre às vezes o usam, mas é só isso. Ali é alto demais para saltar, provavelmente duas vezes mais alto que a Queda do Homem Morto, e lá embaixo há uma espécie de degrau, então, se você não se lançar bem longe do paredão, vai cair ali antes mesmo de alcançar a água. Só ouvi falar de um menino que uma vez se jogou dali. Ele não sobreviveu.

Meus órgãos internos estão desabando, desabando, um a um.

Zephyr diz:

— Recebi uma mensagem. Eles estão brincando de fazer apostas e beber. O perdedor tem que se jogar, e aparentemente seu irmão está perdendo de propósito. Eu estava indo até lá para tentar impedi-lo.

Saio correndo no meio da multidão, derrubando bebidas, pessoas, sem me importar com nada além de chegar à beira do penhasco, o caminho mais rápido até lá. Ouço a voz da vovó nas minhas costas, como uma lufada de vento. Ela está bem atrás de mim, na trilha. Galhos se quebram, os passos pesados dela no caminho pouco depois dos meus, depois lembro que ela não tem pés. Paro e Zephyr bate em mim, me segurando pelos ombros para que eu não caia de cara no chão.

— Jesus — digo, livrando-me rapidamente das mãos dele, me afastando do seu cheiro, novamente perto demais.

— Ah, desculpe.

— Pare de me seguir, Zephyr. Volte, por favor. — Pareço tão desesperada quanto me sinto. A última coisa de que preciso neste momento é dele.

— Ando por esta trilha todos os dias. Eu a conheço, então...

— Como se eu não a conhecesse.

— Você vai precisar de ajuda.

É verdade. Mas não dele. Qualquer pessoa, menos ele. Mas é tarde demais, ele já passou por mim e está correndo à minha frente sob o luar.

Depois que a mãe morreu, ele se aproximou de mim algumas vezes, tentou me fazer voltar a surfar, mas o oceano havia secado para mim. Ele também tentou ficar comigo novamente, fingindo me consolar. Duas palavras: até parece. O mesmo fizeram Fry e Ryder e Buzzy e todos os outros, mas ninguém disfarçando o assédio. Incessante. Todos se tornaram babacas de uma hora para outra, principalmente Franklyn, que ficou com raiva e publicou coisas obscenas a meu respeito no quadro de avisos da Hideaway e pichou *Sweetwine Vadia* no banheiro da praia, reescrevendo isso sempre que alguém — Noah? — o rabiscava.

Você realmente quer ser *esse tipo de menina*? A mãe me perguntou isso repetidas vezes naquele verão e outono, enquanto minhas saias encurtavam, meus saltos aumentavam, meu batom escurecia e meu coração se enfurecia cada vez mais com ela. Você realmente quer ser *esse tipo de menina*?, ela me perguntou na noite anterior à sua morte — as últimas palavras que ela me dirigiu — ao ver o que eu estava vestindo para ir à festa com Zephyr (não que ela soubesse que eu iria à festa com Zephyr).

Então ela morreu, e eu realmente me tornei *esse tipo de menina*.

Zephyr estabeleceu um passo rápido. Perco o fôlego ao subirmos e subirmos e subirmos em silêncio.

Até que ele diz:

— Ainda o protejo como te prometi.

Uma vez, muito antes de fazermos o que fizemos, pedi a Zephyr que cuidasse de Noah. Hideaway Hill pode ser muito *O Senhor das Moscas*, e, na minha imaginação infantil da sétima série, Zephyr era como o xerife, por isso pedi a ajuda dele.

— Protejo você também, Jude.

Ignoro isso, mas não consigo. As palavras saem trêmulas e acusadoras, afiadas como dardos:

— Eu era nova demais!

Acho que o ouço respirar fundo, mas é difícil saber por causa das ondas, altas e implacáveis, batendo contra as rochas, erodindo o continente.

Como eu, chutando a terra, arrancando a terra do continente, enfiando meu pé no chão a cada passo. Eu estava na oitava série, ele na décima primeira — um ano mais velho do que eu sou agora. Não que ele devesse tratar qualquer menina de qualquer idade daquele jeito, como um trapo. E então, como um relâmpago, ocorre-me que corvos zéfiros não são mensageiros de nada. Ele não é um sinal de azar — ele é um babaca perdedor idiota, *querendo ofender*.

E o que fizemos tampouco dá azar — dá um *nojo íntimo eterno e arrependimento e raiva e...*

Cuspo nele. Não metaforicamente. Cuspo em sua jaqueta, sua bunda e miro uma cuspada em sua cabeça mestiça. Essa cusparada ele sente, mas acha que é um inseto que pode espantar com a mão. Cuspo novamente. Ele se vira.

— O quê...? Você está cuspiendo em mim? — pergunta ele, incrédulo, seus dedos nos cabelos.

— Não faça aquilo novamente — digo. — Com ninguém.

— Jude, sempre pensei que você...

— Não quero saber o que você pensou ou o que pensa agora — digo. — Só não faça aquilo de novo.

Passo correndo por ele e dobro nossa velocidade. Agora me sinto poderosa, muito obrigada.

Talvez a mamãe estivesse enganada quanto àquele tipo de menina. Porque *esse tipo de menina* cospe em caras que a tratam mal. Talvez eu esteja sentindo falta *desse tipo de menina*. Talvez *esse tipo de menina* esteja abrindo caminho naquela pedra no estúdio de Guillermo. Talvez *esse tipo de menina* entenda que não foi minha culpa que um carro com a minha mãe dentro tenha perdido o controle, sem ter relação alguma com o que fiz com esse babaca antes. Eu não atraí o azar para nós, por mais que tenha me sentido assim. O azar veio sozinho. Ele sempre chega sozinho.

E talvez *esse tipo de menina* agora tenha coragem para admitir a Noah o que eu fiz.

Se ele não morrer antes.

Ao nos aproximarmos do penhasco, começo a sentir algo estranho. Primeiro acho que é o vento uivando assustadoramente nas árvores, mas depois percebo que é um som humano. Uma canção, talvez? Ou um mantra? Pouco depois percebo que o mantra é meu nome e meu coração salta para fora do corpo. Acho que Zephyr percebe isso na mesma hora, porque nós dois paramos de correr.

Sweetwine, Sweetwine, Sweetwine.

Por favor, por favor, por favor, penso ao subirmos a última colina e alcançarmos a área plana arenosa, onde várias pessoas formam um semicírculo como se estivessem num evento esportivo. Zephyr e eu abrimos caminho em meio à multidão, ultrapassando a cortina de corpos, até ocuparmos um lugar na primeira fila do jogo suicida. De um lado da fogueira está um cara simplório com uma garrafa de tequila na mão, balançando para a frente e para trás como um junco. Ele está a uns seis metros da beirada. Do outro lado do fogo está Noah, a três metros da beirada, o preferido da torcida para pôr fim à sua vida. Ele está de braços abertos como asas e roda e roda, o vento soprando em suas roupas, o brilho do fogo iluminando-o como uma fênix.

Sinto o desejo dele de pular como se fosse no meu próprio corpo.

Um menino numa pedra próxima grita:

— Pronto, Quinta Rodada! Vamos lá! — Ele é o mestre de cerimônias e parece estar tão bêbado quanto os participantes.

— Você segura o Noah — diz Zephyr, a voz séria agora. Pelo menos ele é bom em alguma coisa. — Eu pego o Jared. Eles estão bêbados demais, vai ser fácil.

— No três — digo.

Avançamos, emergindo no meio do círculo. Do alto da pedra, o locutor diz com a voz empastada:

— Ei, parece que temos uma espécie de interrupção na Disputa Mortal.

Minha raiva é meteórica.

— Desculpe por estragar o espetáculo — grito para calá-lo. — Mas tenho uma ideia ótima. Da próxima vez, por que você não chama *o seu irmão* para saltar bêbado desse penhasco, hein? — Ah, uau. *Esse tipo de menina* tem várias utilidades. Acho que a subutilizei no passado. Não cometerei esse erro novamente.

Seguro Noah pelo braço, com força, esperando por uma briga, mas ele se funde a mim, dizendo:

— Ei, não chore, eu não ia pular. — Estou chorando?

— Não acredito em você — digo, olhando a expressão feliz do velho Noah. Tanto amor se acumula no meu peito que acho que vou explodir.

— Você tem razão — diz ele, rindo e soluçando. — Claro que eu ia pular. Desculpe, Jude.

Num movimento repentino que parece impossível, considerando quão bêbado ele está, Noah se livra do meu abraço, recuando lentamente, num movimento insuportável.

— Não! — Tento pegá-lo enquanto ele corre para a beirada, erguendo os braços novamente.

É a última imagem que vejo antes que minha cabeça bata no chão e a multidão toda prenda o fôlego.



O penhasco está agora vazio. Mas ninguém está correndo pela trilha, o caminho mais rápido até a praia. Ninguém está olhando pela borda do paredão para ver se Noah sobreviveu. A multidão está numa fuga em massa rumo à rua.

E preciso parar de ter alucinações.

Devo ter sofrido algum tipo de traumatismo craniano, porque, por mais que eu feche os olhos e balance a cabeça, eles ainda estão ali.

Caído sobre meu irmão, a menos de um metro de distância, está Oscar.

Oscar, que surgiu do nada para derrubar Noah antes que ele se lançasse do abismo.

— Ei, é você — diz Noah, maravilhado, enquanto Oscar sai de cima dele e se deita de costas. Oscar está ofegando como se tivesse acabado de escalar correndo o Everest, e usando botas de motoqueiro, percebo. Seus braços estão abertos, os cabelos, úmidos como sempre. Graças à lua e à fogueira, minhas alucinações são em alta definição. Noah está se sentando agora, olhando para Oscar.

— Picasso? — ouço Oscar dizer, ainda tentando retomar o fôlego. Há muito tempo não ouço alguém chamar Noah daquele jeito. — Todo crescidinho, estou vendo, e com cabelo de soldado.

Agora eles estão se cumprimentando com um soquinho. Sim, Noah e Oscar. A cena mais improvável. Tenho que estar imaginando tudo isso. Oscar está se sentando agora e coloca a mão no ombro de Noah.

— O que foi isso, cara? — Ele está repreendendo Noah? — E por que tanta bebedeira? Está seguindo meus passos? Este não é você, Picasso.

Como Oscar pode saber quem Noah é ou não é?

— Sim, sou eu — diz Noah. — Não sou mais eu mesmo.

— Conheço bem a sensação — responde Oscar. Ainda sentado, ele estende o braço para mim.

— Como você chegou aqui...? — pergunto.

Mas Noah interrompe e balbucia para mim:

— Você ficava me mandando mensagens, então continuei bebendo porque achei que você soubesse...

— Soubesse o quê? — eu lhe pergunto. — Isso tudo é por causa dos meus textos? — Tento lembrar o que escrevi, só que tinha de falar com ele e que era urgente. O que ele achou que eu queria falar? O que ele achou que eu soubesse? É claro que ele está escondendo algo de mim. — Soubesse o quê? — pergunto novamente.

Ele sorri estupidamente para mim, varrendo o ar com uma das mãos.

— Soubesse o quê?— repete ele, como um imbecil. Certo, ele está caindo de bêbado. Acho que nunca bebeu mais do que uma ou duas cervejas. — Minha irmã — diz ele para Oscar. — Ela tinha um cabelo que nos seguia como um rio de luz, lembra? — Pelo menos é isso que acho que ele disse. Ele está falando suaíli^[9].

— Sua *irmã*? — grita Oscar. Ele se deita de costas novamente. Noah se vira todo feliz ao lado dele, um sorriso torpe no rosto. — Isso é incrível — diz Oscar. — Quem é o pai? O arcanjo Gabriel? E cabelos que são como um rio de luz, hein? — Ele ergue a cabeça para me olhar melhor. — Tem certeza que você está bem? Você parece surpresa. E está linda sem seu chapéu e aquele casaco gigantesco cheio de legumes. Linda, mas deve estar com frio. Sabe de uma coisa? Eu te ofereceria minha jaqueta, mas alguém a roubou. — Ele voltou à ativa, percebo, recuperado do que aconteceu pela manhã. Só que me sinto como se tivesse lido o diário dele.

Que seja.

— Não flerte comigo — digo. — Sou imune aos seus encantos. Fui inoculada por “não namoradas” demais. — Para deixar claro, *aquela menina é incrível!*

Espero uma resposta atravessada, mas em vez disso ele me olha de um jeito completamente desprotegido e diz:

— Desculpe por ontem. Não sei nem te dizer o quanto eu sinto muito.

Sou pega de surpresa e não tenho ideia de como responder. Não sei direito por que ele está me pedindo desculpa. Por eu ter visto o que vi ou por ele ter feito o que fez?

— Obrigada por salvar a vida do meu irmão — digo, ignorando o pedido de desculpas por enquanto, e eu realmente estou explodindo de gratidão, porque: como assim? — Não tenho ideia de como você apareceu assim, como um super-herói. Ou de como vocês dois se conhecem..

Oscar se apoia nos cotovelos.

— Tenho orgulho de dizer que tirei a roupa para vocês dois.

Isso é estranho. Quando Oscar teria sido modelo para Noah? Noah se apoia nos cotovelos também, porque parece estar brincando de O Seu Mestre Mandou com Oscar. Ele está vermelho de vergonha.

— Lembro-me dos seus olhos — diz ele para Oscar. — Mas não das cicatrizes. Elas são novas.

— Sim, bem, você deveria ver como o outro cara ficou, como se diz. Ou, neste caso, o asfalto da Highway 5.

Eles estão conversando, ambos deitados de costas novamente, trocando palavras, em inglês e suaíli, admirando o céu noturno brilhante. Isso me faz sorrir, não consigo me segurar. É como quando Oscar e eu estávamos no chão da cela de cadeia. Lembro-me daquele bilhete: *Ela disse que você pareceria familiar*. Será que ele acha mesmo? E quanto àquele pedido de desculpas? O que foi aquilo? Ele pareceu sincero, verdadeiro. Nada falso.

Sinto cheiro de maconha e me viro. Zephyr e o menino chamado Jared e um punhado de outros estão fumando e indo embora, todos caminhando na direção da rua, provavelmente de volta ao Spot.

Grande ajuda a dele. Se Oscar não tivesse caído do céu, Noah estaria morto. Uma onda bate com um estrondo na praia lá embaixo, como que para confirmar isso. É uma espécie de milagre, acho, tem que ser. Talvez a vovó esteja certa: *Você tem de ver milagres para que haja milagres*. Talvez eu tenha procurado no mundo inteiro, vivido no mundo inteiro, de um jeito covarde demais para conseguir ver muita coisa.

— Você percebe que o Oscar salvou sua vida? — pergunto para Noah. — Você tem ideia de como este paredão é alto?

— Oscar — repete Noah, depois se senta com dificuldade e aponta para mim, dizendo: — Ele salvou mesmo minha vida e não importa que o paredão seja alto. — Ele está ficando cada vez mais bêbado, falando em duas línguas diferentes agora. — É a mamãe quem me mantém no ar. Tenho um paraquedas. Posso praticamente voar. — Ele faz um gesto lento com a mão no ar. — Eu caio incredivelmente devagar. Sempre.

Fico boquiaberta. Sim, cai mesmo. Eu vi.

Por isso é que ele continua saltando, para que a mamãe interrompa a queda? Não é isso o que sempre penso quando me lança o Olhar para a Pobre Menina sem Mãe? Como se eu fosse arremessada de um avião sem paraquedas porque *a mamãe é o paraquedas*. Lembro-me da última vez que o vi se jogar da Queda do Diabo. Ele pareceu permanecer no ar por muito tempo. Ele poderia até cortar as unhas durante a queda.

Oscar se senta.

— Isso é uma estupidez total — diz ele para Noah, com irritação na voz. — Você está louco? Você se joga daquele penhasco nesta condição e morre. Não importa quem está com você no outro mundo. — Ele passa a mão pelos cabelos. — Sabe, Picasso, aposto que sua mãe preferia que você optasse por viver a sua vida em vez de arriscá-la. — Fico surpresa ao ouvir essas palavras da boca de Oscar e me pergunto se elas teriam sido ditas por Guillermo hoje pela manhã.

Noah olha para o chão e diz baixinho:

— Mas é só nesses momentos que ela me perdoa.

Perdoar *Noah*?

— Por quê?

Ele fica sério.

— É tudo uma enorme mentira — diz ele.

— O quê? — pergunto. Ele está falando de gostar de meninas? Ou de não fazer arte? Ou de usar um retardador de chamas? Ou outra coisa? Alguma coisa que o faria se jogar de um penhasco à noite, bêbado, porque achou, pelos meus textos, que eu talvez soubesse o que era?

Ele me olha surpreso ao perceber que estava falando, e não pensando. Eu queria poder lhe contar a verdade sobre a CSA agora mesmo, mas não posso. Ele precisa estar sóbrio para essa conversa.

— Você vai ficar bem — digo. — Prometo. Tudo está prestes a melhorar.

Noah faz que não com a cabeça.

— Não, está prestes a piorar. Você ainda não sabe. — Um calafrio percorre meu corpo. O que ele quer dizer com isso? Estou prestes a pressioná-lo quando ele se levanta e na mesma hora cai.

— Me deixe te levar para casa — diz Oscar, colocando um braço ao redor dele. — Onde vocês moram? Eu ofereceria uma carona para ele, mas estou a pé. G. roubou minha moto para o caso de eu acabar bêbado assim hoje à noite. Tivemos uma discussão feia esta manhã. — Então é por isso que a moto estava no pátio. Sinto que talvez devesse lhe contar que ouvi um pouco da discussão, mas agora não é a hora.

— G.? — pergunta Noah, mas logo parece ter se esquecido do que disse.

— É aqui perto — digo a Oscar. — Obrigada — digo. — Obrigada mesmo.

Ele sorri.

— Sou a pessoa que deve ser chamada, lembra? Um cadáver, a faca ensanguentada.

— Ela disse que você pareceria familiar — falo para ele, percebendo tarde demais que provavelmente deveria ter guardado isso para mim mesma. Que piegas.

Mas novamente ele não reage como imagino. Oscar abre o sorriso mais sincero que já vi no rosto dele, um sorriso que começa nos olhos e parece não ter fim.

— Ela disse e você parece.

Enquanto Oscar e Noah se afastam, trôpegos como se estivessem numa corrida do saco, tento acalmar a tempestade elétrica na minha mente. *Ela disse e você parece.* E agora lembro que ele tinha aquela fotografia minha na jaqueta. E Brooke em seus braços. Jude, por favor. Sim, bem, ele acabou de salvar a vida de Noah. E quanto ao jeito como ele disse: *Não sei nem te dizer o quanto eu sinto muito.* E como ele agiu hoje pela manhã com Guillermo. E ele e eu nunca estivemos realmente juntos. Ah, caramba. Ensaboe-se. Enxugue-se. Repita o procedimento.

Quando chegamos à rua, Noah se livra de Oscar e avança à nossa frente. Fico de olho nele, que caminha trôpego sozinho.

Oscar e eu caminhamos lado a lado. Algumas vezes nossas mãos se tocam. Pergunto-me se ele está fazendo isso de propósito, se eu estou.

Quando estamos perto da casa, ele me diz:

— Então foi assim que eu apareci aqui. Eu estava no Spot. Estava muito irritado. G. disse algumas coisas que realmente me chatearam. Ele tem um jeito de me apontar um espelho, e o que vi no reflexo era horrível. Só queria ficar realmente furioso, destruído. Estava cogitando beber pela primeira vez em 234 dias e 10 horas, meu último porre. Na verdade, eu estava calculando os minutos, de olho no relógio, quando uma diabrete incrivelmente parecida com você chegou correndo do nada e derrubou o copo de gim da minha mão. Foi inacreditável. Um sinal, certo? Minha mãe? Um milagre? Não sei. Só sei que não pude contemplar o caráter sublime ou até mesmo divino do ocorrido, porque me convenci imediata, frenética e equivocadamente que você estava sendo perseguida no bosque por um gigante nórdico. Então eu pergunto: quem salvou a vida de quem hoje à noite?

Levanto os olhos para o círculo brilhante prateado da lua passeando pelo céu e acho que talvez esteja vendo os milagres.

Oscar tira alguma coisa do bolso. A luz é suficiente para eu ver que ele adaptou a concha da mãe e a prendeu num laço vermelho que parece exatamente o mesmo no qual amarrei o bilhete de Guillermo para A Mais Querida. Quando dou por mim, toda parte dele está bem perto de toda parte minha, porque Oscar está amarrando o laço no meu pescoço.

— Mas você vai morrer em poucos minutos sem isso — sussurro.

— Quero que você fique com ele.

Estou emocionada demais para dizer qualquer coisa.

Continuamos andando. Assim que nossas mãos se tocam novamente, seguro a mão dele na minha.



Estou na minha escrivadinha concluindo os estudos para a escultura da minha mãe, realmente trabalhando na semelhança. Vou mostrá-los para Guillermo amanhã. Noah está dormindo. Oscar se foi há tempos. Tenho certeza de que a concha mágica — seu bem mais precioso, ele disse! — no meu pescoço irradia felicidade. Penso em ligar para a Peixe na escola, louca para contar para alguém — alguém entre os vivos, para variar — sobre a concha, as fotografias e os bilhetinhos, sobre tudo o que está acontecendo, mas então lembro que estamos nas férias de inverno e os dormitórios estão fechados (sou uma das poucas pessoas que não moram no campus), é madrugada e não somos amigas de verdade. Mas talvez devêssemos ser, penso. Talvez eu precise muito de uma amiga viva. Desculpe, vovó. Alguém para quem contar que Oscar e eu estávamos na entrada da casa, agora há pouco, nós dois respirando fundo e com o coração batendo a centímetros um do outro, e eu pensei que ele fosse me beijar, mas ele não me beijou, e não sei por quê. Ele não entrou, o que acho que foi bom, porque provavelmente teria descoberto que ainda estou no ensino médio. Ficou surpreso por eu morar com meu pai e irmão.

— Ah, eu achava que você vivia no campus. Você ficou para cuidar do seu irmão depois da morte da sua mãe?

Mudei de assunto. Mas sei que tenho de lhe contar, e vou. Sobre ter ouvido um pouco da discussão dele com Guillermo também. Logo serei uma menina sem *nenhum* segredo.

Sentindo-me bem com meus desenhos, fecho o bloco e me sento à máquina de costura. Não vou conseguir dormir, não depois de tudo o que aconteceu hoje e agora à noite, com Oscar, Noah, Zephyr, os espíritos e, de qualquer forma, quero começar o jaleco que vou fazer para Guillermo com retalhos dos vestidos flutuantes. Procuro em minha bolsa o velho jaleco dele que peguei para usar como molde. Começo a estendê-lo sobre a mesa e, ao fazer isso, sinto uma coisa no bolso da frente. Dali tiro dois bloquinhos. Folheio o primeiro. Só anotações e listas em espanhol, rascunhos, o de sempre. Nada em inglês, nada para A Mais Querida. Folheio o segundo e encontro praticamente a mesma coisa, exceto que, em inglês, e com certeza para A Mais Querida, três rascunhos do mesmo bilhete, cada qual com ligeiras variações, como se estivesse querendo se expressar da melhor forma. Talvez ele fosse mandar um e-mail? Um cartão? Ou com uma caixinha preta de veludo com uma aliança

dentro?

O bilhete com menos linhas rabiscadas:

Não posso mais fazer isso. Preciso saber da resposta. Não posso viver sem você. Sou um homem pela metade, um corpo pela metade, um coração pela metade, uma mente pela metade, uma alma pela metade. Só há uma resposta, você sabe disso. Você deve saber disso agora. Como pode não saber? Case comigo, meu amor. Diga sim.

Caio na cadeira. Ela disse não. Ou talvez ele nunca tenha feito a pergunta. De qualquer modo, coitado do Guillermo. O que foi mesmo que ele disse? *O que é ruim para o coração é bom para a arte.* Claramente isso foi muito ruim para seu coração e muito bom para sua arte. Bem, vou fazer o jaleco mais lindo para ele usar no trabalho. De uma bolsa, pego retalhos vermelhos, alaranjados, roxos, cores vivas.

Começo a costurar os pedaços de tecido.

Não tenho ideia de há quanto tempo estão batendo na porta quando entendo que o barulho que estou ouvindo não está vindo da máquina de costura, e sim de alguém na janela. Oscar? Ele correu o risco batendo na única janela iluminada da casa? Tem que ser ele. Um segundo mais tarde, estou no espelho, balançando um pouco a cabeça para soltar os cabelos, depois com mais força para despenteá-los. Abro a primeira gaveta da minha penteadeira e pego o batom mais vermelho que tenho. Sim, eu quero. Também quero tirar um dos lindos vestidos da parede e vesti-lo — o Vestido da Gravidade, talvez? E então é exatamente isso o que faço.

— Um segundo — digo para a janela.

Ouçó Oscar dizer:

— Positivo.

Positivo!

Estou de pé diante do espelho de corpo inteiro usando o Vestido da Gravidade, minha reação ao Vestido Flutuante. Ele tem cor de coral, justo como um rabo de sereia que se alarga e arrasta no chão. Ninguém jamais me viu usando este ou qualquer um dos vestidos que fiz nos últimos dois anos. Incluindo eu mesma. Faço-os para que caibam no meu corpo, mas os imagino em outra menina, sempre pensando que, se alguém abrir meu armário, vai ter certeza de que somos duas pessoas vivendo neste quarto e que queremos ser amigas uma da outra.

Aí está, penso, e então me dou conta. Então, esta é a menina para quem tenho costurado todo esse tempo sem perceber. Se alguma vez criar uma coleção de vestidos como a vovó, ela vai se chamar *Esse tipo de Menina.*

Cruzo o quarto, abro a cortina e a janela.

Ele me olha duas vezes.

— Ah, meu Deus — diz. — Olhe só para você. Meu Deus, olhe só para você! Você está incrível. É assim que você se veste quando está sozinha no meio da noite? E usando sacos de batatas quando

sai à luz do dia? — Ele sorri seu sorriso mais largo. — Acho que você é a pessoa mais excêntrica que já conheci. — Ele coloca as mãos no peitoral. — Mas não foi isso que vim dizer. Estava a caminho de casa quando me lembrei de algo muito importante que preciso te contar.

Oscar faz um gesto com o dedo para eu me aproximar. Abaixo-me e saio pela janela para a noite. Sinto uma brisa leve nos cabelos.

Ele fica sério.

— O que é? — pergunto.

— Isso. — Então, tão rápido que não me dou conta, ele segura minha cabeça com as duas mãos e me beija.

Recuo por um instante, me perguntando se posso confiar nele, porque seria uma loucura. Mas e se eu confiar? Se eu simplesmente confiar? E, sabe, se ele me soprar para longe, que se dane...

É assim que acontece. Talvez seja o luar se derramando sobre nós, iluminando seus traços do céu, ou talvez seja o brilho da luz do meu quarto no rosto dele, ou talvez eu finalmente esteja pronta para ver o que me seduz desde a primeira vez que nos encontramos.

Ele serviu de modelo para Noah.

Oscar é o cara naquele retrato.

É ele.

E isso é exatamente como sempre imaginei.

Inclino-me novamente para dentro da noite.

— Eu abdiquei de praticamente todo o mundo por sua causa — digo, atravessando a porta da frente da minha própria história de amor. — O sol, as estrelas, os oceanos, as árvores, tudo. Desisti de tudo por sua causa.

Uma grande confusão transparece no rosto dele, seguida por deleite. Rapidamente minhas mãos estendidas o puxam para perto, porque *ele é ele*, e todos esses anos sem notar nem fazer nem *viver* estão rompendo a represa do momento, até que eu o beijo ansiosamente, querendo que minhas mãos percorram seu corpo, e eu o estou puxando, e ele me puxa, e seus dedos se entrelaçam aos meus cabelos, e, antes que eu perceba, estou com o corpo todo para fora da janela, derrubando-o no chão.

— Homem ao mar! — murmura ele, abraçando-me, e nós rimos e depois as risadas cessam porque quem diria que beijar poderia ser assim, poderia alterar tanto a paisagem interna, revirando os oceanos, fazendo os rios subirem as montanhas, contendo a chuva?

Ele rola para que seu corpo fique sobre o meu, o peso dele, o peso daquele outro dia, e Zephyr começa a abrir caminho entre nós dois. Meus músculos se contraem. Abro os olhos, com medo do estranho invisível que vou encontrar agora, mas não encontro estranho algum. É Oscar, presente, tão presente, com o amor no rosto. É por isso que confio nele. Pode-se ver o amor. O amor se parece com a expressão dele. Para mim, sempre se pareceu com esse rosto louco.

Ele toca meu rosto com o dedo e diz:

— Está tudo bem. — Como se de alguma forma soubesse o que aconteceu.

— Tem certeza?

Ao nosso redor, as árvores farfalham baixinho.

— Cem por cento certo. — Ele puxa carinhosamente a concha. — Prometo.

A noite está quente, tímida, mal toca nossa pele. Ela nos envolve, se entrelaça a nós. Oscar me beija lenta e afetuosamente, tanto que meu coração se racha, tanto que todos aqueles momentos na praia naquele dia horrível desaparecem, tanto que, simples assim, o boicote chega ao fim.



É extremamente difícil me concentrar em Oscar no meu quarto porque Oscar está no meu quarto! Oscar, o mesmo cara do retrato!

Ele está surpreso que os vestidos pendurados nas paredes e o vestido no meu corpo tenham sido feitos por mim, e agora pegou uma fotografia minha surfando. Ele está me escavando, mas sem martelo nem cinzel.

— Pornografia para um cara inglês — diz ele, acenando a foto para mim.

— Não surfo há anos — digo.

— Uma pena. — Ele pega o *Manual do Médico*. — Isto eu esperava encontrar. — Pega outra fotografia. Um salto da Queda do Diabo. Ele a estuda. — Então você era uma diabrete?

— Acho que sim. Eu não pensava nisso. Só adorava fazer esse tipo de coisa naquela época. — Oscar me olha como se esperasse mais. — Quando minha mãe morreu... Não sei, fiquei com medo. De praticamente tudo.

Ele meneia a cabeça como se entendesse e diz:

— É como se você tivesse a mão na garganta o tempo todo, não? Nada mais é inevitável. A próxima batida do coração, qualquer coisa. — Mais do que entende. Ele se senta à minha máquina de costura e analisa a foto novamente. — Apesar de eu ter ido por outro caminho. Comecei a usar todo o medo como saco de pancadas. Quase consegui morrer diariamente. — Oscar franze a testa e larga a fotografia. — Em parte, era disso que se tratava a discussão com G. Ele acha que eu assumo riscos ridículos na moto ou no passado com as drogas, mas que não vou... — Ele para ao ver minha expressão. — O que foi?

— Oscar, ouvi um pouco da discussão. Assim que percebi que vocês estavam brigando, saí, mas... — Reprimo a confissão porque acho que os órgãos dele vão pegar fogo.

Sem saber direito o que está acontecendo, ele está de pé e se aproximando de mim a passos incomumente rápidos.

— Então você sabe — disse ele. — Você deve saber, CJ.

— Saber o quê?

Ele me segura pelos braços.

— Que eu morro de medo de você. Que ao que parece não consigo te manter distante como as outras. Que eu acho que você pode me devastar.

Estamos respirando alto, rápido, em sincronia.

— Eu não sabia — sussurro, mal conseguindo falar antes que a boca de Oscar pouse com força na minha. Sinto a emoção incontida nos lábios dele, sinto-a desenterrando, libertando algo dentro de mim, algo ousado, destemido e alado.

Ca-bum.

— Estou tão ferrado — diz ele em meio aos meus cabelos. — Tão ferrado — diz no meu pescoço, depois se afasta, os olhos brilhando. — Você vai acabar comigo, não vai? Eu sei. — Ele ri ainda mais ruidosamente do que o normal, e há algo de novo em sua expressão, uma abertura, talvez uma liberdade. — Você já acabou comigo. Olhe só para mim. Quem é este cara? Garanto que ninguém jamais viu esta confusão antes. *Eu* não me reconheço. E nada do que eu te disse era parte da briga com G., meu Deus do Céu! Eu simplesmente tinha de te dizer. Você tem de saber que eu nunca... — ele agita a mão no ar — me expus tanto. Não cheguei nem perto. Não me exponho. — Ele está dizendo que nunca se apaixonou? Lembro-me de Guillermo lhe dizendo que ele magoa antes de ser magoado, que não deixa ninguém entrar em sua vida. Mas ele não consegue me manter fora?

— Oscar — digo.

Ele coloca as mãos abertas no meu rosto.

— Nada aconteceu com a Brooke depois que você foi embora. Nada. Depois que contei aquelas coisas sobre minha mãe, me apavorei e fui um idiota. Um covarde; você provavelmente ouviu esse belo elogio esta manhã vindo dos lábios do G. Acho que tentei estragar isso antes... — Sigo o olhar dele até a janela, até o mundo escuro fora do quarto. — Ficava pensando que, se você vislumbrasse meu ponto fraco, quem eu realmente sou, você...

— Não — digo, compreendendo. — Era o oposto. Isso fez com que eu me sentisse mais próxima de você. Mas eu entendo, penso da mesma forma, que, se as pessoas realmente me conhecessem, elas jamais poderiam...

— *Eu* poderia — diz ele.

Isso me faz perder o fôlego e me inunda de luz.

Ao mesmo tempo, nos aproximamos e nos abraçamos, juntos, apertado, mas desta vez não nos beijando, sem nos mover, só nos abraçando com força. Muito tempo se passa e continuamos abraçados, parece que por toda a eternidade, talvez nos apegando à eternidade.

— Agora que você está com a concha — diz ele —, acho que essa é a distância mais segura de você.

— Foi *por isso* que você me deu a concha, então!

— Meu plano maléfico.

Eu pensava que era impossível, mas ele me puxa para mais perto de si ainda.

— Somos *O Beijo*, de Brancusi — sussurro. Uma das esculturas mais românticas jamais feitas: uma mulher e um homem fundidos num só.

— Sim! — diz ele. — Igualzinho. — Ele recua e tira uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Um encaixe perfeito, como se fôssemos metades de uma mesma coisa.

— Metades?

Sua expressão se ilumina.

— Platão falou sobre coisas que existiam e que tinham quatro pernas, quatro braços e duas cabeças. Eram coisas únicas, estáticas e poderosas. Poderosas demais, então Zeus as cortou pela metade e espalhou as metades pelo mundo, para que os humanos estivessem para sempre fadados a procurar suas metades, a metade com a qual compartilham a própria alma. Somente os humanos mais sortudos encontram suas metades, sabe?

Penso no último bilhete para A Mais Querida. Em como Guillermo disse que era um homem pela metade, com uma alma pela metade, uma mente pela metade...

— Encontrei outro bilhete escrito por Guillermo. Estava num daqueles bloquinhos que ele tem por todos os lugares, um pedido de casamento...

— É, vou ter de recorrer à Quinta Emenda^[10], não é isso o que os norte-americanos dizem? Ele vai te contar sobre isso um dia, tenho certeza. Eu prometi a ele...

Faço que sim.

— Entendo.

— Mas aqueles dois eram metades, tenho certeza — diz ele. Suas mãos encontram minha cintura. — Tenho uma ideia incrível — diz ele, seu rosto marcado pela emoção. Nada nele parece encenado agora. — Vamos fazer. Vamos nos expor juntos. Aqui está o que falta dizer: eu estava confuso no Spot porque achei que tinha estragado tudo com você. Não me importo que G. tenha acrescentado uma decapitação à lista de punições bárbaras por eu me aproximar de você. Acho que a profecia da minha mãe é real. Procurei em todos os cantos. Procurei em multidões. Tirei tantas fotos. Mas eu te reconheci, só você. Em todos esses anos. — A risadinha mais doce do mundo toma conta do seu rosto. — Que tal? Vamos sair pulando em *Hippity Hops*. E conversar com espíritos. E pensar que estamos com o vírus ebola, e não uma simples gripe. E levar cebolas em nossos bolsos até que elas germinem. E sentir falta de nossas mães. E fazer coisas lindas...

Completamente embevecida, digo:

— E andar por aí de moto. E ir a prédios abandonados e tirar nossas roupas. E talvez até ensinar um inglês a surfar. Só que não conheço quem acabou de dizer tudo isso.

— Eu, sim — diz ele.

— Estou tão feliz — digo, emocionada. — Tenho que te mostrar uma coisa. — Solto-me dele e pego um saco plástico de debaixo da cama. — Então, o Noah te desenhou. Não sei direito como...

— Não sabe? Ele costumava acampar do lado de fora daquela escola de arte e desenhar os modelos.

Cubro a boca com a mão.

— O quê? — pergunta Oscar. — Eu disse algo de errado?

Faço que não e tento fazer essa imagem de Noah assistindo furtivamente à aula da CSA desaparecer. Ele teria feito qualquer coisa. Mas então respiro fundo e digo a mim mesma que está tudo bem, porque na semana que vem ele estará na CSA, e isso me acalma o suficiente para mexer no saco plástico. Pouco depois, sento-me ao lado de Oscar com os pedacinhos no colo.

— Certo. Então, uma vez vi um retrato cubista que meu irmão tinha feito de você e tive de ficar com ele. — Olho para ele. — *Tinha* de ficar com ele. Foi amor à primeira vista. — Oscar sorri. — Ele e eu temos uma brincadeira na qual trocamos partes do mundo na busca pelo domínio do Universo. Ele estava ganhando. Somos... competitivos, é um jeito mais ameno de dizer. Bem, ele não queria que eu ficasse com seu retrato. Tive que dar quase tudo para ele. Mas valeu a pena. Eu o guardei aqui. — Mostro o lugar onde a imagem ficava pendurada perto da minha cama. — Olhava e olhava para você e desejava que você fosse real e te imaginava batendo na janela, exatamente como você fez hoje.

Ele cai na gargalhada.

— Isso é inacreditável! Somos com certeza metades.

— Não sei se quero uma metade — digo, honestamente. — Acho que preciso da minha própria alma.

— Muito justo. Talvez possamos ser metades só às vezes. Em momentos como este, por exemplo. — Ele passa o dedo lentamente pela lateral do meu pescoço, passeia pelo meu colo, depois para baixo e para baixo. No que eu estava pensando ao vestir um decote assim? Não recusaria uma cama. Não recusaria nada. — Mas por que me rasgar e me guardar num saco? — pergunta ele.

— Ah, meu irmão fez isso. Ele estava com raiva de mim. Tentei te remontar muitas vezes.

— Obrigado — diz ele, mas então alguma coisa cruzando o quarto chama sua atenção, e ele rapidamente se levanta e vai até a minha penteadeira. Pega uma fotografia da minha família e a estuda. Eu o estou observando pelo espelho. Oscar fica pálido. O que foi? Ele se vira e me encara. — Você não é a irmã mais velha dele — diz ele, mais para si mesmo do que para mim. — Vocês são gêmeos. — Vejo tudo rodando em sua mente. Ele deve saber quantos anos Noah tem e agora sabe a minha idade.

— Eu ia te dizer — digo. — Acho que estava com medo. Tinha medo de que você...

— Caramba! — Ele está correndo para a janela. — Guillermo não sabe. — Ele está com meio corpo para fora. Não sei o que está acontecendo.

— Espere — digo. — Espere. Oscar. Claro que sabe. Por que ele se importaria com isso? Por que isso é tão importante? — Corro para a janela e grito: — Meu pai era onze anos mais velho do que a minha mãe! Não importa!

Mas ele já foi embora.

Vou até a penteadeira, pego a fotografia. É meu retrato de família preferido. Noah e eu temos oito anos e estamos vestidos de marinheiros, parecendo uns imbecis. Mas é por causa dos meus pais que adoro a fotografia.

Minha mãe e meu pai se olham como se compartilhassem o melhor segredo do mundo.

Um a um, esvazio os tubos de tinta na pia da lavanderia.

Preciso de cores, cores vivas, brilhantes, cores do caralho, foda, montes e montes de cores. Preciso do frescor de tinta nova. Preciso afundar meus dedos, minhas mãos em verde-amarelado, magenta, azul-turquesa, amarelo cádmio. Queria poder comer as cores. Queria poder afundar todo o meu corpo nelas. É isso o que eu quero, acho, misturando e girando, fazendo verde, fazendo roxo, fazendo marrom, transformando uma na próxima, afundando minhas mãos, meus braços no líquido frio, até que meus olhos comecem a dançar.

Há cerca de uma hora vi, pela janela, a mamãe entrar no carro.

Assim que ela ligou o motor, corri atrás dela. Havia começado a chuveirar.

Foi então que gritei: *Odeio você. Odeio tanto!*

Ela olhou para mim em choque, os olhos arregalados, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela disse sem emitir nenhum som *Eu te amo*, depois levou a mão ao peito e apontou para mim como se eu fosse surdo.

Um segundo mais tarde, ela saiu da garagem e foi dizer ao papai que queria o divórcio para que pudesse se casar com aquele outro homem.

— Não me importo — eu disse em voz alta para ninguém. Não me importo com ela e o papai. Com Brian e Courtney. Nem mesmo com a CSA. Não me importo com nada além das cores, cores e mais cores. Acrescento um tubo de azul à montanha...

É quando o telefone toca.

E toca.

E toca. Ela deve ter se esquecido de ligar a secretária eletrônica. Ainda tocando. Encontro o telefone na sala de estar, limpo as mãos na camisa, mas ainda assim sujo o telefone de tinta.

Um homem com uma voz áspera diz:

— É da residência de Dianna Sweetwine?

— É a minha mãe.

— Seu pai está em casa, filho?

— Não, ele não mora mais aqui. — Uma corrente elétrica percorre meu corpo. Algo não está

certo. — Quem é? — pergunto, mas sei que é a polícia antes mesmo de ele confirmar. Não sei como, mas naquele momento sei tudo.

(Autorretrato: *O Menino Dentro do Menino Para de Respirar.*)

Ele não me diz que houve um acidente. Que o carro perdeu o controle na Highway 1. Ele não me diz nada. Mas de alguma forma eu sei.

— Minha mãe está bem? — exijo saber, correndo para a janela. O rádio da polícia soa ao fundo. Vejo vários surfistas caminhando, nenhum deles é Jude. Onde ela está? Fry disse que ela saiu com Zephyr. Aonde eles foram? — Aconteceu alguma coisa? — pergunto ao homem, vendo o oceano desaparecer, depois o horizonte. — Por favor, me diga. — A mamãe estava tão transtornada quando saiu daqui. Por minha causa. Porque eu disse que a odiava. Porque eu a segui até o Pássaro de Madeira. Porque eu fiz aquele desenho. Todo o amor eterno que sinto por ela transborda, transborda, transborda. — Ela está bem? — pergunto novamente. — Por favor, diga que ela está bem.

— Pode me dar o celular do seu pai, filho? — Quero que ele pare de me chamar de *filho*. Quero que ele me diga que minha mãe está bem. Quero minha irmã em casa.

Eu lhe dou o celular do papai.

— Quantos anos você tem? — pergunta ele. — Tem alguém com você?

— Estou sozinho aqui — digo, o pânico tomando conta de mim. — Tenho quatorze anos. Minha mãe está bem? Você pode me dizer o que aconteceu. — Mas, assim que digo isso em voz alta, sei que não quero que ele me diga nada. Não quero saber de nada. Vejo agora a tinta pingando no chão como sangue multicolorido. Manchei tudo. Há marcas de mãos por toda a janela, nas costas do sofá, nas cortinas, nos abajures.

— Vou ligar para o seu pai agora — diz ele, baixinho, e desliga.

Estou assustado demais para tentar o celular da mamãe. Ligo para o papai. Cai na caixa postal. Tenho certeza de que ele está falando com o policial, que está lhe dizendo tudo o que não me disse. Pego o binóculo e vou ao telhado. Ainda está chovendo. E está quente demais. Tudo está errado. Não vejo Jude na praia ou na rua e em nenhum lugar nos penhascos. Para onde ela e Zephyr foram? Peço-lhe telepaticamente para voltar para casa.

Olho para a casa de Brian, desejando que ele estivesse no telhado, desejando que ele soubesse como me sinto mal, desejando que ele venha aqui e converse sobre as órbitas dos planetas e as tempestades solares. Pego a pedra do meu bolso e a seguro com força. Então ouço um carro frear bruscamente na garagem. Corro para o outro lado do telhado. É o papai, que *nunca* freia bruscamente assim. Atrás dele está um carro da polícia. Minha pele se solta. Eu me desprendo de mim.

(Autorretrato: *Menino que Caiu do Mundo.*)

Desço a escada ao lado da casa, entro pelas portas deslizantes na sala de estar. Sou uma estátua na entrada quando o papai gira a chave na fechadura.

Ele não precisa dizer nada. Nós caímos juntos no chão, ajoelhados. Ele segura minha cabeça no seu peito com as duas mãos.

— Ah, Noah. Sinto muito. Ah, meu Deus, Noah. Temos que encontrar sua irmã. Isto não está acontecendo. Ah, meu Deus.

Não planejo nada. O pânico flui dele para mim, de mim para ele, e as palavras saem juntas.

— Ela ia pedir para você voltar para casa para que pudéssemos voltar a ser uma família. Ela estava indo te dizer isso.

O papai se afasta e olha para o meu rosto em chamas.

— Estava?

Faço que sim.

— Antes de sair ela disse que você era o amor da vida dela.



Preciso fazer uma coisa. A casa ainda está cheia de pessoas enlutadas, tristeza e comida, comida transbordando nas bancadas e mesas. O funeral foi ontem. Ando em meio às pessoas de olhos avermelhados, passo pelas paredes, que descascam, a tinta acinzentada, os móveis caindo aos pedaços, as janelas escuras, o ar corroído pelas traças. Vejo que estou chorando ao passar por um espelho. Não sei como parar. É como respirar. Uma coisa automática. Digo ao papai que já volto. Jude — que cortou todo o cabelo e que mal reconheço — tenta vir comigo, mas eu digo não. Ela não me deixa sair de perto dela. Ela acha que vou morrer também. A noite passada encontrei raízes sujas de terra na minha cama. E, quando tive um ataque de tosse ao voltar para casa do cemitério, ela ficou louca, gritando para o papai me levar ao hospital porque podia ser coqueluche, o que quer que seja isso. O papai, especialista em doenças, a acalmou.

De alguma forma chego ao estúdio do escultor. Sento-me na calçada e espero, jogando pedrinhas no asfalto. Em alguma hora ele vai ter que sair. Pelo menos teve a decência de não ir ao funeral. Procurei por ele o tempo todo.

Brian foi. Ele se sentou na última fila com a mãe, Courtney e Heather. Ele não me procurou depois.

Isso importa? Todas as cores desapareceram. Só há escuridão nos baldes do céu agora, derramando-se em tudo e em todos.

Depois de milênios, o escultor sai pela porta e vai até a caixa do correio. Ele abre a portinha, pega um punhado de cartas. Vejo o choro em todo o seu rosto.

E ele me vê.

Ele está olhando e eu estou olhando, e eu posso ver como ele a ama pelo jeito como me olha, um tsunami de sentimentos avançando dele para mim. Não me importo.

— Você se parece muito com ela — sussurra. — Seus cabelos.

Tenho um só pensamento em mente, o pensamento que está ali há dias: *Se não fosse por você, ela estaria viva.*

Levanto-me, mas fiquei tanto tempo sentado ali que minhas pernas cedem.

— Ei — diz ele, me segurando e me colocando de volta na calçada, ao lado dele. Calor emana da pele dele e um cheiro forte de homem também. Ouço um uivo, do tipo que vem de chacais, e percebo que está saindo de mim. Quando noto, os braços dele estão ao redor do meu corpo e o sinto tremer, nós dois trememos, como se estivéssemos sob um frio ártico. Ele me puxa para perto e me coloca no colo, aninhando-me de um jeito que suas lágrimas caem no meu pescoço e as minhas em seus braços. Quero entrar pela garganta dele. Quero viver no bolso do seu jaleco. Quero que ele me embale para sempre, como se eu fosse um menininho, o menor de todos os tempos. Ele sabe exatamente como fazer isso. Como se a mamãe estivesse dentro dele lhe dizendo como me consolar. Por que ele é a única pessoa que sabe fazer isso? Por que ela está só dentro dele?

Não.

Pássaros grasnam nas árvores sobre nós.

Isso não está certo.

Não vim aqui para isso. Vim para fazer o contrário disso. Ele não pode me abraçar como se estivéssemos nisso juntos, como se ele compreendesse. Ele não é meu pai. Não é meu amigo.

Se não fosse por ele, ela ainda estaria viva.

E então luto e me solto do abraço, voltando a ser uma pessoa em tamanho natural, um homem feito de revolta e ódio. Coloco-me de pé e de repente sei para que vim até aqui.

— Você é o culpado pela morte dela. — O rosto dele desaba. Continuo: — Eu culpo você. — Sou uma bola de demolição. — Ela não te amava. Ela me disse que não te amava. — Demolindo e demolindo e não me importo. — Ela não ia se casar com você. — Falo devagar, para que todas as palavras o atinjam. — Ela não ia pedir o divórcio ao meu pai. Ela estava indo pedir que ele voltasse para casa.

Então entro naquele baú nas profundezas do meu ser e fecho a tampa. Porque não vou sair. Nunca mais.

(Autorretrato: *Sem Título.*)

Quando acordo, Noah já saiu, como é comum nesses dias, então não posso lhe dizer o que preciso ou lhe pedir o que quero. Não ignoro a ironia da situação. Agora, quando o que eu mais quero no mundo é me confessar sobre a CSA, não posso. Entro no ConexõesPerdidas.com, mas ainda não há resposta de Brian; então pego a jaqueta de couro de Oscar, meu bloco de desenho e desço a colina.

Pouco depois, bato o pé ansiosamente no chão, enquanto Guillermo abre meu bloco sobre a enorme mesa branca no meio do estúdio. Quero que ele goste dos estudos para a escultura da mamãe, e quero que ele concorde que a peça deve ser feita em pedra, de preferência mármore ou granito. Ele folheia os primeiros desenhos rapidamente, a obra vista de trás. Eu o estou observando e não sei no que Guillermo pensa, mas então ele para no estudo frontal e respira fundo, levando a mão à boca. Tão ruim assim? Agora ele está passando o dedo pelo rosto da minha mãe. Ah, sim, claro, eu tinha esquecido que eles se conheceram. Acho que me dei muito bem na semelhança. Ele se vira para mim e sua expressão me faz recuar.

— Dianna é sua mãe. — Ele não só fala as palavras como também se transforma nelas.

— Sim — digo.

Sua respiração se torna vulcânica. Não tenho ideia do que está acontecendo aqui. Guillermo volta o olhar para os rascunhos, tocando-os agora como se quisesse arrancá-los da folha.

— Bem — diz ele. A pele sob seu olho esquerdo não para de tremer.

— Bem? — pergunto, confusa e ficando assustada.

Ele fecha o bloco.

— Acho que não posso te ajudar mesmo. Vou ligar para o Sandy e te recomendar a outra pessoa.

— O quê?

Com uma voz fria e cerrada que nunca ouvi antes, ele diz:

— Desculpe. Estou ocupado demais. Estava enganado. Ter alguém aqui durante tanto tempo me distrai demais.

Ele não olha para mim.

— Guillermo? — Meu coração afunda no peito.

— Não, por favor, vá embora. Agora. Você tem que ir. Tenho coisas a fazer. — Estou surpresa

demais para discutir. Pego meus desenhos e sigo para a porta. — Nunca mais volte ao meu estúdio.

Dou meia-volta, mas ele está de costas para mim. Não sei por que olho para a janela da escada de incêndio, talvez a mesma sensação de que há alguém me observando que tive ao trabalhar no pátio ontem. E estou certa: alguém está olhando.

Olhando para nós dois, com uma das mãos contra o vidro, está Noah.

Guillermo se vira para ver o que estou olhando e, quando voltamos a nos encarar, Oscar está na porta do estúdio, o rosto marcado pelo medo.

Noah entra no estúdio correndo como uma banana de dinamite acesa, mas depois fica paralisado ao estudar o lugar. A expressão de Guillermo é irreconhecível — ele está com medo, acho. *Guillermo* com medo. *Todo mundo* está com medo, percebo. Somos quatro pontos num retângulo, e três desses pontos olham em pânico para mim. Ninguém diz nada. Está claro que todos sabem de algo que eu não sei e, a julgar por suas expressões, não tenho certeza se quero saber o que é. Meus olhos vão de um ao outro, dando voltas, sem entender por que, ao que parece, todos estão com medo de mim.

— O quê? — finalmente pergunto. — O que está acontecendo? Alguém me diga, por favor. Noah? É sobre a mamãe?

É uma carnificina.



— Ele a matou. — Noah apontado o dedo para Guillermo, sua voz trêmula de raiva. — Se não fosse por ele, ela ainda estaria viva. — O estúdio começa a pulsar, a tremer sob meus pés, a tombar.

Oscar se vira para Noah.

— Ele a matou? Está maluco? Olhe ao seu redor. Ninguém amou uma mulher mais do que ele a amou.

Guillermo diz, tranquilamente:

— Oscore, fique quieto.

O lugar está oscilando mesmo agora, girando. Encontro a primeira coisa e me encosto nela, a perna de um gigante, mas imediatamente me afasto porque juro que ele tremeu — ele *se moveu* —, e então começo a ver coisas. Os gigantes estão ganhando vida, se arremessando uns nos braços dos outros, alimentados pela eternidade congelada, sempre a um sopro de vida do que desejam de coração. Metades, cada um deles, agora todos avançando juntos. Cada casal girando pelo chão, de braços dados, virando e virando, causando terremotos e mais terremotos dentro de mim, enquanto as coisas começam a fazer sentido. Não foi minha idade o que assustou Oscar na noite passada. Com certeza não foi. Foi a fotografia de família. E o que transformou Guillermo no Igor Bêbado não foi nada além do aniversário de morte da minha mãe.

Porque ela é A Mais Querida.

Viro-me para Noah, tentando falar.

— Mas você disse... — É só isso o que consigo dizer antes que minha voz desapareça. Tento novamente. — Você nos disse... — Ainda não consigo terminar a frase, e só o que consigo dizer é: — Noah?

É isso o que ele tem escondido de mim.

— Desculpe, Jude — diz ele. E então, como se Noah realmente estivesse abrindo caminho pela pedra, como se seu espírito estivesse se elevando, ele arqueia as costas, suspende os braços ao lado do corpo e diz: — Ela estava indo pedir o divórcio para o papai para poder se casar... — Ele se vira para Guillermo, encara-o: — ... com você.

Guillermo fica boquiaberto. E agora minhas palavras saem:

— Mas, Noah, você disse... — O olhar dele é capaz de abrir um buraco no granito. — Você me disse... — Ah, Noah, o que você fez? Dá para ver que Guillermo está tentando esconder a emoção no rosto, esconder da gente o que cresce da sua própria essência e que está começando a transbordar assim mesmo: alegria, por mais tardia que seja.

A resposta dela era sim.

Preciso sair dali, afastar-me de todos eles. É demais para mim. Demais. A mamãe é A Mais Querida. Ela é a mulher de argila saindo do peito do homem de argila. Ela é a mulher de pedra que ele faz e faz e faz. Ela é a mulher sem rosto colorida na pintura do beijo. O corpo dela se vira e se torce e se inclina e se arqueia sem rosto em cada centímetro das paredes do estúdio. Eles estavam apaixonados. Eles eram metades! Ela nunca pediria ao papai para voltar para casa. Jamais seríamos uma família novamente. E Noah sabe disso. E o papai não! Finalmente a expressão eternamente perplexa e preocupada faz sentido. Claro que ele não entende. Durante anos ele tem tentado resolver um problema matemático sem solução. Por isso é que ele caminha até as solas dos sapatos se esgotarem!

Sigo trôpega pela calçada, o sol cegando meus olhos, apoiando-me nos carros e postes, tentando fugir da verdade, das emoções em frenesi que me perseguem. Como ela pôde ter feito isso com o papai? Com a gente? Ela é *uma adúltera*. Ela é *esse tipo de menina!* E não no bom sentido, não como se fosse poderosa! E então algo me ocorre. Foi por isso que, depois que ela morreu, Noah insistia em me dizer que eu não entendia como ele estava se sentindo, que eu não conhecia a mamãe como ele. Agora entendo. Eu não tinha ideia de quem era a mamãe. Ele não estava sendo cruel. Ele não a estava exaltando. Ele a estava protegendo. E ao papai e a mim. Ele estava protegendo nossa família.

Ouçõ passos rápidos se aproximando de mim. Viro-me sabendo que são os passos dele.

— Você estava nos protegendo? Por isso é que mentiu?

Ele estende a mão, mas não me toca. Suas mãos são como pássaros ensandecidos.

— Não sei por que fiz isso, talvez quisesse proteger você e o papai, ou talvez simplesmente não quisesse que fosse assim. Não queria que ela fosse assim. — Ele fica vermelho, os olhos escuros tempestuosos. — Eu sabia que ela não queria que eu mentisse sobre a vida dela. Ela queria que eu dissesse a verdade, mas não pude. Não podia dizer a verdade sobre *nada*. — Noah me olha como se

pedisse desculpas. — Por isso é que eu não conseguia ficar perto de você, Jude. — Como Noah e eu nos envolvemos tanto em segredos e mentiras? — Foi tão mais fácil só me misturar do que ser eu mesmo, do que enfrentar... — Ele para de falar, mas com certeza há mais, e vejo que ele está se preparando para dizer. Eu o vejo novamente como vi no estúdio, como a figura saindo da rocha. É a fuga de uma prisão. — Acho que menti porque não queria que a culpa fosse minha — diz. — Eu os vi juntos naquele dia. Eu a segui e os vi. E foi por isso que ela entrou no carro. Por isso. — Ele está começando a chorar. — Garcia não tem culpa. Queria tanto que ele tivesse culpa. Assim a culpa não teria de ser minha. Mas *sei* que a culpa é minha. — Ele segura a cabeça como se estivesse impedindo uma explosão. — Eu disse a ela que a odiava antes de ela sair, Jude, antes de ela sair com o carro. Ela estava chorando. Ela não deveria estar dirigindo. Eu estava com tanta raiva dela...

Eu o seguro pelos ombros.

— Noah. — Minha voz volta ao normal. — Você não teve culpa. Não teve. — Repito as palavras até ter certeza de que ele as ouviu, que ele acreditou nelas. — Ninguém teve culpa. Simplesmente aconteceu. Essa coisa horrível aconteceu com ela. Essa coisa horrível aconteceu com a gente.

E então é a minha vez. Estou sendo empurrada, confrontada ao perceber essa coisa horrível — minha mãe foi tirada da minha vida no momento em que eu mais precisava dela, o amor protetor infinito e incondicional que ela tinha por mim foi tirado para sempre. Permito-me sentir o horror e me rendo a ele em vez de fugir, em vez de me convencer de que tudo pertence a Noah, e não a mim, em vez de colocar todo um índice de temores e superstições entre mim e esse horror, em vez de me mumificar em camadas e mais camadas de roupas para me proteger, e caio com a força de dois anos de luto contido, o sofrimento de dez mil oceanos finalmente rompendo diques dentro de mim..

Deixo. Deixo que meu coração se parta.

E Noah está aqui, forte e firme, para me segurar, para me abraçar durante a queda, para ter certeza de que estou segura.



Caminhamos por um longo e sinuoso caminho em meio às árvores, lágrimas rolando pelo meu rosto, as palavras jorrando da boca dele. A vovó tinha razão: um coração partido é um coração aberto.

— Tanta coisa estava acontecendo naquela época — diz Noah. — Mais do que... — Ele aponta na direção do estúdio de Guillermo. — Coisas a ver comigo.

— E o Brian? — pergunto.

Ele olha para mim.

— Sim. — É a primeira vez que ele admite. — A mamãe nos pegou... — Como é possível que tanta coisa acontecesse com a gente numa semana, num único dia?

— Mas a mamãe aceitava isso, não? — pergunto.

— Aceitava. Ela aceitava completamente. Uma das últimas coisas que ela me disse foi que era errado viver uma mentira. Que era minha responsabilidade ser fiel ao meu coração. E então eu fui e

transformei a vida dela numa mentira. — Ele faz uma pausa. — E a minha própria vida também. — Ele pega um galho do chão e o quebra ao meio. — Eu destruí completamente a vida do Brian. — Ele quebra o galho em pedaços cada vez menores. Há tormento no seu rosto, vergonha.

— Não destruí.

— O que você quer dizer?

— Já ouviu falar do Google?

— Usei uma vez. Duas, na verdade.

— Quando? — Duas vezes. Ah, meu Deus, só mesmo Noah. Ele provavelmente nunca esteve numa rede social na vida.

Ele dá de ombros.

— Não havia nada.

— Bem, agora há.

Ele arregala os olhos, mas não me pergunta o que eu sei, então não digo, entendendo que ele quer descobrir por si só. Noah aumenta o passo. Certo, agora ele está praticamente correndo para se consultar com o Oráculo.

Paro.

— Noah, tenho algo a te dizer também. — Ele se vira e eu começo a falar; é a única forma. — Sinto que, depois que eu te disser isso, você nunca mais vai falar comigo novamente, então primeiro quero pedir desculpas. Eu deveria ter contado há muito tempo, mas tinha medo de te perder para sempre se contasse. — Abaixo os olhos. — Eu ainda te amo. Sempre vou amar.

— O quê? — pergunta ele.

Sou a protetora do meu irmão, digo a mim mesma, e então simplesmente conto:

— O fato de você não ter entrado na CSA. O que eu quero dizer é que você não se inscreveu. Naquele dia... — Respiro fundo e exalo as palavras do lugar mais sombrio dentro de mim. — Nunca enviei sua inscrição.

Ele fecha e abre os olhos. E fecha e abre os olhos. E fecha e abre os olhos um pouco mais. Está pálido e eu não sei o que está acontecendo por dentro dele, quando de repente Noah joga os braços para cima e pula, e o seu rosto é tomado por uma alegria avassaladora — não, êxtase. Isto é êxtase.

— Você ouviu bem o que eu disse?

— Sim! — grita ele. Agora Noah está gargalhando, e tenho certeza de que ele perdeu todos os parafusos, até ele dizer: — Eu achava que era ruim! Achava que era péssimo! Durante tanto tempo. Achava que meus desenhos só eram bons porque a mamãe os via assim. — Ele se endireita. — E então... percebi que isso não importa.

— O que não importa? — Procuo raiva ou ódio em seu rosto, mas não encontro nada. É como se ele não tivesse ouvido a traição. Ele está exultante.

— Venha comigo — diz ele.

Quinze minutos mais tarde, estamos numa construção abandonada, olhando para um muro de cimento em ruínas. Nele, numa fúria de cores, está... *tudo*.

Ali estão NoaheJude grafitados como vistos de trás, ombro a ombro, nossos cabelos entrelaçados num rio de luz e escuridão que emoldura todo o mural. Ali está Brian no céu, abrindo uma mala cheia de estrelas. Ali estão a mamãe e Guillermo se beijando num tornado de cores no Pássaro de Madeira. Ali está o papai emergindo do oceano como um deus do Sol e se transformando num corpo feito de cinzas. Ali está meu uniforme de invisibilidade se fundindo ao muro. Ali está Noah encolhido num espaço minúsculo dentro do próprio corpo. Ali está o carro da mamãe em chamas, abrindo caminho pelo céu. Ali estão Heather e Noah cavalgando uma girafa. Ali estão Noah e Brian subindo numa escada que se prolonga para sempre. Há baldes e mais baldes de luz sendo derramados sobre dois meninos sem camisa se beijando. Ali está Noah batendo com um taco de beisebol em Brian e reduzindo-o a cacos. Ali estão Noah e o papai sob um enorme guarda-chuva vermelho esperando por uma tempestade. Ali estamos Noah e eu caminhando pela trilha que o sol desenha no oceano, mas em direções opostas. Ali está Noah seguro no ar pela mão de um gigante, e esse gigante é a mamãe. Ali também estou eu, cercada pelos gigantes de pedra de Guillermo e trabalhando na escultura de NoaheJude.

Ali está o mundo recriado.

Pego meu telefone e começo a tirar fotos.

— Tão lindo, Noah. Tão, tão lindo. E isso vai te fazer entrar na CSA imediatamente! Vou ceder meu lugar a você. Já enviei um e-mail para o Sandy sobre isso. Nós três vamos nos reunir na quarta-feira pela manhã. Ele vai morrer. Isso não parece grafite, não sei o que parece, só que é incrível, tão, tão incrível...

— Não. — Ele pega meu telefone e me impede de tirar mais fotos. — Não quero seu lugar. Não quero ir para a CSA.

— Não quer?

Ele faz que não.

— Desde quando?

— Desde este minuto, acho.

— Noah?

Ele arrasta o pé no chão.

— É como se eu tivesse me esquecido de como era incrível antes de eu ficar preocupado se era ou não bom o suficiente para entrar nessa escola estúpida. Quero dizer, sério, *quem é que se importa?*

— O sol ilumina seu rosto. Ele parece claro, aut centrado, mais velho e, por algum motivo, penso: vamos ficar bem. — Não tem nada a ver com isso — continua ele. — Tem a ver com *mágica*. — Ele balança a cabeça. — Como pude me esquecer disso? — Noah exhibe um sorriso tão bobo quanto o da noite passada, quando estava bêbado. Não acredito que ele está sorrindo deste jeito. Por que não está furioso comigo? Ele segue adiante. — Quando descobri que você estava frequentando o estúdio do

Garcia — por isso é que ele estava olhando meus rascunhos naquele dia? —, eu sabia que tudo estava prestes a ser revelado, todas as minhas mentiras. E é como se *eu* tivesse entregado tudo. *Finalmente*. Não conseguia mais pintar na minha mente. — Aha! — Eu tinha de contar a verdade em voz alta, em algum lugar, de algum jeito. Tinha de dizer à mamãe que eu a ouvi naquele dia. Tinha de pedir desculpa para ela, para o Brian, para você e para o papai, até mesmo para o Garcia. Usei o dinheiro que o papai deixou para uma emergência, comprei toda esta tinta spray, me lembrei que vi este muro nas minhas corridas. Acho que assisti a todos os vídeos já feitos sobre grafite. Pintei várias vezes sobre as primeiras tentativas... ei... — Ele me segura pela manga. — Não estou com raiva de você, Jude. Nem vou ficar.

Não acredito nisso.

— Por quê? Você deveria estar. Como você pode não estar com raiva de mim?

Ele dá de ombros.

— Não sei. Simplesmente não sei.

Noah segura minhas mãos. Nossos olhos se encontram e se fixam e o mundo começa a se distanciar, o tempo passa, os anos se dobrando como tapetes, até que tudo o que aconteceu *desacontece* e, por um instante, somos nós novamente, mais um do que dois.

— Uau — sussurra Noah. — Jude intravenosa.

— Sim — digo, o encantamento dele alimentando minhas células. Sinto um sorriso se abrir no meu rosto, lembrando-me de todos os banhos de luz, de escuridão, recolhendo pedras e encontrando planetas, dias com milhares de bolsos, colhendo momentos como se fossem maçãs, saltando cercas para sempre.

— Eu me esqueci *disso* — digo, e a lembrança praticamente me tira do chão, tira a nós dois do chão.

Estamos levitando.

Olho para cima. O ar treme de luz. O mundo treme.

Ou então estou imaginando tudo isso. Claro que estou.

— Sentiu isso? — pergunta Noah.

Mães são paraquedas.

Eu não imaginava isso.

Só para constar, *woohoo!* Não só a arte, mas também a vida — *mágica*.

— Vamos — diz Noah, e saímos correndo juntos pelo bosque como costumávamos fazer, e vejo como ele desenhará isso mais tarde, com as sequoias se curvando, as flores se abrindo como casas para entrarmos, o riacho nos seguindo num fluxo de cor, nossos pés a centímetros do chão.

Ou talvez ele desenhe assim: a floresta como um borrão verde sobre nossa cabeça enquanto nos deitamos de costas, brincando de joquempô.

Ele escolhe pedra. Eu escolho tesoura.

Eu escolho papel. Ele escolhe tesoura.

Ele escolhe pedra. Eu escolho papel.

Desistimos, felizes. É uma nova era.

Noah está olhando para o céu.

— Não estou com raiva porque eu poderia muito bem ter feito a mesma coisa com você — diz ele. — Eu *fiz* isso com você. Só que em menor escala. Repetidas vezes. Eu sabia como você estava se sentindo no museu durante todos aqueles fins de semana comigo e a mamãe. Eu sabia que você se sentia excluída o tempo todo. E sei o quanto eu não queria que a mamãe visse suas esculturas. Eu me certifiquei de que ela não as veria. Sempre tive medo de que você fosse melhor do que eu e ela percebesse. — Ele suspira. — Nós nos perdemos. *Nós dois*.

— Ainda assim, a CSA era sua...

Ele me interrompe.

— Às vezes parecia que não bastava a mamãe ignorar.

Esse pensamento me silencia e nós ficamos quietos por um bom tempo depois disso, sentindo o perfume dos eucaliptos, observando as folhas caírem ao nosso redor. Penso em como a mamãe disse a Noah que era responsabilidade dele ser fiel ao seu coração. Nenhum de nós tem sido. Por que é tão difícil? Por que é tão difícil saber o que significa essa fidelidade?

— A Heather sabe que você é gay? — pergunto.

— Sim, mas ninguém mais.

Viro-me de lado para encará-lo.

— Então você percebe que eu virei uma menina esquisita e você virou uma pessoa normal?

— É impressionante — diz ele, e nós dois rimos. — Exceto que, na maior parte do tempo, eu me sinto como se estivesse disfarçado — acrescenta ele.

— Eu também. — Pego um galho e começo a cavar com ele. — Ou talvez uma pessoa seja feita de várias pessoas — digo. — Talvez estejamos acumulando novas personalidades o tempo todo. — Carregando-as ao fazermos nossas escolhas, boas e más, enquanto erramos, organizamos, perdemos a cabeça, encontramos nossa cabeça, desabamos, nos apaixonamos, sofremos, crescemos, nos retiramos do mundo, mergulhamos no mundo, ao criarmos coisas e destruirmos coisas.

Ele dá uma risadinha.

— Cada personalidade subindo nos ombros da anterior, até nos transformarmos em frágeis pirâmides humanas?

Morro de deleite.

— Sim, exatamente! Somos apenas frágeis pirâmides humanas!

O sol está se pondo e o céu está cheio de nuvens rosadas. Temos que voltar para casa. O papai retorna hoje à noite. Estou prestes a dizer isso quando Noah fala:

— Aquela pintura no corredor do estúdio... Aquela do beijo... Eu a vi por um segundo apenas, mas acho que a mamãe a pintou.

— Acha? Não sabia que a mamãe pintava.

— Nem eu.

Seria esse o segredo dela? Outro segredo?

— Como você — digo, e algo se encaixa, se encaixa perfeitamente. Noah era a *musa* da mamãe. Estou certa disso e, inacreditavelmente sem ciúme, compreendo.

Deito-me de costas novamente, enfio os dedos no solo enlameado e imagino a mamãe fazendo essa incrível pintura, desejando com as mãos dela estar apaixonada daquele jeito. Como posso ficar com raiva dela por isso? Como posso ficar com raiva dela por ter encontrado sua metade e por querer ficar com ele? Como Guillermo disse, o coração não ouve a razão. Ele não segue as leis ou convenções ou as expectativas das outras pessoas. Pelo menos o coração dela estava cheio quando ela morreu. Pela menos ela estava vivendo sua vida, por mais louca que parecesse, deixando seus cavalos galoparem, antes de ter de sair de cena.

Mas não.

Desculpe.

Como ela pôde achar que não havia nada de mau em partir o coração do papai daquele jeito? Quebrar todas as promessas que fez para ele? Dividir nossa família? Ao mesmo tempo, que mal havia em ela ser fiel ao seu coração? *Argh*. Era certo e errado ao mesmo tempo. O amor faz e desfaz. Ele persegue com a mesma tenacidade: alegria e sofrimento.

A felicidade dela era a infelicidade dele, e isso é injusto.

Mas ele ainda tem uma vida e tempo para perseguir mais felicidade.

— Noah, você tem que contar ao papai. Imediatamente.

— Contar o quê? — E ali está nosso pai de passos silenciosos olhando para nós dois. — Esta é uma visão para olhos doloridos, cansados, perdidos. Vi vocês dois correndo para dentro do bosque de mãos dadas quando cheguei de táxi. Foi como um atalho no tempo.

Ele se junta a nós dois no chão do bosque. Aperto a mão de Noah.

— O que foi, filho? O que você precisa me dizer? — pergunta o papai, e meu coração transborda de amor.



Mais tarde naquela noite, estou sentada numa cadeira enquanto Noah e o papai estão na cozinha preparando o jantar. Eles não me deixam ajudar, apesar de eu ter prometido aposentar a bíblia. Noah e eu fizemos um acordo. Ele vai parar de saltar de penhascos se eu parar de consultar a bíblia a toda hora e suspender todas as pesquisas médicas, com início imediato. Vou fazer uma gigantesca escultura de mulher voadora de papel com todas as passagens da bíblia da vovó. A vovó vai adorar.

É a primeira ideia que escrevo no caderninho de notas em branco que trago comigo desde que comecei na CSA. Vou batizar assim a peça: *A História da Sorte*.

Quando Noah contou ao papai a verdade sobre a mamãe e Guillermo, há algumas horas, no bosque, o papai simplesmente disse:

— Certo, sim. Isso faz mais sentido.

Ele não abriu caminho para fora do granito como Noah, nem teve um oceano se partindo dentro dele, como aconteceu comigo, mas vejo que a tempestade em seu rosto foi reprimida. Ele é um homem da ciência, e o problema insolúvel foi resolvido. As coisas finalmente fazem sentido. E sentido para o papai é tudo.

Pelo menos eu achava.

— Filhos, estive pensando numa coisa. — Ele levanta a cabeça do tomate que está cortando. — O que vocês acham de nos mudarmos? Não de Lost Cove, mas para outra casa. Bem, não uma casa qualquer... — O sorriso dele é ridículo. Não tenho ideia do que ele vai dizer. — Uma casa-barco. — Não sei o que é mais incrível: as palavras que saem da boca do papai ou a expressão em seu rosto. Parece o superolhar do unicyclista. — Acho que precisamos de uma aventura. Nós três juntos.

— Você quer que moremos num barco? — pergunto.

— Ele quer que moremos numa *arca* — responde Noah, com a voz maravilhada.

— Quero mesmo! — ri o papai. — É exatamente isso. Sempre quis fazer isso. — Mesmo? Novidade para mim. Humm, quem é esse homem? — Fiz uma pesquisa e vocês não vão acreditar no que está à venda na marina. — Ele vai até sua pasta e pega algumas imagens que deve ter imprimido da internet.

— Ah, uau — digo. Não é um barquinho. É mesmo uma arca.

— O proprietário era arquiteto — o papai nos diz. — Reformou a coisa toda, fez todo o trabalho em madeira e vitrais sozinho. Incrível, não? Dois andares, três quartos, dois banheiros, uma cozinha ótima, claraboia, deques nos dois andares. É um paraíso flutuante.

Noah e eu temos que registrar o nome do paraíso flutuante ao mesmo tempo, porque nós dois gritamos, imitando a mamãe:

— Aceite o mistério, professor.

O nome dessa casa-barco é *O Mistério*.

— Eu sei. Esperava que vocês não se lembrassem disso. E, sim, se eu não fosse eu e fosse você, Jude, por exemplo, com certeza acharia que é um sinal.

— É mesmo um sinal — digo. — Concordo, e nem vou mencionar um dos milhares de perigos em potencial de viver numa casa-barco que passam pela minha cabeça.

— Que tipo de Noé eu seria? — pergunta Noah para o papai.

— Está na hora — diz o papai, meneando a cabeça para nós.

Então, inacreditavelmente, ele coloca jazz para tocar. A empolgação no ambiente é palpável,

enquanto Noah e o papai continuam cortando legumes. Dá para ver que Noah está pintando em sua mente, enquanto o papai imagina como será mergulhar do deque para nadar e como seria inspirador viver num mundo em que todos na família tivessem inclinações artísticas.

De alguma forma somos nós novamente, com uns acréscimos tortos às nossas hesitantes pirâmides humanas, mas nós. Os impostores desapareceram.

Quando voltamos do bosque, encontrei o papai no escritório e lhe contei sobre a inscrição de Noah na CSA. Vamos dizer apenas que eu preferia passar o que resta da minha vida numa câmara de tortura medieval, passando do Esmagador de Cabeça para o Separador de Joelho e o Pau de Arara, a ver aquele olhar do papai novamente. Achei que ele jamais me perdoaria, mas, uma hora mais tarde, depois de conversar com Noah, ele me chamou para nadar pela primeira vez em anos. Em certo momento, quando estávamos braçada a braçada na água ao pôr do sol, senti a mão dele apertar meu ombro e, assim que concluí que ele não estava tentando me afogar, percebi que queria que eu parasse.

Flutuando ali no meio do oceano, ele disse:

— Não estive exatamente presente...

— Não, papai — eu disse, sem querer que ele me pedisse desculpas por nada.

— Por favor, deixe-me dizer isso, querida. Desculpe por não ter sido melhor. Acho que me perdi um pouco. Por uma década. — Ele riu e bebeu um bom gole de água salgada sem querer, depois continuou: — Acho que se pode desviar na vida e é difícil encontrar o caminho de volta. Mas vocês, crianças, são meu caminho de volta. — O sorriso dele estava cheio de tristeza. — Sei que você se sentiu muito mal. E o que aconteceu com Noah e a CSA... Bem, às vezes uma boa pessoa toma uma decisão errada.

Senti-me tocada pela Graça.

Senti-me como um caminho de volta.

Porque, por mais piegas que pareça, quero ser uma pirâmide humana que tenta levar alegria ao mundo, não uma que tira a felicidade do mundo.

Balançando como boias, o papai e eu conversamos e conversamos sobre tantas coisas, coisas difíceis, e, depois disso, nadamos ainda mais rumo ao horizonte.

— Gostaria de ajudar a cozinhar — digo aos chefs. — Prometo que não colocarei nada da bíblia.

O papai olha para Noah.

— O que você acha?

Noah me joga uma pimenta.

Mas este é o início e o fim da minha contribuição culinária, porque Oscar entrou na cozinha usando sua jaqueta de couro, os cabelos mais despenteados do que o normal, o rosto marcado pelo vento.

— Desculpe pela interrupção — diz ele. — Bati, mas ninguém atendeu. A porta estava aberta... —

Estou tendo um *déjà-vu* do dia em que Brian entrou na cozinha quando a mamãe estava cozinhando. Olho para Noah e sei que ele está tendo o mesmo *déjà-vu*. Brian ainda não respondeu. Noah passou a tarde toda com O Oráculo. Ele sabe que Brian está em Stanford. Sinto todas as novidades girando dentro dele, as possibilidades.

— Tudo bem. Nunca ouvimos a porta — digo para Oscar, aproximando-me dele e segurando seu braço. Ele fica rígido ao meu toque. Ou talvez eu tenha imaginado isso? — Papai, este é o Oscar.

O olhar observador do papai não é nem sutil nem generoso.

— Oi, Dr. Sweetwine — diz Oscar, voltando a ser o mordomo inglês. — Oscar Ralph. — Ele estende a mão, que o papai pega e cumprimenta, dando-lhe um tapinha nas costas com a outra.

— Oi, meu jovem — diz meu pai, como se estivéssemos nos anos 1950. — E estou enfatizando o *jovem* intencionalmente. — Noah ri com a mão na boca e tenta disfarçar o riso como tosse. Ah, meu Deus. O papai voltou. Com toda a força.

— Sobre aquilo. — Oscar olha para mim. — Podemos conversar um pouco?

Eu não esperava por isso.

Quando chego à porta, viro-me porque ouço barulhos estranhos abafados. O papai e Noah estão dobrados sobre a bancada, rindo histericamente.

— O que foi? — pergunto.

— Você encontrou o Ralph! — diz Noah entre gargalhadas, dobrando-se sobre a bancada novamente. Papai está rindo tanto que se jogou no chão.

Como eu preferia ter ficado com meus companheiros de arca a ter ouvido o que estou prestes a ouvir.



Sigo um Oscar estranhamento tristonho até a frente da casa.

Quero colocar meus braços ao redor dele, mas não ousa. Esta é uma visita de adeus. Está gravado no rosto dele. Oscar se senta no degrau e coloca a mão ao lado do seu corpo para que eu me junte a ele. Não quero me juntar a ele, não quero ouvir o que ele vai dizer.

— Vamos nos sentar no penhasco? — sugiro, sem querer também que o papai e Noah nos espiem.

Ele me segue até os fundos da casa. Nós nos sentamos, mas nossas pernas não se tocam.

O mar está calmo, as ondas quebrando na praia sem convicção.

— Então — diz ele, sorrindo um sorriso cauteloso que não combina com ele. — Não sei se podemos conversar sobre isso, então me faça parar se não pudermos. — Meneio a cabeça lentamente, sem saber direito o que está por vir. — Conheci bem sua mãe. Sentia que ela e Guillermo... — Ele se cala e me estuda.

— Está tudo bem, Oscar — digo. — Quero saber.

— Sua mãe estava por perto quando cheguei ao fundo do poço, bebendo o tempo todo, me apoiando pelas paredes, com medo de sair do estúdio porque teria uma recaída, com medo do sofrimento que crescia dentro de mim sem o álcool e as drogas para mascará-lo. O estúdio era diferente naquela época. G. tinha muitos alunos. Ela costumava pintar lá, e eu trabalhava como modelo para ela, então ela conversava comigo. — Então Noah tinha razão. A mamãe era uma pintora às escondidas.

— Ela foi aluna do Guillermo?

Ele bufá lentamente.

— Não, ela nunca foi aluna dele.

— Então eles se conheceram quando ela o entrevistou? — pergunto. Ele faz que sim e fica quieto. — Continue.

— Tem certeza?

— Sim, por favor.

Ele sorri um sorriso verdadeiramente ensandecido.

— Eu a adorava. Foi ela, mais do que G., quem me apresentou à fotografia. O estranho é que costumávamos nos sentar e conversar naquela igreja onde nós nos conhecemos. Por isso é que eu ia àquela igreja, para me lembrar dela. — Os pelinhos dos meus braços se arrepiam. — Nós nos sentávamos no banco e ela não parava de falar sobre seus filhos gêmeos. — Ele ri. — Quero dizer, *falava sem parar*. Principalmente sobre você.

— Mesmo?

— Ah, sim. Sei tanta coisa sobre você, você não tem ideia. Tenho tentado reconciliar as duas meninas na minha mente. A Jude sobre a qual sua mãe falava e a CJ pela qual estava me apaixonando. — O verbo no passado atinge meu coração. — Ela sempre brincava que eu só a conheceria depois de três anos sóbrio e depois que você tivesse pelo menos vinte e cinco anos, porque tinha certeza de que nos apaixonaríamos loucamente e este seria o nosso fim. Ela achava que éramos almas gêmeas. — Oscar segura minha mão e a beija, depois a devolve ao meu colo. — Ela tinha razão, acho.

— Mas o quê? Esse *mas* está me matando, Oscar.

Ele desvia o olhar.

— Mas não chegou a nossa hora. Não ainda.

— Não — digo. — Esta é a nossa hora. Tenho certeza absoluta de que é a nossa hora. Sei que você sabe disso também. Guillermo é quem está te obrigando a fazer isso.

— Não. *Sua mãe* é quem está me obrigando a fazer isso.

— Você não é tão mais velho do que eu.

— Sou três anos mais velho do que você, o que é muito agora, mas nem sempre será. — Penso em como os três anos entre mim e ele parecem menos do que os anos entre mim e Zephyr quando eu tinha

quatorze anos. Sinto-me como se Oscar e eu tivéssemos a mesma idade.

— Mas você vai se apaixonar por outra pessoa — digo.

— É muito mais provável você se apaixonar.

— Impossível. Você é o cara do retrato.

— E você é a menina da profecia.

— A profecia da *minha* mãe também, parece — digo, segurando-o pelo braço, pensando como é estranho eu ter dado a Oscar o bilhete que Guillermo escreveu para minha mãe, como se as palavras tivessem passado deles para nós. Como uma espécie de bênção.

— Você ainda está no ensino médio — diz Oscar. — Namorar você não é nem legal, o que só me ocorreu depois que Guillermo mencionou isso centenas de vezes a noite passada. Podemos ser grandes amigos. Podemos saltar em *Hippity Hops* e jogar xadrez e não sei mais o quê. — Há hesitação e frustração na voz dele, mas depois ele sorri. — Vou esperar por você. Vou morar numa caverna. Ou me tornar um monge durante alguns anos, usar um manto, raspar a cabeça, a coisa toda. Não sei, só realmente preciso fazer a coisa certa aqui.

Isso não está acontecendo. Se há uma hora para apertar o botão de *play*, o momento é agora. Palavras começam a sair às pressas da minha boca.

— E a coisa certa é ignorarmos o que pode ser a história de amor da nossa vida? A coisa certa é negar o destino, negar todas as forças que conspiraram para nos unir, forças que atuam há anos? De jeito nenhum. — Sinto os espíritos das duas mulheres Sweetwine que me perseguiram crescendo dentro de mim. Ouço o som dos cavalos galopando por gerações. Continuo: — Minha mãe, que estava prestes a mudar toda a vida em nome do amor, e minha avó, que chama o próprio Deus de Clark Gable, não querem que arruinemos tudo assim, elas querem que tornemos isso realidade. — Minhas mãos se envolvem no solilóquio graças à tutela de Guillermo. — Pus um fim ao boicote por sua causa. Praticamente abdiquei do mundo todo por sua causa. E, para deixar claro, uma menina de dezesseis anos e um menino de dezenove estão provavelmente no mesmo nível de maturidade. Além do mais, Oscar, *sem querer ofender*, você é assustadoramente imaturo.

Ele ri disso, e, antes que perceba o que está acontecendo, puxo-o para baixo, escalo-o e monto nele, segurando suas mãos sobre a cabeça, para que ele não possa fazer nada.

— Jude.

— Você sabe meu nome — digo, sorrindo.

— Jude é meu santo preferido — diz ele. — Padroeiro das causas perdidas^[11]. O santo a chamar quando toda esperança acaba. O único encarregado dos milagres.

— Você só pode estar brincando — digo, soltando suas mãos.

— Não estou.

Tão melhor do que o Judas traidor.

— Meu novo exemplo de conduta, então.

Ele agarra a parte de cima da minha roupa, e há luz suficiente vindo da casa para ele ver os querubins. Seus dedos os acariciam. Ele me encara, vendo o que seu toque faz comigo, vendo que estou em queda livre. Respiro mais rápido, enquanto os olhos dele ficam turvos de desejo.

— Achei que você tivesse problemas para controlar seus impulsos — sussurro.

— Totalmente no controle aqui.

— Mesmo? — coloco as mãos sob a camiseta dele, deixo que elas passem livremente, sinto-as tremendo. Ele fecha os olhos.

— Ah, cara, eu tentei. — Ele passa a mão nas minhas costas e, num movimento ágil, se joga sobre mim e me beija, e a alegria que sinto e o desejo que sinto e o amor que sinto e sinto e sinto...

— Sou louco por você — diz ele, sem fôlego, a confusão em sua expressão no máximo.

— Eu também — respondo.

— E vou continuar louco por você por muito tempo.

— Eu também.

— Vou te contar coisas que tenho medo de contar às outras pessoas.

— Eu também.

Ele recua, sorri, toca meu nariz.

— Acho que o Oscar é o cara mais incrível que já conheci, sem mencionar muito atraente e, senhoras e senhores, como ele sabe se encostar nas coisas.

— Eu também.

— Onde é que está o Ralph? — grita o Profeta.

Está bem aqui.



Noah e eu estamos do lado de fora do estúdio de Guillermo. Ele quis vir comigo, mas agora tamborila os dedos, nervoso.

— Sinto como se estivesse traindo o papai.

— Nós pedimos ao papai.

— Eu sei. Mas ainda assim sinto que deveria desafiar Garcia para um duelo em honra do papai.

— Seria divertido.

Noah dá uma risadinha e bate seu ombro no meu.

— Sim, seria.

Mas eu entendo. Meus sentimentos por Guillermo se alternaram entre odiá-lo num minuto por destruir nossa família, por partir o coração do meu pai, pelo futuro que jamais acontecerá — e o que

teria acontecido? Ele teria ido viver com a gente? Ou será que eu teria ido morar com o papai? —, e adorá-lo no minuto seguinte, como o adorei desde o primeiro dia em que coloquei meus olhos nele como o Igor Bêbado e ele disse que não estava bem. Fico pensando em como seria estranho ter conhecido Guillermo e Oscar se a mamãe estivesse viva também. Estávamos todos nos aproximando em rota de colisão, de qualquer jeito. Talvez algumas pessoas simplesmente tenham sido feitas para estar na mesma história.

Guillermo não está atendendo a porta, então Noah e eu entramos e seguimos pelo corredor juntos. Algo está diferente, noto, mas só percebo o quê quando entramos na sala de correspondência. O chão foi limpo e, inacreditavelmente, as cartas foram todas organizadas. A porta da sala do ciclone está aberta e lá dentro há um escritório novamente. Vou até a entrada do pátio. No meio dele, o anjo quebrado está de pé com uma incrível rachadura em zigue-zague nas costas sob as asas. Lembro-me de Guillermo dizendo que as rachaduras e as quebras eram as melhores e mais interessantes partes das obras no meu portfólio. Talvez seja o mesmo com as pessoas e suas rachaduras e partes quebradas.

Estudo o espaço sem cartas e limpo e me pergunto se Guillermo está abrindo o estúdio novamente para os alunos. Noah está diante do quadro do beijo.

— Foi onde eu os vi naquele dia — diz ele. Suas mãos tocam a sombra escura. — É o Pássaro de Madeira, está vendo? Talvez eles fossem muito lá.

— Íamos mesmo — diz Guillermo, descendo as escadas com uma vassoura e um espanador.

— Minha mãe pintou isso — diz Noah para ele, nenhuma dúvida na voz.

— Sim — responde Guillermo.

— Ela era boa — diz Noah, ainda admirando a pintura.

Guillermo larga a vassoura e o espanador.

— Sim.

— Ela queria ser pintora?

— Sim. No fundo, acho.

— Por que ela não nos contou? — diz Noah, dando meia-volta. Há lágrimas em seus olhos. — Por que ela nunca nos mostrou nada?

— Ela ia mostrar. Ela não gostava de nada que fazia. Ela queria te mostrar alguma coisa, não sei, talvez perfeita. — Ele me estuda e cruza os braços. — Talvez pelo mesmo motivo por que você não contou a ela sobre suas mulheres de areia.

— Minhas mulheres de areia?

— Trouxe de casa para te mostrar. — Ele vai até a mesa onde está um laptop. Ele clica o mouse e várias fotografias aparecem na tela.

Vou até o computador. Ali estão elas. Minhas senhoras voadoras de areia levadas à praia depois de anos no mar. Como é possível? Viro-me para Guillermo, percebendo algo notável.

— Foi você. Você enviou as fotos para a CSA?

Ele faz que sim.

— Fiz isso anonimamente. Sentia que era o que sua mãe gostaria que eu fizesse. Ela tinha tanto medo de que você não se inscrevesse. Ela me disse que ia levar sua inscrição pessoalmente. — Ele aponta para o computador. — Ela amava tanto as mulheres de areia, amava o fato de serem simples e loucas. Eu também.

— Ela tirou estas fotos?

— Não, eu tirei — diz Noah. — Ela deve tê-las encontrado na câmera do papai e as baixado antes que eu as apagasse. — Ele olha para mim. — Aquela noite na festa da Courtney.

Estou tentando assimilar tudo isso. Principalmente que a mamãe sabia algo sobre mim que eu achava que ela não soubesse. Sinto-me sem peso. Olho para baixo. Meus pés ainda estão tocando o chão. As pessoas morrem, acho, mas sua relação com elas não. A relação continua e está mudando sempre.

Percebo que Guillermo está falando:

— Sua mãe tinha tanto orgulho de vocês. Nunca conheci uma mãe tão orgulhosa.

Olho ao redor, sentindo a presença da mamãe, certa de que era isso o que ela queria. Ela sabia que todos nós possuíamos uma parte da história que precisava ser compartilhada. Ela queria que eu soubesse que viu as esculturas, e somente Guillermo podia me contar isso. Ela queria que Guillermo e o papai ouvissem a verdade de Noah. Ela queria que eu contasse a Noah sobre a CSA, e talvez eu não tivesse encontrado coragem se não tivesse procurado Guillermo, se eu não tivesse pegado o cinzel e o martelo. Ela nos queria na vida de Guillermo e ele na nossa, porque somos, cada um de nós para o outro, uma chave para uma porta que de outra forma teria permanecido trancada para sempre.

Penso na imagem na minha mente que me trouxe aqui em primeiro lugar. Mamãe ao volante, guiando-nos pelo céu, mantendo o curso. De alguma forma ela fez isso.

— O que eu sou? Uma porcaria? — É a vovó!

— Claro que não — digo, sem mover meus lábios, feliz por ela ter voltado ao normal. — Você é a melhor.

— É verdade. E, só para deixar claro, como você estava tão feliz dizendo, menininha, *você*, senhorita, não me inventa. Que presunção. Não sei por que você se saiu assim, tão ingrata.

— Também não sei, vovó.

Mais tarde, depois de dar um cavalete e tinta para Noah — Noah não resistiu quando Guillermo lhe ofereceu isso —, Guillermo me encontra no pátio, onde comecei a trabalhar num modelo em argila para a escultura da mamãe.

— Nunca vi ninguém pintar como ele — diz. — Ele é um ser olímpico. É inacreditável observar. Picasso, ele uma vez pintou quarenta telas num mês. Acho que Noah pode pintar isso num dia. É como se as telas estivessem prontas e ele apenas as concretizasse.

— Meu irmão tem um impulso arrebatador — digo, lembrando-me do trabalho de Oscar.

— Acho que talvez seu irmão *seja* o impulso arrebatador. — Ele se apoia na mesa de trabalho. — Vi algumas fotos de vocês dois pequenos. — Ele mostra a altura com a mão. — E a Dianna, ela sempre falava sobre Jude e seu cabelo. Nunca saberia, nunca imaginaria que você... — Ele faz que não com a cabeça. — Mas agora penso comigo: claro que você é filha dela. Noah, ele se parece muito com ela, dói olhar para ele, mas você. Você não se parece em nada com ela, mas é tão, tão igual a ela. Todos têm medo de mim. Não a sua mãe. Nem vocês. Vocês dois mergulharam de cabeça. — Guillermo toca o coração. — Você fez com que eu me sentisse melhor desde o primeiro dia em que te vi na escada de incêndio e você mencionou o tijolo voador. — Ele cobre a testa com a mão e, ao erguê-la, seus olhos estão avermelhados. — Mas eu entendo se... — Ele se cala, o rosto turvado pela emoção. — Quero tanto que você continue trabalhando comigo, Jude, mas vou entender se você não quiser ou se seu pai não quiser.

— Você teria sido meu padrasto, Guillermo — digo como resposta. — E eu teria transformado sua vida num inferno.

Ele joga a cabeça para trás e ri.

— Sim, imagino isso. Teria sido um terror.

Sorrio. Nossa conexão ainda é tão natural, mas, para mim, agora está marcada pela culpa, por causa do papai. Volto para meu modelo de argila e começo a moldar o ombro da minha mãe com cuidado, depois seu braço.

— É como se parte de mim soubesse — digo-lhe, trabalhando a articulação do cotovelo. — Não sei o que eu sabia, mas sabia que tinha que estar aqui. Você faz com que eu me sinta melhor também. Eu estava tão ensimesmada.

— Isso é o que eu acho — diz ele. — Acho que talvez Dianna quebrasse seus trabalhos para você encontrar um escultor em pedra.

Olho para ele.

— Sim — digo, minha nuca se arrepiando. — Também acho.

Afinal, quem sabe? Quem sabe alguma coisa? Quem sabe quem está no controle? Ou o quê? Ou como? Quem sabe se o destino é apenas como você conta para si mesmo a história da sua vida? Outro filho talvez ouvisse as últimas palavras da mãe não como uma profecia, mas como uma alucinação por causa das drogas, algo para esquecer. Outra menina talvez não tivesse contado para si mesma uma história de amor sobre um desenho feito pelo irmão. Quem sabe se a vovó realmente achava que os primeiros narcisos da primavera dão sorte ou se só queria caminhar comigo pelo bosque? Quem sabe se ela acreditava na sua bíblia ou se ela apenas preferia um mundo onde a esperança, a criatividade e a fé triunfam sobre a razão? Quem sabe se existem mesmo espíritos (desculpe, vovó) ou só memórias vivas dos entes queridos dentro de você, falando para você, tentando chamar sua atenção de qualquer jeito? Quem sabe onde é que o Ralph está? (Desculpe, Oscar.) Ninguém sabe.

Assim combatemos os mistérios, cada um do seu jeito.

E alguns de nós conseguimos flutuar em torno de um mistério e nos sentimos em casa. Visitamos *O Mistério* esta manhã, e o papai se deu bem com Melanie, a proprietária — quero dizer, *se deu bem mesmo*. Os dois ficaram bebendo no deque da arca à noite. Para discutir a venda, disse o papai, tentando esconder seu sorriso de apaixonado.

Limpo minhas mãos numa toalha próxima, pegando minha bolsa e dela tirando a cópia de Guillermo do livro sobre Michelangelo que a mamãe escreveu.

— Eu o roubei. Não sei por quê. Desculpe.

Ele pega o livro das minhas mãos e olha a foto da mamãe.

— Ela me ligou naquele dia, do carro. Ela parecia tão, tão transtornada. Ela disse que precisava me ver mais tarde para conversar. Então, quando Noah veio aqui e me disse... Tenho certeza de que era isso o que ela ia me dizer: que tinha mudado de ideia.

Indo embora, paro para visitar o anjo e fazer um último pedido. Para Noah e Brian.

É melhor apostar em todos os cavalos, querida.



É quinta-feira, duas semanas mais tarde, e o papai e eu estamos na varanda da frente, tirando nossos trajes de banho. Nadamos e eu surfei, ou, para ser mais precisa, caí onda após onda — totalmente incrível. Enquanto me seco, olho fixamente para a trilha do outro lado da rua, porque tenho uma boa impressão do encontro às cinco da tarde no bosque onde Noah e Brian passaram o tempo todo naquele verão.

Noah me disse que encontrou o endereço de Brian na internet e lhe enviou vários desenhos — o dia inteiro, como um louco — chamados *O Museu Invisível*. Poucos dias mais tarde, ele obteve uma resposta para seu post no site ConexõesPerdidas. Ela dizia: *Estarei lá*.

Na semana passada, Noah recebeu um convite para frequentar a CSA com base nas fotos que tirei do mural. Eu disse a Sandy que cederia minha vaga a ele, se necessário. Não foi. Noah ainda não decidiu o que vai fazer.

O pôr do sol transforma o céu numa festa de cores enquanto Noah e Brian saem do bosque, de mãos dadas. Brian nota a mim e ao papai e solta a mão, mas Noah imediatamente a segura de novo. Os olhos de Brian se arregalam e ele exhibe seu sorriso mais comovente. Noah, como sempre perto de Brian, mal consegue manter a cabeça no pescoço. Ele está tão feliz.

— Ah — diz o papai. — Ah, entendo. Certo. Não tinha percebido. Eu pensava na Heather, sabe? Mas isso faz mais sentido.

— Faz mesmo — digo, notando que uma joaninha pousou na minha mão.

Rapidamente faço um pedido.

Arrisque-se (uma, duas, três, quatro vezes).

Reconstrua o mundo.

Escrever este livro me tomou muito tempo, tempo demais longe das pessoas que mais adoro. Minha gratidão mais profunda vai para elas — citei nomes da última vez; são exatamente os mesmos nomes agora, então vou dizer apenas: meus amigos, minha família, minha querida filha — obrigada a todos por guiarem os dias e semanas e anos rumo à felicidade, por me incluírem sob o guarda-chuva durante as tempestades, por entenderem quando estou concentrada escrevendo e por celebrarem comigo quando não estou. Como diz Jude: algumas pessoas simplesmente foram feitas para estar na mesma história. Estou muito feliz por estar na mesma história com pessoas tão maravilhosas.

Pelas primeiras leituras, quando eu ainda estava na Vermont College of Fine Arts, e esta história não era nada além de uma confusão de primeiras páginas num arquivo, obrigada a meus incríveis mentores: Julie Larios e Tim Wynne Jones. Por sua companhia estonteante, íntima e apaixonada e seu trabalho durante meu semestre como pós-graduanda na VCFA, obrigada, Louise Hawes. Pelas primeiras leituras, que devem ter sido difíceis, muito obrigada, Brent Hartinger, Margaret Bechard, Patricia Nelson, Emily Rubin, minha maravilhosa mãe, Edie Block, que é meu coração e meu equilíbrio, e pelas leituras posteriores: Larry Dwyer e Marianna Baer. Por todos os telefonemas e e-mails sobre emergências e farras literárias, obrigada novamente e até o fim, Marianna. Por me ensinar a esculpir em pedra, obrigada ao maravilhoso escultor Barry Baldwin. Por me ajudar com tudo sobre surfe, obrigada, Melanie Sliwka. Por dúvidas sobre ciências, obrigada ao meu irmão cientista maluco, Bruce. Por Paris, *merci beaucoup*, Monica. Por seu apoio constante e consultas diárias enquanto escrevia este livro, agradecimentos especiais para meu irmão Bobby, minha mãe, Annie, e especialmente meu querido Paul. Quase todos os “textos bíblicos” de Jude foram inventados, mas alguns foram tirados da incrível *Encyclopaedia of Superstitions, Folklore and the Occult Sciences of the World* (Enciclopédia de superstições, folclore e ciências ocultas do mundo), de 1903, editada por Cora Linn Daniels e C. M. Stevens.

Tenho sorte de ter Holly McGhee, da Pippin Properties, como minha agente literária. Sou grata todos os dias por sua inteligência, perspicácia, apoio, bom humor e devoção apaixonada à arte e à escrita. Sua alegria. Ela me deu dicas inteligentes e profundas sobre a história, juntamente com seu entusiasmo. Sério, muitas vezes ela me fez flutuar de empolgação! Agradecimentos infinitos também a outros da Pippin: Elena Giovinazzo (por tanta coisa) e Courtney Stevenson (que também leu e fez anotações excelentes no manuscrito, e muito mais). Estou em débito com minha editora Jessica Garrison, da Dial, que teve instintos perfeitos e apurados para esta história e cuja opinião soberba foi precisa, reveladora e inestimável. Além disso, ela é paciente, engraçada e gentil: um deleite. Agradeço profundamente a todos os outros da Dial e da Penguin Young Readers Group, especialmente a Lauri Hornik, Heather Alexander, a preparadora Regina Castillo, a diagramadora Jenny Kelly, e Theresa Evangelista, que criou esta capa incrível que tanto adoro. Além disso, obrigada à minha editora britânica da Walker Books, Annalie Grainger, por me ajudar a fazer com que Oscar soasse como um britânico e muito mais. Finalmente, sou grata a meus agentes de direitos para o exterior, Alex Webb, Allison Hellegers, Alexandra Devlin, Harim Yim e Rachel Richardson,

da Rights People no Reino Unido, além do meu agente para o cinema, Jason Dravis, da Monteiro Rose Dravis Agency. É preciso uma vila, e eu tenho uma extraordinária!

Minha querida amiga, a firme, graciosa, bela e absurdamente inteligente e talentosa poetisa Stacy Doris, morreu enquanto eu escrevia este livro. Esta história sobre paixão e prazer artístico, sobre o impulso arrebatador, sobre metades, também é dedicada a ela.

- [1] Assim como o trevo-de-quatro-folhas, há várias simpatias envolvendo cebolas. (N.T.)
- [2] Aqui a autora faz um trocadilho intraduzível. “Rock star” é, obviamente, “astro do rock”, mas no contexto é também “astro da pedra”, uma vez que o escultor trabalha com esse material. (N.T.)
- [3] Noah é a grafia inglesa de Noé. (N.T.)
- [4] Motociclista e acrobata, um dos maiores ícones norte- americanos da década de 1970. (N.T.)
- [5] Hippity Hop é um brinquedo bastante popular nos Estados Unidos, um balão de borracha sobre o qual a criança se senta e sai pulando. (N.T.)
- [6] Doença sexualmente transmissível causada pelo protozoário *Trichomonas vaginalis*. (N.T.)
- [7] No beisebol, jogo em que o arremessador não cede nenhuma rebatida ao time adversário. (N.T.)
- [8] Major League Baseball (MLB): o principal campeonato de beisebol dos Estados Unidos. (N.T.)
- [9] Idioma oficial do Quênia e da Tanzânia. (N.T.)
- [10] A Quinta Emenda da Constituição dos Estados Unidos permite que alguém se cale num julgamento para não produzir provas contra si mesmo. (N.T.)
- [11] Referência a São Judas Tadeu. (N.T.)